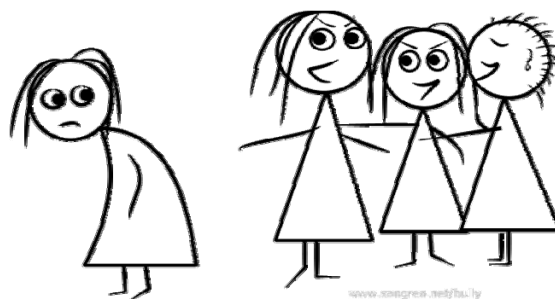


Indisciplina e Violência nas Escolas

Trabalho final baseado no artigo:

“Violência na Escola: Das Políticas aos Quotidianos”

- João Sebastião, Mariana Gaio Alves, Joana Campos -



- 18 Junho 2007 -

Trabalho realizado por:

Ana Prieto 16607; Cláudia Fernandes 16740; Inês Henriques 16664;

Raquel Machado 16206 & Sandra Mendes 16665.

Índice

Resumo	4
Palavras-chave	4
Introdução	4
Definição dos conceitos <i>Violência</i> e <i>Indisciplina</i>	6
Violência	6
O papel da família na educação	9
Violência e sociedade	10
A violência nos jovens como inadaptação social	11
A escola	11
Indisciplina	13
Políticas de combate à violência	16
Escola Segura	16
Intervenção Pedagógica e Social	19
Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP)	19
Programa Escolhas	20
Comissão de Protecção de Crianças e Jovens	21
Visita as Escolas	22
Caracterização da Escola Básica 2,3 da Trafaria	22
Caracterização Histórica	22
Enquadramento histórico e geográfico da escola	23
Quadro económico-social e dinâmica cultural da área	24
Principais problemas	24
Análise do nosso estudo	25
Caracterização do Liceu Passos Manuel	28
Caracterização Histórica	28
Enquadramento histórico e geográfico da escola	28
Quadro económico-social e dinâmica cultural da área	29
Caracterização da comunidade educativa	29

Alunos	29
Professores	30
Pessoal não docente	30
Espaços e equipamentos	30
Oferta formativa	31
Oferta curricular	31
Análise do nosso estudo	32
Caracterização da Escola da Apelação	36
Caracterização Histórica	36
A escola	38
Quadro económico-social e dinâmica cultural da área	39
Caracterização da comunidade educativa	40
Principais problemas	41
Análise do nosso estudo	42
Análise comparativa das três escolas	46
Conclusão	50
Reflexões Pessoais	51
Reflexão - Ana Prieto	51
Reflexão - Cláudia Fernandes	53
Reflexão - Inês Henriques	54
Reflexão - Raquel Machado	55
Reflexão - Sandra Mendes	56
Referências Bibliografia	58
Agradecimentos	60
Anexos	61
Entrevistas realizadas na Escola da Trafaria	61
Alunos	61
Catarina Nunes	61
Cláudia	64
Nuno Castanheira	67

Professores	70
Cláudia Pintado	70
Fernando Inácio & Delfina Zacarias	74
Margarida Góis	80
Pessoal não docente	94
Sr. Carvalho	94
Paula	98
Anabela Alves	100
Entrevistas realizadas no Liceu Passos Manuel	107
Alunos	107
Pedro Ferreira	107
Ruben	111
Laura	117
Clara	125
Professores	128
Nuno Archer	128
Rogério Frazão	148
Pessoal não docente	163
Sr. Diamantino	163
D. Ana	166
D. Paula	170
Entrevistas realizadas na Escola da Apelação	175
Alunos	175
Wilson	175
Aluna	177
Professores	179
Vice-Presidente do Conselho Executivo	179
Pessoal não docente	191
D. Lurdes	191

Resumo

No âmbito da cadeira de Sociologia da Educação, foi desenvolvido um trabalho baseado no artigo "Violência na Escola: das Políticas aos Quotidianos" de João Sebastião, Mariana Gaio Alves e Joana Campos, abordando um dos temas actualmente mais visíveis, a violência na escola.

Para uma melhor compreensão das causas que levam a comportamentos como a indisciplina e violência nas escolas, optámos por fazer um estudo em três escolas com características extrínsecas e intrínsecas diferentes.

Dado que se trata de uma cadeira de sociologia procedemos, numa primeira fase, a uma análise das causas que podem ser potenciadoras destes comportamentos, começando pela definição de violência, fenómenos associados e indisciplina.

Numa segunda fase do trabalho, procedeu-se ao estudo e análise da documentação e material recolhido nas três escolas, para um posterior enquadramento com o tema a abordar.

Palavras-chave:

Violência; indisciplina; bullying; escola; contexto social; família; comunidade escolar.

Introdução

Nos últimos anos, o tema sobre a violência na escola, tem vindo a ter uma maior visibilidade social e tem dado origem a diversos debates públicos, gerando contradições, diferentes perspectivas e opiniões, quanto à definição do seu significado e causas possíveis.

Estudos feitos recentemente, demonstram um aumento de casos de violência e indisciplina na Europa, nos últimos anos.

Em Portugal, o problema da violência escolar, embora não atinja as proporções vividas noutros países, só agora é que começa a ter uma maior relevância e a ser objecto de estudo.

Contudo, pode-se dizer que nas escolas portuguesas, as situações de violência são pontuais, no entanto, não devemos ignorar as causas que podem estar na sua origem e devemos dar especial atenção, de forma a tomar precauções antecipadamente.

Não há um consenso quanto à definição de violência, diversos autores têm diferentes visões da sua definição; actualmente um dos fenómenos que tem tido bastante destaque é o *bullying*, que consiste, segundo Alexandre Ventura, do Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro, "na violência física e/ou psicológica consciente e intencional exercida por um indivíduo ou um grupo, sobre outro indivíduo ou grupo, incapaz de se defender e que,

em consequência de tal agressão, fica intimidado, podendo ver afectadas as respectivas segurança, auto-estima e personalidade". [1]

Mas a violência pode passar por outras formas de manifestação, por exemplo, pode ser uma forma de contestação que ultrapassa a indisciplina, como acto de revolta contra o actual estado das coisas (degradação do espaço-escola, postura dos professores, postura dos auxiliares, etc.).

Com este trabalho, pretende-se fazer uma abordagem sobre o tema da violência e fenómenos que possam estar relacionados – tais como a indisciplina – que ocorrem na escola, e avançar possíveis causas relacionadas com este fenómeno.

Para uma melhor percepção dos problemas relacionados com a violência que ocorre actualmente nas escolas portuguesas, optámos por fazer um estudo em três escolas (Escola EB 2,3 da Trafaria, Liceu Passos Manuel e Escola Básica Integrada 1,2,3 da Apelação), com características intrínsecas e extrínsecas diferentes.

A escolha destas escolas foi motivada pela sua heterogeneidade, que nos permite obter um maior número de variáveis e objectos de estudo.

Ao longo do trabalho, serão alvo de reflexão, diferentes causas que possam estar associadas a este fenómeno, tal como o papel da família, do professor, da escola, do contexto socio-económico e cultural.

Para este estudo a metodologia utilizada foi a observação directa, a recolha de informação estatística e documental sobre as escolas bem como dos regulamentos internos da escola e do projecto educativo, entrevistas semi-estruturadas a alunos, docentes e funcionários, e análise documental de artigos e outros trabalhos referentes ao tema.

Definição dos conceitos *Violência e Indisciplina*

Violência

O fenómeno da violência nas escolas tem vindo a ser alvo de algumas concepções e noções equívocas: a atribuição deste fenómeno a indivíduos com carácter desviante, a existência de naturalização das situações violentas e a noção da violência na escola ser um fenómeno recente, são algumas delas.

Estas concepções erradas, do público em geral, pode dever-se em parte ao recente mediatismo do fenómeno nos *media* e aos poucos estudos desenvolvidos no âmbito desta temática.

De facto, esta temática tem-se revelado bastante complexa, uma vez que não há um consenso geral, nem por parte de autores, que se debruçam no estudo deste tema, nem por parte dos actores e intervenientes no espaço escolar, como poderemos verificar mais à frente nas entrevistas realizadas a estes. Contudo, embora gere contradições, existem pontos de coincidência no discurso dos autores e intervenientes no espaço escolar.

A sua definição depende muito da perspectiva disciplinar de quem a estuda; no dia-a-dia, o termo "violência" é geralmente associado a agressões físicas e a actos criminosos.

As investigações mais recentes sobre a incidência da violência na escola têm gerado conclusões contraditórias, alguns estudos afirmam que tem havido um ligeiro aumento na última década, enquanto que outros consideram não haver uma mudança significativa.

Relativamente à violência juvenil, a maioria dos estudos indica um aumento em meados dos anos 80 ou no início dos anos 90, por toda a Europa.

Todavia, pode dizer-se que, nas escolas portuguesas, as situações de violência são pontuais. Apesar disso, a violência constitui uma preocupação fundamental, dado o potencial impacto negativo quer na vítima quer nos agressores quer, ainda, no clima geral da escola.

Em Portugal, existem duas abordagens diferentes na investigação sobre a violência na escola. Na primeira, enquadram-se os estudos sobre a indisciplina, tomando como objecto as diferentes situações e comportamentos (sejam violentos ou não) que não estão em

conformidade com as regras de carácter escolar e social vigentes em cada escola (Estrela, 1986; Amado, 1989; 2001; Freire, 1995; 2001; Veiga, 1995;1999). Na segunda abordagem, foca-se a violência como um fenómeno específico, realçando o seu carácter social e psicológico (Costa & Vale, 1998; Pereira et al., 1996; Almeida, A. 1999).

O comportamento violento, distingue-se de outros tipos de comportamento pelo impacto negativo, tanto físico como emocional, que tem sobre aqueles a quem se dirige. Num qualquer dicionário de língua portuguesa, o termo violência é descrito como "uma qualidade ou estado do que é violento; força empregada contra o direito natural de outrem; acção que se faz com o uso da força bruta; crueldade; força; tirania; coacção", ou seja, a violência implica a intenção deliberada de causar dano a outrem, utilizar a força, coagir alguém e neste sentido, representa um problema disciplinar específico das escolas.

A violência na escola traduz-se numa grande diversidade de comportamentos anti-sociais (qualquer forma de opressão ou de exclusão social, agressões, vandalismo, roubo) que podem ser desencadeados quer por alunos quer por outros elementos da comunidade escolar. Estes problemas são, normalmente, associados quer a baixos níveis de tolerância quer a dificuldades no desenvolvimento moral e na auto-estima das vítimas e dos agressores.

Os tipos de violência que podem afectar a escola são variados, nos últimos anos, os termos "**bullying**" e "**mobbing**" têm sido os mais frequentemente usados nos debates sobre a violência na escola.

O problema do *bullying* pode ser visto como um aspecto particular da violência na escola que, segundo a definição proposta por Olweus (2000), ocorre quando "um aluno ou uma aluna são expostos, repetidamente e durante um período de tempo, a acções negativas por parte de um ou mais alunos". A designação *bullying* deve ser usada quando existe uma relação assimétrica de poder entre alunos. Este tipo de agressões pode ser levado a cabo quer por um aluno individualmente quer por um grupo."

Os estudos sobre o *bullying* revelam que este fenómeno atinge tanto os adolescentes como as crianças, constituindo, assim, uma grande preocupação para os educadores, dada a sua influência no desenvolvimento dos alunos.

No que se refere à forma específica de violência designada por *bullying*, as principais causas parecem ser psicológicas. Geralmente, tanto as vítimas como os agressores manifestam baixa auto-estima e têm um fraco poder de influência nas relações interpessoais com os pares. As vítimas, normalmente, não têm amigos, apresentam uma aparência física mais frágil do que a dos seus pares e são muito protegidos pelos pais (principalmente pelas mães). Normalmente, os pais dos agressores e das vítimas não estão ao corrente da situação e isto torna esta situação mais problemática.

Convém também fazer referência a outros tipos de violência que afectam a escola, como sejam os grupos organizados ou gangs; nestes casos, as causas parecem estar associadas a problemas económicos, sociais e étnicos como, famílias disfuncionais e desestruturadas, pobreza, racismo ou outros tipos de discriminação sistemática, e modelos sociais violentos propagados pelos *media*.

Os estudos desenvolvidos demonstram ainda, que as acções de violência se manifestam maioritariamente entre alunos, que a maioria dos percursores são do sexo masculino e geralmente, ocorre entre os mais fortes contra os mais fracos e os mais velhos contra os mais novos. Ocorre também, maioritariamente, no 1º ciclo e o espaço preferencial para estas ocorrências é o recreio.

Estudos etnográficos e ecológicos desenvolvidos por Amado (1998) e por Freire (2001) nos últimos três anos nas escolas e em duas áreas distintas de Portugal (as cidades de Coimbra e de Lisboa), com alunos de idades compreendidas entre os 11 e os 15 anos, mostraram que a violência entre alunos e professores é praticamente ausente. No entanto, cerca de 10% dos alunos vêem-se envolvidos em situações de violência entre colegas com carácter sistemático (vítimas e agressores), sendo este um fenómeno essencialmente masculino. Os autores observaram que apenas um pequeno grupo de alunos se confronta com situações agressivas na escola. Na sala de aula, estas situações ocorrem apenas em contextos específicos e com determinados professores (liderança permissiva, elevado absentismo do professor, cultura de escola caracterizada pela desresponsabilização geral). [2]

Um estudo desenvolvido com uma amostra de 6200 alunos em escolas públicas das áreas urbanas, suburbanas e rurais no Norte de Portugal (Pereira. B., Almeida, A.T., Valente, L., & Mendonça, D., 1996), verificou que 21% dos alunos apontam já ter sido agredidos por colegas, e 18% afirma já terem tido um comportamento agressivo, registando-se três ou mais vezes no ano transacto. Os comportamentos violentos mais frequentes são os insultos, seguidos de agressões físicas, rumores pejorativos e roubo. Esse estudo também verificou que a maior parte das situações ocorrem no recreio. [2]

“Um estudo realizado em 2001 por Margarida Matos e Susana Carvalhosa, baseado em inquéritos a 6903 alunos de escolas escolhidas aleatoriamente, com as idades médias de 11, 13 e 16 anos, analisou a violência na escola entre vítimas, provocadores (incitação na forma de insulto ou gozo de um aluno mais velho e mais forte do que o outro) e outros (similarmente vítimas e provocadores), e demonstram os seguintes dados, bastante curiosos: mais de metade dos alunos inqueridos são do sexo feminino (53.0%); 25.7% dos jovens afirmaram terem estado envolvidos em comportamentos de violência, tanto como vítimas, provocadores ou duplamente envolvidos; as vítimas de violência são maioritariamente masculinas (58.0%); os inquiridos que se envolveram em comportamentos de violência, em todas as suas formas, situavam-se nos 13 anos de idade; os jovens provocadores de violência são aqueles que têm

hábitos de consumo de tabaco, álcool e mesmo de embriaguez, também são os que experimentaram e consumiram drogas no mês anterior à realização do inquérito; quanto às lutas, nos últimos meses anteriores ao inquérito, 19.08% dos jovens envolveram-se em comportamentos violentos; os vitimados pela violência, são os que andam com armas (navalha ou pistola), com o intuito da sua própria defesa; os adolescentes que vêem televisão quatro ou mais horas por dia são os que estão mais frequentemente envolvidos em actos de violência; as vítimas e os agentes de violência não gostam de ir à escola, acham aborrecido ter que a frequentar e não se sentem seguros no espaço escolar; para os actores de violência a comunicação com as figuras parentais é difícil; 16.05% das vítimas vive em famílias monoparentais e 10.9% dos provocadores vive com famílias reconstruídas." [3]

De uma forma generalizada, nas escolas portuguesas, a forma mais típica de violência é a agressão verbal, que se manifesta, na maior parte das vezes, de forma ocasional, ou seja, raras vezes tem um carácter de agressão sistemática da mesma pessoa, os casos de agressão física são casos que se dão pontualmente, não fazendo parte da rotina diária das escolas.

Pela complexidade a que este tema nos remete, não nos podemos cingir somente à denominação que o termo *violência* pode tomar, sem tentarmos compreender as causas e razões que possam estar na sua origem.

Como tal, é essencial fazer referência a alguns parâmetros que podem estar directa ou indirectamente relacionados com as causas que determinam os fenómenos de violência, aqui serão referidos alguns que achamos mais pertinentes, tais como:

- O papel da família na educação;
- Violência na sociedade;
- A violência nos jovens como inadaptação social;
- A escola.

O papel da família na educação

Ao longo dos tempos, o conceito de família tem vindo a sofrer alterações, assim como o papel que a criança e o adolescente desempenham na família.

Fazendo uma retrospectiva ao antigo regime, verificamos que os termos criança ou adolescente não existiam, a criança era considerada um "adulto jovem".

Philippe Ariés (1988: 10-11) refere que: "Passava-se directamente de criança muito pequena a adulto jovem, sem passar pelas várias etapas da juventude que eram talvez conhecidas antes

da Idade Média e que se tornavam o aspecto essencial das sociedades evoluídas dos dias de hoje".

Os valores que se prezavam nesta época, para a formação dos cidadãos, "impunham" que as crianças, desde muito cedo, adoptassem uma postura de adultos, uma vez que iniciavam muito precocemente a sua vida laboral.

Na família, não se estabeleciam relações interpessoais de afectividade, embora o amor fosse um sentimento presente, esta afectividade demonstrava-se nas pessoas próximas às crianças tais como as amas, os serventes, os vizinhos, etc.

Na época do Estado Novo, a esposa passa a ter um papel central, ficando a seu cargo a educação dos filhos.

Após o 25 de Abril, a família sofre grandes transformações, diminuiu o número de filhos por casal, o casamento tornou-se mais instável com um número crescente de divórcios, aumentando as famílias monoparentais e reconstruídas, as mulheres passaram ter uma actividade profissional, auferindo uma independência económica e relegando a maternidade para segundo plano.

Nos tempos de hoje, o conceito de família toma um sentido completamente diferente e aborda temas que eram impensáveis no passado.

O Relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (1996:95) reforça que:

"A família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afectivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos **valores e normas**".

A criança passa a ter um papel também diferente nos tempos de hoje, embora haja uma certa continuidade na transmissão de pais para filhos, a verdade é que os jovens de hoje adquirem a sua identidade não só dentro, mas também fora da família, através dos discursos que a escola e a família poderão ou não integrar e da informação variada que têm ao seu dispor desde os *media* às novas tecnologias, entre outras.

Violência e sociedade

Desde sempre o Homem exerceu e foi alvo de violência, temos o exemplo da Bíblia que retrata uma série de crueldades das quais Jesus Cristo foi vítima; enforcamentos em praça pública; homens que lutavam até à morte nos coliseus para deleite da assistência; a Santa Inquisição que vitimou inúmeras pessoas, o nazismo e as excessivas guerras que povoam a história da humanidade.

Ao longo dos tempos têm se vindo a apontar uma série de nefastas influências sociais para explicar certos comportamentos violentos dos jovens. No passado, as práticas violentas era muitas vezes associadas aos combates e às touradas, actualmente, aponta-se o cinema mas sobretudo a televisão e certos grupos e géneros musicais. Ou seja, as fontes de uma cultura violenta são frequentemente associadas a práticas de diversão, contudo, o problema não se remete só à questão da diversão, as nossas cidades estão cada vez mais violentas. No fundo, os actos violentos estão sustentados por valores, crenças, sobre o bom e o mau de uma acção que força o indivíduo a operar de acordo com essa convicção. [4]

A violência nos jovens como inadaptação social

Um acto violento só é, de facto, um problema se a maioria da sociedade o considerar que o é, ou seja, se for tipificado e reconhecido como tal.

A protagonizarão da violência é, na maioria das vezes, associada a jovens que se agrupam formando sub-culturas, que geralmente se destacam através do vestuário, a maneira de agir e pensar, muito características. Os *hippies*, os *rockers*, os *skinheads*, entre outros, são exemplos bem conhecidos de grupos inadaptados aos padrões da sociedade.

Na cultura juvenil podem-se observar características muito comuns, tais como a busca da identidade, procurando diferenças aos pensamentos de gerações anteriores, o questionar de ideias e normas que regem a sociedade, a diversidade e fácil acesso a meios de informação, fomentando a criação de novas ideias e concepções, que fazem os jovens mudar a ordem da realidade já existente, a inadaptação social devida à educação deficitária por parte da família ou pelo meio onde o jovem vive (bairro degradado, alcoolismo, droga e tráfico, prostituição, detenção familiar, violência doméstica, furtos, resolução de conflitos com recurso à agressão, precárias condições de vida), fazendo com que os jovens adquiram condutas, de acordo com o que vivenciam diariamente. São portanto, jovens com ausência de referências positivas, constituindo alguns indícios, que leva a que determinados indivíduos ou grupos cultivem a agressividade face à sociedade, que gerou ou proporcionou défices tão profundos e que fazem parte das suas vivências quotidianas.

A escola

A palavra vem do grego *scholé*, que significa lugar do ócio. A educação materializada na escola é o resultado de uma construção histórica. Na sociedade primitiva, a educação acontecia de modo espontâneo e integral, ou seja, não existiam instituições educacionais, o processo educativo tinha como instrumento a transmissão entre os membros do grupo, sendo a aprendizagem transferida de pais para filhos.

A partir do momento em que se estabeleceu a divisão de classes, o modelo da sociedade primitiva é superado. Na idade média passa-se a dar lugar à educação de forma diferenciada, sendo que as classes “abastadas” pagavam mestres particulares para suas crianças. Nesta época, surge o início de alguns modelos de escola tais como as paroquiais, as monásticas e episcopais, palatinas e as catedrais.

Inicialmente, estas escolas visavam formação de eclesiásticos, sendo o ensino ministrado por um sacerdote. Mais tarde, estas escolas passaram a abranger o ensino a filhos de reis e servidores também, o programa de ensino, no início muito elementar, vai enriquecendo de forma a incluir diversas áreas do conhecimento como latim, gramática, retórica e dialéctica.

Foi no século XVIII que nasceram as primeiras escolas públicas mantidas pelo Estado. A escola passava agora a integrar não só as classes sociais mais altas como as de menor poder económico. Os objectivos iniciais visavam à integração sócio-laboral, a escola promovia socialmente, ao mesmo tempo que preparava para a vida activa. Em Portugal, entre a implantação da República e a reforma de Veiga Simão, a escola foi-se tornando mais ou menos inclusiva, mais ou menos exclusiva, mas sempre essencialmente a única fonte da informação e do saber.

Deste modo, a escola tem tido, em cada época, uma missão ou finalidade própria, manifesta ou latente, explícita ou implícita, qualquer que seja o seu sistema de financiamento ou o seu estatuto jurídico-legal (laico ou religioso, público ou privado).

E embora esta tenha vindo a evoluir de forma a adaptar-se e a dar resposta a uma sociedade em constante mutação, ainda são várias as dificuldades com que se confronta. Hoje em dia, encontra-se alinhada com a “contra-cultura”, com a chamada sociedade do conhecimento. Deixou de ser a única fonte de saber, denotando-se por vezes uma certa estagnação em dar resposta às necessidades e anseios actuais dos muitos jovens que frequentam a escola.

Na realidade, as escolas não estão ainda preparadas para enfrentar a complexidade dos problemas actuais, designadamente os que se prendem com a gestão das suas tensões internas. A crescente participação dos alunos, pais, entidades públicas e privadas nas decisões tomadas nas escolas, tornou-se uma fonte de conflitos que, frequentemente, terminam em situações de descontentamento e de agressividade.

Para além da forma como as escolas se organizam e estruturam, outros factores que podem ser geradores de focos de descontentamento são os espaços físicos destas. Ainda são muitas que se encontram em condições precárias, com edifícios em más condições, sem materiais pedagógicos e educativos suficientes, com espaços diminutos e inseridas em meios pouco atractivos.

Alguns dos problemas inerentes à própria escola podem, deste modo, ser potenciadores de uma insatisfação da comunidade, podendo gerar alguns focos de violência de vários intervenientes como alunos, professores, pais, encarregados de educação, auxiliares de acção educativa e participantes na vida activa da escola.

Indisciplina

A indisciplina, tal como a violência, tem vindo a ser alvo de discussão, também aqui não é reunido um consenso geral colocando-se várias vezes a questão: *violência* ou *indisciplina*?

A indisciplina pode implicar violência, mas não é necessário que esta ocorra. É neste sentido que alguns autores distinguem vários níveis de indisciplina, tais como:

- Perturbação pontual que afecta o funcionamento das aulas ou mesmo da escola;
- Conflitos que afectam as relações formais e informais entre os alunos, que podem atingir alguma agressividade e violência envolvendo, por vezes, actos de extorsão, violência física ou verbal, roubo, vandalismo, etc;
- Conflitos que afectam a relação professor – aluno e que, em geral, colocam em causa a autoridade e o estatuto do professor;
- Vandalismo contra a instituição escolar, que muitas vezes procura atingir tudo aquilo que ela significa.

No entanto, esta hierarquia não reúne um consenso geral, na medida em que conduz à naturalização das formas mais elementares da indisciplina (as perturbações), relegando este fenómeno apenas para o contexto intrínseco da escola, quando existem agressões a colegas ou professores, a destruição ou roubo nas escolas, etc.

Como sinónimo de indisciplina, são frequentes as designações de desobediência, sublevação, rebelião e desordem, sendo susceptível de múltiplas interpretações. Um aluno ou professor indisciplinado é, em princípio, alguém que possui um comportamento desviante em relação a uma norma explícita ou implícita, sancionada em termos escolares e sociais. Estes desvios são, todavia, denominados de forma diferente conforme se trate de alunos ou de professores. Os primeiros são apelidados de indisciplinados, os segundos de incompetentes.

Outros autores avançam duas correntes teóricas para a designação deste fenómeno:

- Uma afirma que a indisciplina é uma tendência **natural de todo o ser humano**, está inscrita no seu código genético. O Estado, a educação e a cultura, actuam como freio destes impulsos anti-sociais. Estamos perante uma velha teoria que serviu a Thomas Hobbes para

fundamentar a necessidade de um Estado forte, capaz de manter em ordem os "*homens-lobo*"; a Charles Darwin, para explicar a origem das espécies, a supremacia dos mais fortes; a F. Nietzsche, para reclamar o poder para os super-homens que estão para além do bem e do mal.

- Outra corrente sustenta que a natureza humana é uma espécie de recipiente vazio, pronto a ser preenchido pelos **estímulos que recebe do exterior**. Conforme a natureza destes estímulos assim será a criança, o adulto. As circunstâncias determinam aquilo que cada homem é. A contrapartida desta visão igualitarista, sustentada pela primeira vez pelos sofistas, foi o aparecimento de uma multiplicidade de métodos e técnicas para dar forma à natureza do homem.

Entre uma e outra corrente, existem uma multiplicidade de teorias que procuram articular o "inato" com o "adquirido", o "biológico" com o "social".

Na comunidade pedagógica, é um dos assuntos que emerge frequentemente em conversa entre professores. Quando se fala em indisciplina, nem sempre se fala do mesmo para alguns professores, quando um aluno entra na sala de aula com o boné na cabeça ou a mascar pastilha elástica é considerado indisciplinado, enquanto que para outros professores não é. Estes diferentes entendimentos resultam possivelmente de, nalguns casos, a indisciplina se reportar aos comportamentos e noutros às significações.

Deste modo, não devemos generalizar estes problemas mas sim tentar percebê-los como "casos únicos". As razões que podem gerar estes fenómenos são várias, há alunos que chegam à escola, carregando problemas sociais e familiares, não encontrando ali resposta às suas carências e há professores sem formação para gerir uma sala de aula.

João Amado é da opinião que "ultimamente, os professores têm sido vítimas da desvalorização da sua própria condição e do seu estatuto pelo poder político, o que se vai traduzir na representação que a sociedade faz dos professores. E isto tem reflexos na sala de aula". Por outro lado, lamenta que, cada vez mais, as famílias se demitam da sua autoridade sobre os filhos, salientando ainda o abandono em que muitos se encontram, entregues a si próprios. "Não faltam nas escolas alunos com um grande historial de repetência, com problemas sociais e familiares muito graves. Por isso, são indisciplinados, vítimas do insucesso e também geradores de insucesso".

Não é fácil fazer um inventário das causas da indisciplina nas escolas, mas algumas causas que podem estar relacionadas, directa ou indirectamente, com a sua origem são avançadas por vários autores, tais como: Os contextos familiares, a natureza e motivações dos alunos face à escola, os grupos e turmas, o Ministério da Educação, a forma como a escola se organiza, os métodos, programas e regulamentos disciplinares que adopta, os professores, a sociedade, entre outros.

Não existem receitas, mas há evidências de que a escola ainda não responde a muitos dos problemas com que se depara actualmente. Esta não se pode demitir das suas responsabilidades específicas, o que implica o estreitar das relações entre a escola e a família, um esforço conjunto dos pais e professores para encontrar respostas para múltiplos problemas, criando condições para que a escola seja verdadeiramente inclusiva, capaz de respeitar e atender à diversidade social e cultural dos seus alunos, de adequar as suas propostas educativas e os programas aos interesses e características destes, de combater o abandono e o insucesso escolar. Uma escola capaz de envolver os alunos, de os motivar, de perceber os seus problemas, de com eles construir as regras e as normas de funcionamento, de pôr em prática formas participadas de gestão na vida da turma e da escola, de incentivar a formação dos jovens como cidadãos activos, críticos e intervenientes. A reunião conjunta destes esforços pode, na opinião de muitos autores, diminuir os problemas de indisciplina ocorrentes nas escolas.

Políticas de combate à violência

Escola segura



O Programa *Escola Segura* é uma iniciativa conjunta do Ministério da Administração Interna e do Ministério da Educação e encontra-se regulamentado pelo

Despacho n.º 25650/2006, de 19 de Dezembro, visando garantir a segurança, prevenindo e reduzindo a violência, comportamentos de risco e incivildades, bem como melhorar o sentimento de segurança no meio escolar e envolvente, com a participação da comunidade.

O Programa *Escola Segura* é assegurado por agentes policiais devidamente treinados e preparados para este tipo de acção, bem como por viaturas exclusivamente dedicadas à vigilância e protecção da população escolar. De fácil identificação pela sua cor e imagem exterior, cada veículo tem sob a sua responsabilidade um conjunto de estabelecimentos de ensino e está equipado com telemóvel e uma mala de primeiros socorros.

As escolas abrangidas pelo Programa *Escola Segura* beneficiam assim de uma vigilância reforçada e de uma relação directa com os agentes policiais responsáveis pelo seu policiamento. Esta vigilância é assegurada através do patrulhamento em horários e percursos definidos de acordo com as necessidades específicas de cada Escola. A PSP desenvolve ainda, no âmbito do Programa *Escola Segura*, acções especiais de contacto e esclarecimento junto dos jovens, visando promover comportamentos de segurança. [5]

Os princípios estratégicos do Programa *Escola Segura* baseiam-se em 4 eixos fundamentais:

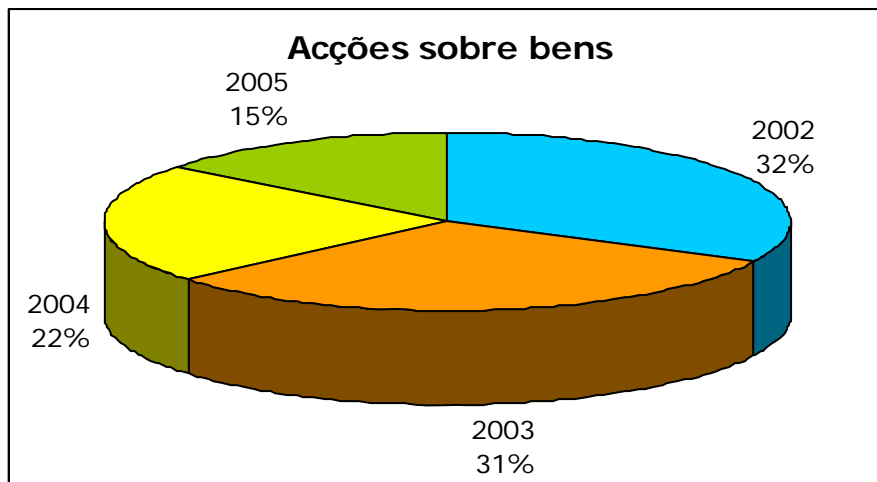
- (i)** Territorialização do Programa ao nível local, centrando-o nas escolas, com a participação activa de toda a comunidade;
- (ii)** Promoção e desenvolvimento de parcerias quer ao nível nacional, quer ao nível local;
- (iii)** Formação destinada a todos os elementos da comunidade educativa e aos elementos das forças de segurança envolvidos no Programa;
- (iv)** Monitorização dos fenómenos de violência, comportamentos de risco e incivildades nas escolas.

Estatísticas:

Para uma melhor compreensão da frequência de determinados comportamentos denunciados nas escolas, procedemos à análise de alguns dados disponibilizados pela *Escola Segura*, desde o ano 2002 até ao 2005.

Tabela 1: Acções sobre bens [18]

	2002	2003	2004	2005
Furto	422	346	240	164
Roubo	27	28	8	7
Vandalismo	25	77	67	39
Fogo posto	0	1	2	1
Total	474	452	317	211

Gráfico 1: Acções sobre bens [18]

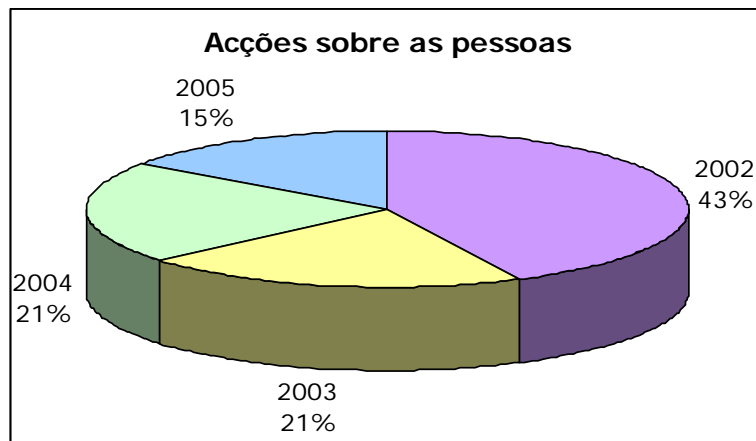
Através da análise do gráfico, verifica-se que há uma diminuição das acções sobre bens denunciadas à *Escola Segura*, havendo um decréscimo de 32% (ano 2002), para 15% (ano 2005).

Tabela 2: Acções sobre as pessoas [18]

	2002	2003	2004	2005
Ameaça	17	0	0	0
Pequenas Violências	57	0	0	0
Actividades Perturbadoras – Acção Escolar	13	0	0	0
Acidentes Viação – Alunos	4	2	22	1
Ofensa Sexual	14	3	10	2
Assédio	11	1	4	1
Violação	3	1	3	0
Tráfico/Consumo droga	6	4	0	5
Ameaças de bomba	25	14	0	3

Armas Brancas/Fogo	7	3	12	3
Diversos	64	0	0	0
Ofensa corporal	0	22	21	37
Outras acções não criminais	0	19	7	3
Outras acções criminais	0	22	14	17
Injúrias/ ameaças	0	16	14	7
TOTAL	221	107	109	79

Gráfico 2: Acções sobre as pessoas [18]



Intervenção pedagógica e social

Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP)

Partindo do pressuposto de que “os contextos sociais em que as escolas se inserem podem constituir-se como factores potenciadores de risco e insucesso no sistema educativo normal”, o XVII Governo Constitucional retomou o Programa dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, aprovado pelo Despacho n.º 147-B/ME/96, de 1 de Agosto, adaptando as suas linhas orientadoras ao actual contexto sócio-educativo.



Desta feita, foi criado o Segundo Programa de Territorialização de Políticas Educativas de Intervenção Prioritária, a desenvolver a partir do ano lectivo de 2006/2007, com base em contratos-programa outorgados pelas escolas e agrupamentos de escolas. [6]

Tendo presente que os contextos sociais onde as escolas se inserem podem condicionar o sucesso educativo, foi dada prioridade às escolas ou agrupamentos de escolas localizados nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, com elevado número de alunos em risco de exclusão social e escolar.

Alguns dos objectivos deste programa são:

- A criação de condições que visem o sucesso educativo de todos os alunos, especialmente daqueles que se encontram em situações de risco de exclusão social e escolar;
- Apropriação, por parte das comunidades educativas particularmente desfavorecidas, de instrumentos e recursos que lhes permitam orientar a sua acção para a reinserção escolar dos alunos;
- A articulação estreita com as famílias e a comunidade local, que promova a sua efectiva participação na vida escolar, através do desenvolvimento de actividades de âmbito educativo, cultural e desportivo e de ocupação de tempos livres, quer de crianças e jovens inscritos na escola, quer no desenvolvimento de actividades de educação permanente.

Programa *Escolhas*



O Programa *Escolhas* foi inicialmente criado pela Resolução do Conselho de Ministros nº4/2001, de 9 de Janeiro. Numa primeira fase de implementação, que decorreu até Dezembro de 2003, tratava-se de um Programa para a Prevenção da Criminalidade e Inserção de Jovens dos bairros mais problemáticos dos Distritos de Lisboa, Porto e Setúbal.

Terminado este período, partindo da aprendizagem obtida e respondendo a novos desafios, nasce, na sequência da Resolução do Conselho de Ministros nº 60/2004, de 30 de Abril, o *Escolhas – 2ª Geração (E2G)*.

É um programa de intervenção social, de âmbito nacional, que financiou e acompanhou 87 projectos nas Zonas Norte (33), Centro (29) e Sul e Ilhas (25), tendo sido o público-alvo prioritário as crianças e jovens entre os 6 e os 18 anos, oriundos de contextos sócio-económicos desfavorecidos e problemáticos. O Programa abrangia ainda jovens com idades compreendidas entre os 19 e os 24 anos, famílias e outros elementos da comunidade, como professores, auxiliares educativos, etc.

O Programa *Escolhas* foi renovado para o período de 2007 a 2009, com o objectivo de promover a inclusão social de crianças e jovens provenientes de contextos sócio-económicos mais vulneráveis, tendo em consideração o maior risco de exclusão social, nomeadamente dos descendentes de imigrantes e minorias étnicas, procurando a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social.

Serão abrangidos, nesta terceira fase, 120 novos projectos. Cada projecto é constituído por uma instituição promotora e diversos parceiros, que em conjunto formam um consórcio.

O Programa encontra-se estruturado em 4 medidas:

- **Medida 1** – Promoção da Inclusão Escolar e Formação Profissional,
- **Medida 2** – Ocupação dos Tempos Livres e Participação Comunitária,
- **Medida 3** – Plena Integração na Sociedade, dirigida especificamente a filhos e familiares de imigrantes e minorias étnicas,

■ **Medida 4** – Inclusão Digital das crianças e jovens envolvidos nos projectos e formação e enquadramento de técnicos para a criação de Centros de Inclusão Digital – CID@NET. **[7]**

Comissão de Protecção de Crianças e Jovens

As CPCJ são constituídas e funcionam nos termos da Lei n.º 147/99, de 1 de Setembro (alterada pela Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto, e regulamentada pelo Decreto-Lei n.º 332-B/2000, de 30 de Dezembro).



São instituições oficiais não judiciárias, com autonomia funcional, que visam promover os direitos da criança e do jovem e prevenir, ou pôr termo, a situações susceptíveis de afectar a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento integral.

Exercem as suas atribuições em conformidade com a lei e deliberam com imparcialidade e independência, contando com a colaboração das autoridades administrativas e policiais, bem como das pessoas singulares e colectivas, que para tal sejam solicitadas. **[8]**

Relativamente à legitimidade da intervenção, o artigo 3.º n.º 1 da Lei n.º147/99, de 1 de Setembro, define que “a intervenção para a promoção dos direitos e protecção da criança e do jovem em perigo tem lugar quando os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto ponham em perigo a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento, ou quando esse perigo resulte de acção ou omissão de terceiros ou da própria criança ou do jovem a que aqueles não se oponham de modo adequado a removê-lo”.

Os professores têm, deste modo, uma presença estável e permanente de um ou mais professores de acordo com o número de processos/casos, que estabelece uma articulação directa com as escolas do território da área da competência da CPCJ.

Entre as funções do professor-tutor encontram-se as seguintes tarefas:

■ Articular com as escolas do respectivo agrupamento e com outros estabelecimentos de ensino existentes no concelho, onde se identificam casos ou tipologias de casos de crianças sinalizados à CPCJ, para a elaboração de planos de intervenção específicos e posterior acompanhamento dos mesmos; e

■ Acompanhar de forma individualizada as crianças ou jovens com maiores dificuldades de integração na comunidade educativa. **[6]**

Visitas as escolas

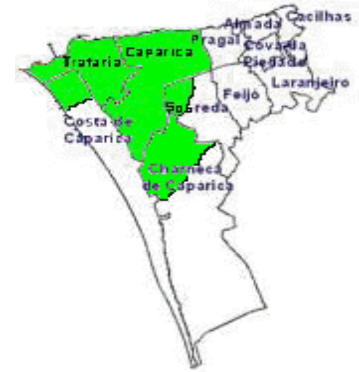
Caracterização da Escola Básica 2,3 da Trafaria

Freguesia da Trafaria [9]

Área: 5,83 km²

População: 5 946 hab. (2001)

Densidade Populacional: 1 019,9 hab./km²



Caracterização Histórica

A dramática história da Trafaria remonta à época pombalina, quando o Marquês de Pombal mandou incendiar a vila, obrigando possíveis desertores a combater os Espanhóis.

No século XIX, iniciou-se um período de expansão com a construção de residências de Verão, aparecimentos de clubes e sociedades recreativas, constituindo uma zona de banhos da classe média lisboeta e intelectuais; instalaram-se também, fábricas de conserva e explosivos.

No século XX, com a construção da Ponte 25 de Abril, a zona da Trafaria entra em declínio; por um lado, as praias da Costa de Caparica tornaram-se mais acessíveis, por outro as fábricas fecharam e os novos núcleos familiares deslocaram-se para outros pontos do Concelho procurando habitações mais modernas. Na última década, desaparece o único cinema, escasseando as ofertas de ocupação de crianças e jovens.

Actualmente, a maioria dos habitantes trabalham fora da freguesia, sendo que o comércio legal é restrito à restauração. Os realojamentos camarários da população antiga são feitos no Monte da Caparica, enquanto igual número de imigrantes ocupam as habitações degradadas e não demolidas ou então constroem barracas.

O tráfico de drogas torna-se fonte de rendimento, mas o seu consumo origina o aumento da mortalidade de adultos jovens e famílias disfuncionais.

Ainda não existem dados concretos sobre a população da Trafaria, no entanto, sabe-se que é fortemente heterogénea, de fraco nível económico, em que predominam famílias ou núcleos familiares pouco estruturados, disfuncionais.

Todo este panorama social é sentido na escola, onde cada vez mais cedo, aparecem crianças em risco, indisciplinadas e com grandes dificuldades de aprendizagem.

Enquadramento histórico e geográfico da escola

A Escola Básica 2.3 da Trafaria situa-se na zona periférica da Trafaria (S. Pedro da Trafaria), em frente a um bairro degradado de grande extensão, no concelho de Almada e distrito de Setúbal, na margem sul do rio Tejo, a cerca de 13 km de Lisboa. A freguesia da Trafaria tem 5946 habitantes em 2001.



[15]

Foi criada em 1973, com a designação de Escola Preparatória Fernão Mendes Pinto, para uma população de 300 alunos, no espaço de uma antiga fábrica de pólvora, da qual ainda permanece intacta uma chaminé de tijolo situada no pátio principal. É constituída por pavilhões térreos, sem nunca ter sofrido alterações, excepto algumas obras de melhoramento.

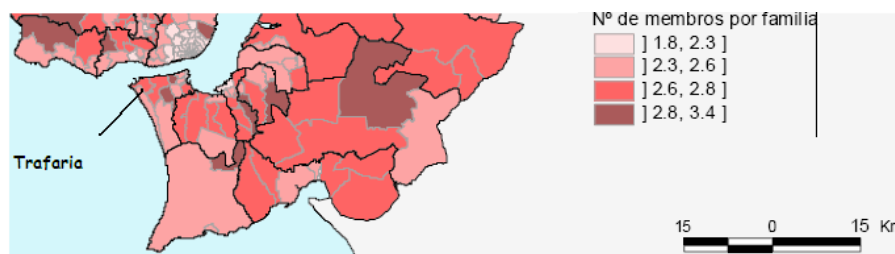
No entanto, verifica-se uma grande necessidade de proceder a melhoramentos das instalações, designadamente no que respeita a limpeza, equipamento, comodidade e dimensão, nomeadamente na sala dos professores, algumas salas de aula, balneários do ginásio, bem como substituição de janelas e portas.

Actualmente, a escola serve cerca de 280 alunos, do 5º ao 9º ano do ensino básico, dispondo de um número insuficiente de docentes para assegurar todas as turmas, a mobilidade destes tem sido factor de instabilidade no cumprimento de objectivos definidos no projecto educativo, bem como contribuindo, em certa medida, para a indisciplina e insucesso.

Relativamente ao pessoal não docente, este é manifestamente insuficiente para assegurar o normal funcionamento das actividades escolares, este facto agrava-se pela elevada média de idades e problemas de saúde crónicos neste sector.

Quadro económico-social e dinâmica cultural da área

Grande parte das famílias residentes na freguesia da Trafaria, são disfuncionais e pouco estruturadas, contudo verifica-se uma média de 2,6 a 2,8 membros por família, num total de 1756 núcleos familiares. [10]



Em relação ao nível de escolaridade dos pais e encarregados de educação dos alunos frequentadores da EB 2.3 da Trafaria, verifica-se um baixo nível de escolaridade, dos quais apenas cerca de 2 mães frequentaram o ensino superior e a grande maioria não completou a escolaridade obrigatória.

Relativamente às habilitações dos pais, constata-se que a grande maioria possui apenas o 1º ciclo, 0,5% não possui qualquer tipo de escolaridade e a mesma percentagem frequentou o ensino superior.

No que diz respeito à profissão das mães, a grande maioria (72%) concentra-se no grupo de profissões ligadas ao comércio e serviços, enquanto que a maioria dos pais trabalha no sector primário.

Principais problemas

Os principais problemas identificados na EB2.3 da Trafaria prendem-se com o abandono precoce e taxas de insucesso bastante elevadas, sendo que a maioria dos alunos que abandonam a escola se situam na faixa etária dos 11 aos 13 anos.

Gráfico 3: Sucesso e Insucesso 2005/06 (2º Ciclo)[17]

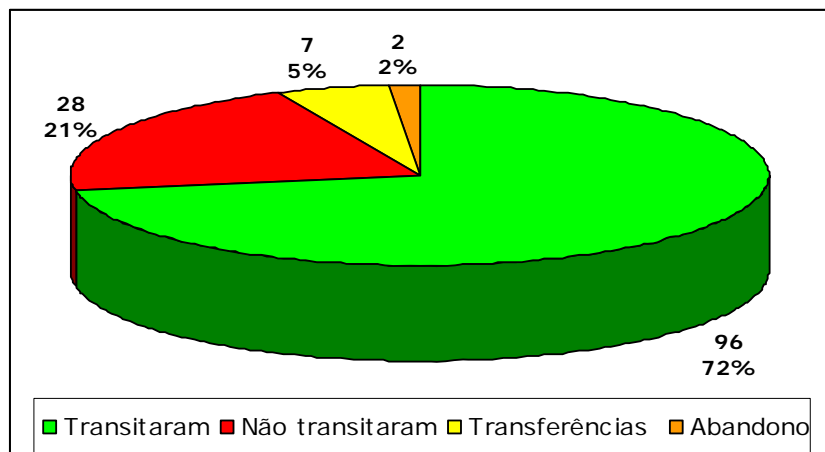
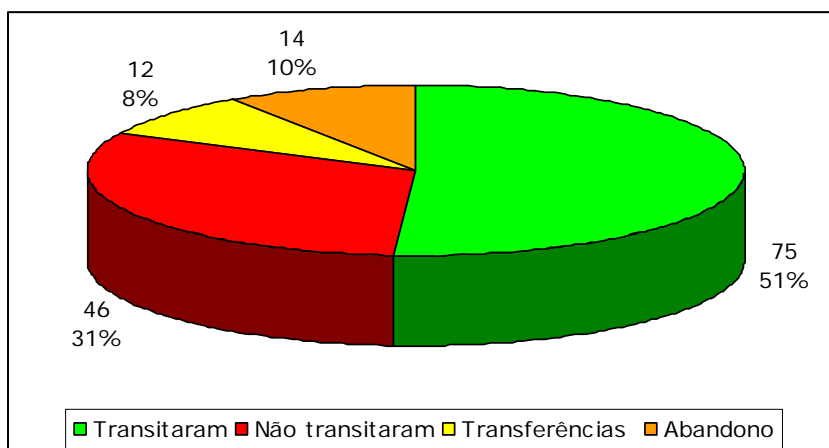


Gráfico 4: Sucesso e Insucesso 2005/06 (3º Ciclo) [17]

Os factores mais marcantes no abandono escolar são:

Rejeição da escola por sentimento de exclusão; dificuldade nas aprendizagens básicas, repetências; atraso escolar; dificuldade de integração; problemas de saúde; baixo nível socio-económico e reduzida escolaridade dos pais; reduzida valorização da escola pelas famílias dos alunos; fraca relação escola/família; ausência de estratégias personalizadas e pouco respeito em relação às minorias étnicas.

Análise do nosso estudo

A escola da Trafaria caracteriza-se pelas inúmeras dificuldades sociais que enfrenta. Num contexto marcado pela pobreza, onde a maior parte da população escolar vive em barracas mesmo em frente à escola, associado a condições de vida pautadas pela acumulação de desvantagens económicas e culturais, nesta população a escola fica em segundo plano. Os problemas mais complicados desta escola não estão directamente relacionados com o seu funcionamento ou direcção, são problemas de foro social aos quais a escola, sozinha, não consegue dar resposta.

"...Estas situações de quem vive ainda um bocado na idade média: a grande maioria destes pais, não digo todos, mas a grande maioria destes pais têm os filhos como um bem pessoal que pode, eventualmente, servir para qualquer coisa, para troca ou pagamento ou para qualquer coisa." (Margarida Góis-presidente do conselho executivo)

"Aqui, nada do século XXI ainda chegou." (Margarida Góis-presidente do conselho executivo)

"...Acho que estas crianças têm percursos muito sofridos. Têm percursos de vida, algumas delas horríveis e portanto, isto é um problema social. Será preciso investir muito nestas franjas da sociedade, para que possam subir." (Margarida Góis-presidente do conselho executivo)

"...Em todas as turmas, se formos ver, há sempre dramas atrás de dramas, as crianças são marcadíssimas, não têm famílias normais e estruturadas, aquilo é tudo um drama. Também não temos um pai com formação média ou com formação superior. É preciso ver que estamos numa fase muito baixa da sociedade portuguesa." (Margarida Góis-presidente do conselho executivo)

"Este meio envolvente é muito carente e que leva a isso. E isso tudo tem um pouco de influência porque às vezes não se pode pôr as culpas nos pais, porque às vezes até há pais que são impecáveis e eles chegam aqui e uns com os outros e a influencia do grupo na maneira do procedimento, porque muitas vezes eles não querem ficar atrás, ou querem ser líderes ou coisa do género e depois vê-se aqui." (professora Delfina Zacarias Professora de Matemática)

De facto, não se verificam problemas de violência ou acentuada indisciplina no espaço escolar. É de notar que a escola apresenta uma reduzida população escolar e muito homogénea. Por todos estes motivos, o sucesso escolar destes alunos está realmente longe do ideal, existem outras prioridades, outras preocupações. A meta é mínima saber ler, escrever e contar, ou seja, os níveis mínimos de literacia.

"Não, violência não. É o que estava a dizer... É uma escola que é indisciplinada, em que as crianças não gostam das aulas, e muitas vezes nem estão a entender bem o que se está a passar nas aulas. Mas acho que violência, violência, não existe assim..." (Margarida Góis-presidente do conselho executivo)

"...As motivações das crianças são difíceis de fazer, porque eles são solicitados para coisas muito mais agradáveis; por outro lado, aqui nestas zonas, o fosso entre a cultura das famílias e da escola é muito grande, e nós aqui dizemos que, praticamente, não lhes interessa, porque os pais estão absorvidos e com razão, em razões de sobrevivência. E ninguém aprende... A cultura não é a primeira prioridade na vida das pessoas, por isso é que, aqui, o insucesso é grande." (Margarida Góis-presidente do conselho executivo)

Actualmente, como é considerada território educativo de intervenção prioritária, a escola sente-se mais apoiada a vários níveis, principalmente a nível do Ministério de Educação, que pela primeira vez reuniu todas as escolas TEIP para ouvir e procurar solucionar os seus problemas.

"Esta ministra conhece-nos perfeitamente. No ano passado, ela chamou as piores escolas das áreas urbanas de Lisboa – foi a primeira vez que um ministro me disse que tinha todo o dia para me ouvir falar da escola – há alguém que nos ouve, finalmente e que tem posto em prática aquilo que lhes pedimos, nomeadamente os TEIP." (Margarida Góis-presidente do conselho executivo)

“...Nas reuniões que temos tido com ela [ministra da educação] – ela chama todos os presidentes de conselho executivo e mais recentemente, chamou os 34 TEIP – além de ser uma pessoa que está muito bem documentada, eu estou completamente de acordo com ela: o ensino em Portugal é caótico no 1º ciclo e no secundário.” (Margarida Góis-presidente do conselho executivo)

“...Mas agora estamos muito protegidos, desde que entrámos com esta ministra que somos TEIP, temos directamente um professor na Comissão de Protecção de Menores, estamos representados em tudo quanto são órgãos – tribunal, etc., há sempre um professor da escola...” (Margarida Góis-presidente do conselho executivo)

No entanto, apesar do contexto social em que esta escola se insere e que inevitavelmente, se reflecte no seu quotidiano, não podemos deixar de referir, com base nas nossas observações e conversas informais, a nossa inquietação em relação à passividade com que os problemas são encarados nesta escola.

Na nossa opinião, a escola é muito pouco activa, no que diz respeito aos tempos livres daquelas crianças e jovens, salientando-se que a maior parte das aulas decorre no turno da manhã e que a escola fecha às 16 horas, não existindo quaisquer actividades extracurriculares para além do programa *Escolhas*.

Tendo em conta que, quando estas crianças e jovens saem da escola, vão directamente para o bairro, que pouco ou nada tem para lhes oferecer, este procedimento não nos parece o mais indicado. Concordamos pois, que a escola como instituição pública deve ter interesse e preocupação com os seus alunos, tem de se organizar e arranjar estratégias educativas para que estes possam desenvolver as suas capacidades e estimular os seus interesses, e não deixá-los ao abandono sem qualquer alternativa. Neste sentido, achamos que a escola deixa muito a desejar, uma vez que é fundamental dar oportunidades e alternativas a estes alunos para os seus tempos livres. Assim, a escola deveria diversificar a oferta de actividades, implementando novos clubes (dança, desporto, ciência, cidadania, etc.) e projectos que mantenham os alunos ocupados, motivados e estimulados a desenvolver as suas capacidades e perspectivas de vida.

“...Este ano ficou também estipulado que no 1º ciclo, durante a manhã, ninguém sai da escola, têm que começar a criar hábitos e regras que têm que começar no pré-escolar. Fazem o quiserem das tardes.” (Margarida Góis-presidente do conselho executivo)

“...O que tem que mudar é a sociedade, fundamentalmente. Tem que haver, da parte da Câmara ou do Governo, um olhar mais atento, aqui para esta zona, saber definitivamente o que vão fazer aqui...” (Margarida Góis-presidente do conselho executivo)

Caracterização do Liceu Passos Manuel

Caracterização Histórica

A Freguesia de Nossa Senhora das Mercês foi fundada a 1 de Dezembro de 1632, com áreas subtraídas às freguesias de Santa Catarina e do Loreto, hoje Encarnação.

Desde a sua fundação, várias foram as remodelações paroquiais e administrativas, as quais introduziram algumas alterações à delimitação geográfica da freguesia. Actualmente a Freguesia das Mercês estende-se ao longo de uma área de 30 hectares e ocupa uma faixa significativa da zona histórica do Bairro Alto.

Mas, se a delimitação geográfica da freguesia não resistiu ao passar dos anos, o mesmo não se passou com a parte dos seus "edifícios nobres", os quais permanecem orgulhosos quer das suas fachadas quer dos papéis que desempenharam no passado.

Esta freguesia é caracterizada por possuir um património rico em monumentos, como palácios, palacetes e moradias de valor histórico e arquitectónico, entre outros destacam-se o Palácio Ratton (hoje Tribunal Constitucional).

Esta freguesia destaca-se também pelos espaços de lazer, dispendo de dois belos jardins, e pela oferta cultural, como galerias de arte, locais gastronómicos, desde as antigas e tradicionais tabernas até aos mais luxuosos restaurantes e antiquários. [11]

Enquadramento Histórico e Geográfico da escola

No início do século XX, em terrenos que foram da antiga cerca do Convento de Jesus, elevou-se em 1906, o Liceu Passos Manuel, da iniciativa de João Franco. No ano lectivo de 1910/1911, no dia 9 de Janeiro de 1911, iniciaram-se as aulas no que foi o primeiro exemplo de um plano de edificação do ensino público em Portugal.

O Liceu Passos Manuel integra-se numa das zonas mais antigas de Lisboa. A estrutura rectilínea das ruas remete-nos para a tradição pombalina, que presidiu à sua reconstrução após o terramoto de 1755. Situada no centro da cidade, a escola é circundada por edifícios e zonas de relevo histórico e patrimonial.

Esta escola filia-se em tradições de liberalismo, republicanismo, e democracia. Fiel a esse espírito, tem procurado desenvolver práticas de trabalho e de relações pautadas pelo respeito mútuo, a solidariedade, cooperação e profissionalismo, que em grande parte, já se encontram endogeneizadas no seu funcionamento.

Decorridos oitenta anos sobre a construção do edifício, são múltiplos e de gravidade, os problemas que apresenta; com vista à preservação das instalações têm sido realizados vários esforços na sua preservação e melhoramento, que permitam fazer face à progressiva e preocupante degradação do imóvel. [12]

Quadro económico-social e dinâmica cultural da área

A escola integra-se num bairro residencial, contrastando o meio urbano marcado pela heterogeneidade das construções e espaços vocacionados para o futuro, galerias, bares, restaurantes, comércio especializado e animação nocturna, com o predomínio da tradição, como o pequeno comércio de retalho, padarias, drogeries, retrosarias, tascas, restaurantes típicos e tipografias.

A atracção pelas ruas antigas, paralelamente ao crescimento e revitalização da função lúdica da cidade, trouxe a esta área um intenso dinamismo social e cultural, tendo vindo a atrair alguns novos “colonos” que têm contribuído para alterar o perfil social da área, onde dominam os prédios de habitação popular, com o predomínio de alguma tradição. A sua estrutura pombalina requer uma necessidade constante de recuperação de espaços.

As actividades económicas que predominam são o comércio tradicional, que assegura a subsistência diária dos habitantes do bairro: mercearias, padarias, drogeries, retrosarias e alguns restaurantes, verificando-se a existência de bastante tipografias.

A oferta e riqueza cultural e patrimonial de bibliotecas, museus, teatros e escolas de arte têm levado à exploração destes recursos, visando a criação de actividades disciplinares, transdisciplinares e multidisciplinares.

Esta dinâmica espelha-se em exposições de artes plásticas, fotografia, trabalhos multimédia, ou noutras iniciativas dos estudantes, visíveis na realização de jornais de escola e de turma, na organização de visitas, no grupo de teatro e em torneios desportivos.

Caracterização da comunidade educativa

Alunos

A escola recebe, maioritariamente, alunos cuja residência ou local de trabalho dos encarregados de educação se situa nos bairros circundantes.

Esta escola até ao lectivo 2005/2006 integrava o 3º ciclo do ensino básico e o ensino secundário, no ano lectivo 2006/2007 passou a integrar também alunos do 2º ciclo do ensino básico.

As idades dos mais de 1000 alunos distribuem-se numa faixa que vai desde os 10 aos 18/20 anos.

É uma escola que se caracteriza pela heterogeneidade etária, acompanhada por uma heterogeneidade sócio-cultural escolar; esta variedade contribui para um natural enriquecimento e trocas entre alunos.

Professores

A escola contém cerca de cento e trinta professores, maioritariamente do quadro de nomeação definitiva, distribuídos por áreas de formação muito diversificadas: línguas, ciências exactas e experimentais, artes e tecnologias. Actualmente, uma faixa significativa cerca de 70% é feminina.

Pessoal não docente

Atendendo as características do edifício e diversidade dos turnos de funcionamento e multiplicidade de tarefas a assegurar, verificam-se algumas dificuldades decorrentes do reduzido número de funcionários e administrativos e de auxiliares de acção educativa.

Espaços e equipamentos

A escola dispõe de vinte e duas salas de aula, algumas das quais específicas de disciplinas ou áreas disciplinares.

Tem gabinetes e laboratórios destinados às ciências experimentais, instalações específicas para a informática e para as oficinas de artes e expressão dramática.

Para a prática da disciplina de educação física, a escola possui dois campos desportivos externos e dois ginásios, actualmente, com problemas agravados pelo seu uso intensivo, por parte da escola e da comunidade. Está em curso o processo de construção de um pavilhão gimnodesportivo.

Os professores dispõe de uma sala que funciona para descanso no intervalo das aulas e como sala de trabalho, os alunos dispõem de uma pequena sala de convívio.

Possui ainda uma biblioteca imponente, apetrechada com mobiliário do princípio do século. Para responder às necessidades dos novos públicos escolares foi criada uma sala de apoio ao estudo, contigua à biblioteca e mais recentemente, um centro de recursos educativos.

Ao longo do tempo, têm sido desenvolvidos esforços no sentido de manter e renovar o equipamento audiovisual, informático e dos laboratórios, no que respeita a novas tecnologias. Esta actualização tem-se revelado particularmente difícil, em virtude da rápida e permanente evolução deste tipo de equipamentos.

Oferta formativa

Esta escola promove a actualização dos professores, através da organização de acções de formação de professores, orientados para temas de pedagogia ou para didácticas específicas. Actualmente, o modelo vigente de formação contínua de professores tem deslocado estes profissionais para centros de formação e escolas superiores, reduzindo claramente as oportunidades de formação partilhada e cooperada no espaço próprio da escola.

Estas acções de formação são essenciais para dar uma melhor resposta às diferentes necessidades da população escolar heterogénea.

Relativamente ao pessoal administrativo e auxiliar de acção educativa, as ocasiões de formação oferecidas são pouco frequentes, apesar de extremamente necessárias.

Oferta curricular

2º Ciclo do ensino básico

3º Ciclo do ensino básico

- 7º Ano com opção entre Educação Tecnológica e Teatro
- 8º Ano com opção entre Educação Tecnológica e Teatro
- 9º Ano com opção entre Educação Visual, Educação Tecnológica e Teatro
- **CEF**, Curso de Educação e Formação – tipo 2 – nível II – técnico/assistente comercial

Ensino secundário

- 10º/11º/12ª Ano – Curso Científico-humanístico
 - Ciências e Tecnologia
 - Ciências Sociais e Humanas
 - Artes Visuais
- 10º Ano – cursos profissionais do Ensino Secundário
 - Curso Profissional de Teatro
 - Curso Profissional de Técnico de Comércio
 - Curso Profissional de Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos
- 11º e 12º ano – Cursos Tecnológicos

- Tecnológico de Marketing

Análise do nosso estudo

A Escola Passos Manuel é uma escola que se caracteriza por uma população escolar muito heterogénea, acolhendo alunos de várias etnias e idades. No ano lectivo vigente, passou a integrar o 5º e 6º ano, o que levou à adopção e reformulação de algumas estratégias, algumas delas passaram pela contratação de mais auxiliares de acção educativa, reformulação de horários, passando o 5º e 6º anos para os turnos da tarde. Dado que se encontra a ser gerida, actualmente, por uma comissão provisória instaladora, encontra-se também em fase de construção o projecto educativo e o regulamento interno.

De acordo com as informações obtidas, no decorrer das entrevistas aos vários actores escolares, também esta escola padece do grande NÃO existente em grande parte das escolas portuguesas: o corpo docente não é estável, como seria desejado, mas a divergência de opiniões sobre este assunto, leva-nos a pensar que a percentagem de professores novos, em cada ano lectivo, é mais baixa do que nas outras escolas, também objectos do nosso estudo.

“Não. A partir de agora, será mais – como sabem, agora vamos ser colocados por três anos. No entanto, quem entra em Outubro permanece até ao fim...” (Prof. Rogério Frazão, Vice-presidente do Conselho Executivo)

“Sim, aqui é muito mais estável. E isso nota-se muito na relação: apanhas um miúdo no 5º e no 6º ano, acompanhas a turma.” (Prof. Nuno Archer, professor de EMRC)

Quando questionámos os diversos actores entrevistados sobre a incidência dos fenómenos de violência e indisciplina na escola, estes demonstraram um consenso geral: violência não é mesmo que indisciplina.

“Quer dizer, pelo menos a (in) disciplina parte da boa educação. Porque eu vejo aqui muitos alunos que, na prática, não têm praticamente disciplina nenhuma... A violência, por vezes acontece a violência entre eles porque eles se exaltam uns com os outros, às vezes até com a bola, pá... às vezes acontece no jogo da bola, um passa uma rasteira, o outro não gosta e pronto, começa logo a batatada...” (Sr. Diamantino, segurança e vigilante)

“Indisciplinado... eles muitas das vezes não sabem estar, por falta de educação, mas isso também já vem de casa. E o violento... eles muitas das vezes chegam a estes fins para conseguirem aquilo que querem. Mas também traz um bocado da educação em casa.” (Auxiliar de acção educativa)

“A violência pode ser enquadrada na indisciplina. A violência pode ser uma forma de indisciplina mas, a indisciplina não tem que ser necessariamente violência. Mas acho que

quando falamos de indisciplina podemos ir até à violência" (Professor Nuno Archer, professor de EMRC)

"A indisciplina é quando há uma falta daquilo que é considerado normal, quando há comportamentos que começam a ser desajustados. E o que é o desajustado? É quando se afasta daquilo que é a norma, quando se passa o limite. Mas não é o limite do que eu entendo, é o limite do que é a regra, do que é a norma. A violência é a agressividade, seja ela física ou verbal, seja dos alunos ou dos professores." (Prof. Rogério Frazão, Vice-presidente do Conselho Executivo)

" (...) A violência é já uma coisa num estado muito avançado do comportamento, assim desajustado..." (Prof. Rogério Frazão, Vice-presidente do Conselho Executivo)

Existem casos de violência pontuais e fenómenos de indisciplina, mais comuns, na escola, tendo-se verificado um aumento significativo destes acontecimentos, no presente ano lectivo, com a entrada do 5º e 6º ano. As agressões entre aluno – aluno são pontuais e não atingem proporções graves: um dos fenómenos violentos que ganha alguma relevância não é propriamente a agressão física, mas sim fenómenos de ostracismo.

"Mas a verdade é que há muitos problemas e, este ano, os problemas acentuaram-se porque vieram os miúdos pequeninos. E é uma escola fisicamente muito, muito grande onde acontecem muitas coisas que ninguém controla. Tem muitos espaços desprotegidos." (Prof. Nuno Archer, professor de EMRC)

"Aqui, nesta escola, tens miúdos completamente ostracizados, que a turma põe completamente de parte e que isso se nota no recreio. Isso faz-me muita confusão, ver a própria turma, enquanto grupo, ter elementos muito excluídos. (...) Eu acho que a violência passa muito por aí. Com certeza, se perguntarem às auxiliares, elas vos darão muitos exemplos de violência, mas a maior violência é essa, de pôr de fora, do que propriamente uma violência efectiva." (Prof. Nuno Archer, professor de EMRC)

" (...) Nós temos, efectivamente, aqui algumas questões de comportamento, como existem noutra escola qualquer. (...) Temos situações muito graves? Não. Temos uma situação mais grave, possivelmente, que são casos isolados, que nós imediatamente vamos atacar, conversando com o aluno, com o encarregado de educação e com as outras entidades que nos podem ir ajudando à volta, e vamos sempre tendo o feedback da evolução das coisas..." (Prof. Rogério Frazão, Vice-presidente do Conselho Executivo)

O chamado *bullying* também é frequente e manifesta-se sobretudo dos mais velhos sobre os mais novos e em alunos de diferentes etnias, sendo frequentes as perseguições e ameaças aos mais novos para obtenção de lanches, dinheiro, a perseguição repetida e sistemática e acções negativas.

“Há muito bullying, há miúdos que ficam... Eu, quando digo que há muito, não percebo se há muito realmente, mas eu tenho visto vários casos e tenho vários alunos que têm que dar os trocos e o lanche... E isto sente-se aqui de uma forma ilegível, porque depois, a verdade é que eles nunca fazem queixa. É uma escola muito grande...” (Prof. Nuno Archer, professor de EMRC)

“Isso aqui na escola é muito frequente. Eu tenho esta forma esquisita de falar (cioso), então... mas uma pessoa vai-se habituando, com o tempo. Aqui, por exemplo, os alunos de fora, os chineses, os de cor, são bastante penalizados na escola... Nota-se mais principalmente nos alunos. O ano passado havia aí um aluno chinês. E a meio do ano ele teve que se ir embora, porque não aguentava. Trancavam-no na casa de banho, roubavam-lhe a comida do bar e o dinheiro. E ele acabou por se ir embora. Acontece por vezes.” (Ruben, aluno do 12º ano)

A heterogeneidade das crianças que frequentam esta escola é considerada um factor positivo, uma vez que permite uma troca cultural diversificada entre toda a comunidade escolar, a coexistência de crianças de diferentes estatutos e com diferentes problemas sociais. Contudo, esta heterogeneidade também acaba por levantar alguns problemas mais diversificados e difíceis de detectar facilmente.

“Nota-se mais principalmente nos alunos. O ano passado havia aí um aluno chinês. E a meio do ano ele teve que se ir embora, porque não aguentava. Trancavam-no na casa de banho, roubavam-lhe a comida do bar e o dinheiro. E ele acabou por se ir embora. Acontece por vezes.” (Ruben, aluno do 12º ano)

“ (...) Tem muitos jovens e portanto, tem os problemas que são normais para quem tem muitos jovens. Eu acho que não tem problemas, exactamente assim... do tipo “Temos medo de ir para a escola”, em que eles se batem... Não, esta escola é uma experiência nova, tem meninos, pela primeira vez, desde o 5º ano até aos cursos profissionais. Tem jovens e portanto acho que estamos todos a aprender, os mais velhos a aprender a lidar com os mais novos, tem-nos feito muito bem a todos...” (Prof. Rogério Frazão, Vice-presidente do Conselho Executivo)

“Temos é uma escola com um contexto social que abrange um universo de alunos com condições sociais, económicas e culturais muitíssimo diversas, temos uma escola com todos os meninos, com essa heterogeneidade que consideramos uma riqueza. Temos aqui meninos de todos os estratos sociais e esta heterogeneidade que consideramos uma riqueza para todos, queremos viver com eles, temos esta perspectiva de inclusão, que passa para lá de tê-los cá – queremos contar com eles, com as coisas boas e menos boas e com o que cada um deles tem para dar e pode dar.” (Prof. Rogério Frazão, Vice-presidente do Conselho Executivo)

“ (...) Recebemos aqui, alunos de várias zonas, temos cursos profissionais, escolaridade normal, ensino secundário... é como vos digo, temos meninos que são chineses, ucranianos,

angolanos, cabo-verdianos, portugueses, temos um pouco de tudo, mas queremos viver muito bem com todos – e não queremos só porque queremos, mas porque entendemos que é esta a nossa função, enquanto escola pública que presta um serviço de qualidade. Temos sempre conseguido resolver os nossos problemas ou os problemas que consideramos de comportamento, de uma forma que eu acho muito equilibrada, sem grandes transtornos para a vida da escola.” (Prof. Rogério Frazão, Vice-presidente do Conselho Executivo)

Apesar dos muitos alunos existentes, nesta escola é disponibilizado um acompanhamento permanente aos mesmos, existem sempre professores que se encontram disponíveis para a recepção dos alunos, para falarem sobre os mais diversos assuntos; esta medida passa também por reduzir as suspensões, sendo que são aplicadas apenas em situações extremas.

“Queremos reduzir isso. O mais importante é a tomada de consciência, prefiro que um aluno me diga que fez mal, ainda que nós saibamos que amanhã vai fazer igual, nós também somos assim quem não erra. O que procuro fazer é pôr-me no papel do outro...” (Prof. Rogério Frazão, Vice-presidente do Conselho Executivo)

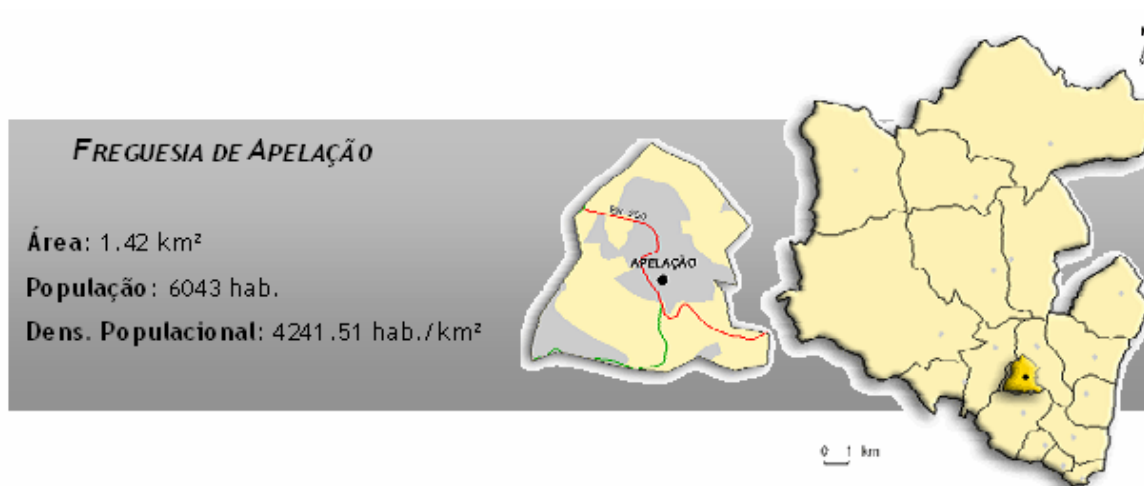
Apesar das dificuldades aparentes, trazidas pela heterogeneidade cultural e social, dos alunos que frequentam esta escola, o aproveitamento escolar é considerado satisfatório.

“Ainda estamos a fazer o levantamento das notas de 2º período. No 1º período, as coisas estavam mais ou menos equilibradas e o aproveitamento, de um modo geral, era satisfatório. Tínhamos insucesso pontual, em algumas turmas, e nesses casos temos que aplicar os planos de recuperação, que obviamente têm como principal objectivo a recuperação do aluno. E tivemos cerca de 80 a 90 planos de recuperação, no universo dos alunos da escola; à medida que há alterações no aproveitamento, os planos têm que ser reajustados. O objectivo destes planos não é reter mas prever a retenção. Se tínhamos 80 ou 90, têm estado a melhorar.” (Prof. Rogério Frazão, Vice-presidente do Conselho Executivo)

No ano lectivo 2006/07, o Liceu Passos Manuel, devido à influência da Comissão Provisória Instaladora responsável pela sua gestão escolar, virou-se para o futuro, propondo-se à mudança de mentalidades que a Escola do século XXI necessita. É, na nossa opinião, de louvar, o esforço e a entrega dos membros desta Comissão, no tratamento de questões como a heterogeneidade cultural e social, promovendo a tolerância e a inclusão, desmistificando a aparente importância destes factores no desenvolvimento de fenómenos de violência e indisciplina, ao contribuir para um ambiente escolar tranquilo e seguro, partindo de uma gestão baseada na relação e no diálogo com todos os membros da comunidade educativa. É de notar, ainda, o esforço destes para dar a conhecer a todos a sua linha de política educativa, com o objectivo de incentivar à participação de todos, abrindo a escola à comunidade e propondo a cada cidadão que faça parte desta comunidade educativa, tornando-a o mais abrangente possível; por outro lado, é visível a esperança no futuro, na concretização dos objectivos propostos para o próximo triénio, que passam pela implementação de um maior

sucesso escolar, pela mudança dos comportamentos desadequados e pela integração das minorias, num espaço-escola que é de todos.

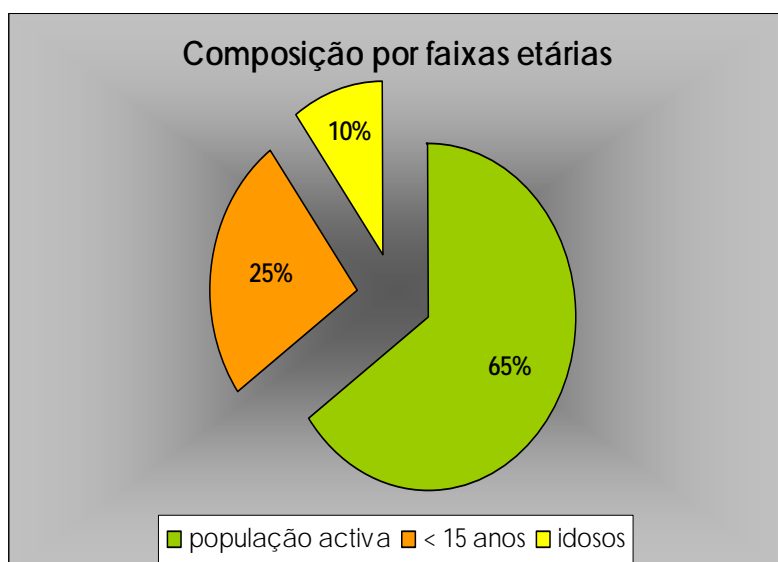
Caracterização da Escola Básica Integrada 1.2.3 da Apelação



Caracterização Histórica

A EBI 123 da Apelação situa-se na zona periférica da Apelação, perto do Bairro da Quinta da Fonte, que foi construído no âmbito do Plano Especial de Realojamento, no concelho de Loures, distrito de Lisboa.

Gráfico 5: Composição por faixa etária [14]



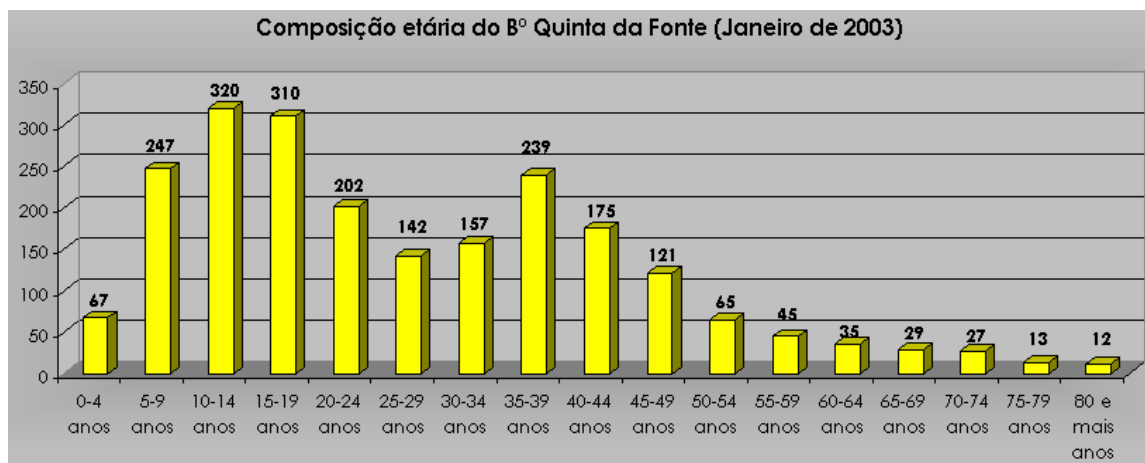
A população da Apelação é essencialmente constituída por cidadãos nacionais, no entanto, apresenta uma grande percentagem de habitantes oriundos de países africanos, nomeadamente de Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Guiné Bissau e, ainda, alguns elementos de etnia cigana. A população residente na Freguesia, segundo o INE nos últimos Censos, atinge 6100

habitantes. É de notar que o número de eleitores inscritos nos cadernos eleitorais, é precisamente 3800 habitantes, mais de metade da população.

Ao analisar a população por faixas etárias, nota-se uma predominância da população activa, a ocupar 65%, seguida dos menores de 15 anos, com 25% e dos mais idosos, a registar um valor próximo aos 10%.

A Freguesia da Apelação, ao longo dos últimos 40 anos, registou um crescimento gradual ao nível habitacional mas, em contrapartida, um fraco desenvolvimento económico, dado que em todo o território existem aproximadamente cerca de 60 estabelecimentos comerciais.

Gráfico 6: Composição etária do Bº Quinta da Fonte [13]



O Bairro da Quinta da Fonte é composto maioritariamente por indivíduos jovens: de acordo com dados recentes (de Janeiro de 2003), 28,7% da sua população não atingiu os 15 anos de idade, e 65,5% tem 34 ou menos anos. Trata-se, portanto, de uma população em idade fértil, presumindo-se que o crescimento natural seja particularmente significativo (até pelas próprias taxas de natalidade características das comunidades que compõem o bairro). Por outro lado, a incidência de fenómenos que geralmente iludem as estatísticas, como o acolhimento de parentes e conterrâneos ou o aluguer/venda clandestina de alojamentos, tendem a reforçar o crescimento demográfico do bairro.

Durante os 7 anos de vida do bairro, a sua população tem vindo a aumentar. A dimensão média dos agregados familiares do bairro suplanta largamente a da freguesia, sendo que a vasta maioria das famílias com cinco ou mais elementos da Apelação, reside na Quinta da Fonte, o que poderá prenunciar situações de sobrelotação de alojamentos.

A tudo isto acresce a dificuldade que as gerações mais jovens, algumas já com família constituída, terão em adquirir ou arrendar casa própria, dadas as carências económicas que afectam a generalidade da população do bairro: 57% das famílias declara (sobre) viver com 356,60 € mensais ou menos. A incidência de gravidezes adolescentes e de famílias monoparentais é outro dos problemas do bairro. Os espaços e equipamentos comuns dos prédios (elevadores, caixas de correio, intercomunicadores, portas, etc.) apresentam um avançado estado de deterioração, o que remete para a degradação das relações de vizinhança

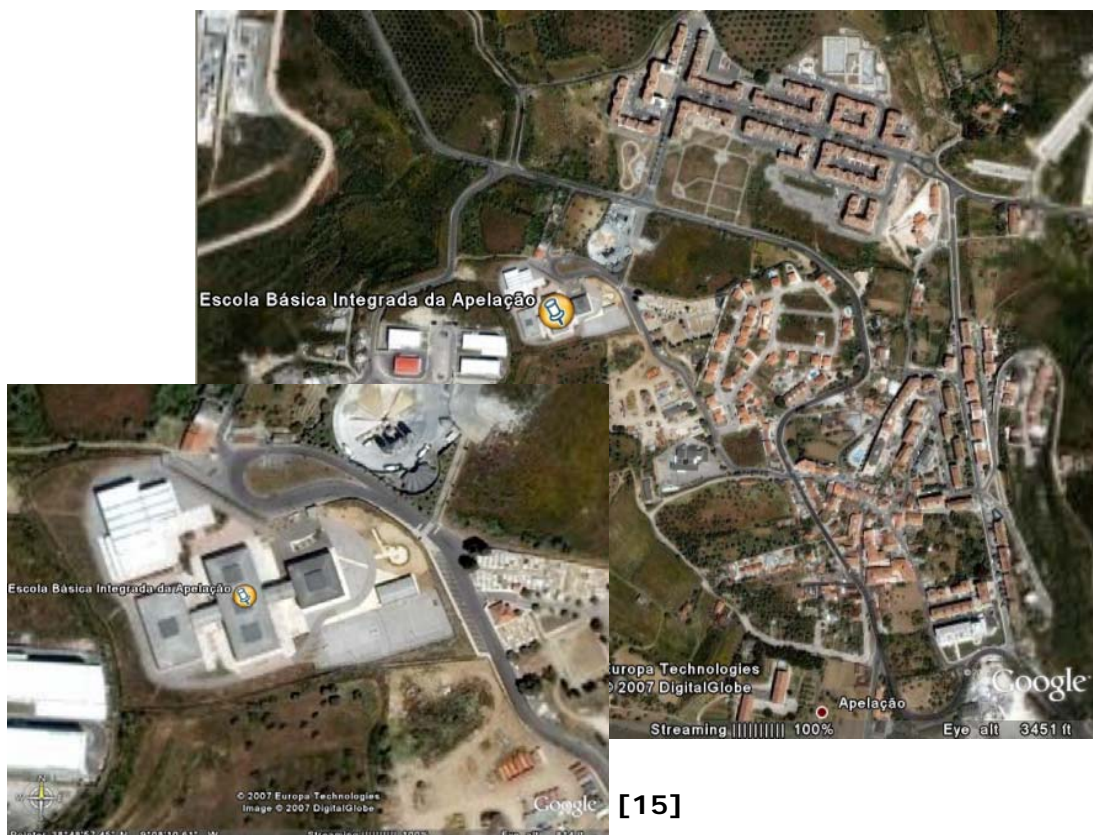
e para a delinquência juvenil. Neste domínio, a articulação entre campanhas de sensibilização para a preservação dos espaços e equipamentos comuns dos prédios e a promoção de actividades lúdicas alternativas para a juventude, poderão a prazo surtir o desejado efeito.

A população da Quinta da Fonte acumula uma série de desvantagens sociais, sendo que o bairro acaba por constituir, pela sua dimensão, uma autêntica bolsa de pobreza e de exclusão social. A geração de oportunidades escolares e profissionais afigura-se fundamental e prioritária para que, lenta mas seguramente, a exclusão ceda lugar à plena integração social.

A enorme pluralidade de bairros de onde proveio a população realojada, a conflitualidade étnica latente e a lógica arquitectónica do bairro, provocaram um aumento do sentimento de insegurança por parte da população já existente ("Apelação velha"), gerando alguns conflitos sociais.

A população deste bairro acumula uma série de desvantagens socio-económicas, que afectam dramaticamente o desempenho escolar destas crianças. O que é particularmente preocupante, na medida em que, nas sociedades modernas, é na escola que se desenham trajectos de mobilidade social ascendente.

A escola

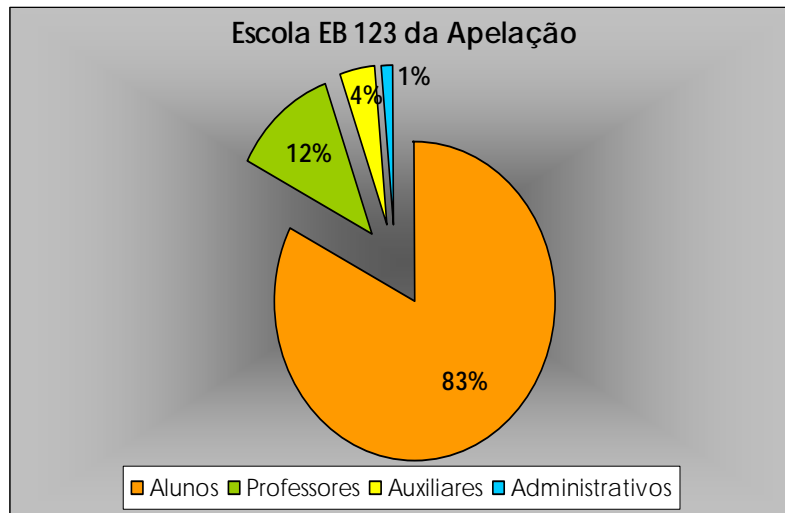


[15]

A EBI 123 da Apelação é uma escola relativamente recente, com boas infra-estruturas, condições e dimensões, actualmente, serve cerca de 350 alunos, abrangendo alunos desde o

1º ciclo até ao 3º ciclo (do 1ºano ao 9ºano). Como se pode observar no gráfico abaixo, esta escola conta com cerca de 51 docentes e 22 não docentes.

Gráfico 7: 344 alunos / 51 professores / 16 auxiliares / 6 administrativos [16]



A mobilidade dos docentes tem sido factor de instabilidade no cumprimento de objectivos definidos no projecto educativo, bem como contribuindo, em certa medida, para a indisciplina e insucesso.

Quadro económico-social e dinâmica cultural da área

Relativamente aos pais e encarregados de educação dos alunos que frequentam a EBI 123 da Apelação, como se pode observar no seguinte gráfico, verifica-se um baixo nível de escolaridade, do qual apenas cerca de 3 mães frequentam o ensino superior, sendo que a grande maioria não completou a escolaridade obrigatória. O mesmo se verifica em relação aos pais.

Gráfico 8: Caracterização dos alunos 2003/ 2004, EB1/ JI Apelação [13]

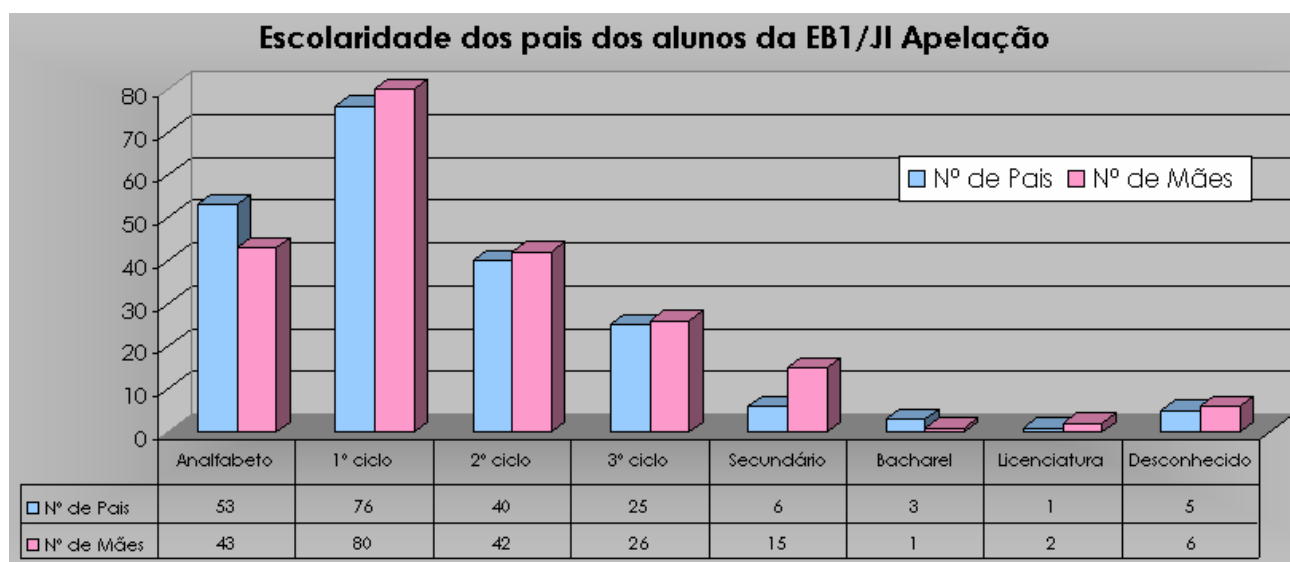


Gráfico 9: Principais profissões na Qta. da Fonte [13]

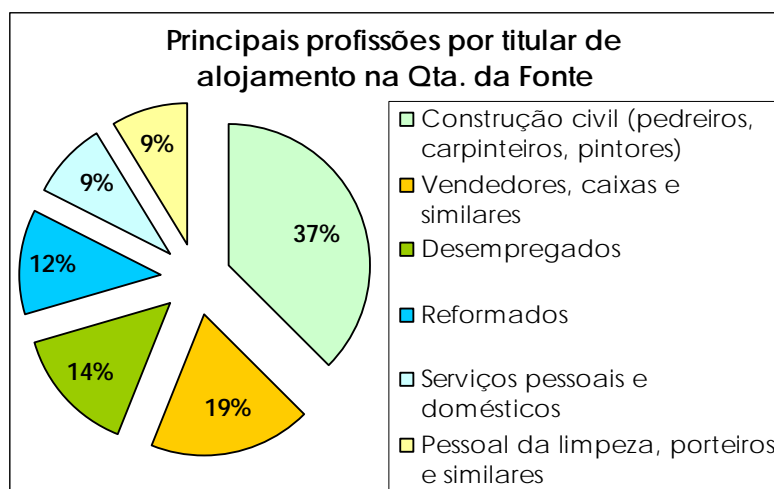
Os indicadores relativos à freguesia revelam ainda uma subida das taxas de analfabetismo de cerca de 1,3%, segundo os dados disponibilizados do INE, relativos aos Censos de 1991 em relação aos de 2001.

Esta dissonância foi em grande parte induzida pelo processo de realojamento da Quinta da Fonte (que quase duplicou a população da freguesia),

cuja população adulta detém fracos ou nulos recursos escolares. Não surpreende que, para estas crianças, a escola surja como um mundo estranho, um jogo de que desconhecem as regras.

O perfil de escolaridade dos pais reflecte que estas crianças provêm de meios já de si escolarmente desqualificados, e com toda a probabilidade também profissionalmente desqualificados. Note-se que estes dados não se restringem à Quinta da Fonte, pelo que tal será também, em boa parte, aplicável ao resto da freguesia (Apelação velha e bairros limítrofes).

A desqualificação profissional, a precariedade laboral e o desemprego são problemas que afectam esta população. A ausência prolongada dos pais origina diversas consequências nefastas, sobretudo para as crianças oriundas de meios socialmente desfavorecidos que permanecem desacompanhadas durante parte significativa do dia: alimentação insuficiente ou



desequilibrada, não-acompanhamento na realização das tarefas escolares, insucesso escolar, abandono escolar, início de trajectórias de delinquência, etc.

Caracterização da comunidade educativa

Como se pode observar na tabela seguinte, a população de etnia cigana encontra-se fortemente presente no 1º ciclo, mas apenas escassamente representada no 3º ciclo. A EB Integrada da Apelação sublinha a situação particularmente preocupante de abandono escolar precoce, na população de etnia cigana.

Tabela 3 - Número e proporção de crianças de etnia cigana na EBI Apelação [13]

	Nº de crianças a frequentar a EBI Apelação (2002/2003)		
	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo
Crianças de etnia cigana (nº)	42	32	3
Crianças de etnia cigana (%)	43,8	21,1	2,5
Total de crianças	96	152	122

Na Apelação, existem já duas instituições que promovem Actividades de Tempos Livres (A.T.L.'s), a I.P.S.S. O Nosso Mundo e a Associação Pastoral dos Ciganos. A primeira, procura articular com a EB1/ JI Apelação (estando inclusivamente localizada no espaço da referida escola), possuindo uma sala de A.T.L. com 58 crianças inscritas no início do ano lectivo de 2003/2004. A Pastoral dos Ciganos está instalada no Bairro Quinta da Fonte, prestando apoio a 50 crianças (necessariamente inscritas numa EB1), e ao contrário do que o nome poderia sugerir, não existem "restrições étnicas" à inscrição em A.T.L.: a sua população-alvo é a que reside no bairro, sejam crianças africanas ou ciganas.

É geralmente problemática a transição destas crianças para o 2º ciclo do ensino básico, na medida em que perdem o direito à frequência do A.T.L., uma vez que os acordos com a Segurança Social se restringem às crianças que frequentam o 1º ciclo. Sobretudo, no que diz respeito às crianças cujos pais são menos escolarizados, que são, sem dúvida, os de etnia cigana.

É claro que para o problema do abandono escolar, e em particular nas crianças ciganas, contribuem causas bem mais amplas (por exemplo, desadequação entre saberes escolares e expectativas profissionais), que não podem ser contrariadas apenas pela via da ocupação dos tempos livres. Por outro lado, os projectos *Apelarte* e *Escolhas* fornecem já um amplo leque de actividades ocupacionais, vocacionadas especialmente para os adolescentes. No entanto, a incidência dramática do abandono escolar precoce na população cigana, que de certa forma reproduz a sua marginalização social, exigiria porventura medidas de excepção que poderiam passar pela extensão das actividades de tempos livres (que, como é sabido, tendem a exercer um impacto positivo no rendimento escolar) aos alunos do 2º ciclo.

Principais problemas

Os principais problemas que se verificam na EBI 123 da Apelação são o insucesso, absentismo e abandono escolar precoce. As principais causas para estes problemas, segundo o Relatório da Rede Social da Câmara de Loures são as carências económicas (exemplos: acesso a manuais e material escolar, computadores, transportes, etc.); as dificuldades no domínio da língua portuguesa por parte de algumas comunidades de imigrantes; os baixos níveis de escolaridade dos pais; o divórcio percebido entre os currículos escolares e o mercado de trabalho (ou entre teoria e prática); e a desarticulação interna da comunidade educativa (escola, família, meio de origem). É ainda referido neste relatório que, na sequência destes problemas, podem ser originados outros como problemas disciplinares nas escolas; delinquência juvenil e trajectórias de marginalidade; dificuldades de inserção no mercado de trabalho, decorrente dos baixos níveis de escolaridade atingidos; empregos desqualificados, precariedade laboral e desemprego; reprodução das carências económicas. Os indicadores que podem ajudar a traduzir estes problemas foram as taxas de insucesso escolar; a distribuição etária dos alunos por ano de escolaridade; a incidência de problemas disciplinares nas escolas; o número de abandonos escolares; os apoios prestados pelos Serviços de Acção Social Escolar (SASE); o perfil de escolaridade e profissional dos pais.

A freguesia, mais especificamente o Bairro Quinta da Fonte, dispõe já de uma panóplia de programas, projectos e associações a trabalhar directa ou indirectamente nesta área, visando qualificar, escolar e profissionalmente estas crianças, desviando-as de trajectórias de delinquência e marginalidade. No entanto, é necessária uma maior articulação e imaginação no desenho e implementação de estratégias preventivas do insucesso escolar.

Análise do nosso estudo

A Escola Básica e Integrada da Apelação, através das suas estratégias, conseguiu diminuir significativamente a violência e indisciplina na escola.

"...Eu acho que o problema já não é só de uma escola, é muito mais geral. Por exemplo, a Apelação foi caos mesmo. Hoje em dia está muito melhor, mas foi caos mesmo." (Prof. Nuno Archer)

"...A Apelação está a fazer um caminho muito bom de transformação, de mudança, de abertura à comunidade, de colocar os alunos no centro do processo educativo, que é uma coisa que nem sempre acontece." (Prof. Nuno Archer)

Esta escola devido à sua localização e contexto social acarreta variadíssimos problemas, um dos principais é o choque cultural entre professores e funcionários com os alunos, visto a maioria dos alunos pertencer à etnia africana e cigana. Esta divergência cultural pode, por vezes, gerar conflitos difíceis de resolver.

"...que não acontece, por exemplo, na Apelação, que culturalmente é muito homogéneo e muito diferente da homogeneidade cultural dos professores, e portanto o choque é total." (Prof. Nuno Archer)

"...Mas todas as questões de justiça, culturalmente são muito diferentes, a questão da própria autoridade do professor. Por exemplo, na comunidade africana, o "cota", a autoridade do "cota", que é o elemento mais velho da comunidade e que pode ser tio, primo, vizinho, é sempre reconhecida. É uma coisa automática, os filhos fazem parte da comunidade, toda a comunidade é responsável pelas crianças. Portanto, os miúdos são automaticamente educados a reconhecer a autonomia destas pessoas mais velhas. Isto não acontece com os professores porque não fazem parte da comunidade." (Prof. Nuno Archer)

"...um contexto como este onde posso dizer que cerca de 90 e tal % dos miúdos são da comunidade negra e depois tem cerca de 2 a 3% da comunidade cigana que por questões de abandono nem estão cá." (Vice-presidente do Conselho Executivo)

A cultura é sem dúvida o aspecto mais marcante nesta escola, que adoptou como principal estratégia a abertura à comunidade, desde aí, o caminho tem sido longo e por vezes difícil, mas os resultados surgem e são bastante positivos. A escola é bastante dinâmica, há uma preocupação com os alunos e na sua ocupação, existem vários clubes a funcionar e diversas actividades culturais e lúdicas, a escola é flexível ao ponto de abrir aos fins-de-semana para realização de actividades, onde a comunidade participa e visita a escola.

"...Sim, porque os problemas são muito estruturais. Temos que mexer no bairro para mudar na escola. E temos que o fazer a partir da escola. E é uma escola com um ambiente completamente diferente." (Prof. Nuno Archer)

No que trata ao sucesso escolar, esse ainda está muito longe do desejado, infelizmente as salas de aula ainda não funcionam de acordo com o esperado, isto acontece por variadíssimos motivos e causas, não conhecer ou respeitar regras, não haver disponibilidade para aprender, e por vezes, alguns problemas com professores que não se inserem neste contexto. Apesar de tudo, tem vindo a melhorar muito lentamente. Este ano, por exemplo, a escola está a funcionar muito bem, o corpo docente é mais novo do que o costume e tem muita vontade de conseguir e cumprir objectivos, sente-se uma envolvimento entre todos os actores escolares. A instabilidade do corpo docente é, sem dúvida, um grave problema desta escola, que talvez possa ser combatido, com a nova medida das colocações por três anos.

"...Muito! E esse é o grande não da história desta escola! É perceber que estes miúdos se sentem abandonados sistematicamente porque não há um director de turma que vá com eles desde um 7º ano a um 9º ano, não há um professor que vá desde o 1º ano até ao 4º ano, não há um projecto que se desenvolva por um período de 2 ou 3 anos, ou seja, qualquer que seja

o projecto que se tenha de realizar de ano para ano..." (Vice-presidente do Conselho Executivo)

"...Outra questão, para resolver os problemas de relação professor – alunos, é o professor ter muito claro aquilo que é o seu papel e as coisas que pede, ser muito claro no que pede e muito coerente na maneira como depois segue isso – os miúdos também se habitam a perceber isso. Depois, há uma questão que é muito complicada, que nesta escola funciona, mas na Apelação é muito complicada, que é a descontinuidade da colocação dos professores – é o professor mudar todos os anos. Na Apelação, o corpo docente muda cerca de 98%, todos os anos – este ano já vai mudar um bocadinho – o que é muito complicado, porque a relação que se estabelece e funciona durante um ano, depois no ano seguinte é tudo novo outra vez e os miúdos começam a testar tudo outra vez. É uma chatice." (Prof. Nuno Archer)

As estratégias que a escola adoptou são várias, desde andar um membro do Conselho Executivo nos corredores a ver o que se passa e a relacionar-se directamente com os alunos, como a colocação de animadores (jovens do próprio bairro), que desempenham um papel importantíssimo, realizando actividades lúdicas nos tempos livres e trabalhos comunitários.

"...Agora, passam muito por estratégias diferenciadas – trabalhos comunitários, que é óptimo – dantes, estava entre a suspensão e a expulsão, se bem que depois acabavam por não expulsar muita gente... E hoje em dia, é exactamente ao contrário... a ideia é "Não sai, tem trabalhos para fazer" – trabalhos comunitários, vai para o bairro trabalhar – e hoje em dia, com o esquema que a escola montou, com os animadores nos recreios, conseguem fazer com que os miúdos cumpram esses trabalhos comunitários." (Prof. Nuno Archer)

"...Não temos feito outra coisa. Há n parcerias que se fazem, temos alguns elementos do bairro a trabalhar connosco que portanto são uma grande mais valia porque estabelecem aqui uma espécie de uma ponte o que permite algum respeito". (Vice-presidente do Conselho Executivo)

Se pensarmos que os clubes da escola são concorridíssimos, que quando lhes pedíamos o melhor, elas nos surpreendem com o espectacular, é por que querem, porque são capazes, porque estão motivadas, mas acima de tudo porque acreditam.

No fundo a escola não passa de mais um lugar onde é extremamente necessário que as pessoas se relacionem, se respeitam e se ouçam, de forma a que todos se sintam capazes de exercer o seu papel.

"...Não faz sentido a relação...não faz sentido educar sem pôr em situação. Nós podemos instruir e podemos passar a informação e podemos certificar-nos de que essa informação é retida ou não é retida. Mas isto é uma percentagem pequenina dos objectivos que nós temos enquanto educadores, não é? O objectivo da educação, como vocês sabem, mesmo do ponto de vista dos objectivos de lei de bases tem um peso enorme. Eu acho que não é possível

educar sem pôr em situação, ou seja, não é possível nós falarmos de, por exemplo, valores ou falarmos de comportamentos melhores ou piores, sem que os miúdos possam experimentar isso, não é? E portanto as aulas, o que eu tento fazer é que as aulas se tornem laboratório disso. E portanto passa muito por dinâmicas de grupo, passa muito por trabalhos de grupo, passa muito por sentir o grupo também, por fazer um caminho de grupo e eu acho que isso é uma coisa que funciona, que os miúdos vão percebendo. Não é uma coisa que tenha necessariamente uma disciplina muito, muito forte, ou seja, não é uma coisa do "Agora, isto funciona a regra número...". São regras que são definidas com eles e é um caminho que eles vão fazendo também, em grupo. E isso ajuda imenso a funcionar, porque as regras quando são definidas por eles, e são genuinamente definidas por eles, a questão não é "não posso fazer porque não quero", mas "não se pode fazer porque não faz sentido" (Prof. Nuno Archer)

"...Está claramente em mudança, quer dizer, a escola que tínhamos em 2000 não é a escola de hoje e a escola que tínhamos em 1998 não é a escola de hoje, já para não falar na escola pré-lei de bases. A verdade é que a escola muda muito rapidamente, aliás, eu tenho a impressão que, desde o principio desta nova direcção na escola da Apelação, a escola mudou do dia para a noite, foi uma mudança enorme. Agora, a verdade é que a escola cresce, sem dúvida, muito devagarinho e há um certo desfasamento entre aquilo que é a rapidez de aprendizagem dos miúdos e a rapidez de percepção e o funcionamento da escola." (Prof. Nuno Archer)

"A violência existe pela mais diferentes razões, o desemprego é uma delas, a perspectiva de futuro ausente é uma delas, há alcoolismo em muitos dos casos, isto falando não apenas dos alunos mas dos pais dos alunos, abandono escolar, há um conjunto de fenómenos que a escola não pode ter os ombros tão largos ao ponto de dar saída a isto tudo, não pode, as outras instituições tem efectivamente de funcionar." (Vice-presidente do Conselho Executivo)

"...uma das formas que eles encontram de resolver o problema é bater nos filhos. Portanto nós ficamos aqui com uma espécie de pau de dois bicos, porque não queremos propagar esta forma de violência por muito mais tempo, deve-se comunicar aos encarregados de educação para que estejam cientes das ocorrências simultaneamente em alguns casos pelo menos dos mais extremos, percebemos que ao comunicarmos o que daí advém é o filho levar um enxerto de porrada. E o enxerto de porrada torna o filho mais violento e ele vem mais violento para a escola portanto, isto aqui é um jogo muito complicado de se fazer." (Vice-presidente do Conselho Executivo)

"...Eu como elemento do executivo tenho evitado que isso aconteça, temos gerido bem essa questão de forma a que hajam elementos do executivo que tratem mais desses aspectos burocráticos e que outros lidem de forma mais directa com o contexto e com os miúdos. Para já temos conseguido." (Vice-presidente do Conselho Executivo)

Análise comparativa das três escolas

É sabido que a comunidade que habita o meio envolvente à escola determina, largamente, a população estudantil que a escola vai ter. As dificuldades existentes nessa comunidade vão estar patentes nas crianças em idade escolar.

Neste ponto do trabalho, optámos por fazer uma análise comparativa das três escolas objecto do nosso estudo de caso.

A escolha de três escolas, em zonas distintas, prendeu-se com o facto de querermos abranger o maior número de situações possíveis, relacionadas com o tema. Embora o objectivo deste trabalho não seja a generalização para a realidade escolar portuguesa, pode servir-nos, enquanto futuros professores, de preparação; nesse sentido, tentámos que essa fosse a melhor e mais abrangente possível.

Todas as escolas estudadas são alvo de uma intervenção pedagógica e social especializada, promovida pelo Ministério da Educação, sendo consideradas Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP). Estas escolas, têm, por isso, um conjunto de apoios do Ministério, que visa promover o sucesso escolar e a integração das comunidades envolventes na sociedade portuguesa. Devido ao meio em que se encontram e ao estatuto TEIP concedido pelo Ministério, estas escolas trabalham em estreita colaboração com a Escola Segura, os Tribunais e a Comissão de Protecção de Menores, no sentido de evitar várias situações de risco para crianças e jovens ou, em casos mais extremos, providenciar o encaminhamento das mesmas para instituições adequadas.

Na Trafaria, o meio envolvente é bastante desfavorecido, grande parte da população escolar vivem em condições precárias, sem água potável, casa de banho ou luz eléctrica. O realojamento da anterior população noutros locais e a ocupação territorial por parte de pessoas sem apego à terra e sem meios de subsistência, fez aumentar as taxas de alcoolismo, toxicoddependência e tráfico de drogas, aumentando, conseqüentemente a taxa de famílias destruídas e de violência familiar, constituindo um problema social de fundo, sem resolução à vista e caracterizado pelos responsáveis da escola como uma comunidade que vive na Idade Média e abaixo do limiar de pobreza. A escola, instalada numa antiga fábrica, possui poucas condições: os balneários estão degradados, não existem salas de convívio e refeitório em condições e as salas de aula encontram-se mal conservadas. O corpo docente é bastante instável, o que aliado à falta de pessoal não docente contribui para o aumento dos casos de indisciplina registados, meramente por insuficiente supervisão dos alunos. A escola fecha às 16 horas, o que retira aos alunos a possibilidade de frequentarem actividades extracurriculares que lhes permitiria ocupar o seu tempo livre; desta forma, os alunos da escola da Trafaria são, após o período de aulas, novamente “despejados” para o meio envolvente, que em nada lhes é benéfico, podendo contribuir para que estas crianças se percam, criando fortes condições para a ocorrência da delinquência juvenil. Neste ponto, a escola mostra-se passiva, esperando decisões de entidades superiores como a autarquia, o Ministério da Educação ou o Governo sobre o destino da localidade, para então se lançar ao desafio de tornar estas crianças capazes de lutar por um futuro melhor. Como razões para o insucesso escolar, esta escola escuda-se na baixa escolaridade dos encarregados de educação e na falta de interesse dos alunos para aprender. O abandono escolar ocorre geralmente entre os 11 e os 13 anos de idade; a explicação que a escola encontra para esta situação prende-se com razões de sobrevivência. Os objectivos de aprendizagem são mínimos, de forma a poder garantir a estes jovens o mais básico instrumento de defesa, que é também a base mínima da cidadania e da literacia: ler, contar, escrever e resolver problemas práticos.

Já no caso da escola da Apelação, a perspectiva é bem diferente. O meio envolvente é constituído por um bairro recente, construído no âmbito de um plano especial de realojamento, na altura em que foi construída a Expo 98. no entanto, a nível social, a envolvência é igualmente degradante. O realojamento juntou, num só bairro, todas as franjas desfavorecidas da região, aquelas pessoas que ninguém queria em lado nenhum. Assim, e apesar de ser recente, o meio que envolve a escola da Apelação não deixa de ser um bairro-gueto. Apesar de ter uma habitação condigna, a população não deixa, por isso, de ser desfavorecida. Os baixos níveis de escolaridade da população contribuem para a precariedade laboral e o desemprego. A pobreza, a exclusão social, o abandono e absentismo escolar e a gravidez adolescente constituem problemas preocupantes, que afectam directamente o desempenho escolar das crianças. No entanto, a escola da Apelação não deixou de continuar a lutar pelas crianças e jovens da zona, sendo um parceiro activo na superação dos problemas da comunidade escolar e do bairro. Gerida por um Conselho Executivo experiente em comportamentos desajustados e

com uma estratégia bem definida, em três anos, a escola da Apelação melhorou significativamente. O esforço continuado e concertado dos professores, auxiliares e Conselho Executivo, levou à implementação de várias medidas, tais como as punições com trabalhos comunitários, de forma a não premiar os alunos mal comportados com uns dias de férias, a criação de clubes e grupos que permitem a ocupação dos tempos livres dos alunos e a abertura da escola à comunidade, para que possam participar activamente nos destinos da mesma e para que possam usufruir das actividades abertas a todos, que se realizam aos fins-de-semana. Estas medidas parecem, finalmente, começar resultar e a colher frutos: houve uma diminuição da violência entre pares e para com professores e funcionários, diminuição do *bullying*, implementação de estratégias de sala de aula para prever e evitar indisciplina e roubos (ainda muito presentes, mesmo que em pequenas coisas).

Aqui, a indisciplina pode ser explicada fundamentalmente pelas diferenças culturais entre os alunos e os professores e funcionários. Visto que a população estudantil provém maioritariamente de estruturas familiares destruturadas ou negligentes, este choque cultural tem um peso maior e os ânimos exaltam-se facilmente. Para juntar a este sentimento de revolta e de falta de esperança notório nas crianças, junta-se ainda a enorme instabilidade do corpo docente (cerca de 98% do corpo docente é renovado a cada ano lectivo), que contribui para reforçar o sentimento de abandono, por parte das crianças (tanto dos professores como da própria sociedade, que os exclui), dando-lhes mais uma razão para se revoltarem.

O objectivo da escola da Apelação é dar a estas crianças a capacidade de sonhar com dias melhores, inculcando-lhes a esperança de uma vida melhor e dando-lhes uma perspectiva de futuro, que passa pela continuação dos estudos.

O Liceu Passos Manuel é uma escola antiga, com uma traça característica da época em que foi construído. Situa-se numa zona residencial, no centro da capital e possui uma grande área ao ar livre, com jardim e campo de jogos. A comunidade escolar é muito heterogénea, sendo representativa da comunidade envolvente à escola, tanto nível económico, como a nível cultural e social.

A escola apresenta uma grande oferta educativa e reúne alunos numa faixa etária entre os 10 e os 20 anos.

O corpo docente é, também, instável, embora não tanto como nos casos anteriores; o pessoal não docente revela-se insuficiente para supervisionar todos os alunos, pelo que se registam alguns casos de indisciplina e *bullying*, embora a sua importância no espaço escolar não reúna consenso. A grande maioria destes casos passam despercebidos aos órgãos de gestão, porque os alunos não fazem queixa, tornando-se comportamentos ilegíveis num universo de mais de 1000 alunos.

A Comissão Provisória Instaladora revela uma estratégia que privilegia a relação com os alunos, como forma de mudar os comportamentos desajustados e promover a tolerância pela diferença e a inclusão das minorias em espaço escolar e na sociedade em geral. Assim, esta escola aposta numa estratégia que perspectiva um serviço público de qualidade, através da estreita relação com vários parceiros; está ciente das mudanças que a Escola, enquanto instituição, tem que promover, para se adaptar à realidade multicultural do século XXI e às necessidades e interesses dos alunos e caminha nesse sentido.

Apesar de todos os factores considerados impulsionadores do insucesso escolar que esta escola possui, o aproveitamento no 1º período revelou-se satisfatório, visto que foram accionados apenas cerca de 90 planos de recuperação, num universo tão grande de alunos.

Assim, cabe-nos concluir, desta análise, que a atitude da escola (órgãos de gestão e membros da comunidade educativa) é fundamental para superar os fenómenos de violência e indisciplina no espaço escolar. Uma escola activa e verdadeiramente coesa nos seus objectivos e nas suas estratégias de combate ao problema da violência, pode superar tais questões. A estratégia de relação com os alunos, na tentativa de perceber os seus comportamentos e a ocupação dos seus tempos livres são atitudes fundamentais na superação das dificuldades, tanto a nível de comportamentos desajustados como a nível social. E porque a escola é um espaço de todos e para todos, deve investir-se na erradicação destes problemas, para que seja possível que todos os alunos se sintam bem, num ambiente de harmonia, pois esta é a única de forma de manter os alunos na escola, para além da escolaridade obrigatória, condição essa que é fundamental para elevar os níveis de literacia e cidadania do nosso país.

Conclusão

A atitude da escola é fundamental, para a superação dos fenómenos de indisciplina e violência. A escola deve ser um parceiro da sociedade, na formação de cidadãos responsáveis e activos social e profissionalmente. Isso só se torna possível se a escola tiver um papel activo no controlo de comportamentos desajustados e indesejáveis. Erradicando esses comportamentos, é possível transformar a escola num espaço agradável para todos, contribuindo, na medida do possível, para a manutenção dos alunos na escola, para lá da escolaridade obrigatória, o que permitirá elevar os níveis de literacia da população portuguesa.

Quando as pessoas se empenham, se interessam, se preocupam, e principalmente se relacionam, muitas das coisas que à partida pareciam impossíveis de se fazer ou conseguir, acontecem quase naturalmente e inspiram confiança para que todos possam usufruir do melhor que a escola, como instituição pública nos pode oferecer, conhecimento, amizade, valores, atitudes, e só nos envolvendo com as pessoas com os projectos e acreditando neles conseguimos concretizar tudo isto.

Como refere Raoul Vaneigem *"não há crianças estúpidas; o que há é educações imbecis"* (VANEIGEM, 1996, p.73), isto é, não há crianças que não queiram ou não gostem de aprender, existem é diferentes maneiras de aprender e ensinar, e estas adaptam-se sempre.

"Se a escola não ensina a lutar a favor da vontade de viver, ensinando a agir em prol da autoridade, há-de assim condenar gerações sucessivas à resignação, à servidão e a uma revolta suicida. (...) Não imagino outro projecto educativo que não seja o de a pessoa se criar no amor e no conhecimento do que é vivo" (VANEIGEM, 1996, p.21)

A estratégia a adoptar não é consensual, mas entende-se que uma escola preocupada e atenta consegue muito mais dos seus alunos.

Como futuros professores devemos desenvolver uma relação de confiança com os nossos alunos, bem como estar atentos aos sinais que eles nos dão.

É fundamental Ver, Ouvir, Refletir e Agir.

Reflexão - Ana Prieto

A violência e a indisciplina, enquanto fenómenos do espaço escolar, derivam de uma multiplicidade de factores. A observação de tal realidade, nas três escolas estudadas, com contextos diferentes, permitiu-nos perceber que estes comportamentos são, geralmente, a expressão de algo que está muito errado, na vida das crianças que os praticam, funcionando como um último grito de revolta, uma última tentativa de chamada de atenção.

Os comportamentos desajustados das crianças, em espaço escolar, podem ser minimizados, desde que a escola mantenha uma postura activa de ocupação dos alunos e centre neles o seu processo educativo; e isto nem sempre acontece, existem escolas e pessoas mais activas do que outras. Os estudos referem que as infra-estruturas e os espaços de recreio condicionam os comportamentos desajustados, mas no nosso estudo de caso, não tínhamos escolas assim tão diferentes, quanto às infra-estruturas, que nos permitisse verificar tal cenário.

Nem todas as crianças violentas e indisciplinadas são pobres, doentes ou de famílias destruídas; no entanto, todas as crianças de que falámos, ao longo das nossas entrevistas, tinham bastantes problemas, independentemente da condição social, económica e cultural.

Quando começámos este trabalho, eu pensava que a violência era um problema de uma geração sem educação em casa e com pais permissivos e negligentes. Pensava que os fenómenos de violência e indisciplina aconteciam indiscriminadamente, sem razão aparente, e que o professor não tinha como evitar ou prever tais situações.

No final deste trabalho, acho que a violência é um mito, fundamentalmente porque depende da concepção de cada um. O professor não é um mero peão na situação violenta, pode inclusivamente ser o potenciador da mesma, porque não soube prevenir ou controlar as

situações, ou porque não soube impor-se. É verdade que existem muitos pais negligentes e permissivos, porque deixam os filhos todo o dia, sozinhos em casa, porque os deixam fazer tudo quando estão com eles, porque não lhes dão uma noção de regra e norma, que qualquer criança deve ter, mas nem todas essas crianças são indisciplinadas ou violentas. Cada caso é um caso e temos que saber lidar com ele, como único que é; porque cada criança tem razões diferentes para ser agressiva, violenta ou mal comportada: as suas razões.

Mais do que fazer um bom trabalho, estava aqui uma oportunidade de preparação para o futuro, de lidar com as situações estando de fora mas estando muito perto, de ver as diferenças entre o que é mediatizado e o que realmente aconteceu; de perceber que há uma razão para tudo e que nos é possível perceber essa razão, em cada criança, não para a justificar, mas para a ajudar, para a recuperar dos seus problemas e dar-lhe esperança, para que possa continuar a ser criança e crescer feliz.

Acho que, independentemente das opiniões por nós formadas convergirem ou divergirem, aceitámos o desafio e cumprimos o objectivo: estamos preparadas!

Reflexão – Cláudia Fernandes

Ao fim de um semestre a ler, ouvir, falar e pensar na violência e indisciplina escola, chegou o momento e parar para reflectir.

Nos dias que correm, os conceitos violência e indisciplina estão envoltos numa bruma, não existindo uma concordância de vozes sobre a sua definição.

Se para uns dizer palavrões é uma violência, para outros constitui uma indisciplina ou até mesmo uma mera forma de chamar a atenção.

No meu ponto de vista, a violência e o colmatar da indisciplina, é o seu extremo, podendo episódios de indisciplina mal controlados conduzir ao fenómeno de violência.

Os fenómenos de violência são mais comuns, generalizados, fáceis de aceitar e ocorrem geralmente na sala de aula.

Enquanto que a violência é pontual e muitas vezes escondida, para que transpareça que a escola ainda controla os seus alunos, e como estância obrigatória na vida de todos, ainda é segura.

Penso que não se pode dizer que na base desta problemática está o factor x, y, ou z, prefiro dizer que na sua base está um abecedário de factores, por um lado considero-o um fenómeno multidimensional mas por outro lado um problema singular, pois se numa determinada escola actuam uns factores, numa outra os factores serão certamente distintos.

Uma coisa é certa, este é um problema que deve ser combatido, o que passa pela compreensão dos seus factores, construção e aplicação de estratégias de combate à violência e indisciplina na escola.

Não espero mudar a sociedade nem exterminar estes problemas da escola (mas vale a pena tentar), se algum dia me defrontar com este tipo de situações, tentarei compreender a razão da sua ocorrência, mas principalmente tentarei criar relações com os alunos e restantes intervenientes na vida escolar de modo a preveni-las.

Reflexão – Inês Henriques

A violência na escola é um tema bastante controverso que tem vindo a ser alvo de uma enorme mediatização por parte dos media, que tem gerado algumas noções equivocadas na sociedade.

Na minha opinião este estudo contribuiu muito para a desmistificação de algumas ideias preconcebidas que eu tinha, tendo sido determinante a visita a estas três escolas com ambientes e contextos tão distintos.

Antes de iniciar este estudo, possivelmente influenciada pela opinião pública geral, imaginava que a escola da Trafaria e da Apelação fossem potencialmente mais “perigosas” e degradadas fisicamente, em relação à escola Passos Manuel.

No entanto, com a visita a estas escolas foi possível observar directamente as especificidades do quotidiano escolar, bem como compreender os problemas fulcrais de cada escola através dos testemunhos prestados por alguns dos actores escolares que foram entrevistados e deste modo, reconstruir determinadas ideias equivocadas que eu tinha.

As três escolas visitadas actualmente não apresentam problemas a nível de violência, apenas na escola da Apelação se verificam alguns casos pontuais, o principal problema é sim a indisciplina, mas este é um problema generalizado das escolas inerente à cultura juvenil, no qual o professor assume um papel fundamental no controlo da sala de aula. É de salientar que a escola da Apelação apesar de ser a que apresenta a população escolar mais problemática é notável o trabalho desenvolvido pelos docentes e não docentes nesta escola, uma vez que eles assumem um papel activo na resolução dos problemas e no controlo de possíveis conflitos que possam surgir. É surpreendente como num contexto social tão desfavorecido há de facto

peças tão empenhadas nesta escola em abrir os horizontes a estas crianças e dar-lhe outras perspectivas de vida e esperança.

Em contraste com a escola da Apelação, a escola da Trafaria do meu ponto de vista encontra-se extremamente passiva em relação aos problemas com que se confronta, de facto os principais problemas vem do bairro em frente à escola, onde grande parte dos alunos vive. A passividade que senti por parte dos docentes nesta escola foi de facto o que mais me indignou, para além disso parece-me absolutamente incrível que numa escola que “serve” uma comunidade escolar como a da Trafaria feche às quatro da tarde. Nesta escola ainda há muito a fazer, nomeadamente, penso que era fundamental uma renovação do corpo docente, com formação e motivação para enfrentar os problemas sociais com que esta escola se confronta.

Em resumo, apesar de não existirem fórmulas para controlar estes problemas, a postura que o professor assume é determinante, assim como a abertura da escola à comunidade. Contudo, estes problemas abrangem imensos factores que não se podem controlar.

Reflexão – Raquel Machado

A violência é um fenómeno que se nos apresenta das mais diversas formas, e que todos os dias chega a todos nós pelas mais diversos meios. A violência é um assunto hoje comum, “normalizado”, talvez devido à maneira como é interpretada e à frequência com que ocorre e se discute.

As escolas como locais sociais feitos por pessoas, não ficam à parte deste assunto, embora na maioria dos casos a violência ocorra de forma pontual, o que não significa que não seja grave. A escola de hoje está sujeita a uma série de fenómenos que são reflexos da sociedade e do mundo em que vivemos, e o mundo actual em que vivemos não é propriamente pacífico.

As três escolas que visitamos não são escolas violentas, têm problemas de acordo com o contexto em que estão inseridas, a escola da Trafaria sofre de uma violência não física, mas psicológica, os problemas graves são de foro social e é difícil à escola solucionar-los. O liceu Passos Manuel é uma escola de grande dimensão tanto em termos de espaço como no número de pessoas que a frequentam, e aí os seus problemas também têm origens diferentes, a escola da Apelação é talvez a nível de funcionamento dentro da escola a que pode apresentar maior índice de violência, muitas vezes devido ao choque cultural entre professores e alunos e também desconhecimento de regras e da autoridade. Os diferentes contextos sociais podem sem dúvida influenciar o quotidiano escolar, mas não é vinculativo fazer correspondências entre contextos sociais desfavorecidos – escolas violentas, ou vice-versa.

A violência nas escolas pode ocorrer por diversos motivos, os comportamentos mais indisciplinados ou agressivos podem muitas vezes não passar de uma forma de chamar a atenção, e por isso devemos todos estar atentos a isso.

Penso que tanto problemas de indisciplina, violência, insucesso, abandono, entre outros, podem ser mais rapidamente detectados e solucionados se os professores conhecerem os seus alunos, se relacionarem com eles, ouvirem e compreenderem os seus problemas e a sua origem. Ser professor é ter a responsabilidade de compreender que somos o ser adulto que talvez mais acompanhe as crianças no seu dia-a-dia, por isso aquele que se elas precisarem está lá e em quem podem confiar.

Reflexão – Sandra Mendes

Como espectadora a realidade que tinha destes fenómenos era a que me era dada a conhecer pelo mediatismo que este tema tem vindo a ter nos media, relativamente à minha experiência escolar, não deparei com muitos fenómenos de violência mas sim de indisciplina. Antes da realização deste estudo, tinha algumas ideias preconcebidas sobre o fenómeno violência e os factores que poderiam estar associados, diria mesmo que tinha uma ideia simplista do fenómeno. A oportunidade de realizar este trabalho juntamente com as minhas colegas em três escolas com características tão diferentes, permitiu-me repensar a minha concepção do fenómeno de violência.

Nas escolas em questão, antes de termos iniciado o estudo já ia com algumas ideias “estereotipadas”, como por exemplo, associava que o facto de a escola da Trafaria e Apelação estarem inseridas em meios problemáticos, estas seriam o retrato do meio envolvente sendo bastante violentas. E de certa forma estas escolas não deixam de representar o meio envolvente, provavelmente se estas crianças fossem de zonas menos problemáticas alguns problemas que se reflectem nas escolas não existiriam.

Contudo depois de poder privar com algumas crianças, pode me aperceber que não são na sua maioria crianças a que possamos atribuir a palavra violentas, sim é um facto, usam vocabulário pouco apropriado têm uma forma por vezes “agressiva” de falar e actuar com as outras pessoas, mas até que ponto podemos considerar isto como actos de violência.

A maioria destas crianças cresceram em meios problemáticos e com pessoas que agem segundo, fora daquilo que é considerado a "norma", para estas crianças esta é a única "norma" que conhecem e a única forma de se relacionarem com as outras pessoas, não estou a tentar desculpar algumas atitudes mais incorrectas que possam ter, mas não acho que tenham uma índole má e concordo que de certa forma estas crianças são moldadas por um meio que condiciona as suas atitudes perante os outros.

Um facto curioso que deparei com algumas crianças que entrevistamos é que elas sabem quando agem mal e geralmente têm atitudes desafiadoras ou incorrectas com professores por exemplo que acham que são muito rígidos, que não dão muita importância nem se preocupam com o que pensam ou como se sentem, ao contrário por sua vez reconhecem e pedem desculpa quando agem mal com professores que gostam.

Outra questão que surge muito entre estes miúdos é a questão da liderança, há uma grande preocupação em se afirmarem perante os outros colegas e esta é uma das razões que leva a situações ditas violentas, sejam físicas ou psicológicas.

Os focos de violência embora muitas vezes associados a crianças com carácter desviante, não partem de todo, só destas crianças, são vários os factores que podem despoletar este fenómeno, crianças de qualquer estrato social, a própria forma como a escola se organiza, a participação dos actores escolares, muitos ainda não se encontram preparados para lidar com determinadas realidades, e os próprios factores externos à escola inerentes à sociedade.

Avaliando numa perspectiva mais crítica relativamente às escolas, penso que a escola que tem uma participação "menos" activa é a escola da Trafaria, embora se denote um reúnio de esforços para adaptar estas crianças à escola, ainda se verificam bastantes lacunas que poderiam ser melhoradas, e penso que parte essencialmente da vontade e esforço colectivo de todos os actores intervenientes no espaço escolar, mas para tal é preciso haver predisposição o que implica um acompanhamento mais próximo fora aulas e disponibilidade que nem sempre há.

Embora todos os entrevistados se tenham disponibilizado a responder as nossas questões, foi notório que ainda há uma certa contenção para falar destes temas e por vezes há mesmo a naturalização destes fenómenos. Contudo de uma forma geral achei que felizmente pelo menos nestas três escolas, há pessoas que se esforçam por construir uma escola mais inclusiva, onde a aprendizagem não se faz só numa sala de aula mas sim de forma cooperativa abrangendo todos os actores da comunidade escolar e extra-escolar.

Não existem receitas para resolução de muitos problemas que se prendem com estes fenómenos mas nos dias de hoje a escola, é não só um meio de conhecimento e formação de cidadãos, é também um meio de socialização, aprendizagem de valores e atitudes e não pode

de forma alguma ficar indiferente aos problemas que se colocam actualmente na sociedade é preciso haver uma abertura das escolas ao mundo e problemas.

Referências Bibliográficas

- Ana Nunes de ALMEIDA e Maria Manuel VIEIRA, A escola em Portugal: novos olhares, outros cenários, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2006.
- João SEBASTIÃO, Mariana Gaio ALVES e Joana CAMPOS, “Violência na Escola: das políticas aos quotidianos” in *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 41, pp. 37-62, 2003.
- Raoul VANEIGEM, Aviso aos alunos do básico e do secundário, Edições Antígona, Lisboa, 1996 (1ª edição 1995).
- [1] Alexandre VENTURA, “A gestão da indisciplina dos alunos”, 2001, <http://www2.dce.ua.pt/docentes/ventura/ficheiros/documpdf/gest%C3%A3o%20da%20indisciplina%20dos%20alunos.pdf> (Junho de 2007).

- [2] João AMADO e Isabel FREIRE, "Definições, incidência e causas da violência em Portugal" <http://www.bullying-in-school.info/pt/content/contexto/violencia-na-escola/portugal-texto-integral.html> (Junho de 2007).

- [3] <http://br.monografias.com/trabalhos/violencia-nas-escolas/violencia-nas-escolas.shtml> (Maio de 2007).

- [4] http://www.ipv.pt/forumedia/3/3_fe5.htm (Junho de 2007).

- [5] Programa Escola Segura - http://www.portaldocidadao.pt/PORTAL/entidades/MAI/PSP/pt/SER_programa+escola+segura.htm (Junho de 2007).

- [6] Relatório Final do Grupo de Trabalho "Violência nas Escolas" http://www.motricidade.com/download/pdfs/RelatorioFinalViolenciaEscolas26Abril07_.pdf (Junho de 2007).

- [7] Programa Escolhas - <http://www.programaescolhas.pt/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=47#> (Junho 2007).

- [8] Comissão de Protecção de crianças e jovens (CPCJ) - http://www.pgr.pt/portugues/grupo_soltas/faq/menores.htm (Junho de 2007).

- [9] Bombeiros Voluntários da Trafaria - trafaria.sirene.pt/corpo_bomb.htm (Junho de 2007).

- [10] INE - Censos 2001 - <http://www.ine.pt/> (Junho de 2007).

- [11] Junta de Freguesia das Mercês - <http://www.jf-merces.pt/> (Junho de 2007).

- [12] Escola Secundária Passos Manuel - <http://web.archive.org/web/20050414093227/www.esec-passos-manuel.rcts.pt/index.htm> (Maio 2006)

- [13] Retrato da Freguesia da Apelação - http://www.cm-loures.pt/RedeSocial/diag_res_ape_fri_unhos.aspx (Junho de 2007).

- [14] Dados estatísticos da freguesia da Apelação - <http://www.jf-apelacao.pt/html/03-6.html> (Junho de 2007).

- [15] Google Earth (Junho de 2007).

- [16] Comunidade escolar da Apelação - <http://www.jf-apelacao.pt/html/08.html> (Junho de 2007).

■ [17] Projecto Educativo (TEIP 2)- Comissão Provisória do agrupamento de escolas da Trafaria.

■ [18] http://www.gnr.pt/portal/Internet/escola_segura/ (Junho de 2007).

Agradecimentos

A todas as escolas que nos receberam (Escola básica 2,3 da Trafaria, Liceu Passos Manuel e Escola básica e integrada da Apelação) e a todas as pessoas que se disponibilizaram a responder às nossas entrevistas.

À professora Mariana Alves

Ao João Fernandes e Hugo Domingos

À Isa Pitarma

A todas nós que ao longo de todo o semestre e em momentos de grande tensão conseguimos cooperar e manter o espírito de equipa.

Anexos

Entrevistas realizadas na Escola da Trafaria

Alunos

Catarina Nunes 7º 2º

1. Que idade tens?

12

2. Que ano frequentas?

7º

3. Tens boas notas?

Tenho, não tive negativas

4. O que fazes nos teus tempos livres?

Ver televisão, ir ao computador

5. O que é que fazes no computador?

Jogos, estou no messenger, vou à net

6. O que é que fazes na net?

Vou ao hi5, faço trabalhos quando é preciso, uso tanto para brincar como para trabalhar.

7. O que é que queres ser, quando fores grande?

Ou bióloga ou economista

8. Porquê?

Economista porque ganha-se dinheiro, muito dinheiro, bióloga porque eu adoro animais.

9. Qual é a tua disciplina preferida? E a que menos gostas?

As que mais gosto Geografia, educação física, musica ET. E as que menos gosto matemática Português, História

10. Como é a zona em que vives? Seguro? Giro?

Vivo em Almada na avenida do Cristo rei, é seguro e é gira gosto de lá morar, mas gostava mais de viver nesta casa porque tinha quintal.

11. E porque é que andas aqui nesta escola tão longe de casa?

Porque eu morava aqui no bairro pica galo e depois mudei-me para lá, para o ano que vem já vou estudar para lá para a escola Anselmo de Andrade.

12. Com quem vives?

Com o meu pai, mãe e irmã

13. As pessoas com quem vives trabalham em quê?

O meu pai é electricista e a minha mãe é doméstica e minha irmã estuda, no 10 ano.

14. Obténs ajuda de adultos na realização dos trabalhos escolares? Quem? E com que frequência?

Sim, da minha irmã, ao meu pai e à minha mãe, quando tenho duvidas porque a matéria que eu percebo estudo sozinha.

15. Gostas de andar na escola?

Gosto, apesar de já estar farta da escola

16. Porque vens à escola?

Porque quero ser alguém na vida

17. O que mais gostas de fazer na escola?

Aprender mais, de brincar,

18. O que é que mudavas na escola?

Os intervalos podiam ser maiores, por exemplo quando saímos de educação física não temos tempo para tomar banho

19. Como te sentes na escola? Seguro?

Sinto-me bem, e mais ou menos segura, porque nos anos anteriores havia um grupo de alunos que roubavam outros miúdos mais fracos, a mim nunca me fizeram nada porque a minha irmã andava cá na escola.

20. Consideras que existem roubos na escola?

Neste momento não sei, no ano passado havia, este ano está mais calmo.

21. O que é que mudou para ficar mais calmo este ano?

Os pief que se foram embora, são meninos que não conseguem ir para a escola deles e vêm para a nossa e quando vieram para cá estragaram tudo, a escola já era um pouco fraca e com eles ficou pior.

22. Como é a tua relação com os professores? Porquê?

Eu dou-me bem, também não gosto de criar conflitos com os professores

23. Na vossa turma há alunos que se portam mal, que já trataram mal os professores?

Já mandaram com mesas pelos ares com o Fábio porque se zangaram entre eles

24. Se a escola tivesse uma cor qual era?

Ou amarela ou azul porque são as cores da Trafaria

25. Sentes-te ou já te sentiste ameaçado / gozado por algum colega? Já te sentiste ameaçado por um colega?

Não, eu tenho um amigo que no ano passado era bastantes vezes roubado, roubavam-lhe o telemóvel ou dinheiro, porque ele deixava, não fazia nada e se ele não desse batiam-lhe, também lhe chamavam nomes, mas isso nesta escola já é o normal.

26. A tua escola tem apoios da autarquia ou outro?

Não sei, mas deve receber, agora a escola está melhor.

27. Achas que a escola te oferece actividades de tempos livres? Quais?

Há o grafiti o hip-hop, a biblioteca, mas nunca está aberta a horas, quando há actividades participo, mas como temos aulas à tarde não temos tempo para ir a certas actividades.

28. Quando estás na aula, sentes dificuldade em aprender? Se sim porquê?

Não, as vezes há uma coisa ou outra que me dá a volta à cabeça, porque a stora é fixe mas tem que puxar mais por nós, mas não tem nada a ver com existir barulho na sala, de vez em quando fazem um barulhinho mas vai tudo ao normal

29. Gostas dos teus professores? Se não porquê?

Gosto, gosto de todos.

30. Costumas ir às aulas?

Sim, nunca falto às aulas.

Cláudia 5º ano**1. Que idade tens?**

14 Anos.

2. Que ano frequentas?

5º, já chumbei no 2º ano duas vezes, porque tinha dificuldades e depois a minha irmã pôs-me numa explicadora.

3. Tens boas notas?

Não tive 3 negativas

4. O que fazes nos teus tempos livres?

Ouço música, vejo televisão, jogo à bola

5. O que é que queres ser, quando fores grande?

Não sei, gosto de fazer mensagens

6. Qual é a tua disciplina preferida? E a que menos gostas?

Educação física, porque não preciso de estudar, e a que gosto menos é inglês porque não gosto nem da professora nem da disciplina.

7. Como é a zona em que vives? Seguro? Giro?

No Monte da Caparica, não gosto de lá viver porque me mudei para lá e não gosto da gente que está lá, antes vivia aqui na Trafaria e gostava mais. Lá também tenho amigos mas a minha mãe não me deixa fazer nada porque diz que tem medo que eu vá para a rua porque é perigoso mas eu vou na mesma...ela não está lá. Eu não tenho medo.

8. Com quem vives?

Com a minha mãe, o meu pai e os meus irmãos, tenho 11 irmãos eu sou a mais nova, mas agora lá em casa só vivemos 5.

9. As pessoas com quem vives trabalham em quê?

O meu pai não trabalha porque tem a mão aleijada e a minha mãe trabalha numa casa (doméstica).

10. Obténs ajuda de adultos na realização dos trabalhos escolares? Quem? E com que frequência?

Ao meu cunhado mas só para matemática, as outras coisas não preciso de ajuda, raramente lhe pergunto coisas.

11. Gostas de andar na escola?

Não, não gosto das aulas, não vejo utilidade na escola.

12. Porque vens à escola?

Porque a minha mãe me diz que tenho que aprender se não o que é que eu vou ser quando for grande? Mas venho porque quero, mas se pudesse escolher não vinha à escola e ficava na rua a brincar.

13. O que mais gostas de fazer na escola?

Gosto de estar aí no bar ou andar por aí a passear. Gosto do projecto escolhas porque é o mais fixe na escola fazem actividades fixes.

14. O que é que mudavas na escola?

Mudava tudo, não havia aulas pois ninguém gosta da escola só uma colega minha porque é a mais inteligente.

15. Como te sentes na escola?..inseguro

Sim.

16. Consideras que existem roubos na escola?

A mim nunca me roubaram nada aos meus colegas de turma também não

17. Como é a tua relação com os professores? Porquê?

É boa, só me porto mal quando eu quero, mas só falo alto, os meus pais não dizem nada só as minhas irmãs.

18. Se a escola tivesse uma cor qual era?

Azul-bebé porque é a cor que eu gosto mais.

19. Sentes-te ou já te sentiste ameaçado / gozado por algum colega? Já te sentis-te ameaçado por um colega?

Não, se eles gozam eles levam porrada. Mas há um colega que nós estamos sempre a gozar com ele porque ele é gordo e chamamos-lhe moby dick

20. A tua escola tem apoios da autarquia ou outro?

Não sei

21. Achas que a escola te oferece actividades de tempos livres? Quais?

Fazemos jogos inter turmas mas não é sempre mas acho que deviam ser mais como ter mais jogos na escola.

22. Quando estás na aula, sentes dificuldade em aprender? Se sim porquê?

Às vezes, quando eu não percebo, quase sempre há muito barulho na aula e eu não percebo as coisas.

23. Gostas dos teus professores? Se não porquê?

Só não gosto da de inglês porque ela é má e muito rígida.

24. Costumas ir às aulas?

Sim só não fui a uma aula porque o "stôr" não me abriu a porta porque eu cheguei atrasada, também não falto porque aqui na escola não se faz nada.

25. Queres estudar até quando?

Para mim é só até ao nono.

26. Qual é a tua relação com os auxiliares de acção educativa?

É fixe eles são muito fixes.

Nuno Castanheira

1. Que idade tens?

16

2. Que ano frequentas?

8º

3. Tens boas notas?

Tive 4 negas a inglês, francês, matemática e francês

4. O que fazes nos teus tempos livres?

Jogo à bola e faço body board

5. O que é que queres ser, quando fores grande?

Não sei, quero ir para a tropa para a marinha

6. Qual é a tua disciplina preferida? E a que menos gostas?

Educação física porque é desporto e matemática porque as aulas são uma seca e não gosto da professora porque me esta sempre a pôr na rua.

7. Como é a zona em que vives? Seguro? Giro?

Cova do Vapor, gosto de lá e é seguro não há problemas lá.

8. Com quem vives?

Com a minha avó, pai e irmão que tem 14 anos e anda nesta escola

9. As pessoas com quem vives trabalham em quê?

O meu pai é pescador e a minha avó não faz nada.

10. Obténs ajuda de adultos na realização dos trabalhos escolares? Quem? E com que frequência?

Não, nem cá na escola porque não fui chamado para o apoio

11. Imagina que em vez de ires suspenso te davam um castigo como limpar a escola o que preferias?

Eu ficar em casa a jogar playstation, não podia era ir para a rua porque o meu pai não deixava e levava porrada.

12. Já foste suspenso?

Quer que eu diga quantas? Já fui já para aí umas 10 vezes porque fazia porcaria, porque era estúpido.

13. Gostas de andar na escola?

Preferia estar na praia mas... tenho que estar aqui

14. Porque vens à escola?

Para estar com os meus amigos

15. O que mais gostas de fazer na escola?

Eu nada, estar com eles aqui.

16. O que é que mudavas na escola?

Tudo punha uma sala para fumadores porque há alunos que fumam (eu não), um campo de futebol melhor, um ginásio, trocava de "stores", não punha era cá "stores", e tirava a direcção da escola porque eles não fazem nada.

17. Como te sentes na escola?..inseguro?

Eu ya!

18. Consideras que existem roubos na escola?

19. Como é a tua relação com os professores? Porquê?

Com alguns é bacana porque me dei bem com ela percebe-nos, nos falamos com ela, ela entra na nossa onda.

20. Se a escola tivesse uma cor qual era?

Verde clarinho

21. Sentes-te ou já te sentiste ameaçado / gozado por algum colega? Já te sentiste ameaçado por um colega?

Não, mas já ameacei um colega, pelo gozo, mas se tivesse na situação dele não gostava. Isso acontece com qualquer um mas mais com o Caravela.

22. A tua escola tem apoios da autarquia ou outro?

Não sei

23. Achas que a escola te oferece actividades de tempos livres? Quais?

O hip-hop, atletismo mas devíamos ter mais desfiles, jogos de bola, uma sala de jogos com matraquilhos.

24. Quando estás na aula, sentes dificuldade em aprender? Se sim porquê?

Eu não, as vezes matemática quando estou a falar com os outros é claro que tenho dificuldades.

25. Gostas dos teus professores? Se não porquê?

De alguns, dos que não gosto são estúpidos às vezes nem podemos dar um ai.

26. Costumas ir às aulas?

Eu vou sempre às aulas. Às vezes falto para ir para a praia.

27. O que achas do programa escolhas?

Acho que é bom para os alunos mais velhos aqui na escola, tenho um colega que foi para um curso, eu não fui porque um amigo me disse para não ir.

Professores

Professora Cláudia Pintado**1) Que disciplina lecciona?**

Português e francês, mas agora é só Português porque estou no 2º ciclo.

2) Quanto tempo tem de "serviço"?

Este é o 5º ano.

3) Já leccionou em escolas problemáticas a nível de violência?

Já estive no Monte da Caparica, que também tem uma certa fama (na EBI), no ano passado estive num centro educativo, com rapazes dos 12 aos 16 anos, apesar de haver um com 18.

Mas este ano é um pouquinho mais difícil, nunca me tinha confrontado com estes problemas que têm havido aqui, com miúdos muito difíceis, tenho uma turma muito indisciplinada.

4) Há quanto tempo nesta escola?

É o 1º nesta escola

5) Tem sucesso na sua disciplina?

Nas outras turmas sim, mas naquela não, dei 3 positivas em 19, nas outras tenho no máximo 2 a 3 negativas.

6) Que estratégias utiliza para motivar os seus alunos?

Nas outras desde bonequinhos, o quadro e exercícios orais, mas com a problemática, também já tentei de tudo, até vídeos, mas eles não...

7) De que anos são essas turmas?

Uma é do 5º (a problemática) e as outras do 6º

8) Qual a razão para eles não aprenderem e terem esses comportamentos?

Muita coisa, desinteresse total, há alguns casos que sim, mas no total há desinteresse. Até as miúdas com positivas podiam ter excelentes notas, já tentamos ficar caladas enquanto eles estão a falar e estivemos caladas 90 minutos calada.

9) O que é ser professor?

Tudo, é o que eu gosto de fazer, é o que eu escolhi, vim trabalhar com crianças que é o que eu adoro.

10) Gosta da sua profissão?

Muito

**11) Tem conhecimento de problemas entre professores e alunos? Se sim, consigo?
Como considera a melhor forma de ultrapassar esses problemas**

Alguns, violência mais verbal do que física, verifica-se muitas intervenções dos pais,

Comigo já aconteceu, nada de muito grave mas já...

12) Pode dar um exemplo de violência que se tenha passado consigo ou do seu conhecimento?

Estou todos os dias a aprender e todos os dias arranjo uma coisa diferente, uns dias calo-me, outros tenho que responder, outros tenho que os pôr na rua, outros dias atura-se um pouquinho mais e depois passa, ficam por ali, mas todos os dias tem que ser uma estratégia diferente porque eles rapidamente adoptam a nossa estratégia e conseguem dar a volta por cima.

13) Consegue dar-nos um exemplo de um caso de violência que se tenha passado consigo ou com algum colega?

Uma vez um menino numa turma, que está sempre a falar, e deu-me uma resposta um pouco incorrecta e eu estou muito na brincadeira até mesmo a dar a matéria e disse-lhe “então tas em casa ou que? não estas a falar com os teus pais” O que digo imensas vezes ele disse: veja lá o que diz que eu não estou a gostar da conversa. E houve outro que disse: “oh professora! Ele não tem pai!” ao que eu respondi: eu não perguntei se ele tinha pai ou não, só lhe perguntei se ele estava em casa e se fala assim com as pessoas lá em casa, não tem que me estar a responder assim! E ele foi saiu, mas antes de sair e bater com a porta mandou-me ir “trabalhar um pouquinho mais para o outro lado”.

14) Da experiência que tem esta turma foi a mais problemática? A do 5º ano

Sim esta foi a mais problemática que tive até hoje, níveis mais baixos de ensino.

15) Tem conhecimento de agressões no espaço escolar?

Entre eles? Sim, e entre eles e professores nunca. Mas entre eles até na própria sala e toma proporções elevadas com cadeiras a voar, fica tudo bem quando são postos fora e vão para o conselho executivo, basta uma boca que o outro menos goste para desencadear estas situações.

16) Sente-se seguro na escola?

Acho que sim, até agora ainda não conseguiram invadir o meu espaço, nunca me tocou directamente a mim. Nem tenho medo que isso aconteça, se pensasse nisso não vinha dar aulas para a escola. Mesmo que eles fossem maiores não teria medo, o que aconteceu no ano passado, eles eram maiores e nunca tive problemas, é mais difícil disciplinar os miúdos do 5º ano.

17) Que factores considera responsáveis pelo fenómeno da violência na escola?

Depende da zona onde estão, juntam-se todos, formam os grupos deles e resolvem tudo à pancada, em principio penso que o estatuto deles é muito uniforme e isso pode ser responsável.

18) Considera que os pais participam na vida escolar dos alunos? Porquê? Quando lhes é solicitado, são actores participantes?

Na minha direcção de turma sim, quando faço reuniões aparecem quase todos e fora das reuniões também com recados na caderneta eles vem, nas outras deixa um pouco a desejar.

19) Se a escola tivesse uma cor, qual seria?

É conforme os dias, há dias que está muito branco e outros muito negro, entre o branco e o negro, mas não lhe consigo responder.

20) Acha que o próprio espaço físico da escola pode influenciar o comportamento das crianças, pois eles passam grande parte do tempo na escola, e a nível de actividades acha que são as suficientes?

Há de tudo aqui, quase todas as tarde quando eles não têm aulas há actividades, há o grupo de teatro, o trampolim, o futebol, o atletismo, aqui há montes de coisas, podiam aproveitar o que tem aqui, se calhar chegam a casa e não tem metade das coisas que tem aqui.

21) Alguma vez foi violento para um aluno? Porquê?

Acho que não, a não ser que se sintam ofendidos com alguma coisa que eu tenha dito, aquele caso que eu contei ele ficou super ofendido com aquilo que eu lhe disse.

22) O que é que a escola pode mudar, para solucionar todos estes problemas?

O sítio, não pode fazer mais do que tem feito, eles tentam arranjar e amainar todas as coisas que se passam por aqui, é mesmo dos miúdos, a escola evita as expulsões e as suspensões.

23) Em vez de expulsões e suspensões quais são as sanções usadas?

Não podemos fazer muito mais, eu se fosse eu punha os miúdos a fazer trabalhos comunitários, mas por lei não se pode, e aqui os mais não iriam aceitar muito bem isso.

24) Que tipos de apoios têm dos poderes locais, bem como outras entidades governamentais e não governamentais? Acha que são suficientes?

Tenho assim conhecimento sobre isso.

25) Roubos?

Só ente eles.

26) Onde acaba a indisciplina e começa a violência?

Começa na falta de respeito no início, e depois agrava e torna-se violência

27) Bullying

Não tenho conhecimento

28. Em relação às estratégias e actividades eles aderem bem?

Quando vão connosco ao centro de recursos, eles aderem mas, depende por exemplo ainda esta semana estivemos a ver um filme sobre o 25 de Abril com a tal turma e correu lindamente, é assim, de vez em quando está tudo bem, mas só de vez em quando.

29. Que perspectivas tem para o futuro destas crianças?

Eu espero que consigam tudo de bom e que tirem um curso superior mas sei que muitos deles não vão lá. Muitos ficam pelo 6 ano, alguns vão até ao 9º

Isso acontece por iniciativa própria dos miúdos ou por pressão dos pais?

Os miúdos não têm mesmo interesse e estão aqui porque são obrigados a estar aqui, eles não vem aplicação em nada porque não estão minimamente interessados. Mas não são todos

30. Relativamente à comunidade cigana como é que os vê?

Tenho 4 na minha turma e eles dão-se muito bem com os outros miúdos e depois tiram boas notas, tirando as gémeas que já vêm com grandes dificuldades mas outros 2 são bons. Eles querem continuar os estudos pelos menos até ao 9º ano. Elas como casam devem abandonar mais cedo, com eles não tenho nenhuns problemas.

Professor Fernando Inácio com participação da professora Delfina Zacarias**1) Quanto tempo tem de "serviço"?**

28 Anos

2) Já leccionou em escolas problemáticas a nível de violência?

Sim, algumas, por exemplo na escola do Barreiro que estive a dar aulas à noite com alunos "recolectivos", que na altura era assim que se chamavam, eram alunos com 16/17 anos no 2º ciclo e havia problemas indisciplina e droga e casos complicados.

3) Há quanto tempo nesta escola?

14/15

4) Que disciplina lecciona

EVT e ET

5) Tem sucesso na sua disciplina?

Não, muito pouco

6) Que estratégias utiliza para motivar os seus alunos?

Trabalhos práticos, que eles gostam muito, ir de encontro ao que eles gostam de fazer em EVT e ET que tem sofrido uma evolução ao longo dos tempos, mas é basicamente isso.

7) Mas por exemplo os meninos mais pequenos portam-se melhor?

Há turmas do 5º e 6º muito interessadas e no 7º têm curiosidade em aprender e em trabalhar com as máquinas.

8) O que é ser professor?

Essencialmente é também educar, ajudá-los a crescer.

9) Gosta da sua profissão?

Acho que sim, gosto!

10) Tem conhecimento de problemas entre professores e alunos? Se sim, consigo?

Isso sempre existe, passa-se tudo dentro de um controlo, a escola tem controlo nos alunos, não há aqui casos extraordinários.

11) Como considera a melhor forma de ultrapassar esses problemas? Pode dar um exemplo de violência que se tenha passado consigo ou do seu conhecimento?

Um pai entrou aqui e agrediu dois professores, eu estava no grupo dos agredidos, entretanto fui à casa de banho e quando regresssei deparei-me com aquela situação. A mim parece-me que parte tudo de casa, se os miúdos são bem-educados as coisas correm bem aqui, se eles ouvem em casa os pais sempre a afrontar os professores, depois vêm para aqui e fazem a mesma coisa, devia haver mais respeito.

Este meio envolvente é muito carente e que leva a isso. E isso tudo tem um pouco de influencia porque às vezes não se pode pôr as culpas nos pais, porque às vezes até há pais que são impecáveis e eles chegam aqui e uns com os outros e a influencia do grupo na maneira do procedimento, porque muitas vezes eles não querem ficar atrás, ou querem ser lideres ou coisa do género e depois vê-se aqui.

12) Se as crianças fossem de estratos sociais diferentes a situação seria diferente?

Pois, eles influenciam-se muito uns aos outros. O mau é mais fácil de seguir que o bem. Os pares são muito importantes e também a situação familiar, as carências que eles têm o nível económico e afectivo, porque os pais trabalham e eles sentem-se muito sozinhos.

As vezes revelam comportamentos que é a parte emocional que não está trabalhada, a auto-estima está em baixo o que leva a comportamentos que não são os mais indicados, se falarmos individualmente com eles é totalmente diferente se eles estiverem no meio da turma que tomam logo outro comportamento. Se estivermos sozinhos com eles tornam-se mais amáveis, mais afáveis, dizem que sim a tudo e muito arrependidos, chegam lá fora e acabou tudo.

13) Tem conhecimento de agressões no espaço escolar?

Sim, entre alunos, de vez em quando acontece é tudo fruto de serem crianças.

14) Quem são os habituais intervenientes?

Os principais intervenientes são os alunos.

15) Sente-se seguro na escola?

Sim

16) Que factores considera responsáveis pelo fenómeno da violência na escola?

O contexto envolvente pelo menos nesta escola, é o contexto que envolve a escola.

E não só o espaço físico e material, também não é apelativo muitas vezes se for ver, não têm bancos para estarem no recreio, uma sala para eles estarem, as salas são frias de Inverno e quentes de Verão, tudo isso proporciona. Para já o meio envolvente e depois todas as questões materiais.

Precisávamos de uma escola nova!

Porque até temos muitas actividades, por exemplo têm um grupo de música muito bem que envolve muitos alunos na escola, eles têm que estar muito concentrados e como é que nas aulas a concentração é tão pouca.

17) Considera que os pais participam na vida escolar dos alunos? Porquê? Quando lhes é solicitado, são actores participantes?

Cerca de 40% dos pais participa.

18) Porquê?

Também por causa dos horários de trabalho, não digo que seja falta de interesse mas também um pouco por causa do horário, há pais que saem muito cedo de casa e chegam muito tarde e quase não vêem os filhos. Tenho sido director de turma ao longo dos anos e constatei.

19) Como é que a escola tenta contornar esse problema?

Marcar as reuniões mais tarde fora do horário de trabalho depois das 18 e mesmo sim não é fácil de eles comparecerem

E hoje em dia eu acho que o ministério da educação entre os media funciona um pouco como, o professor é que é o responsável de tudo e os pais é que têm o directo a tudo e eu acho que muitas vezes é aí que está o mal, porque não pode ser só o trabalho da escola que consegue fazer com que o aluno progrida, se não houver do outro lado, da parte dos encarregados de educação e da parte dos pais também um pouco de interesse para que o aluno se sinta motivado não pode ser só a escola, a escola em si sozinha não consegue temos é que os esforços se unirem, quando há de um lado e de outro vê-se que há uma progressão muito grande.

20) E aqui conseguem ver essas duas faces da moeda?

Vê-se perfeitamente

21) Se a escola tivesse uma cor, qual seria?

Azul porque estamos perto do mar e são as cores de Almada e da Trafaria.

Eu também ia para o azul, mas para não repetir o meu colega, falo no verde desta mata toda que está aqui e da esperança de um dia isto ainda ser melhor de cada vez se poder fazer alguma coisa de melhor.

22) Alguma vez foi violento para um aluno? Porquê?

Violento, violento não mas impor respeito, impor a autoridade própria do professor, isso já muitas vezes tive que o fazer, não é? Porque os professores que não impõem respeito e autoridade e permitem tudo aos alunos, também não estão a ser amigos deles.

Não se pode ser permissivo!

E eu sou um bocado permissivo, deixo as coisas ir mas tem que se impor a autoridade.

Tem que haver uma distância saudável.

Tem que haver autoridade com reciprocidade que é a chamada democracia na sala de aula mas há funções diferentes, a de ensinar e a de aprender.

E se muitas vezes o professor perguntar qual seria a punição dada por eles aos actos que eles praticam, a punição deles é muito maior que a que o professor faria.

23) O que é que a escola pode mudar, para solucionar todos estes problemas?

Uma escola nova, neste sítio que é muito bom mas condições estão muito degradadas, e por vezes limitam, trabalhamos com aquilo que temos mas as condições limitam.

Quando as condições de trabalho são melhores pode ter-se melhores resultados, ta bem que por vezes não ter condições leva mais à imaginação mas nem sempre resulta. E responsabilizar os alunos que o espaço é deles, que eles devem ter mais cuidado, não estragar tanto

24) E qual é a melhor forma de os responsabilizar, de chamar a atenção que aquilo é para eles?

É complicado porque há uns que aceitam muito bem e se nós dissermos que isto é de todos é meu e é teu porque são os nossos impostos também e as vezes custa ver estragar, as vezes da vontade de dizer: agora tenta tu arranjar, ou então também funciona o género de estragou/pagou, porque quando sai do bolso garanto-lhe que as pessoas já pensam duas vezes se vão estragar.

25) Isso levanta-nos outra questão, há escolas que como sanção aos maus comportamentos adoptam os trabalhos comunitários acha que seria possível?

Os pais não aceitariam muito bem, há poucos funcionários para vigiar a tarefa e também não está na legislação e íamos contra a legislação, eu já estive em varias escolas que usavam esse método e num caso com um presidente do conselho executivo que era bastante duro, punha-os a limpar as mesas em frente ao recreio todo e eles ... para eles aquilo era....mas era uma forma de os responsabilizar eu acho que quem estraga tem que pagar, tem que ser responsável por aquilo que estraga, porque senão nunca mais se mentaliza que não pode estragar.

Mas ultimamente nesta escola já tem acontecido isso: que estraga, se tiver condições para pagar, paga, se não tiver ...não é...

26) Que tipos de apoios têm dos poderes locais, bem como outras entidades governamentais e não governamentais? Acha que são suficientes?

Agora esta escola é TEIP o que lhe dá uma maior autonomia, também foi aqui criado o projecto escolhas e acho que se funcionar como eu acho que deve funcionar, vai ajudar bastante, porque tem assistente social, tem psicóloga, e isso parecendo que não vai dinamizar de outra maneira, apesar delas também sentirem que é complicado muitas vezes, até no

próprio escolhas, que tem temas que eles gostam, eles não correspondem, mas eu acho que é bom aqui para a escola, vai fazer uma ligação com a família também vão lá a casa. Os apoios nunca são suficientes.

27) Roubos?

Acontece muitas vezes entre alunos, nunca afectam os professores nem os funcionários, não são frequentes, o conselho executivo está em cima do acontecimento.

28) Onde acaba a indisciplina e começa a violência?

A violência pode ser física ou pode ser verbal, mas não é semelhar, quando eles nos ofendem e aos colegas verbalmente estão a ser violentos, violência física é notório quando acontece.

Indisciplina são aquelas coisas da idade, irreverência, tentar afirmar a personalidade.

29) Um aluno que manda um professor ir “trabalhar para outro lado”, é violência verbal ou indisciplina?

Isso é violência verbal, mas também depende daquilo que a pessoa aguenta.

Por exemplo um professor mais jovem quer afirmar-se mais e ao afirmar-se mais por vezes cria mais conflito, e há outra coisa que eu tenho dito a muita gente, por exemplo há professores que dizem: é o que tu vês em casa, ou em casa é o que fazes, eu nunca digo isso, é melhor dizer: olha os teus pais se estivessem a ver o teu comportamento de certeza que não iam gostar absolutamente nada” eu vejo logo neles que eles caem, agora se eu começar a dizer: “ahhh tu em casa” não! O que eu posso dizer é: não penses que estas a falar com os teus amigos” isso já digo. Porque isso pode ser levado como um ataque à família. Ainda no outro dia tive aqui um miúdo que tinha vindo para a rua porque um colega falou no pai e falei com ele e disse-lhe: “o Vítor, tu ficaste muito ofendido pelo teu colega dizer isso do teu pai, mas agora diz-me uma coisa que é que ofende mais o teu pai, foi o teu colega por dizer isso ou tu que não andas a trabalhar nada e só tiveste negativas?”

30) Eles aceitam este gabinete de ética?

Aceitam, já aqui tem alguns feito as pazes e quando eles vem para a rua estão aqui e sentem que não vão para a rua brincar e ao sair daqui vão para o centro de recursos onde vão fazer um trabalho.

31) Consideram que nestas escolas de acção prioritária, com alguns problemas de violência e indisciplina, o problema seria minimizado que só fossem colocados professores experientes?

Não também há professores jovens com muita dinâmica, muito interessados, e também muitas vezes idades mais próximas consegue entendê-los melhor e é boa haver essa diferença, é bom haver de tudo.

32) O corpo docente desta escola é estável?

Agora fica mais estável, como nós somos colocados por 3 anos, mas há um núcleo estável.

33) Bullying

Isso acontece pontualmente, geralmente dos mais velhos para os mais novos

34) As medidas de combate à indisciplina passam muitas vezes pela suspensão, mas antes de chegar à suspensão o que é que se faz?

A suspensão não resolve nada é afasta-los da escola e o que nos queremos é chama-los para a escola tentar resolver o assunto.

Mas antes de chegar à suspensão há todo um trabalho anterior até com os directores de turma, mas chega a um ponto em que a pessoa esgotou tudo, eles medem forças até ao máximo.

Eu tento passar a mensagem que a escola é nossa que nos trabalhamos uns com os outros e não uns contra os outros é um pouco a relação interpessoal

Margarida Góis – Presidente do Conselho Executivo da Escola Básica 2,3 da Trafaria

Quanto tempo tem de serviço?

Eu? Ora, eu entrei antes do 25 de Abril, entrei como estudante ainda, estava no último ano de Agronomia – eu sou agrónoma – depois apanhei a transição, comecei a trabalhar à noite e ao mesmo tempo casei, foi um ano cheio de alterações! Mas, em 1973, já havia a democratização do ensino, já havia ensino preparatório. Até 1972, não havia obrigatoriedade do ensino básico, como passou a haver depois, em 1973, com o Veiga Simão. Depois aparece o 25 de Abril, mas o ensino obrigatório gratuito para todos já tinha sido instituído. Depois, sim, fiz o estágio pedagógico e vim parar aqui, estou aqui há 22 anos e estive 10 em Almada.

Então, está há 22 anos nesta escola?

Se calhar, até há um pouco mais, porque vim em 1982 – estou cá há 25 – estou há 25 aqui e estive 10 em Almada; porque, na altura, para entrar em estágio, tínhamos de concorrer e eu não tinha cônjuge, tinha marido, e às tantas tinha uma data de filhos e não me dava jeito entrar. Até que, quando soube que estava grávida do meu quarto filho, soube também que tinha entrado em estágio. O estágio pedagógico era de 2 anos, com aulas assistidas... a

chamada profissionalização em exercício, uma verdadeira aberração, que não fazia sentido nenhum. Mas lá passei.

E qual é a disciplina que a professora lecciona?

Eu tenho habilitação para dar Matemática e Ciências. Mas gosto mais de dar Matemática. Nunca me senti muito à-vontade nas Ciências, nunca tive muito jeito para dar Ciências. E depois, toda a gente acha que somos meio-médicos e todos os dias perguntam pelas pintas e o que devem fazer... E depois, nunca consegui que uma experiência ficasse bem feita, não sei porquê, mas tenho uma enorme inabilidade inata – a água não sobe, não deita fumo; tudo o que é suposto acontecer, não acontece, fico sempre frustradíssima – acho que o problema também é falta de convicção: eu quando estou a fazer uma experiência, lembro-me sempre do circo e dos tambores e depois, nada acontece... E deixava-me sempre levar pelas crianças – dava ao 5º e 6º ano, o que é giro, porque uma pessoa pode sempre divagar; depois era um horror voltar às histórias iniciais e ao programa.

Então, e na Matemática, tem sucesso?

Nenhum. Quer dizer, a Matemática é um bocado ingrata, mas há uns anos tive sucesso. Depois de tentarmos várias coisas, ao fim de 35 anos, quase, de carreira e de estágios e estágios profissionais, as pessoas tentam muitas coisas... Aqui já foi tentado pôr muito poucos alunos por turma e eu, na minha experiência – até porque eu não sou muito, se calhar por causa da minha vida pessoal – não tenho muito tempo para despejar canastras vazias. Eu tenho que andar um bocado depressa. Acho que as mulheres, aí, são um bocado mais práticas que os homens. Portanto, esta coisa de usar o método científico, nunca consegui, foi com muita má vontade que eu tentei estas... Não tenho muito feitio, sou um bocadinho directiva. E acho que economiza muito tempo, andar ali, dois a dois e pronto. Um dia, tive a mesma turma, durante 5 anos, a Matemática, portanto, até ao 9º, em que havia um caso que era “sucesso gera sucesso”, de todos os métodos que usei. Havia várias fichas de avaliação e se os miúdos tivessem negativa, tornavam a repetir e repetir; não interessava muito a nota do teste, mas interessava que eles aprendessem algumas unidades. E eles, ao início, ficaram baralhados com isso – “Então o teste não vale muito?” – mas quando, sobretudo no 7º e 8º ano, começaram a ganhar uma certa rapidez na Álgebra, entusiasmaram-se muito. Tenho uma posição contrária à maioria dos meus colegas, que dizem que a Matemática deve ser, essencialmente, resolver problemas. Eu acho que essa é uma das muitas utopias em que nós, às vezes, caímos. Eu ainda sou do tempo antigo e assisti a todas as mudanças das escolas modernas. E às vezes caímos do 8 para o 80, não só os professores como os pais. A diferença entre autoridade e autoritarismo – o 25 de Abril trouxe um grande balanço. O ensino em Portugal está todo dirigido à memória; por muito que me queiram convencer que não, eu acho que o ensino está vocacionado, em 90% dos casos – tanto em pequenos como em grandes, está essencialmente dirigido para a memorização. Quanto à Matemática, que deve ser tudo

feito à base de problemas, eu tenho sempre uma posição um bocado diferente, porque acho que só existe um problema na primeira vez que se confronta uma situação. Mesmo em pequeninos, nos célebres problemas das torneiras, em que só se podia usar a aritmética, acho que todos nós arrumávamos os problemas na nossa cabeça como “ Ou se resolve assim ou assado”. E nessa altura, deixa de ser um problema para passar a ser um exercício. Só temos o problema da primeira vez que o enfrentamos. Há um grande fosso entre o 9º ano e o 10º/ 11º/ 12º anos, porque o que se continua a exigir é que tenham boas bases de álgebra e começa outra vez a memorização.

O facto de fazerem turmas mais pequenas foi uma estratégia adoptada pela escola?

Sim, ao longo dos anos. Esta escola é a terceira do Concelho. Quando entrei no ensino, havia a António da Costa, que ia até Sesimbra; depois fez-se esta – que tinha também uma data de gente – quando se formou a escola da Costa, ficámos com metade dos alunos, ficámos com os piores alunos, que são desta parte, do lado de cá. Então tentámos diminuir o insucesso, diminuindo o número de alunos por turma. Isso nunca deu muito resultado, na prática não surtiu... Nisso, estou de acordo com o Ministério, não deu assim grande resultado.

Gosta de ser professora?

Gosto. Eu acho que tenho tido uma vida muito engraçada, era já para me reformar daqui a dois anos, mas afinal, ainda tenho mais sete. Outro dia, dizia em brincadeira que tinha entrado nas escolas aos dois anos, porque fui para o jardim-escola, quer dizer que ando há 55 anos na escola (risos). O que não parece que seja uma coisa que dê muita saúde mental. Mas gosto, gosto do que faço. Às vezes, fico um bocado perturbada, porque acho que a maioria das crianças nas nossas escolas, especialmente nestes meios, passam por coisas... é impossível inverter-lhes o destino. Mas gosto. Também, de vez em quando, apetece-me dar-lhes umas palmadas e não posso.

Então, para si, o que é ser professora?

Basicamente, eu ainda sou do tempo em que as escolas serviam para umas pessoas ensinarem e outras aprenderem – os professores e os alunos – depois disso, tenho assistido a várias designações. Outro dia, o Marçal Grilo, em entrevista dizia, e com razão, para nos deixarmos dessas coisas de aprender a ensinar e aprender a aprender, que a mim me baralha imenso – então agora, com esta coisa das competências, que fico desatinada, acho que são uma data de coisas que só nos enrolam e acho que, despindo de todas as modernices, a escola tem de ter professores e alunos. Tanto uns como outros têm de ter vontade, uns de ensinar e outros de aprender. As motivações das crianças são difíceis de fazer, porque eles são solicitados para coisas muito mais agradáveis; por outro lado, aqui nestas zonas, o fosso entre a cultura das famílias e da escola é muito grande, e nós aqui dizemos que, praticamente, não lhes interessa, porque os pais estão absorvidos e com razão, em razões de sobrevivência. E

ninguém aprende... A cultura não é a primeira prioridade na vida das pessoas, por isso é que, aqui, o insucesso é grande. Mas mesmo assim, acho que um professor é aquele capaz de transmitir os conhecimentos, que é fundamentalmente para isso que a carreira existiu. Mas é evidente que, quando transmite os conhecimentos, transmite também uma série de valores – não valia a pena haver educação para a cidadania, se todos nós conseguíssemos ser modelos das crianças, enquanto pessoas – integridade, honestidade, tolerância. Todos nós nos lembramos, no nosso tempo, dos professores que nos transmitiram um conjunto de modelos e que passaram completamente os professores “*baldas*”, que eram muito bons na altura, porque nos davam folga, mas que depois esquecemos. Enquanto transmitimos os conhecimentos científicos, podemos ir transmitindo muitas outras coisas – o nosso dia-a-dia. E até ajudo e incentivo muito os colegas mais novos, que não tenham medo de ser a autoridade, como em casa somos a autoridade para os nossos filhos. É diferente de autoritarismo, mas nós somos professores e eles alunos e temos sempre que ser um modelo de referência para eles, mal de nós quando deixamos de ser – aí, já não entra mais nada, nem mesmo o que queremos transmitir nem... Eles perdem-nos o respeito, mesmo que não seja muito evidente.

Considera esta escola problemática a nível de violência?

Não, violência não. É o que estava a dizer... É uma escola que é indisciplinada, em que as crianças não gostam das aulas, e muitas vezes nem estão a entender bem o que se está a passar nas aulas. Mas acho que violência, violência, não existe assim... não é uma escola de risco – eu também acho que nenhuma escola é de risco, acho que as histórias que aparecem na televisão, que nunca deviam passar, porque somos 90000 professores e são casos muito isolados, que demonstram fragilidade no professor; pode haver um ou outro menos vocacionado que tenha medo, mas a maioria dos professores enfrenta os seus alunos difíceis com força. Mal de nós, se tivéssemos que ter medo de alguns alunos. Os pais são um bocadinho mais desatinados, mas aí vamos a tribunal e fazemos queixa. Acho que estas crianças têm percursos muito sofridos. Têm percursos de vida, algumas delas horríveis e portanto, isto é um problema social. Será preciso investir muito nestas franjas da sociedade, para que possam subir. Não há duvida nenhuma que, por muito que queiramos, a família e o meio ainda se sobrepõem a tudo o que a escola pode fazer. Até a própria escola é temporária, eles voltam à noite ao local onde está a família. É o caso dos piolhos, quando têm piolhos, nós “*despiolhamos*”, mas quando chegam a casa à noite, têm a cama que não foi mudada e as roupas que não foram mudadas. Quem fala nos piolhos, fala nas outras coisas todas. Nós podemos tentar mudar conceitos ou comportamentos, mas quando regressam a casa, e no meio familiar, é aí que tem que se mudar e não vai ser uma questão fácil, até porque esta nossa população vive muito próxima da idade média e acho que é uma transformação que não basta dar uma casa condigna, é preciso dar uma dignidade e um futuro e uma profissão, mas é preciso esperar que esta geração se sirva e será talvez a segunda geração que aprende a viver, que estas coisas não se fazem numa geração sozinha – os ingleses costumam dizer que

um senhor se faz em três gerações, talvez aqui para passarmos da idade média, são pelo menos duas gerações, habituar-se a ter uma casa, uma casa de banho, a tomar banho todos os dias, provavelmente são hábitos que levarão mais do que uma geração a ser mudados.

Uma coisa que me choca, agora até por causa dos TEIP, é como é que temos, perto de Lisboa, situações como esta. Como é que temos pessoas que vivem em condições como estas – são barracas, algumas térreas – e como é que Portugal se deixou chegar a esta situação. Este tema da educação, não há escritor, filósofo ou entendido que não aponte o que está mal – e estas pessoas precisam ser educadas; não têm hábitos de escola, nem sequer percebem para que serve a cultura, que é outro gravíssimo problema.

Então existem, nesta escola, casos de indisciplina?

Sim. Sabe que aqui, é tudo uma situação primária... Aqui há dez anos, havia muitos palavrões. Depois, com a ajuda da Associação de Pais, decidimos ultrapassar todas as leis e dissemos que quem dissesse palavrões e agredisse gratuita e verbalmente, era logo suspenso, imediatamente, 15 dias úteis. No 1º trimestre foi horrível, estive quase tudo fora por uns bons tempos; hoje em dia, não há conselhos disciplinares por causa dos palavrões.

Numa escola como esta, há coisas que têm logo que ser atacadas; se vamos fazer conselho e levantar o processo disciplinar, até que as coisas se resolvam... Agora a lei foi alterada, porque senão, não há ligação entre o que aconteceu e o castigo, 15 dias depois. Depois há o efeito de onda – como um pode fazer, nós também podemos.

Mas há casos de agressões, mesmo que isoladas, dentro da escola?

Uns aos outros? Começamos agora com uma violência, que só agora chega a “justificação”. Este meio é um pouco estranho. As crianças têm, normalmente, telemóveis de última geração – nós nem queremos saber de onde vêm – o que tem acontecido é que se têm tirado fotos ou vídeos de namorado / namorada em cenas íntimas, depois zangam-se e espalham pela escola toda. Outro dia, foram as próprias meninas que pediram os telemóveis aos meninos e foram para o balneário de Educação Física, onde se filmaram a tomar banho em poses; isto mostra que não lhes é alheia a televisão e certos programas. Depois devolveram aos meninos aquela linda... Isto originou um grande celeuma, acabaram todos castigados, por razões óbvias. Os pais estiveram de acordo. Houve meninas apanhadas de surpresa, mas outras fizeram-no deliberadamente.

Agressões, não têm havido muitas. O ano passado tivemos cá quatro turmas PIEF, com rapazes e raparigas de 16/ 17 anos, já muito repetentes, alguns já casados e com filhos, já no extremo de tudo. Têm um currículo próprio com cinco ou seis disciplinas, dois professores e uma série de monitores; gasta-se uma série de dinheiro e eu acho que não valeu de nada, e eles continuam ignorantíssimos. E aí sim, a diferença de idades e a rivalidade entre a Trafaria

e a Costa... Mas os nossos dão-se relativamente bem, não há agressões entre eles; obviamente, de vez em quando, há queixas de uns sobre outros, que tentaram tirar dinheiro, mas só isso. E esses são cada vez mais reduzidos, porque mesmo os que têm fome, sabem que podem comer na escola, que a escola suporta, mesmo que não tenham direito, a escola suporta o almoço e o lanche e às vezes pode ser que haja mais qualquer coisa para o jantar.

Depois, temos os nossos amigos ciganitos, que são um caso à parte e que acho que a integração é muito difícil. Aqui, os ciganos estão a aumentar muito. Mas acho que os ciganos são muito simpáticos, acho que é a nossa população mais fina, se se puder dizer assim. A nossa população mais elaborada é, sem dúvida, os ciganos, porque têm a grande vantagem de não gritarem, o que para mim, é meio caminho andado para sermos todos muito felizes. Há aí uma matriarca e o marido, que é avó, mãe, bisavó de uma ranchada de ciganitos, todos *botas*. Ela é muito doce e vai-nos embalando nas suas histórias. Vêm cá tratar de assuntos – não entendem muito bem porque é que os filhos reprovam, não entendem que não haja lugar. São muito engraçados e são sobreviventes, daí têm técnicas de roubo muito apuradas, é muito difícil detectar quando é que os nossos amigos *botas* entram em acção. Mas são simpáticos, e muitos deles estão no 7º e 8º ano, por mérito próprio.

Como é a relação pais-escola?

Há muitos pais mais novos, e vê-se muito nesta família que há pais, homens e mulheres ciganos, que casam com não-ciganos. Mas todos tentam que os filhos aprendam e continuem a estudar. Perceberam que a escola é importante e benéfica. Com os ciganos, compreendo que seja muito difícil, porque eles têm uma mentalidade e sobrevivência que colide com os nossos valores; os valores familiares deles são fortíssimos – isso é giro, porque os protege muito, são valores que não se vêem noutras etnias. São simpáticos, embora tudo o que digam é mentira, mas são agradáveis (risos). O ano passado, mandámos uma turma de 5º ano ao jardim zoológico e eles nem passaram do portão, foram logo todos presos... veio tudo com a GNR, para aqui, porque não resistiram a entrar na loja de presentes, até estava a choviscar, e pronto... E os pais ficaram muito chocados com aquilo, era uma vergonha, a conversa que fica sempre bem. Mas depois, quando estavam só com os filhos, perguntavam: "*Mas tu roubaste mais que os outros, não?*".

Referiu que os problemas com os pais vão para tribunal...

Sim, ponho os pais em tribunal.

E com os ciganos?

Não, com os ciganos nunca. A integração dos ciganos é um problema muito mais difícil, nem sei bem como um dia se fará, mas eles não são agressivos, pelo menos estes – são simpáticos, vêm aqui, conversam, sabemos que há casos de *roubantes*, mas também eles

subsistem de uma venda ambulante muito pobre. Mas são muito educados... e tentam que os filhos estudem – e agora temos duas cigantitas com muitas dificuldades a ler e a escrever, a mãe está muito preocupada. Por outro lado, as mães brancas, portuguesas, conseguem ser a nossa pior população – uma coisa horrível, às vezes tenho que fazer queixa à GNR e só desisto na audiência, e pedem desculpa – porque não é a mim, mas à escola. Não podem vir aqui dizer que me matam, esfolam e bebem o sangue. Depois vamos a tribunal, e lá eu desisto da queixa. Outro dia, fiquei tão paralisada à espera... uma tinha o punho no ar para me dar um murro, se me mexesse é que levava mesmo. Com o tempo, tem tendência a ir passando, também não vamos continuar a vida a ser agredidos. E às vezes, somos agredidos e depois ficamos muito amigos, isto é uma população um bocado... É muita gritaria, berraria, mas é a maneira como se sabem exprimir. Isso aconteceu com a tuberculose – começou com um ou dois casos em Outubro e depois houve um certo desleixo, por parte da delegada de saúde e os pais aperceberam-se, porque tínhamos de começar a fazer rastreios imediatamente e em Dezembro ainda não tínhamos. Depois, a delegada de saúde quis chamar todos os pais do agrupamento – que eram cerca de 500 pais, achei uma coisa horrível de controlar, aqueles pais todos, unidos e em fúria – se saíssemos vivos, ia ser uma sorte, pensei eu. No ginásio, foi um bocado duro. Mas inexplicavelmente, um tempo depois, já estamos todos muito amigos. Também reagem muito à falta de refeitório, sobretudo. De resto, com os estudos... isto ainda funciona muito como uma misericórdia – a comida em primeiro lugar, o que se percebe, não é? Vive-se aqui bastante mal, algumas pessoas vivem bastante mal.

A professora disse que a escola não é violenta mas indisciplinada. Para si, onde acaba a indisciplina e começa a violência?

Isso depende de pessoa para pessoa. Talvez porque cá estou há muitos anos e conheço estas crianças e, mais ou menos, o meio, também já adquiri uma postura muito própria: quando se dirigem a nós desta forma, não é para nos atingir ou para serem mal-educados, mas porque não sabem fazê-lo de outra maneira. Muitas vezes, fico baralhada nesta questão dos valores: acho que é uma escola indisciplinada porque gostam muito de chegar atrasados, não fazem os trabalhos, não estão calados nas aulas. Isto tudo, para uma pessoa que tem um conceito de tolerância mais baixo, ao barulho e etc., acaba por ser uma violência. Mas não é violência naquele sentido de bater, esfolar ou ameaçar, de furar os pneus do carro. Já tive aqui, em épocas atrás, situações em que um dia me assaltaram, um aluno – ainda não estava no conselho executivo – mas é indisciplinada porque é muito difícil fazer seguir regras ou impor regras também aos adultos – estamos numa fase em que, com estas alterações todas do ministério, é muito difícil, porque os adultos também não estão satisfeitos; é preciso que as pessoas gostem do que estão a fazer e se sintam recompensadas para que cumpram integralmente – e há coisas que não podemos fazer, como entrar nas aulas de outras pessoas – e fazer cumprir regras e mudar mentalidades é a coisa mais difícil que existe. E portanto, se calhar, somos todos um bocado indisciplinados nisso.

A indisciplina pode gerar, em certas situações, violência – eu penso que é preciso ter um certo feitio para estar em escolas destas, porque são crianças em que tudo é muito uniforme, não há misturado nem há várias classes, não há pessoas com mais ou menos cultura. Em todas as turmas, se formos ver, há sempre dramas atrás de dramas, as crianças são marcadíssimas, não têm famílias normais e estruturadas, aquilo é tudo um drama. Também não temos um pai com formação média ou com formação superior. É preciso ver que estamos numa fase muito baixa da sociedade portuguesa. Isto, só por si, gera uma situação, em que é preciso ter algum feitio para lidar com estas crianças. É preciso ter um certo feitio, mas também é preciso não nos deixarmos deprimir muito com as situações, eu tenho aí uma colega muito nova que, a certa altura, está a ir atrás de todos os dramas daquelas crianças... também não. Temos que aprender, como aprendem os médicos, a ver morrer ou aprender que temos um espaço muito curto de intervenção. Nesse ponto, pode ser uma escola violenta para as pessoas, mais psicológica do que fisicamente. Fisicamente, podemos muitas vezes ficar sem voz... Mas não vale a pena gritar... Eles estão tão habituados aos gritos e à violência que, se agirmos ao contrário, eles calam-se, que é uma coisa muito engraçada – começamos a falar baixinho e ficamos parados e eles acalmam-se. Não vale a pena entrar em discussões, porque são discussões perdidas, batem-nos aos palmos numa discussão. Um adulto nunca pode ir atrás destas discussões.

No total de 280 alunos...

Mais não sei quantos, que temos lá (no 1º ciclo). Sabe que o 1º ciclo está junto aqui e no ano passado éramos 5 no conselho executivo e tínhamos dois colegas que eram vice-presidentes para o 1º ciclo. Em Janeiro, percebi que tínhamos 60 crianças com NEE (Necessidades Educativas Especiais) – e achei uma exorbitância. Numa zona já tão, por si própria, economicamente tão pobre, ter 60 deficientes, então era o drama total. Então mandei reavaliar os processos e cheguei à conclusão que só 5 dos 60 tinham realmente NEE. Estas crianças precisam de um apoio, como uma explicação, com dois professores do ensino especializado. E têm superado as dificuldades, saem todos daqui a saber ler, escrever, contar, com os conhecimentos mínimos para virem para aqui no 5º ano. Esses NEE, que têm quadros especiais, nunca eram analisados – iam passando de ano sem avaliação – depois nunca eram certificados – era mão-de-obra não qualificada que púnhamos cá fora. E assim não os ajudávamos em nada, porque o acompanhamento é feito pelos mesmos técnicos que tratam os que realmente têm NEE. Este ano ficou também estipulado que no 1º ciclo, durante a manhã, ninguém sai da escola, têm que começar a criar hábitos e regras que têm que começar no pré-escolar. Fazem o quiserem das tardes. E agora começa a dar um certo resultado. Nestas zonas, só conseguimos romper com o ciclo de pobreza se começarmos com a base da cidadania, que é ler, escrever e contar, uma vez que a parte social é muito contestada.

Somos parceiros de tudo e mais umas botas, cada vez que a Misericórdia fala em trabalhar estas famílias, eu trepo um bocado, porque como é que se ensina a tomar banho todos os dias, se eles não têm casa de banho em casa?

Um bom ensino no 1º ciclo é fundamental para melhorarmos, essa é a base do nosso TEIP. Ao contrário de toda a gente, eu sou pró-ministra. Nas reuniões que temos tido com ela – ela chama todos os presidentes de conselho executivo e mais recentemente, chamou os 34 TEIP – além de ser uma pessoa que está muito bem documentada, eu estou completamente de acordo com ela: o ensino em Portugal é caótico no 1º ciclo e no secundário. No 1º ciclo, a passagem para as novas tecnologias fez as pessoas dispersarem-se muito do objectivo, que é os alunos saírem do 1º ciclo a saber ler de carreirinha e interpretar, escrever sem erros e a saber a tabuada e fazer contas, ou seja, o mínimo. E foi tanta a dispersão, que as pessoas trocaram o essencial pelo acessório. Depois disso repercute-se aqui, num insucesso enormíssimo e difícil de recuperar, porque quem não ouve ou não percebe ou não lê como deve ser, não vai bem na História, na Matemática, nas Ciências nem em nada.

O agrupamento tem perto de 1000 alunos, e a pior turma é uma 2ª classe. Uma vez, fui ajudar uma colega, porque uma professora faltou e às tantas, estava desvairada a chamar por ela, porque os miúdos não tinham qualquer tipo de disciplina nem regras, não se sentavam, um horror, pior que estes.

Em relação à indisciplina, houve algum caso mais complicado, entre professor e aluno?

Houve, aqui há uns anos atrás, mas nem foi entre professor e aluno. Foi um professor de Música que repreendeu – e com razão – um aluno e esse foi a correr dizer ao pai que o professor lhe tinha batido. O pai veio meio estremunhado – porque trabalhava de noite e dormia de dia – e não foi de modas, entrou por aí a correr, às 4 da tarde e começou a bater num professor, e como não era aquele em que ele queria bater, depois foi bater no tal professor de Música. Foi um caso esporádico, também havia um certo empolamento, porque na altura, não havia refeitório. Depois fizemos greve, pontualmente, aqui na escola – e a população estranhou muito que nós pudéssemos também fazer greve para uma situação dessas. Mas foi um caso... Nunca mais houve. Assim como não há professores a bater em alunos.

Também devem sentir muita falta de apoios, para lidar com estas crianças mais problemáticas...

Mas agora estamos muito protegidos, desde que entrámos com esta ministra que somos TEIP, temos directamente um professor na Comissão de Protecção de Menores, estamos representados em tudo quanto são órgãos – tribunal, etc., há sempre um professor da escola.

Há uma ligação muito directa. Tínhamos, no 1º ciclo, duas ou três crianças, que já tinham problemas comportamentais muito graves e que já estão em casas próprias.

Então podem encaminhar crianças com comportamentos mais complicados?

Sim, sim, mas casos realmente sérios. Havia uma criança que tomava remédios e a mãe não lhe dava; às tantas, já era a professora que dava os remédios. Quando não lhe davam os remédios, ficava num estado de excitação tal, que andava com uma faca... Já os miúdos tinham medo dele, ele era desnorteado de todo. Mas depois, se fossemos ver a família, a família era uma coisa estranhíssima, porque a mãe tinha posto todos fora, por ter descoberto que a irmã mais velha tinha tido um filho do pai. Essas crianças têm sempre para trás padrões de violência tão grandes, que raramente se pode aceitar que uma criança de 5 anos, que é posta na rua, e que anda ao Deus dar, seja exactamente... Até onde é que começa aquilo que é violência ou aquilo que é comportamental, de raiva e ódio, é muito difícil discernir. E esses são os casos mais graves, basta ver que a Protecção de Menores diz que nunca teve tantas crianças sinalizadas, como estas da Trafaria, e é verdade, porque esta situação da Trafaria, por ter esta amálgama de pessoas, que não são originárias daqui e com estes contextos sociais, têm todas as histórias possíveis.

Outro dia, surgiu a história de uma criança de 11 anos que estava à espera de bebé. Mas isto era feito com a conivência dos pais; normalmente, os pais são sempre coniventes. Tinha 11 anos, era uma menina. Depois, soubemos que o homem tinha 35 anos – portanto, é pedofilia – e ainda por cima, tinha SIDA. Logo nesse dia, a criança foi entregue, já estava referenciada. Chamámos os pais e eles não aparecem... E depois, acho graça àquelas notícias que aparecem, às vezes, no jornal – a comunicação social presta um péssimo serviço. É evidente que, quando cá vem o juiz, tirar esta criança, nós telefonámos e ficámos à espera daqueles dois pais, todo o dia. E o pai disse-nos que não vinha, porque tinha muito trabalho para fazer. E foi a minha colega que a foi levar – parece que foi para uma casa de meninas em Melides, que é muito agradável, dá para o mar. Entretanto, numa primeira fase, a criança não quis abortar, e o juiz respeitou. Depois, como estava à espera de bebé, não pôde ficar nessa casa e foi para Lisboa – para a Ajuda de Berço. Quando lá chegou – como é óbvio, é uma criança já destabilizadíssima; as crianças, quando são corrompidas muito cedo, depois já nada é na altura certa – é evidente que se envolveu de amores com um menino, lá da Ajuda de Berço e aí percebeu que a gravidez era um empecilho, então foi a correr ao juiz, para abortar – chamaram-se os pais, eles assinaram. Depois fugiu, não se sabe para onde, parece que foi outra vez apanhada... depois têm este tipo de percursos.

São casos que não são propriamente violentos para a escola, acabam por ser violentos porque ela estava aqui e isto foi tudo descoberto pela professora que lhe dava aulas de apoio, que reparou que ela tinha um anel no dedo e a miúda disse que *"Pois, eu agora tenho um noivo e estou à espera de bebé"* e à medida que a professora puxava por ela, ela ia contando isto

tudo. Coitada da Ana, que com 11 anos... Ficámos todos um bocado... Mas todos os anos, temos assim umas situações destas: ou há muitas situações destas ou há outras...

Estas situações de quem vive ainda um bocado na idade média: a grande maioria destes pais, não digo todos, mas a grande maioria destes pais têm os filhos como um bem pessoal que pode, eventualmente, servir para qualquer coisa, para troca ou pagamento ou para qualquer coisa. O entendimento que a grande parte – e volto a dizer que, felizmente, não são todos – das pessoas têm é que os filhos são um bem que ali está, e que até pode nunca ser usado, mas que pode ser usado em qualquer situação que seja necessária, porque é um bem pessoal. Não só não lhes dão o direito de crescer, segundo ideias e, portanto, crescer livremente e ser o que querem, mas como, muitas vezes, os usam em determinadas situações, que são necessárias para eles.

Por isso, o pai que dava a pagar uma criança de 9 ou 10 anos, a filha pagava ao vizinho determinados favores. São situações que ainda aqui, na Trafaria, existem – ainda o ano passado – e isto é perfeitamente da idade média; porque é evidente que a criança, com 9 anos e a quem o pai conseguiu fazer entender que o amor paternal seria um tipo de amor que... como é evidente, era pedofilia e ainda, neste caso, incesto; e quando a criança ia ao vizinho, que tinha cinquenta e tal anos, era assim também – uma criança de 9 ou 10 anos... É evidente que tudo isto, para nós é horrível, não é? Não faz... é completamente aberrante, é horrível, tínhamos sempre dificuldades em ver o homem, e lá vinha a criança referenciada. Mas são estas situações que, eu acho, que é a grande violência da Trafaria – a situação em que estas crianças ainda estão. Por exemplo, um caso que eu tenho agora em mãos, e que me tem preocupado mais que todos os outros, porque acho mais chocante que todos os outros: é uma mãe que vive sozinha com um filho, neste momento na 4ª classe – e isto ainda não se sabe, é sigiloso – mas que é *stripper* naqueles bares, ali ao pé do antigo cais de Almada, cá em baixo; e entretanto, ela educou o rapaz, desde sempre, tratando-o como sendo *ela*. Portanto, ele assume-se como uma rapariga, desde sempre que fala dele como sendo *ela* e tem uma grande confusão... Quando me apercebi disto, comecei a achar que isto era um assunto muito mais profundo, e que tínhamos que saber porque é que... Isto não é normal. Agora, neste momento, depois de ter ido ao hospital, vou aqui e ali e falo com o psiquiatra... E perguntei se isto era induzido ou natural, responderam-me "*É perfeitamente induzido pela mãe.*", "*Então porque é que não mandam a mãe ao psiquiatra?*" "*Porque eu só sou pedopsiquiatra.*" Estas coisas escapam-me um bocado ao entendimento. E eu perguntei se era possível chegar ao ponto da castração física – com um elásticozinho, nem fazia ideia – e disseram-me que era perfeitamente possível.

Esta mãe, o ódio que tem aos homens pelo trabalho que fez – só acho esta explicação plausível – é tão grande; como é evidente, é uma situação degradada, uma senhora gorda a viver neste meio, além do miúdo já ter, um dia, assistido a uma sessão destas, o que não é bom para o crescimento. Esta criança está a ser manipulada, está a ser feita à imagem dela,

mesmo que só psicologicamente, e acho isso uma das maiores violências que podem existir, porque ele é uma menina em casa. Mas quando está cá fora, não pode ser uma menina. Isto é uma coisa terrível, para uma criança de 9 anos. Ainda outro dia, discutia com a Comissão de Protecção de Menores retirá-lo à mãe, mas ele está numa fragilidade tal, e está tão ligado a um mundo irreal, está preso à mãe, como é que ele sobrevive, sem aquela fantasia da mãe? É horrível, não sei se conseguirá sobreviver, nem estou muito interessada em saber se ele vai ser homossexual ou não, que é um caso secundaríssimo. Se for por ele, ainda bem, se conseguisse superar, mas isto é distorcer de tal maneira as crianças... E este é um caso extremo, talvez o que mais me tem impressionado. Até quero que seja vista por um médico de clínica geral, mas a mãe não deixa. Eu tento, de todas as maneiras, que a criança seja observada. Esta criança tem que ser vista e o melhor seria convencer a mãe a tratar-se. Para mim, a violência é maior, ou talvez tão grande como aquela da pedofilia incestuosa. Tudo isto aqui é o nosso mundo, este mundo acaba por ser muito violento para quem está aqui de novo. As crianças sentem provavelmente muito medo, porque ainda vivem na idade média e acaba por ser tudo a vivência deles. E quem vem de fora, os professores, quando vêm de novo e deparam com estas aberrações todas...

Aqui, nada do século XXI ainda chegou. Tantas vezes que escondo as fichas de um ou outro aluno, porque sei que se ele chega com uma negativa a casa, leva o filho e leva a mãe, que fica 8 dias de cama. E eu, perante aquela barbaridade, lá escondo as fichas. É o confronto entre duas civilizações e duas épocas completamente diferentes.

Então essas situações que a professora fala, da idade média, acabam por ser o comum? Não são apenas alguns casos?

Não direi que são o comum, mas ou por falta de higiene e haver piolhos, ou por terem famílias destruturadíssimas, ou a mãe que tem 8 filhos e vai ter o 9º, e depois vai para fora com o novo companheiro e deixa os filhos...

Há 5 anos atrás, também houve um caso extremo: uma mãe que soube que a criança tinha um namorico, que é normal nessas idades, e não fez mais nada, obrigou-a a despir-se e foi nua até casa e como estava num perímetro fora da escola, não houve tempo de chamar a GNR nem a Escola Segura. Isto é outro tipo de violência horrível – é uma miúda de 14 anos, mas quando sai fora dos... Não digo que são todos... Mas que é raríssima uma família estruturada, normal que se mantém assim e com crianças integradas... Isso é a percentagem mínima. Porque quando menos se espera, sai assim uma aberração. Quando cá estiveram os representantes do ministério, eles perguntaram como é que um conselho directivo que tem este tipo de violência, consegue ser tão bem disposto. Acho que é uma maneira de reagirmos sem cairmos em depressão, e mesmo assim, há dias em que é difícil dormir. Se não nos rirmos... Há dias em que estas coisas não nos saem da cabeça, são crianças muito pequenas. Todos sabemos que ninguém tem culpa de ter nascido ou não ter nascido assim, mas todos

têm culpa se não tentam lutar para sair disto. Deixem de ter pena disto, porque vos aconteceu aquilo. Temos que ter um discurso um bocado duro, porque senão temos de andar sempre a passar a mão por cima de todos, coitadinhos, e não fazemos nada por eles. Ninguém tem culpa mas estamos a tentar dar o salto. Por isso é que eles gostam muito do espaço escola, porque, de certa forma, sentem-se protegidos.

Actualmente fala-se muito de um tipo de violência na escola, o *bullying*

Não é actualmente... Para já, eles também não têm muitos dinheiros próprios. E depois, têm diminuído porque temos um excelente segurança, o Sr. Carvalho. O Sr. Carvalho sabe de tudo, descobre tudo, detecta tudo, é um autêntico detective. E eles gostam do Sr. Carvalho. No fim, descobre-se que eram 5 ou 10 euros, mas não há muito.

E a nível de pressão psicológica... Vocês detectam muito isso aqui, ou não?

Isso é com o Sr. Carvalho, que é excelente. E eles normalmente gostam do Sr. Carvalho, mas isso não tem uma expressão... depois chega-se à conclusão que o outro fez e aconteceu também.

E a percentagem de roubos?

Também existe, mas só com coisas muito apelativas e muito novas – telemóvel novo que se deixa sem muito cuidado pode desaparecer e depois é muito difícil voltar a aparecer. Este ano há menos roubos que nos anos anteriores, talvez porque também os materiais tenham uso, devido às más condições económicas. Também é difícil, porque temos câmaras de vigilância e depois é fácil de detectar. Isto depois é muito complicado, quando temos crianças que não têm o mesmo que as outras. Às vezes, é difícil para crianças de 9, 10 anos aceitar a pobreza total em que vivem, vivem nos limites máximos da pobreza – deve ser muito difícil de aceitar, por muito bem formado que se seja, a pobreza cansa, aceita-se à primeira, à segunda, à terceira e depois... Diz-se que eles governam muito mal o dinheiro – também acredito que sim, que as famílias não fariam as mesmas escolhas que nós, mas também falamos de barriga cheia; mesmo o ser civilizado advém da barriga cheia. Mas quando têm algum dinheiro, terá que ser para as coisas essenciais, como nós fazemos? Não será humano gostarem de ter uma coisa extra, que toda a gente tem e está na moda? Da pobreza eles não saem – o rendimento mínimo é uma miséria. Também me pergunto a mim própria: será que com aquele dinheiro, as minhas opções seriam sempre as que deveriam ser? Depois, não podem ir ao supermercado porque não têm carro, têm que comprar fiado na mercearia. Tudo isto condiciona e aumenta os encargos de forma muito grande. Têm poucas ajudas, no sítio onde estão. As perspectivas de vida da maioria destes pais são muito negras e tristes.

Sente-se segura nesta escola?

Seguríssima. Até no bairro em frente, mas não vou lá.

De um modo geral, os pais participam na vida escolar dos alunos, quando lhes é pedido?

Até há 5 anos sim, mas desde que houve realojamentos, não tanto. Mas é evidente... A cidadania prende-se com o gostar da terra e com o sentido de pertença. Se as pessoas são realojadas para outro sítio, esse sentimento perde-se.

Que tipos de apoios têm, dos poderes locais?

Sempre nos demos muito bem com a Junta de Freguesia. Eles ajudam-nos sempre, mas a escola também os ajuda – vêm para cá as colónias nos meses de Verão. Agora, com o PEC temos parcerias com a Segurança Social, com empresas, com a autarquia (Almada) e a junta de freguesia (Trafaria).

E com outras entidades?

Durante muito tempo, pensei que o ministério não sabia que existia a Trafaria. Aquando do primeiro governo socialista, pensei que não sabiam que existíamos – quando eles disseram que iam pôr computadores em todas as escolas, eu liguei para lá, para dizer que não se esquecessem de nós. Tinha a ideia de que vivíamos em perfeita autonomia...

Dá-nos a sensação que estas escolas não são muito abordadas...

Esta ministra conhece-nos perfeitamente. No ano passado, ela chamou as piores escolas das áreas urbanas de Lisboa – foi a primeira vez que um ministro me disse que tinha todo o dia para me ouvir falar da escola – há alguém que nos ouve, finalmente e que tem posto em prática aquilo que lhes pedimos, nomeadamente os TEIP.

E em relação à Escola Segura?

Funciona muito bem, muito bem, a Escola Segura da GNR.

O que é que a escola pode mudar para solucionar os problemas?

O que tem que mudar é a sociedade, fundamentalmente. Tem que haver, da parte da Câmara ou do governo, um olhar mais atento, aqui para esta zona, saber definitivamente o que vão fazer aqui – se fazem uma dependência do Porto de Lisboa, passamos a uma área de contentores e isto vai piorar; se vão fazer uma zona residencial, tem que haver mistura de populações e bairros diferentes. Não sou a favor de guetos de bairros, onde confluem todas as pessoas e ninguém puxa ninguém, nem nas escolas. Acho que é fundamentalmente um problema social e de investimento, e a escola, por enquanto, não vale a pena ter um edifício novo, sem saber o que vai ser desta área. Vamos ter aquecimento central e acumuladores de calor, que podem ser mudados – ficamos equipados por dentro e por fora, logo se verá.

Se esta escola tivesse uma cor, qual seria?

Seria ocre, para se confundir com o ambiente. Mas acho que todos gostamos de trabalhar aqui. Fazem-se grandes amigos, criam-se laços fortes com os miúdos, às vezes até é preciso ter cuidado, para não serem fortes demais.

Pessoal não docente**Sr. Carvalho – Ex-policia****1) Quanto tempo tem de “serviço”?**

Muito tempo.

2) Considera esta escola muito problemática a nível de violência?

Para ai já não me vou pronunciar, se conhecessem isto em 2000, poderiam fazer a comparação, para mim, está, muito melhor do que quando cá cheguei. Os miúdos estão mais calmos e também são mais novinhos.

3) Há quanto tempo trabalha nesta escola?

Desde 2000

4) Já tinha trabalhado em escolas antes desta?

Não desde que vim para esta escola estive sempre aqui, eles também não querem que eu saia de cá e eu também não faço muito esforço para sair daqui.

5) Gosta do seu trabalho?

Gosto do que faço e de estar cá e tenho um ambiente familiar, já tive convites para ir para outras escolas e eu não quis se me deixarem fico aqui até aos 65 anos.

6) Gosta de trabalhar aqui?

Gosto das pessoas todas que tenho cá, eu para eles sou pai, mãe, tio, tia e como eles gostam de mim, eu também gosto deles e damo-nos muito bem

7) Como é que o Sr. Age em situações de maior tensão?

Tento arranjar tudo pela melhor forma, não quero prejudicar a vida a ninguém, temos que saber resolver as situações do dia a dia consoante elas são. Quando vim para aqui já sabia tudo isto, toda a minha vida foi a lidar com estas coisas como droga... isto ou aquilo, depois chegamos aqui e estes problemas... sabemos bem como lidar com eles, daí que as escolas funcionem como estão a funcionar, o pessoal que cá está é todo pessoal formado. Vai ser muito difícil o ministério da educação arranjar pessoal tão competente como o que cá está, eles já tentara, mas não conseguiram, mas no dia em que chegar ao portão e disserem para eu ir para casa não há problema. Tenho consciência que fiz o meu trabalho para que isto corra tudo bem cá dentro e lá fora, embora não seja da minha responsabilidade, eu consigo sempre o controlo de tudo. Ninguém vem aqui criar confusões. Quando está algum ali à porta eu vou lá e falo com ele, e ele vai-se embora, não há faltas de respeito. A escola segura raramente aqui aparece, porque sabe que isto está controlado, estou cá eu e isto funciona.

8) Teve alguma formação para desempenhar esta função?

Temos, somos pessoas das forças de segurança, não precisamos de mais formação do que já temos, embora ajam ai uns cursos para actualização e há leis novas que vão saindo que nós temos que saber mas não temos problemas nenhuns.

Quando há problemas é só dizer: "Vou chamar o Sr. Carvalho", eu nem preciso de me deslocar lá que acaba logo só de falar em mim.

9) Pode dar um exemplo de violência que se tenha passado consigo ou do seu conhecimento?

Comigo não tenho, em 2000 houve um problemazito com um pai de um aluno que bateu no professor João, o mais grave foi esse. Ele pediu para ir à secretaria e entrou, o sr. Quando chegou aqui, viu o professor João e tirou o casaco eu vim atrás dele mas ele já tinha dado um murro ao professor, chamei a GNR e apanharam-no e ele depois teve que andar a pedir desculpa ao professor João. Dos alunos para o professor há coisas que eu desconheço, porque a minha missão não permite entrar nas salas de aula, já me têm chamado para por os alunos cá fora e vou lá busca-los, agora o que se passa lá dentro a nível de violência eu não sei mas acho que não há-de haver muita senão os professores chamavam-me.

10) Tem conhecimento de agressões no espaço escolar, entre miúdos?

Este ano não. Com crianças temos que distinguir o que é violência do que não é. São crianças com 10, 11, 12, 13 têm que brincar e eu tenho que distinguir quando aquilo é violência ou não é violência.

11) Sente-se seguro na escola?

Eu sinto-me seguro porque sou uma pessoa segura por natureza, não tenho medo, nunca tive medo de ameaças de ninguém.

Em 2000 a escola era bastante complicada e tinha várias ameaças "lá fora faço isto ou aquilo" e eu dizia "então está bem" e nunca me faziam nada. Eu aqui entro e saio do bairro e toda a gente me cumprimenta e gosta de mim.

Tivemos aqui no ano passado os PIEF que me deram muito trabalho nos primeiros 3 meses. Eles pensavam que já eram grandes e deram-me grandes problemas de roubos e drogas e nos aqui na escola tínhamos que ter muito cuidado para que isso não acontecesse, mas ao fim de 3 meses eles mudaram completamente e a coisa funcionou até ao final do ano, eu também não mostrei medo nenhum, certas pessoas chegavam aqui, vieram ai umas pessoas para tomar conta deles eles chegavam ai e vinham-se embora deixavam eles lá ficarem, quem tomava conta deles era eu, mas no fim até funcionava bem e eu estou satisfeito comigo próprio.

Que factores considera responsáveis pelo fenómeno da violência na escola?

Em primeiro lugar é a sociedade que temos, as leis que temos neste país é que têm a culpa do que se passa na escola e fora da escola, em todo o lado. Porque cada um faz o que quer, o que lhe dá na gana que sabe que não é castigado, aqui na escola é o mesmo género, eles as vezes respondem aos professores, tratam os professores porque sabem que passam impunes porque são meninos pequeninos, uma mentira deles vale mais do que sete ou oito

verdades nossas, eu tenho muito cuidado quando estou a falar com as meninas eu gosto de estar longe, para evitar que digam: "este sr. Fez-me isto ou isto" e vocês imaginem uma miúda que diz isto e eu digo que é mentira e ela arranja dois ou três que é verdade e uma pessoa está com problema que não é verdade, por isso temos que saber gerir estas coisas.

12) Considera que os pais participam na vida escolar dos alunos? Porquê? Quando lhes é solicitado, são actores participantes?

Não, há pais aqui que é um total desinteresse entra o ano, acaba o ano e eles não vêm a uma reunião. Os únicos pais que têm vindo são os pais dos alunos que têm umas notas mais ou menos, há pais que têm mais preocupação que os filhos venham para aqui para almoçar e ter os passes para andarem a passear do que para estudar, no início do ano a única preocupação que têm é se há almoço, metem aqui os filhos como se isto fosse uma creche, às vezes temos aqui miúdos cinco e seis anos no mesmo ano. Vêm para a escola e não querem saber das aulas mas o almocinho dá jeito o passe dá jeito e os pais vão trabalhar e eles ficam aqui como se isto fosse uma creche. Aparecem aqui sempre os mesmos pais os outros não querem saber.

13) A sua função também passa por manda-los para a aula quando eles não querem ir, como é que eles vêm essa situação?

Comigo aceitam bem, agora com as senhoras já têm mais dificuldade

14) Alguma vez foi violento para um aluno? Porquê?

Eu não, não consigo ser violento nem com alunos nem com ninguém, não se enquadra com a minha maneira de ser, evito-o e tento que não haja violência entre ninguém.

15) E roubos existem nesta escola?

Raramente, posso dizer-lhe que poucos ou nenhuns telemóveis ficam por lá, os que saem daqui eu vou lá busca-los todos, geralmente acontecem lá à porta, cá dentro também acontecia muito com os outros (PIEF). Os telemóveis desapareciam e passado um dia ou dois e conseguia descobrir quem é que os tinha e até vinham cá dá-los à escola, como ficaram lá poucos eles começaram a habituar-se e deixaram de desaparecer telemóveis aqui na escola. E também quando fizeram o assalto à escola eu também fui buscar ou mandei buscar.

16) Tem conhecimento de bullying? (a pergunta não foi feita assim)

Nessas situações gosto de falar com eles, como eu já disse: "não se apanham moscas com vinagre" e as crianças gostam de ser acarinhadas e eu tenho uma certa mobilidade com eles porque eles gostam mesmo de mim. Se eu falto uma semana já andam à minha procura.

17) Qual é a diferença entre um aluno indisciplinado e um aluno violento?

Eu acho que aqui os miúdos são mais indisciplinado que violentos, não tenho muito alunos violentos, alias sou capaz de dizer que actualmente não há um miúdo que seja violento aqui dentro, eu acho que um miúdo é violento quando parte para a agressividade uns com os outros, indisciplinados há uns tantos e é mais dentro na sala de aula, porque não respeitam a professora, eles têm mais respeito a mim pela forma que lido com eles, porque eu não ando a gritar com ninguém, tem a ver com a forma como eu lido com eles.

18) Aqui a escola tem muito o hábito de falar com os alunos evitando a suspensão, acha que é preferível a suspensão ou a realização de trabalhos comunitários?

Eu tenho por hábito quando eles fazem alguma coisa, de chama-los à parte, porque ninguém gosta de ser chamado à atenção à frente dos amigos e falo com eles e chamo-os à razão. Os trabalhos comunitários são proibidos, agora imagine o que é que vamos fazer, se o conselho executivo fizesse isso sem o conhecimento dos pais... eu acho que seria uma boa ideia mas se os pais autorizassem, porque era melhor que eles estivessem cá dentro a fazer qualquer coisa do que lá fora, suspensos. É o meu ponto de vista.

19) Em relação à escola segura, quando são chamados actuam?

Isso não gosto muito de falar porque são antigos colegas meus, eu sei que se eu for uma coisa muito grave quando eles chegarem já estou morto, porque eles estão sempre muito longe. Eu já tive necessidade de ir resolver problemas graves entre bairros quando eles chegaram já estava tudo resolvido, quando eu preciso deles dificilmente aparecem, porque têm outras escolas, aparecem aqui muito na época das férias.

Paula

1) Quanto tempo tem de "serviço"?

2 Anos, sempre aqui nesta escola, depois de tirar o curso estagiei numa creche, depois numa escola primária (pré-primária) nunca trabalhei com estas idades.

2) Já trabalhou em escolas problemáticas a nível de violência?

Não, esta escola eu um bocadito desses problemas, mais entre alunos.

3) Há quanto tempo trabalha nesta escola?

Nesta escola é o segundo ano

4) O que é ser auxiliar de educação?

Isso é um bocado complicado, aquilo que eu estudei, tínhamos que vigiar, saúde, os primeiros socorros, apoio à alimentação, brincadeiras e aqui não aplico nada do que aprendi. Não vou pegar em miúdos destas idades e fazer brincadeiras, quer dizer, nem posso, sou sempre chamada para fazer outras coisas.

5) O que acha dessa discrepância entre o que aprendeu e o que faz na realidade?

Se eu pudesse aplicar gostava muito mais, por isso eu digo que tirei um curso que não tiro proveito, a não sei os primeiros socorros, porque vigiar eu vigio mas não é como se eu estivesse numa escola primária ou creche.

6) Gosta da sua profissão?

Gosto

7) Tem conhecimento de problemas entre professores e alunos? Se sim, consigo? Como considera a melhor forma de ultrapassar esses problemas?

Eu acho que é mais entre eles, de professores nunca ouvi nada, eu ao princípio também tive ai [uns problemas], mas nada que nos não conseguíssemos resolver.

8) Pode dar um exemplo de violência que se tenha passado consigo ou do seu conhecimento?

Um menino do 5º ano, no ano passado quando eu entrei, de eu o chamar à atenção virou-se a mim, e um senhor que estava cá no ano passado é que se meteu à frente se não ele era capaz de me dar uma chapada, na minha opinião eu tenho mais problemas com os meninos do 5º ano, porque chegam aqui pensam que já são muito crescidos e não respeitam. Porque eles não trazem as bases de casa e talvez na escola que eles tenham andado também não puxam muito por eles. Não sei... por isso é que eu gosto mais de trabalhar nas creches, são mais fáceis de moldar e aquilo que eu aprendi no meu curso aqui não aplico nada.

9) Tem conhecimento de agressões no espaço escolar? (teve medo de responder)

Tive, entre alunos, para mim foi grave e não procederam da melhor maneira, deviam ter chamado a polícia e o menino devia ter sido expulso e não foi. Houve uma zaragata na sala e ele saiu disparado e saltou o muro e foi a casa buscar um grande facalhão se não fosse a minha colega do portão e outra que está aqui podia ter havido uma desgraça e não aconteceu nada a esse miúdo e há outros do quinto ano que por menos coisitas...

10) A política da escola passa muito pela conversação, concorda com isso ou acha que deveria usar a política das expulsões e suspensões como punição?

Para os casos violentos talvez um castigo, mas para eles acaba por não ser um castigo, eu pergunto o que é que estás aqui a fazer e eles dizem. Vim para a rua e eu digo: sabes se vens mais uma vez para a rua, vais suspenso e eles dizem: é isso mesmo que eu quero, uns diazinhos de férias. Quando é comigo eu tento resolver o assunto e eles gostam de mim porque sou a mais nova.

11) Concorda com os trabalhos comunitários em vez da suspensão?

Eu concordo, já dei essa opinião, sempre que eles vêm para a rua que fazem de propósito e depois vão chatear para as janelas das outras Salas, se os pusessem a limpar o chão ou apanhar erva eles já não faziam para vir para a rua.

12) Sente-se seguro na escola?

Sim

13) Que factores considera responsáveis pelo fenómeno da violência na escola?

Eu acho que é mais o convívio lá fora, o próprio sitio onde eles vivem é muito complicado, para eles também é muito complicado gerirem.

14) Há pouco disse-nos que não gostava de trabalhar nesta escola tem a ver com o meio?

Tem, eu acho que é perigoso, por exemplo eu tenho medo de ir para aquele lado, se houvesse aqui aulas à noite eu era a primeira a recusar é perigoso e também não posso.

15) Considera que os pais participam na vida escolar dos alunos? Porquê? Quando lhes é solicitado, são actores participantes?

Tenho as minhas dúvidas.

16) Se a escola tivesse uma cor, qual seria?

Talvez um amarelo.

17) Diferença entre um aluno indisciplinado e um aluno violento?

Um indisciplinado não acata bem o que nos dissemos, agora um aluno violento não, a violência pode não ser só agressão física, pode dar um pontapé a uma porta ou um vidro. A violência verbal é ameaça o chamar nomes é mais indisciplina.

18) Alguma vez foi violento para um aluno? Porquê?

Não,

Anabela Alves**Tempo de serviço nesta escola**

10 anos e antes 3 anos na FCT

Esta escola é problemática a nível de violência?

Eu não diria isso, eu diria talvez que é uma escola problemática derivado às carências familiares que cada aluno têm e daí provêm algumas atitudes menos correctas porque eles no fundo, no fundo não são miudos violentos. Se calhar uma pessoa que entra aqui agora, entra a medo e pensa que há aqui uma violência mas não, eu estou cá há 10 anos e já apanhei aqui miudos muito piores do que os que tenho cá hoje, até mais velhos e eu sou franca e pessoalmente não tive medo a dizer desses miudos, soube sempre lidar com eles não é com agressividade que os levamos mas sim pela via da amizade, (eu agora ali no portão com aquele miudo que há dias me ameaçou e como viu ele já virou totalmente porque eu tenho uma maneira de lidar com determinadas situações que eles acabam por me pedir desculpa) (umas vezes tive um aluno que me ameaçou e fez até o gesto para me bater e eu disse: "se queres bater, bate tou à tua inteira disposição", ele virou as costas e no intervalo a seguir veio-me pedir desculpa.

Uma das vezes que estivemos no centro de recursos vimos um a fazer um gesto ameaçador para si e depois virou as costas, como age nestas situações?

As vezes eu só preciso de olhar para eles e há certas situações que os professores dizem que eu tenho mais controlo sobre eles do que eles próprios, já tem acontecido, até porque eu estabeleço uma relação mais próxima dos alunos que os professores. Tenho ai uma turma do 9ºano que às vezes me vêem na rua e querem brincar comigo como se eu fosse da idade deles e eu até alinhio às vezes com eles, mas é assim, nós às vezes temos que quebrar um bocadinho, ao passo que há professores que não quebram e levam logo os extremos, e nós não podemos ser assim com estes miudos, eu acho, porque eu também sou mãe, mesmo que os meus filhos nunca tivessem metade dos problemas destes, mas são miudos e quem é mãe tem que reflectir nisto.

Acha que eles abusam dessa confiança?

Há situações que até acontece muitas vezes e tavam ai uns miudos a portarem-se mal e assim que me viram entrar a porta, eles paravam completamente, entretanto a professora já tinha chamado o Sr. Carvalho que é o Segurança e eu olhei para eles: então o que é que se passa e o professor tava-me a fazer queixa e eles, porta fora e nem foi preciso dizer mais nada. Às vezes nem preciso dizer nada que em aparecer eles mudam completamente e eu nem lhes bato, não lhes faço nada, mas pronto têm respeito e sabem que comigo não podem comer cá

dentro, não podem fazer determinadas coisas que são regras de centro de recursos e com uma professora se calhar fazem.

Para si o que é ser auxiliar?

Para mim é colaborar com os alunos, com a comunidade escolar, acho eu, se estamos aqui é para servir. Se um professor nos pede, temos que os servir, se há um conflito temos que intervir, para mim à papel de auxiliar de acção educativa é estar presente nos momentos precisos.

Teve alguma formação?

Eu tenho 300 horas de formação que fiz em tempo lectivo, horário laboral e pós laboral, relacionados com centros de recursos, sei disto mais do que certos professores. Mas quando comecei não tinha formação e por recriacção minha inscrevi-me.

Escolheu esta profissão?

Eu só tenho o 6ºano e quando vim para esta escola trabalhar tinha estado na FCT 3 anos, depois fui operada e quando recuperei vim para aqui trabalhar à hora e ao fim de um mês a professora margarida perguntou-me se eu não gostava de vir para a biblioteca onde estou à 10 anos.

Gosta da sua profissão?

Gosto, trabalho mesmo com gosto naquilo que faço, mesmo que às vezes não sejamos correspondidos. Penso que não há aqui nenhuma auxiliar que não goste do que faz.

Tem conhecimento de problemas entre professores e alunos?

Às vezes as rixas entre professores e alunos provêm da falta de educação, que os miudos têm e depois temos aqui miudos

Eu penso que a educação tem de vir de casa se não há educação em casa isso reflecte-se na rua e é o que se passa aqui, temos aqui miudos que falam para o professor que às vezes me revolta ouvir certas coisas, e há outros bem educados e que sabem estar e às vezes até se portam pior.

Hoje tive aqui uma turma que é o pior da escola o 5º4º a ver um filme do 25 de Abril e não se ouvia uma mosca, e as vezes esse também vêm para aqui com um professor de visual que é o professor tiago e é o mesmo coiso, outras vêm que são diferentes e fazem aqui um chavascal olha é daquelas coisas que temos mesmo que saber manobrá-los.

Acho que esboços como o gabinete de ética também não são responsáveis por mostrar aos alunos a melhor forma para estar em público?

Muito fazemos nós. Nós vimo-los na rua e perguntamos o que é que tas ai a fazer porque sabemos que eles vieram para a rua.

Eu acho que é muito mau um professor. Por um aluno na rua, porque esse aluno vem para a rua para destabilizar e é mesmo isso que ele quer ao passo que se ele fosse contrariando acho que ele pensava duas vezes.

Há escolas que em vez da suspensão aplicam a realização de trabalhos comunitários o que acha?

Apoio! Por exemplo varrem a escolinha que sujam tudo em vez de porem os papeis nas papeleiras põem no chão, só que se calhar haveriam pais que não gostavam, olhe se fosse com um filho meu não me importava. Se essa regra fosse legislada era muito bem impregue, não estando legislada pode haver o protesto, mas também sei de pais que aceitam, na casa de costas eles também fazem isso e os pais não dizem nada, são eles próprios que pedem para eles ficarem a fazer tarefas

Você sente que os meninos a procuram para desabafar consigo?

Muito e agora já nem tanto eu já tive miúdos que se queriam sentar à forla à conversa comigo.

No caso dos professores, há miudos com uma atitude mais agressiva por isso à uma certa distância

Pois eu acredito que sim, mas este ano até temos ai professores porreirinhos que até vão ao caminho deles, até as vezes acho que eles abusam um bocado da confiança deles mas pronto, antes assim, do que se darem mal.

Quando pensa no futuro destes miudos que é que consegue prever?

É que uma grande maioria não chega a lugar nenhum. São poucos os que vencem.

Mas até há uma taxa de aprovação muito boa não há facilitismos, há uma forma de incentivo para acabarem a escolaridade obrigatória. Nós temos miudos do 5º4º que são excelentes alunos, eles é que não querem, há um miudo que há dias me mostrou

Não é estúpido, só que eles sobem e não querem, também não têm acompanhamento em casa.

Problemas de violência entre os alunos?

Já tivemos ai uma coisinha ou outra mas foi uma coisa mesmo desfazada, não é uma rotina, são rixas normais que acontecem num dia, mesmo eles cá dentro por vezes há uma coisinha ou outra mas nada de mais. Agora já nem me lembro de haver problemas aqui na escola, antigamente havia mais, quando vieram para cá os PIEF houve mais problemas foi um ano péssimo, uma experiência péssima não se integravam na escola e causavam disturbios e ... nas suas próprias salas, agressivos para os outros não eram.

Pode dar-nos exemplos de violência que tenham passado consigo?

Não comigo, com algumas colegas foi mais aquele tipo de ameaça não se acaba por se concretizar o que é muito bom, porque nós conhecemos muito bem esta situação e quase todos os outros colegas são da trafaria e mais ou menos as coisas equilibram-se, nós como também não temos aquela maneira de reagir, entramos numa de apaziguar. Por exemplo tivemos ai uma grande sessão de pancadaria à porta que se nós não fossemos tão rápidas era aqui o faroeste mas a nossa reacção foi fechar tudo e alertar a policia e aquilo foi resolvido, foi entre alunos e ex-alunos e não cheguei a perceber porquê!

Por exemplo aquele miudo que está ali no portão que foi expulso e passa os dias à porta da escola.

Ele há dias ia um pequeno a sair da escola e ele pega-lhe um estaladão; eu chamei o Sr. Carvalho e contei-lhe a situação e ele ameaçou-me e eu não mostrei medo, ele agora vai para o portão e olha para mim. E há uma miuda daqui que gosta dele e ele pede-lhe para lhe ir dar um beijinho e eu deixo ele começa a olhar para mim, julgava que depois daquilo que me disse que eu ia ser um entravo. A própria escola segura não os quer aqui à porta encostados ao gradeamento.

Como funciona a escola segura?

A escola segura é muito complicado porque eles têm que acudir uma área muito grande e se há coincidência de duas escolas porque é só um carro, temos o monte, a sobreda e no monte são muitas escolas.

Tem conhecimento de agressões no espaço escolar?

A única coisa que tenho que me ficou muito má imagem foi o pai de um ex-aluno que entrou pela escola dentro e bateu em dois professores e digo-lhe que assiti tão vivamente e agarrei ns costas do Sr. E disse-lhe, pense bem no que vem fazer, ele como vinh com a maldade toda vem cercar dois professores um deles nem tinha a ver com as ... que ele deu ao professor isso aconteceu porque o miudo tinha um irmao mais novo cá na escola e o miudo na aula do professor que ele bate em segundo lugar, o professor abandonou-o para ele estar quieto porque ele era muito energetico e há dois miudos que saíram da escola e vão dizer ao pai, mas

o professor não bateu no aluno só o abanou, teve que ir a tribunal pedir desculpa. Eu fui testemunha, mas não senti medo.

Sente-se segura nesta escola?

Sim, posso-lhe dizer que entro aqui sem medo de coisa alguma nem mesmo de um pai, não tenho motivos para ter medo, sei o que faço e como actuo, tive umas vezes uma Senhora que veio para a porta armada em estúpida mas eu nem lhe passei cartão porque ela queria entrar na escola e eu não a deixei e eu disse à neta para não andar para dentro e fora e ela armou-se.

Quais os factores responsáveis?

É a vivência que eles têm e o meio em que vivem, o meio não é bom, um bairro que não tem razão de existir, e tem muitos moradores, muitos dos alunos são daí. Mas temos miudos impecáveis aí do bairro, isto tem a ver com a educação e gestão em casa, temos miudos aí do bairro que até são queridos eles se tivessem outras vivências.

Por exemplo o Castanheira é rebelde porque gosta de dar nas vistas se eu disser que vou participar dele ele diz-se logo: "... pá oh continua, não faça isso".

Em 10 anos só participei duas vezes, mas esses excederam-se.

Um aqui há uns dias mandou-me para a P da minha mãe, eu pedi a deus para me controlar porque a minha vontade era dar-lhes um estaladão. E outro foi um PIEF que passado 8 dias veio pedir desculpa e esteve suspenso 8 dias por causa de mim. Eu tinha ordem para eles não saírem e ele queria sair, eu disse que se ele sáísse eu chamaria o monitor, e ele foi pela rua fora sempre a chamarem-me nomes e eu participei dele. Foi suspenso 8 dias e quando voltou veio pedir-me desculpa e eu desculpei, eles reconhecem o erro.

Os pais participam na vida escolar dos filhos?

É muito complicado, interessam-se aqueles que menos se deviam de interessar, nos temos aí casos em que os directores de turma tentam contactar os pais e os números que eles deram nem sequer existem, para não haver comunicação pais/professores, são os próprios pais que fazem isto. A correspondência muitas vezes nem chega aos pais

Se esta escola tivesse uma cor, qual seria?

É a cor que tem, verdinho, porque é a cor da praxe da escola, o verde e este amarelado. Se pudesse dava esta mesma cor.

Alguma vez foi violenta para um aluno?

Não, eu não preciso de ser agressiva as vezes levanto a voz e para eles isso é fundamental eles percebem que eu estou zangada com eles e acalmam-se logo.

Qual é a diferença entre a indisciplina e a violência?

Eu acho que não tem nada a ver, eu acho que a violência vem da pessoa quando ela tem mesmo mau instinto, indisciplina tem talvez a ver com isso eu acho que estes miúdos são indisciplinados e não violentos. Há escolas em que se ouve falar que há alunos que batem aos professores e agente aqui felizmente não tem todo casos desses, se há violência teria de existir um caso ou outro.

(contamos a história da prof. Cláudia pintado) eu acho que isso foi mais um desabafo do aluno do que um caso de violência, é mais uma indisciplina.

Se um aluno senta ao pé de mim e eu vejo que ele tem necessidade de desabafar eu pronto ouço mas as vezes fico chocado.

Se um aluno é mal-educado comigo às vezes finjo que não ouço mas acho que isso é indisciplina. Eu acho que violência é quando passa para a agressão física. Uma ameaça é um caso de indisciplina para dar nas vistas e como não tenho medo nenhum... se a ameaça se concretizar é que já é violência. Mas não tenho aqui nenhum caso e estou cá há 10 anos e posso dizer que passo na rua por alunos que me falam e fazem uma festa muito grande, é raro os alunos que saem daqui que eu não me dou bem, excepto aquele que são muito snobes e nos vimos que não querem amizade com ninguém, por exemplo a Soraia Chaves foi nossa aluna, não era desacatadora, sempre metida na vida dela mas com um grande snobismo e a turma dela era quase toda assim

Também já temos tido irmãos de ex-alunos que não tem nada a ver uns com os outros, mas também temos que compreender que é fruto da juventude, eles querem é brincar, não se pode pedir, nos tempos de hoje que eles sejam adultos, porque vão ter tempo de ser adultos, uns ate já o são demais os outros vão ter que atingir isso com as circunstancias e com o tempo.

Entrevistas realizadas no Liceu Passos Manuel

Alunos

Pedro Ferreira, do 11º ano

Como te chamas?

Pedro Ferreira

Que idade tens?

18 Anos

Que ano frequentas?

11º Ano.

Já chumbaste? Em que ano(s)?

Já. No 9º e no 10º ano.

Tens boas notas?

Médias...

Há quanto tempo andas nesta escola?

Andei aqui no nono ano, depois fui para outra escola, mas depois voltei para cá (risos).

O que costumavas fazer nos teus tempos livres?

Jogar consola, estar na net a falar com os amigos, jogar futebol...

O que é que queres ser, quando fores grande?

Piloto de aviões comerciais.

Qual é a tua disciplina preferida? Porquê?

Do meu curso, é Introdução ao Marketing. Porque me identifico mais com a disciplina.

E a que menos gostas? Porquê?

A matemática. Porque não entendo muito bem a matemática. É mesmo da disciplina, o professor até não é mau...

Como é a zona em que vives? É uma zona calma, sentes-te seguro?

É boa, é segura... à noite, ao fim-de-semana não é tão calmo (moro no Bairro Alto) mas no resto dos dias é calmo.

Com quem vives?

Com os meus avós e com os meus pais.

As pessoas com quem vives trabalham em quê?

O meu pai trabalha num restaurante, a minha mãe é empregada de limpeza.

Obténs ajuda de adultos na realização dos trabalhos escolares? Quem? E com que frequência?

Sim, dos meus avós e dos meus pais. Várias vezes.

Gostas de andar na escola?

Gosto.

Porque vens à escola?

Tenho cá os meus amigos, também gosto de estudar (só às vezes), mas gosto mais de estar com os meus amigos...

Gostas das aulas?

Gosto.

O que mais gostas de fazer na escola?

Estar com os meus amigos.

O que é que mudavas na escola?

Talvez alguns espaços, que não estão bem aproveitados.

Como te sentes na escola? Seguro?

Bem. Seguro. Sem qualquer espécie de problemas.

Existem roubos na escola? Quem é que pratica esses roubos?

Sim. Não sei, devem ser os mais velhos.

Mas quando falamos de mais velhos, falamos de 10º, 11º e 12º ano ou ...

Exactamente. E alguns que andam há mais tempo no 9º, porque chumbaram ou assim...

E roubam aos mais pequeninos, de 5º e 6º ano?

Sim, deve ser... Quer dizer, eu nunca vi roubarem ninguém, mas geralmente é aos mais pequenos.

Gostas dos teus professores?

Gosto, os meus professores até nem são muito maus. Há professores muito piores... tirando o de Filosofia.

Como é a tua relação com os professores? Porquê?

Boa, nunca tive qualquer tipo de problemas com os meus professores.

Se a escola tivesse uma cor qual era? Porquê?

Laranja. Porque é a cor com eu me identifico mais.

Sentes-te ou já te sentiste ameaçado / gozado por algum colega? Já te sentiste ameaçado por um colega?

Talvez quando fosse mais novo, não sabia tanto da vida escolar. Talvez me sentisse ameaçado por alguns, mas nunca chegou ao ponto de agredir.

Tens conhecimento de alunos mais novos que sejam perseguidos por mais velhos? Que constantemente tenham que dar os seus trocos ou o lanche?

Que eu conheça, não, mas com certeza deve haver... também não me dou muito com os mais pequeninos, dou-me mais com os mais velhos, do 10º, 11º e 12º...

A tua escola tem apoios da autarquia ou outros?

Sei que a câmara e a junta apoiam em algumas coisas, a organizar eventos aqui na escola...

Costumas aderir a esses eventos?

Só aos torneios de voleibol e de futebol.

Achas que a escola oferece actividades de tempos livres suficientes?

Nem tanto, podia oferecer mais. Em dois anos, só tive uma visita de estudo... Podia oferecer mais; devia haver mais, por parte da autarquia e da freguesia, mais a nível monetário do que a nível de ofertas, porque a escola precisa... e muito!

Quando estás na aula, sentes dificuldade em aprender? Se sim porquê?

Não, só a matemática. Porque, como eu já tinha referido, é talvez a disciplina com que eu menos me identifico... não consigo perceber... mas já desde há muito tempo, talvez desde o 9º ano. Porque do 5º ao 8º tinha boas notas a matemática, mas depois, a partir daí...

Gostas dos teus professores? Se não porquê?

Dos meus professores? Gosto.

Costumas ir às aulas?

É raro faltar.

E baldar, muito menos...

Não gosto muito de me baldar.

Esta escola é segura?

É, é... para mim, é... cá dentro...

E lá fora?

Lá fora, talvez seja mais... pára muita gente, lá fora, que não é da escola. Mas de resto... também nunca me fizeram mal!

Mas vês algumas situações ou...?

Situações não costumo ver, também porque as situações não são praticadas aqui mesmo em frente à escola... em sítios mais escondidos, talvez... eu conheço a maior parte do pessoal que pára aí à porta da escola, portanto, acho que não há problema... comigo.

Ruben, do 12º ano

Como te chamas?

Ruben

Que idade tens?

18

Que ano frequentas?

12º Ano.

Tens boas notas?

Podiam ter sido melhores...

O que é que fazes nos teus tempos livres?

Trabalho...

Trabalhas? És trabalhador estudante?

Sim

Em *part-time*, portanto...

Sim.

É por opção?

Sim, por opção própria...

**Achas que isso te prejudica? Ou não, achas que até te ajuda em algumas coisas?
Consegues conciliar bem as coisas?**

Mais ou menos... há dias em que consigo conciliar bem as coisas, conforme o trabalho e a escola e o que há para fazer.

Trabalhas em quê?

Em restauração, na *Pizza Hut*.

E o que é que queres ser, quando fores grande? Quer dizer, quando fores maior...

Queria seguir turismo, indústria hoteleira.

Qual é a tua disciplina preferida?

Não há assim nenhuma pela qual tenha uma grande preferência... Mas gosto de sociologia.

E uma que não gostes?

Não desgosto de nenhuma, gosto de todas, em geral.

Como é a zona em que vives?

É muito calminha. Eu moro aqui ao pé da escola...

É seguro?

É relativamente seguro porque está perto da esquadra.

Com quem é que vives?

Com os meus pais.

O que é que os teus pais fazem?

Os meus pais são reformados.

O que é que faziam antes de se reformar?

O meu pai era gerente de um bar e a minha mãe trabalhava como governanta numa casa particular.

Tens ajuda em casa, nos trabalhos de casa?

Quando era mais pequeno, tinha ajuda dos meus pais, mas agora já não, sou mais autónomo.

Gostas de andar na escola?

Gosto. Mais pelos amigos.

Então vens à escola para estar com os amigos...

Também venho para ir às aulas.

O que mais gostas de fazer aqui na escola?

Estar com os amigos, basicamente.

Mudavas alguma coisa na escola?

As instalações, claramente.

Como é que te sentes na escola? Seguro?

Sinto-me bem. Sim, seguro.

Andas aqui há quanto tempo?

Eu ando cá desde o 7º ano, estou no 12º, portanto...

Está a correr bem?

Sim, está a correr bem, vamos lá ver este ano.

Achas que existem roubos na escola?

Aqui nesta escola tem havido uns problemazinhos, sim. Por isso é que foram instaladas as câmaras na escola. E também para evitar que entrem cá pessoas que não são da escola, mesmo de noite. Esta escola é de fácil acesso.

E vocês não têm que andar com o cartãozinho?

Isso do cartão electrónico, já foi falado há dois anos, mas até agora nada; nós temos o mero cartãozinho de papel.

Na tua opinião, a escola é segura, ou não?

É assim, podia ser mais segura...

Podia?

Sim...

Achas que os mais pequeninos são os que sofrem mais essas consequências?

Sem dúvida. Raramente tenho aulas à tarde, mas os pequenos têm aulas até tarde. Normalmente, às sete da tarde, há uma enchente de pais ao portão, à espera para vir buscar os mais pequenos. Porque eles, para irem para casa, passam ali por baixo e aquilo é um pequeno ponto de tráfico de droga, onde pára gente que não interessa a ninguém.

Mas isso é fora da escola...

Mas é próximo... E num perímetro de 500 metros, a escola é responsável por tudo o que acontece, embora nem sempre seja assim.

Como é a tua relação com os teus professores?

É boa, dou-me bem com os meus professores.

E se a escola tivesse uma cor, que cor seria? Porquê?

Uma cor? Nunca pensei em atribuir uma cor à minha escola. Mas talvez um amarelo, porque gosto de amarelo, faz-me lembrar o Verão.

Sentes-te ou já te sentiste ameaçado ou gozado por alguém?

Isso aqui na escola é muito frequente. Eu tenho esta forma esquisita de falar (cioso), então... mas uma pessoa vai-se habituando, com o tempo. Aqui, por exemplo, os alunos de fora, os chineses, os de cor, são bastante penalizados na escola.

Mas são penalizados por outros alunos, por professores?

Já houve algumas confusões entre professores e alunos. Por exemplo, um professor que agrediu uma aluna brasileira. Mas depois acabou por se resolver.

Mas há maior discriminação com outras etnias?

Nota-se mais. Nota-se mais principalmente nos alunos. O ano passado havia aí um aluno chinês. E a meio do ano ele teve que se ir embora, porque não aguentava. Trancavam-no na casa de banho, roubavam-lhe a comida do bar e o dinheiro. E ele acabou por se ir embora. Acontece por vezes.

E tens conhecimento de alunos (ou tu próprio, que já estás no 12º ano) que pressionem colegas para dar os trocos, o lanche, a passar à frente na fila?

Isso acontece várias vezes. Quando eu era pequeno, os mais velhos costumavam passar-nos à frente na fila e eu não gostava nada disso. Por isso, não tenho esse hábito, não passo à frente de ninguém. Mas isso da ordem na fila acontece muitas vezes. Por exemplo, eu sou do 12º ano e não vou passar à frente dos miúdos de 7º ou 8º, mas vejo muitas vezes os miúdos de 8º e 9º a passar à frente dos de 5º e 6º. Às vezes, até dizem que “é uma hierarquia cá da escola: os mais velhos têm prioridade”, mas isso não é assim. Às vezes, os próprios professores não se comportam assim, põem-se na fila como nós.

Então achas que há alunos mais velhos que são mal-formados o suficiente para fazer isso...

Exactamente. Às vezes abusa-se, nem é do estatuto, mas da idade que se tem, especialmente com os mais pequenos.

Sabes que tipo de apoios a tua escola tem? Com a autarquia ou outros?

A escola, que eu saiba, tem um acordo com uma agência de publicidade para gravar cá as suas campanhas e tem mais um ou outro acordo com duas Juntas de Freguesia, com a de Santa Catarina e com uma das Mercês, porque o campeonato de *graffiti* da escola foi patrocinado pelas Mercês.

Achas que a escola te oferece actividades de tempos livres?

Por exemplo, ainda hoje aconteceu o campeonato de voleibol.

Achas que é suficiente?

Não, porque são coisas muito esporádicas. A cada dois ou três meses, eles criam estes campeonatos. Apesar de haver um núcleo que joga andebol cá na escola e actividades ao ar livre. Mas não oferecem condições aos alunos. Por exemplo, o andebol é jogado nos campos cá da escola, que não têm condições.

Pois, passa também pelas condições que a escola tem...

É que esta escola é muito grande, mas o espaço não é aproveitado. Também se falou em ocupar aqui o quartel da GNR, que era ótimo para nós, porque aquilo é enorme. É preciso que eles arranjem mais espaços úteis.

Quando estás na aula, sentes algum tipo de dificuldades? Em aprender ou outras?

Sim, dificuldades de concentração. Principalmente isso.

E porque achas que tens essas dificuldades?

Isso é mesmo meu, porque sou muito aéreo.

Então não tem a ver com perturbações da aula, barulhos...?

A minha turma nem é muito grande, tem 14 alunos. Tendo em conta que já estive numa turma de 28, é muito bom. Aí sim, era uma grande confusão, todos a falar ao mesmo tempo. Mas na minha turma é diferente, há alunos muito bons e muito maus. Eu falo por mim, sou muito desatento, se calhar é por isso que não tenho notas melhores.

Gostas dos teus professores?

Gosto. Mais de uns do que outros, como é óbvio.

Costumas ir às aulas?

Quando não estou a trabalhar, sim.

O estatuto tira-te as faltas?

Quer dizer, com o estatuto eu posso dar três vezes mais faltas do que os alunos normais. Apesar disso, não quero andar a faltar sempre, enquanto posso. Quando falto, justifico a falta, senão depois também não posso ir aos exames.

Vocês têm associação de estudantes?

Não, o que é mau. Tivemos o ano passado uma associação que deixou muito a desejar. Este ano, não temos, também porque não houve listas, ninguém se propôs. Eu até andei à procura de quem quisesse formar uma lista. Nem temos espaço para a associação de estudantes. O espaço foi usado para ampliar o bar, que é comum aos professores e aos alunos e porque neste ano, vieram para cá os 5º e 6º anos da escola Veiga Beirão, que fechou. No ano passado, esse espaço foi todo decorado com graffiti alusivos à escola. Gastou-se muito dinheiro em latas e em pintores, para o Conselho Executivo pintar de branco, no início deste

ano. Perdeu-se o interesse, também porque a escola não oferece condições para a existência da associação.

E agora, que há uma comissão provisória, não estão interessados? Embora estejas de saída...

Já pensámos nisso, mas quando vimos, já íamos a meio do ano, já não valia a pena.

E achas que os teus colegas não se propõem para a associação de estudantes por falta de informação ou é mesmo falta de interesse?

É falta de interesse, eu acho. Eu lembro-me que, quando andava no 9º ano, queríamos formar uma lista, mas acharam-nos muito novos e não fomos aceites.

Mas agora, com a entrada dos 5º e 6º anos, isso muda...

Pois, mas que eu saiba, este ano não houve candidaturas entregues, enquanto que no ano passado eram duas listas: uma era repetente e a outra era a minha lista, com alunos do 10º, 11º e 12º anos. A escola mudou muito, a nível de condições. Do ano passado para este ano vieram para cá muitos alunos, houve muitas obras na escola. Mas acho que as mudanças foram para pior e não para melhor. A entrada do 5º e do 6º ano só veio atrapalhar as coisas. Às vezes, passo aqui no bar e vejo as empregadas completamente passadas, por causa dos miúdos. A escola devia ter mais actividades para ocupar os mais pequenos.

Achas que os funcionários são suficientes para tantos alunos? Eles estão preparados para lidar com os alunos mais novos?

Os funcionários já cá estão na escola há muitos anos e nunca tiveram miúdos tão pequenos, estão habituados a alunos mais crescidos, mais autónomos, não precisavam de andar sempre atrás deles. Quando vieram para cá estes alunos, vieram mais funcionários, mas continua a haver poucos empregados, para cerca de mais 200 alunos novos.

Laura, do 8º ano

Como te chamas?

Laura

Que idade tens?

13

Estás em que ano?

No 8º

E andas aqui há quanto tempo?

Nesta escola? Desde o 7º.

Nunca chumbaste?

Não.

Tens boas notas?

São razoáveis... Tenho 3 e 4.

O que costumavas fazer nos teus tempos livres?

Costumo estar com os meus amigos, ver televisão, navegar na Internet, passear...

E o que é que queres ser, quando fores grande?

Humm... ainda não sei.

Qual a tua disciplina favorita?

Gosto de Geografia, História e de Línguas.

Tens alguma que não gostes?

Não gosto de Matemática.

E porquê? É por causa da professora ou é mesmo pela disciplina?

Não, é mesmo pela disciplina. Sou mais virada para as Artes e para as Letras.

Como é a zona em que vives? É calma, é segura...?

Não é muito calma, mas é segura.

Vives aqui perto?

Não, vivo ao pé das Amoreiras.

E vives com quem?

Com a minha mãe, com o meu irmão e com o meu padrasto.

As pessoas com quem vives fazem o quê?

A minha mãe é fotógrafa, tem uma agência e trabalha com revistas e tudo... e o meu padrasto agora está desempregado.

E o teu irmão? Estuda?

Sim, o meu irmão é mais novo do que eu. Tem cinco anos.

Costumas fazer os trabalhos de casa em casa? Tens ajuda da tua mãe e do teu padrasto, quando precisas?

Sim. Mas eu, normalmente, não exponho muito as minhas dúvidas à minha mãe...

És mais autónoma...

Sim, mas quando tenho dúvidas e lhe pergunto, ela ajuda-me no que sabe.

Gostas de andar na escola?

Gosto.

E porque é que vens à escola, normalmente? O que é que te faz vir à escola?

Eu venho para estudar e para me preparar quando for adulta. Mas venho porque a escola tem um papel muito importante.

O que é que mais gostas de fazer aqui na escola?

Estar com os amigos.

O que é que mudavas, aqui na escola? Mudavas alguma coisa?

O tipo de pessoas, muitas delas.

Mudavas as pessoas...?

Acho que sim.

Sentes-te bem, nesta escola?

Sinto. Não sei, acho que se eu pudesse mudar, mudava para pessoas que se importassem mais com a escola, porque há muitos que só estão aqui pela diversão.

Como te sentes, aqui na escola? Sentes-te segura?

Sinto-me bem. Sim, sinto-me segura. Já cá estou há um ano e já conheço muita gente, e sinto-me bem.

Achas que existem roubos ou outras situações, que sejam assim mais fora do comum, aqui na escola?

Eu acho que sim, mas a mim nunca me aconteceu nada, nem mesmo à porta, nunca me aconteceu nada. Mas acho que sim, que existem.

Como é a tua relação com os professores?

É boa, normal.

Se a escola tivesse uma cor, que cor é que escolhias? E porquê?

Uma cor? Laranja. Porque é uma cor viva.

Sentes-te ou já te sentiste ameaçada? Já te sentiste mal ou já alguém te fez sentir mal? Já viste isso acontecer a outros alunos?

Sim, já vi acontecer. Também já aconteceu comigo, falarem mal de mim e eu não gostar, essas situações normais, mas nada de especial.

Sabes se esta escola tem apoios locais, da junta de freguesia ou da autarquia?

Não, não sei.

Achas que esta escola te oferece actividades de tempos livres?

É assim, eu acho que esta escola até é razoável nisso. Existe uma equipa de andebol e quem quiser, pode entrar. Tirando isso, acho que podiam haver mais desportos. Os rapazes estão sempre a jogar futebol, o que não tem interesse nenhum, pelo menos, eu acho. Se eu pudesse, gostava que houvesse um desporto, assim... diferente.

Quando estás na aula, sentes algum tipo de dificuldade a aprender?

Às vezes, alguns professores não conseguem ensinar. Por exemplo, em línguas, alguns professores nem conseguem falar bem, têm uns sotaques esquisitos.

Gostas dos teus professores, em geral?

Gosto.

E costumas ir às aulas?

Sim, só falto quando estou doente.

Ou seja, não te baldas?

Não.

Queres acrescentar alguma coisa que consideres importante sobre a escola e que aches que ainda não disseste?

Não, acho que já disse tudo. Só acho que a escola está mal, só isso.

Tatiana, do 5º ano

Que idade tens?

13.

Em que ano andas?

No 5º ano.

Tens boas notas?

Sim.

O que é que costumas fazer nos teus tempos livres?

Agora, tenho aulas de *hip-hop*, jogo vólei, tenho natação, estou no *karaté*, tenho *futsal* e futebol.

Mas isso tudo é cá na escola, ou fora da escola?

Não, cá na escola só temos vólei, *basket* e andebol e fora da escola tenho o *hip-hop*, a natação e o resto.

E o resto, tens onde?

No ATL.

O que é que queres ser, quando fores grande?

Eu já quis ser bióloga marinha, por causa dos golfinhos, que é o meu animal preferido, mas também gostava de ser pediatra.

E qual é a tua disciplina favorita?

Matemática.

E qual é a que menos gostas?

Eu gosto de tudo um pouco, só não gosto de Inglês, mas é por causa da nossa professora.

E porque é que gostas mais de Matemática?

Não sei. A *stora* tem uma maneira de explicar melhor, antes não gostava de Matemática, mas agora dou-me melhor com os números, fazer contas e problemas.

E achas que isso é devido à professora e à maneira como ela dá as aulas?

É, mas também é por causa do meu professor antigo, que ajudava mais os alunos nas dificuldades deles. Quando alguns não gostavam daquilo, ele fazia jogos, para eles perceberem que a disciplina não é assim tão má como eles pensam. E é assim que nós passamos a gostar mais das disciplinas.

Já chumbaste?

Já, no 4º ano.

Só?

Só.

Como é a zona em que vives?

É calma, mas há alguma violência lá, há roubos – que eles roubam – e depois vão pôr as carteiras a um sítio. Mas normalmente é bom, porque aquilo é um bairro em que ninguém fala uns com os outros, às vezes é que passam lá uns homens que roubam e batem nas pessoas.

Que bairro é que é?

É na Mouraria, é ao pé do Martim Moniz.

Mas achas que é giro o teu bairro, ou não?

É. Eu gosto mais na altura dos santos populares, porque é lá que nós fazemos as coisas, as danças e enfeitamos o bairro e essas coisas.

Com quem é que vives?

Vivo com a minha mãe, o meu pai, os meus três irmãos e a minha avó.

As pessoas com quem vives trabalham em quê?

O meu pai é chefe de cozinha, a minha mãe também é cozinheira e a minha avó trabalha num restaurante.

Tens ajuda dos adultos, quando tens que fazer os trabalhos de casa?

Tenho. O meu irmão, como está no 11º ano, ele ajuda-me mais. E também no ATL. E, às vezes, o meu pai, quando percebe as coisas que eu tou a fazer.

E também anda nesta escola, o teu irmão?

Não, ele está na Gil Vicente.

Gostas de andar na escola?

Gosto.

Porque é que vens à escola?

Porque quero aprender as coisas, para quando for grande, ir tirar os cursos. E também gosto de vir à escola para brincar mais com os meus colegas, porque estou mais com eles na escola do que fora da escola.

O que gostas mais de fazer na escola?

Gosto de brincar, mas gosto mais de trabalhar.

O que é que tu mudavas na escola?

Mudava as estruturas da escola, porque há coisas que já estão antigas e as paredes racham, os cacifos estão mal, também por causa do refeitório, e da alimentação do bar – que também já foi mudada – os roubos que existem na escola e nos cacifos e também os alunos que fumam ao pé dos mais novos.

Há roubos nos cacifos?

Há.

E são os mais velhos a roubar aos mais pequeninos?

Sim, normalmente é.

Já te roubaram, alguma vez, cá na escola?

Já. Roubaram-me dinheiro e arrombaram-me o cacifo e roubaram-me várias coisas.

Mas foram os mais velhos?

Em princípio são. Porque vêem os miúdos andar com telemóveis e arrombam os cacifos para roubar isso.

Mas quando falas dos mais velhos, falas do 8º, do 9º ano? Ou falas de 10º, 11º e 12º ano?

São os de 8º e 9º ano. Os de secundário nem se metem muito connosco. Quando nos vêem, brincam, mas só isso.

Os de 8º e 9º ano é que às vezes nos vêem no campo e mandam-nos sair e batem e isso.

E vocês fazem queixa?

Às vezes, falamos com as auxiliares, outras vezes, queixamo-nos à directora de turma, quando é alguém da nossa turma e às vezes, fazemos mesmo participação.

Sentes-te segura na escola?

Excepto quando roubam os cacifos, eu sinto-me bem na escola, porque até é uma escola calma, a não ser quando os alunos mais violentos querem fazer confusões.

Qual é a tua relação com os professores?

É boa, excepto com a professora de Inglês. Ela é muito má, grita muito, faz muitas coisas más aos alunos. E como eles não gostam, então discutem sempre com ela.

E o que é que essa professora faz?

Por exemplo, durante uma aula, no 1º período, uns colegas meus andaram à porrada na aula e ela sentou-se e disse para que continuassem a bater no miúdo, que ele quis sair da aula, porque não estava a gostar. E a professora disse para agarrarem no miúdo e baterem-lhe, para ele não sair da sala. E nós ficámos sem três ou quatro aulas, por causa dessas coisas. E às vezes, fazemos participação à directora de turma, desta professora e da de Música.

Se a escola tivesse uma cor, qual seria?

Azul. Porque é a cor do céu e do mar, porque é uma cor que as pessoas gostam e usam mais.

Sentes-te ou já sentiste gozada por algum colega?

Não, mas tenho um colega gordinho que já foi gozado. Temos cá uma menina com trissomia 21 e até com ela gozaram. E os que gozam, são de 8º e 9º ano.

Sabes se a escola tem apoios da Câmara e das Juntas de Freguesia?

Não sei. Acho que da freguesia, sim.

A escola oferece actividades de tempos livres?

Poucas.

Quando estás nas aulas, tens alguma dificuldade em aprender?

Não. Às vezes, a professora diz que quem tem dúvidas, para perguntar. Normalmente, tiramos as dúvidas na aula.

Gostas dos teus professores?

Gosto, aquela com que me dou mais é a directora de turma.

Costumas ir às aulas?

Sempre, só faltei, porque tive varicela, durante uma semana.

Clara, do 5º ano

Que idade tens?

10.

Em que ano andas?

No 5º.

Tens boas notas?

Mais ou menos.

Quantas negativas tiveste?

Daquelas que mostram no fim? Nenhuma.

O que é que costumavas fazer nos teus tempos livres?

Ir à piscina e brincar com os meus amigos,

Costumas brincar na rua, ao pé da tua casa?

Sim, brincar e andar de trotinete.

O que é que queres ser, quando fores grande?

Ou professora de matemática ou de educação física.

E porquê professora?

Porque gosto mais de matemática e educação física, porque não tenho que aturar muito os alunos a chatear, eles gostam de educação física e de matemática também.

E qual é a tua disciplina favorita?

Matemática.

E qual é a que menos gostas?

Inglês, pelo mesmo motivo que a Tatiana. A professora é um bocadinho refilona, chateia-se com tudo. Se alguém tem dúvidas, ela segue em frente e ainda nos arriscamos a levar um recado para casa.

Como é a zona em que vives? É segura, é gira?

É segura e engraçada. Mas gostava mais de viver onde vivia antes, agora moro em Almada.

Com quem é que vives?

Com a minha avó, o meu tio, o meu pai, a minha irmã e a minha mãe.

As pessoas com quem vives trabalham em quê?

A minha mãe é advogada, o meu pai trabalha no SEF e a minha avó trabalha com idosos. O meu tio ainda anda na escola.

Tens ajuda dos adultos, quando tens que fazer os trabalhos de casa?

Sim, mas também tenho ajuda dos amigos, lá no ATL.

Mas e os adultos lá de casa, ajudam-te?

O meu pai não gosta de matemática, então ajuda-me noutras áreas e a minha mãe ajuda-me na matemática.

E com que frequência é que te ajudam?

Poucas vezes, porque também não têm muito tempo.

Gostas de andar na escola?

Gosto.

Porque é que vens à escola?

Porque, quando for grande, quero ser uma grande professora.

O que gostas mais de fazer na escola?

Brincar e estar com os colegas.

O que é que tu mudavas na escola?

Mudava as paredes, que estão um bocadinho estragadas.

Sentes-te segura na escola?

Agora, já nem tanto, porque já fui assaltada, roubaram-me o cacifo.

Qual é a tua relação com os professores?

É boa.

Se a escola tivesse uma cor, qual seria? Porquê?

Ou um castanho mais direitinho, ou um azul. O castanho, para não terem que gastar muita tinta.

Sentes-te ou já sentiste gozada por algum colega?

Já. O Lucas goza comigo, porque sou brasileira e os meus colegas gozam comigo nas aulas de educação física, porque não sei fazer flexões.

Sabes se a escola tem apoios da Câmara e das Juntas de Freguesia?

Não sei.

A escola oferece actividades de tempos livres?

Sim, o centro de recursos tem jogos para nós fazermos.

Vocês têm sempre os computadores disponíveis para usar?

Os computadores, nem sempre, mas os jogos já há muitos.

Quando estás nas aulas, tens alguma dificuldade em aprender?

Um bocadinho. Como tive varicela, como ela e tive que faltar, agora tive um bocadinho de dificuldades. Mas as professoras não podiam explicar-me tudo outra vez, por isso vim aos apoios para conseguir recuperar.

Gostas dos teus professores?

Sim, menos a de Inglês.

Costumas ir às aulas?

Sim, só falto quando fico doente ou quando vou ao médico.

Professores

Nuno Archer, Professor de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), na Escola Básica Integrada da Apelação e no Liceu Passos Manuel**Quanto tempo tem de serviço?**

Cerca de 5 anos, acho eu. Não sei, porque nunca contei. Eu tenho um enquadramento um bocadinho diferente e depois depende, acho que o tempo de serviço depende também do número de aulas que se dá, do número de turmas que se tem, o número de horas, e eu não sei muito bem como é que funciona.

Mas cá nesta escola...?

Não, nesta escola estou há dois anos. Mas depois tive noutras escolas. Eu estive 5 anos a dar aulas, em várias escolas, mas... houve um ano em que só tive três turmas, noutra tive cinco. Portanto, não sei muito bem, como conta o meu ano de serviço!

Primeiro que tudo, acha esta escola violenta ou com problemas de violência, indisciplina, bullying?

Pois, eu acho... O ano passado, eu achava que não. É diferente, porque é uma escola que tem uma cultura de escola diferente, e eu sou professor em duas escolas completamente distintas, esta e a Apelação, e comparado com a Apelação achava que, realmente, a escola não era nada uma escola violenta. Mas a verdade é que há muitos problemas e, este ano, os problemas

acentuaram-se porque vieram os miúdos pequeninos. E é uma escola fisicamente muito, muito grande onde acontecem muitas coisas que ninguém controla. Tem muitos espaços desprotegidos... Há muito *bullying*, há miúdos que ficam... Eu, quando digo que há muito, não percebo se há muito realmente, mas eu tenho visto vários casos e tenho vários alunos que têm que dar os trocos e o lanche... E isto sente-se aqui de uma forma ilegível, porque depois, a verdade é que eles nunca fazem queixa. É uma escola muito grande...

E isso sente-se mais em relação aos mais pequeninos?

Sim, em relação aos mais pequeninos, dos mais velhos para os mais pequeninos.

Mais pequeninos, do 5º ano?

Sim, 5º e 6º ano, que são os novos aqui. Isto é uma coisa que eu noto muito agora... não sei se é muito geral.

Mas há agressões físicas, para além do bullying?

Que eu tenha visto, não. Tirando uma coisa entre irmãos, outro dia, que são dois alunos que eu tenho, e que se pegaram aqui. Mas eram dois irmãos... E aí sim, morderam-se e tudo, mas acho que foi mais ou menos pontual.

É normal...

Esta escola também tem um enquadramento diferente, não é... agora, o que é espantoso é que, eu quando entrei para Apelação dava aulas ao mesmo tempo em Bucelas e quando fui colocado em Bucelas, eu fui substituir uma professora que estava à espera de bebé e a professora disse-me que eu devia ter cuidado porque os miúdos eram impossíveis e que a única coisa que ela conseguia fazer com eles era ver filmes. E eu, nessa altura, estava no ATL de alta de Lisboa, estava a coordenar um ATL de Alta de Lisboa e quando cheguei lá, era a coisa mais fácil do mundo, era muito, muito giro. Eram três turmas que funcionavam muito, muito bem com uma miúda de 6º ano mais complicada, que criava algum... mas muito simpática e que enquadrou muito rapidamente... integrou muito rapidamente o grupo e aquilo funcionou perfeitamente. Adorei aquelas turmas! Mas achei estranho, aquela história da professora. E a verdade é que, em Bucelas – e esta escola era uma escola mais ou menos rural mas com problemas que... – havia professores que entravam a chorar na sala de professores, com coisas que, quem conhecia a Apelação e quem conhecia a Alta de Lisboa, achava que eram coisas perfeitamente indiferentes, que não tinham importância nenhuma, percebem? Mas a verdade é que, e aqui aconteceu isto, também... há aqui situações muito, muito, muito complicadas, e mesmo do ponto de vista da violência dentro da sala de aula ou de indisciplina dentro da sala de aula, há coisas muito complicadas.

E considera que, na sua disciplina, tem sucesso?

Mais ou menos porque... Eu gosto muito da disciplina que dou e acho que é uma disciplina que os miúdos gostam e que é divertida. Eu dou EMRC, e tenho... Quer dizer, os meus "grandes inimigos" é o facto de, enquanto uns estão a ter aula – não é – porque é opcional – e eu tenho alguns alunos a ter aula – os outros estão todos no recreio. Então eu entro em competição directa com o Sol, com as namoradas, com o tempo livre, enfim... Aqui tenho muitos alunos, alguns sim... e nesse aspecto, as coisas vão funcionando. E na Apelação mais ou menos, também. Mas pronto, é muito chato... As aulas de apoio são marcadas em cima das minhas aulas, enfim, não é fácil.

E quais são as estratégias que usa?

Bem, a primeira coisa é, no caso da minha disciplina, é a questão das metodologias activas. Não faz sentido a relação... não faz sentido educar sem pôr em situação. Nós podemos instruir e podemos passar a informação e podemos certificar-nos de que essa informação é retida ou não é retida. Mas isto é uma percentagem pequenina dos objectivos que nós temos enquanto educadores, não é? O objectivo da educação, como vocês sabem, mesmo do ponto de vista dos objectivos de lei de bases tem um peso enorme. Eu acho que não é possível educar sem pôr em situação, ou seja, não é possível nós falarmos de, por exemplo, valores ou falarmos de comportamentos melhores ou piores, sem que os miúdos possam experimentar isso, não é? E portanto as aulas, o que eu tento fazer é que as aulas se tornem laboratório disso. E portanto passa muito por dinâmicas de grupo, passa muito por trabalhos de grupo, passa muito por sentir o grupo também, por fazer um caminho de grupo e eu acho que isso é uma coisa que funciona, que os miúdos vão percebendo. Não é uma coisa que tenha necessariamente uma disciplina muito, muito forte, ou seja, não é uma coisa do "*Agora, isto funciona a regra número...*". São regras que são definidas com eles e é um caminho que eles vão fazendo também, em grupo. E isso ajuda imenso a funcionar, porque as regras quando são definidas por eles, e são genuinamente definidas por eles, a questão não é "*não posso fazer porque não quero*", mas "*não se pode fazer porque não faz sentido*". E eu aí passo um bocadinho... uma outra estratégia que eu também utilizo e que não é fácil, eu acho, para a maioria dos professores (mas isso também é uma coisa que a minha disciplina me permite), passo muito de professor para animador... Deixo muito de ser professor e ter aquela figura do professor com uma liderança que é instituída e formal e passo para animador; passo para alguém com um perfil diferente, e alguém que pergunta "*Olha, se não queres estar aqui, podes sair*". É diferente... Agora, não tenho a certeza de que, por exemplo, numa disciplina como Matemática ou Português ia ter este tipo de... pois, não sei.

Então para si o que é ser professor?

Para mim ser professor é criar oportunidades de aprendizagem. Mas eu tenho sempre esta questão: posso falar daquilo que é ser professor para mim, no sentido da disciplina que eu dou; mas nas outras também, o professor é aquele que cria oportunidades de aprendizagem.

Não é ele que aprende, mas tem como objectivo que as outras pessoas aprendam. E as outras pessoas só podem aprender se houver oportunidades em que façam esse processo, porque a aprendizagem é um processo voluntário também, não é? Não é um processo... por muito que eu queira que as pessoas aprendam, eu não posso obrigar ninguém a aprender. Portanto, as pessoas têm ritmos... há estratégias e ritmos, formas diferentes de aprender para cada aluno, e portanto, o professor será aquele que tenta criar oportunidades de aprendizagem, que tenta criar, nas aulas, estratégias para que as pessoas possam familiarizar-se com determinado tipo de conhecimento e integrar esse conhecimento na sua bagagem.

Gosta da sua profissão?

Adoro. Gosto muito.

Tem conhecimento de problemas entre professores e alunos?

Pois... Tenho... Imensos. E cada vez mais. Eu acho que, e era isso que eu há bocadinho estava a dizer, eu estive a fazer o mestrado em Sociologia de Educação; e eu sempre trabalhei, mesmo enquanto voluntário, como animador, nunca trabalhei como professor. E sempre me fez uma certa confusão... e a ideia que eu tinha de professor era alguém a quem é dada autoridade e que nós respeitamos. E eu nunca pus isso em questão. Mas a verdade é que, quando comecei a dar aulas de EMRC, fazia-me imensa confusão a quantidade de conflitos que existia. E se na primeira escola em que eu estive, que foi a de Bucelas, não percebia muito bem as questões, não percebia muito bem porque é que os professores... Hoje em dia percebo que há coisas muito complicadas. Nesta escola, começou o 5º e o 6º ano e há situações de caos. E é uma escola de... Esta escola tem uma coisa muito engraçada, que é misturar alunos muito diferentes. E como mistura miúdos muito diferentes, há uma partilha de perspectivas... que não acontece, por exemplo, na Apelação, que culturalmente é muito homogéneo e muito diferente da homogeneidade cultural dos professores, e portanto o choque é total. Aqui acaba por não acontecer tanto. O que acontece é que, este ano, com os miúdos do 5º ano, temos turmas em que tens os miúdos em choque permanente... Vão à aula e nos cinco minutos seguintes estão fora, e que já chumbaram por faltas, agora... Tens aqui coisas muito complicadas.

Mas são miúdos que são indisciplinados?

São miúdos que são indisciplinados e que não alinham...

Consigo isso acontecer, nas suas aulas?

Acontece às vezes... Nas minhas aulas, acontece mais o entusiasmo de participação, o facto de ser um espaço mais livre e portanto onde se extravasa mais; o difícil é depois, é fazer concentrar outra vez, depois de abrir e dos jogos, concentrar para discutir, às vezes é mais difícil. Agora, eu não choco tanto; mas às vezes choco. Por acaso há aqui uma turma de 5º

ano, em que há dois miúdos de uma vez que têm algumas situações difíceis, mas vamos tentando integrar e dar solução. Eu acho que o problema já não é só de uma escola, é muito mais geral. Por exemplo, a Apelação foi caos mesmo. Hoje em dia está muito melhor, mas foi caos mesmo.

Mas, por exemplo, estava a dizer que na Apelação a cultura é muito mais homogénea. Aqui é uma população mais heterogénea.

Mas estamos a falar de uma população que é muito mais homogénea culturalmente, mas é uma cultura que não é nada da cultura dos professores.

Exacto, era isso que ia perguntar. Não é só relativamente aos professores, mas aos problemas que encontravam. Era mais fácil identificá-los, ou não? Com uma cultura mais homogénea, há um estereótipo de problemas...

Sim. Era mais fácil identificá-los, mas muito duros de resolver, muito mais duros do que aqui. Duros, no sentido em que...

Devido à cultura homogénea...

No caso da Apelação, é uma escola-gueto. É uma escola que serve um bairro e um bairro que serve... Não há entrada de... Tudo o que se passa no bairro, reflecte-se na escola; estamos a falar de tráfico e por aí fora. E todas estas relações reflectem-se na escola, inclusive as relações de força. Ou seja um miúdo que enfrenta na escola outro miúdo do bairro, que por exemplo, o quer roubar, está frito! Todas estas relações e pequenas lideranças, tudo isto se reflecte no bairro. E a questão de provar que "*sou duro*", provar que sou... tem a ver com as aulas também, é feito nas aulas também, um bocadinho com os professores, às vezes. Mas todas as questões de justiça, culturalmente são muito diferentes, a questão da própria autoridade do professor. Por exemplo, na comunidade africana, o "*cota*", a autoridade do "*cota*", que é o elemento mais velho da comunidade e que pode ser tio, primo, vizinho, é sempre reconhecida. É uma coisa automática, os filhos fazem parte da comunidade, toda a comunidade é responsável pelas crianças. Portanto, os miúdos são automaticamente educados a reconhecer a autonomia destas pessoas mais velhas. Isto não acontece com os professores porque não fazem parte da comunidade.

E aqui, com comunidade heterogénea, os miúdos acabam por se influenciar uns aos outros...

Isso, eu achava que no 7º, 8º e 9º anos, funcionava muito bem. No 5º e no 6º... há um conjunto de problemas muito mais diversificado.

Mas acaba por ser melhor porque os miúdos mais problemáticos convivem com outros, não problemáticos...

Sim, nesse ponto é muito melhor.

Já na Apelação, é mais difícil...

Sim, porque os problemas são muito estruturais. Temos que mexer no bairro para mudar na escola. E temos que o fazer a partir da escola. E é uma escola com um ambiente completamente diferente.

Então e qual é a melhor maneira de ultrapassar esses problemas? Os problemas professor-aluno dentro da sala de aula?

Claramente acho que é a relação. Depois, há questões que são complicadas. Falamos muito de relação, mas eu acho que não pode haver acto educativo sem relação. E o professor tem que estar disponível. Tem que ser um bocadinho mais generoso do que passar a informação, porque essa informação passa-se numa relação e numa relação que implica confiança. Eu não posso aprender nada, se não tiver confiança na pessoa que me está a ensinar. É difícil... Eu acho que é a questão de relação, e isso vai mudando porque, se calhar, ao início há problemas que, depois, deixam de haver, não só porque gosta mas porque há uma relação. A relação não tem que ser só a coisa do "*é muito meu amigo*", a intimidade não precisa de ser essa, mas tem de haver uma relação de confiança de alguém que acredita em mim e que sou capaz de aprender e se esforça para que isso aconteça e põe empenho nisso. Portanto também não vou querer frustrar as expectativas dele, alguém que não me desanima quando eu erro, que é outra coisa que acontece muito – "*com este aluno não vale a pena*". Eles sentem isso de uma forma muito brutal, porque também são miúdos que já têm problemas deles. E esta capacidade de passar uma figura diferente – porque nós também somos uma figura de modelo para eles – e um sentimento de esperança sobre ele próprio, sobretudo quando são miúdos que já têm problemas, é muito importante. E tudo isto tem a ver com a relação e com esta generosidade do professor ser capaz de estabelecer laços de relação e não ter medo de sair, que é outra coisa que acontece muito. Ser professor é muito duro porque estamos a actuar um dia inteiro para uma plateia de 30 pessoas, 30 miúdos que nos desmontam, muitas vezes com alguma facilidade.

É importante conhecermo-nos a nós próprios e não nos deixarmos desmontar com tanta facilidade. Mas a verdade é que não é difícil para os miúdos, desmontarem uma aula ou um professor. E todos nós temos experiência de alunos e sabemos que não é muito difícil desmontar um esquema destes.

Agora, é importante um professor fazer isto, não se deixar ficar preso naquela coisa das faltas e da falta disciplinar e fazer mais – interessar-se pelos alunos, tentar perceber e deixar-se ligar. Mas o compromisso obriga a mais, deixa de ser só aquela coisa do "*Dar aulas e ir às reuniões e depois venho-me embora*". É um compromisso. Acho inevitável que, cada vez mais, isso se faça, até porque a educação está vocacionada também para as áreas pessoais e não

pode haver educação sem relação. Esta coisa abstracta do "Vamos lá ver... Hoje, lição nº3, vamos aprender o valor da amizade. Vão aprender que a amizade é muito importante porque: a), b), c)... Amanhã fazemos uma ficha sobre o valor da amizade..." não dá, não é? Sobretudo quando ele é muito complicado do ponto de vista da relação, porque está-se nas tintas ou quando há um problema, não quer saber. Mas o outro lado também é difícil, até porque são muitos alunos, são muitos miúdos diferentes. Mas acho que é muito importante.

Outra questão, para resolver os problemas de relação professor-alunos, é o professor ter muito claro aquilo que é o seu papel e as coisas que pede, ser muito claro no que pede e muito coerente na maneira como depois segue isso – os miúdos também se habitam a perceber isso. Depois, há uma questão que é muito complicada, que nesta escola funciona, mas na Apelação é muito complicada, que é a descontinuidade da colocação dos professores – é o professor mudar todos os anos. Na Apelação, o corpo docente muda cerca de 98%, todos os anos – este ano já vai mudar um bocadinho – o que é muito complicado, porque a relação que se estabelece e funciona durante um ano, depois no ano seguinte é tudo novo outra vez e os miúdos começam a testar tudo outra vez. É uma chatice.

Mas aqui é mais estável?

Sim, aqui é muito mais estável. E isso nota-se muito na relação: apanhas um miúdo no 5º e no 6º ano, acompanhas a turma.

Então consegue dar-nos um exemplo de um episódio de violência que se tenha passado consigo, ou que tenha tido conhecimento?

Em relação a professores?

Sim, professor-aluno.

Tenho uma cena, que nunca mais me hei-de esquecer.

Mas cá?

Não, na Apelação. Mas querem um exemplo de cá?

Pode dar-nos exemplos de ambas as escolas...

Daqui, não há assim nada... Houve um rapaz, mas não vi... Também, os problemas de indisciplina aqui são muito mais simples... Mas existem. Acho que está muito ao nível da descrição dos professores, das aulas, está muito ao nível dos nomes...

É mais indisciplina?

É.

A nível de violência é predominante o *bullying*, então...

Aqui, é entre alunos, sim. Na Apelação é que houve uma altura em que houve uma cena... Havia uma directora de turma que... Isto passou-se tudo no âmbito do PIEF – Plano Integrado de Educação e Formação – do PETI. Eram umas turmas simpáticas, que eram abertas à comunidade e quem quisesse podia voltar à escola – quem tivesse deixado a escola antes do tempo. E a escola da Apelação, na altura com uma direcção diferente, integrou o projecto e convidou-me para dar aulas a uma turma; dava ***O Homem e o Ambiente***, que é das vossas áreas... eram umas ciências um bocadinho manhosas. Era muito divertido, mas era um bocadinho diferente, era uma coisa mais geral. Eu integrei a turma, todo contente, e o que fizeram foi, em vez de pôr alunos de fora, tiraram os alunos problemáticos dos 5º e 6º anos da escola, para integrarem a turma; portanto, rapidamente, o que se formou foi a turma dos burros.

E para além disto, para além desta história muito complicada de ter tirado os alunos mais complicados – que não eram só os alunos mais complicados dentro da escola, mas também no bairro – e meterem toda a gente dentro de uma turma – isto foi em Dezembro – os professores não eram colocados. Então, eu e uma colega, já colocada, decidimos começar as actividades com os miúdos, porque senão eles estavam no bairro, sem fazer nada; no fundo, resolviam os problemas dos 5º anos, mas estes alunos ficavam pendurados. E os outros professores da equipa foram colocados em Maio – que como sabem... Maio, Junho, Julho e acabou – o que é uma coisa estranhíssima. Então, nós começámos as actividades, entretanto a directora de turma apertava muito com eles – basicamente formámos um *gang*, um *gang* que controlava completamente a escola, porque eram miúdos muito complicados, mas não se relacionavam muito, do ponto de vista do “esquema”, mas a partir do momento em que estavam numa turma, juntos todos os dias, aquilo passou a ser um esquema total. E houve um desses miúdos que, numa situação muito complicada com a directora de turma – eu lembro-me que vinha a chegar e comecei a ouvir “*A professora não sei quê bateu no não sei quantos*”. A escola tinha, na altura, trezentos e tal alunos e quando se ouvia isto, saía tudo das aulas – nem esperavam nem nada – e disparavam todos para o sítio onde estava a haver o problema. E foi exactamente o que aconteceu, os miúdos dispararam; eu vi os miúdos assim, percebi que era no PIEF e fui também, com um ar muito calmo mas apressadamente. E quando chego à sala, está a professora sentada e o miúdo a dar-lhe murros na cara e a ouvir-se o osso a bater e os miúdos todos em cima do “*coíso*”... Entretanto, o miúdo sai cá para fora. Foi uma situação complicada, o miúdo acabou por ir para a Guiné, na sequência disso. Veio a polícia, foi uma cena...E como esta, houve várias. As situações, na Apelação, são muito duras. Mas também porque os professores têm que ter... Ela agarrou o miúdo e deitou-o no chão, mas depois ficou com medo de receber um processo disciplinar, e no meio de toda aquela confusão... Às tantas, senta-se e passivamente, o aluno agride-a. Mas aconteceu muito...

Miúdos bêbados, houve um que entrou na sala, deu um estalo à professora e saiu, assim... Agora, a escola está muito melhor, mas foi o caso mais dramático que vi.

E nesta escola, ou noutra, existem agressões aluno-aluno? Tem conhecimento de algum caso?

Há uma coisa nesta escola... Por exemplo, na Apelação nota-se muito uma coisa nas turmas que é... os alunos instigam muito, ou seja têm muito... Acho que é uma coisa muito angolana, é uma coisa que funciona assim há muito tempo. Entram muito em competições de insultos. *"A tua mãe tem os sapatos rotos, a tua cozinha tem um buraco no tecto e quando cozinhas, está a chover para cima do lume"* e por aí adiante, mas depois acaba... E também se protegem muito, dentro da turma.

Aqui, nesta escola, tens miúdos completamente ostracizados, que a turma põe completamente de parte e que isso se nota no recreio. Isso faz-me muita confusão, ver a própria turma, enquanto grupo, ter elementos muito excluídos. Isso, na Apelação, não acontece, há uma certa solidariedade entre eles, mesmo depois havendo, entre eles, uns que são os desgraçados... mas há uma certa solidariedade que não se nota aqui. Eu acho que a violência passa muito por aí. Com certeza, se perguntarem às auxiliares, elas vos darão muitos exemplos de violência, mas a maior violência é essa, de pôr de fora, do que propriamente uma violência efectiva.

Existe mais violência aluno-aluno do que aluno-professor?

Eu acho que sim. Espero que sim. Aqui sim, claramente, mas na Apelação também.

E no meio deste panorama todo, sente-se seguro, tanto nesta como na outra escola?

Sim, sinto. Claro que sinto. Mas acho que há coisas que não podemos ter, e uma dessas coisas que não podemos ter é medo. E uma coisa que também precisamos de ganhar é um bocadinho de sangue frio, no sentido em que, quando acontece alguma situação, nós também temos um papel activo nessa situação, portanto podemos tentar gerir, mais ou menos, esse papel – tal como quando somos assaltados na rua, há uma série de questões a definir, vamos influenciar a forma como aquilo se processa, mesmo que, no fim, sejamos assaltados na mesma – acho que isso é uma coisa importante. E depois, trabalhar as situações e as dificuldades com algum bom senso.

E com os pais, nunca surgiu nenhum tipo de problema?

Isso existe na Apelação. E há pais que dizem *"Eu vou à escola matar a professora não sei quê"*.

Exactamente... E aqui, não há problemas desse tipo?

Pois, eu como não tenho direcção de turma, não tenho tanto esse problema. Mas que eu conheça, não. Não, até porque a heterogeneidade também gera isso, porque quando está numa reunião de pais, com pais muito diferentes, desde um pai advogado até... os pais também têm vergonha. Tudo isto ajuda, porque cria referências e relação com a escola diferentes. Na Apelação, isto não acontece, mas também há um problema grave com os pais; há coisas complicadas. Na Apelação, agora as coisas reduziram muito, quando a escola abriu à comunidade. A questão da insegurança continua a sentir-se, mas também se sente no bairro, a insegurança é a mesma. Mas desde que a escola abriu à comunidade que as relações com os professores e a escola são completamente diferentes. Aqui, a escola tem uma abertura à comunidade diferente, tem outra implementação, aqui na zona.

Quais as estratégias usadas na resolução de problemas? É sabido que as escolas mais complicadas têm programas como a *Escola Segura* e outros...

Ambas as escolas têm o programa *Escola Segura*. Quando fizemos agora o festival **ART+**, só para terem uma ideia, fizemos um torneio de futsal no recinto e houve um tipo que sacou de uma pistola no meio do campo, no meio do torneio. E ele era aluno da escola, foi expulso desta escola.

A solução passou pela expulsão do aluno?

Não sei, não conheço o caso do aluno, não o conhecia. Conheci-o no torneio, ele começou a discutir com outro e, de repente, puxa da arma, e eu pensei "*Olha este!*".

Disse que se sentia seguro na escola, mas isso também passa pelo tipo de relação que estabelece com os alunos...

Acho que sim, é isso...

De certa forma, sente-se seguro porque faz por isso, na sua relação com eles, porque certamente não é um professor de quem eles não gostem.

Quer dizer, mesmo que não gostem, coitados...

Digo isto, no sentido em que não tem atitudes para com eles que eles não gostem.

Pois, isso não. Mas isso é uma coisa importante. Temos de ser correctos, mesmo.

Mas, não no sentido de ser ou não correcto, obviamente temos de ser correctos. Mas, de certa forma, a sua disciplina permite contrariá-los menos do que a Matemática ou o Português. Se fosse professor dessas disciplinas, seria menos acarinhado do que na EMRC, que é opcional.

Sim, isso claramente. Mas outra coisa que é clara é que, e estudámos isso na Apelação, os professores envolvidos em actividades extracurriculares têm muito menos problemas de indisciplina com os alunos.

Criam maior ligação com os alunos...

Os professores que estão no intervalo, que têm actividades com os alunos no intervalo, têm muito menos problemas de indisciplina. E acho que é o que acontece comigo. Esforço-me por estar nos intervalos.

Então não tem a ver com a disciplina, parte da atitude do professor...

Claro que a matéria é mais difícil e eles gostam menos e deve ser difícil de dar – eu não sei como daria aqueles conceitos, com um nível de abstracção que eles têm dificuldade em entender.

Há professores que, por exemplo, na Apelação, funcionam muito bem, porque são muito rígidos mas depois sabem fazer o contraponto. E é muito giro ver isso. Por exemplo, o ano passado havia um professor de Inglês... os miúdos entravam na sala, tiravam o boné, sentavam-se e não piavam toda a aula. E era um tipo que depois, chegava cá fora e ia jogar com eles, era completamente diferente da aula. Mas na aula, não piavam. Era muito giro ver isso, ele conseguiu um tipo de liderança cá fora que depois lhe permitiu impor um conjunto de regras. Há uma coisa importante: quando nós queremos fazer este esforço, isto não se faz à primeira e implica alguma resistência à frustração, da nossa parte, porque as relações são testadas e mesmo cá fora, ao princípio, é uma coisa meia... " *O que é que este quer?*" Para perceberem que é uma coisa que faz sentido e que é bom e que os professores têm coisas boas também a dar, que não é só o Português ou a Matemática, que eles são pessoas também e que podem ser úteis.

Se calhar, eles ainda não estão abertos a esse tipo de relação...

Porque depois também depende das relações. Eu lembro-me, quando era miúdo, não achava muita graça, assim a grandes intimidades, que os professores viessem para cá. "*Os professores lá e os alunos aqui, se você vem para cá, estraga isto tudo. Vem para cá dizer como é que a gente deve fazer e mais não sei o quê, a gente não acha graça.*" Eu acho que há muitas estratégias, e nem sempre corre bem. É difícil ser professor, eu acho difícil.

Que factores considera responsáveis pelo fenómeno da violência nas escolas?

Eu acho... bem, não sei... Eu tenho uma opinião científica, uma opinião não-científica e uma semi-científica. A semi-científica é: os miúdos sabem muitas coisas, hoje em dia. Por exemplo, a história dos *pokemons* – os miúdos têm imensas dificuldades a Matemática, mas sabem 400 *pokemons* de cor e sabem as relações que têm os *pokemons*, que são relações quase

matemáticas; porque se tem um conjunto de probabilidades, depois eles transformam-se – vocês conhecem o esquema, não? Pronto, aquilo é uma coisa de uma abstracção enorme e os miúdos sabem tudo de cor, é impressionante. E quem diz isto, diz as questões informáticas, os miúdos sabem muita coisa, têm muita informação e existem muitos apelos visuais e auditivos... E eu acho que a escola muda muito lentamente, enquanto está tudo numa mudança muito acelerada e a sociedade numa mudança muito acelerada; a escola tem muita resistência à mudança e muda muito lentamente. Está claramente em mudança, quer dizer, a escola que tínhamos em 2000 não é a escola de hoje e a escola que tínhamos em 1998 não é a escola de hoje, já para não falar na escola pré-lei de bases. A verdade é que a escola muda muito rapidamente, aliás, eu tenho a impressão que, desde o princípio desta nova direcção na escola da Apelação, a escola mudou do dia para a noite, foi uma mudança enorme. Agora, a verdade é que a escola cresce, sem dúvida, muito devagarinho e há um certo desfasamento entre aquilo que é a rapidez de aprendizagem dos miúdos e a rapidez de percepção e o funcionamento da escola.

Isso é uma das causas, mas por exemplo, no caso da Apelação, a comunidade da própria escola não é também um factor?

Não, no caso da Apelação... Pois, eu falava da violência na escola no geral. Acho que há um desfasamento e os miúdos acabam por... Outra coisa importante, em relação às escolas, é que os miúdos passam cada vez mais tempo na escola e há menos presença dos pais também, ou seja, a escola é uma instituição que concentra as experiências de socialização das crianças e jovens, é a única instituição que concentra todas as crianças e jovens – a Igreja já não o faz. Todas as instituições tradicionais de socialização vão tremendo e a escola surge como a única; mesmo em termos de acção social, é na escola que se concentram todas as estratégias.

Depois baralhamos muitas coisas, baralhamos o ensinar Matemática e o ensinar a ser... e as competências também não são as mesmas. Uma vez, numa entrevista, um professor de Português disse " *Eu sou anarquista, vou ensinar aos alunos o anarquismo?*".

Mas falou numa opinião científica, não-científica e semi-científica...

Mas as outras deixo-as para mim.

Há uma série de coisas a mudar e os miúdos passam mais tempo na escola, portanto o papel social da escola está em grande transformação e isto gera diferenças no que é gerido pela população discente à população docente... são coisas completamente diferentes do que o que a população considera como as suas funções iniciais. Eu não tenho que ensinar valores aos alunos nem tenho que os educar, tenho que lhes ensinar Matemática, Português, Ciências...

Lá está, se calhar a escola sente uma certa pressão por parte da comunidade...

A própria comunidade faz esta pressão e os miúdos também. Um miúdo que se porta muito mal, do que é que precisa? Precisa de muita atenção, de uma atenção completamente diferente. Muitas vezes, tem problemas de falta de atenção, de auto-estima.

Mas a própria escola não pode resolver todos os problemas, são muitos alunos, por exemplo, esta escola...

Pois não. E nós, com 30 miúdos à frente, é muito complicado.

Há pouco falou na participação dos pais... os pais participam, nesta escola?

Não sei, têm que perguntar ao Professor Rogério.

E na outra escola (Apelação)?

Na outra participam, com resistência. Esta nova direcção está a mudar muita coisa, agora participam muito mais. Mas aquela escola tem muitas fragilidades sociais e os pais mostram ainda muita resistência a ir à escola. Porque dantes, iam à escola, para tratar do papel para "*não sei quê*" ou porque não tinham pago "*não sei que mais*"... e deixaram de ir. Agora, vão muito mais, porque o discurso também mudou. Nós, no ATL, para que os pais fossem, mostrávamos as coisas boas que os miúdos faziam e pedíamos a colaboração deles, para também valorizar um bocadinho. Afinal, todos os miúdos têm coisas boas.

Se a escola tivesse uma cor, qual seria? Tanto esta, como a da Apelação... Teriam a mesma cor? E porquê?

Acho que não. A Apelação seria amarela. E esta...seria azul ou verde, sei lá...! Bem, a Apelação, por causa da alegria, é uma escola com muita vida. E esta também, por isso é que seria verde e não azul, sobretudo agora, com os mais novos, mas é uma escola muito mais institucional.

Acha que o espaço físico influencia na postura?

Acho. Até a nós. As salas têm um pé direito como este (muito alto), o que também não ajuda. Imaginem o que é ter salas tão grandes e tão altas como esta, e em turmas pequeninas então, parece que ficamos perdidos naquele espaço enorme. Isto não ajuda muito, não é propriamente confortável nem ajuda à concentração, mas é engraçado. Mas funciona muito bem, os alunos entram aqui e isto impõe sempre algum respeito.

E é mais positivo e mais controlador, se é que posso chamar assim, aqui ou na Apelação?

Eu, até agora, achava que era aqui. Mas com o 2º ciclo, acho que a Apelação funciona melhor, como estrutura física. E esta é muito grande, os miúdos são pequeninos e a escola é muito, muito grande, tanto que eles se perdem nas salas, andam a correr à procura das coisas... é

muita gente, vocês reparem: 12º ano ao 2º ciclo é muita gente, são muitas idades. Aqui temos miúdos de vinte e tal anos com miúdos de dez anos, tudo a funcionar no mesmo contexto, é muita gente.

Mas acha positivo, a mistura de idades?

Acho a mistura de idades algo muito giro. Se há miúdos que se perdem muito, já não acho tão positivo. Se bem que acho que funciona. Não consigo ter uma visão global muito grande, aqui, mas acho que funciona.

Alguma vez foi violento para um aluno?

Sou muito duro, às vezes. Prego-lhes descascas, de vez em quando, que...mas violento, violento não...

Porque nunca sentiu necessidade, porque não acha que seja correcto...?

Nós não podemos perder o controlo. Acho que, como adultos, temos que saber manter o controlo, mesmo em situações de completo descontrolo. Se nós, que somos adultos, perdemos a liderança e o controlo... Às vezes, também grito, e eles sentem muito isso. E digo imensas vezes assim "*Olha, vou meter-te os dois dedos nos olhos!*". Mas pronto, é a brincar. Acho muito importante mantermos o sentido de humor nestas coisas, mesmo quando percebemos que aquilo acabou e já não há nada a fazer, às vezes se tivermos um bocadinho de sentido de humor, conseguimos mudar isso. Mas violento, violento, acho que não.

Nota-se agressões entre rapazes e raparigas, entre géneros?

Nota, na Apelação, nota-se. Aqui não sei, não tenho conhecimento.

E porque é que isso se nota na Apelação?

Eu acho que acontece porque... Não sei. Acho que é porque acontecem situações muito complicadas. Tem muito a ver com toda esta altura, esta idade de experiência, do crescimento. E há também situações com contornos um bocadinho violentos, que podem vir de casa, em muitos casos, da posição do homem na comunidade em particular, que é uma posição muito específica, num conjunto de representações sociais do papel do homem e da mulher.

Mas verifica-se mais situações de rapazes sobre raparigas ou ao contrário?

Vê-se mais rapazes sobre raparigas, acho que sim.

E isso também parte dessa comunidade específica, que dá ao homem um papel de líder...

Pois, é, é. E com situações muito complicadas.

Por outro lado, tanto numa escola como noutra, a taxa de agressores masculinos é maior que a taxa de agressores femininos?

Em relação às raparigas?

Não, em relação à violência na escola em geral...

Pois, não sei, mas acho que sim.

No fundo, os rapazes são mais agressores que as raparigas?

Não tenho ideia, mas acho que sim. Mas pode ser um estereótipo, uma ideia que tenho, mas não é um dado certo. Eu, por exemplo, acho e tenho impressão que toda a gente acha o mesmo – quando as crianças são complicadas, é muito mais difícil trabalhar com os rapazes. A verdade também é esta.

Havia, na Apelação, duas ou três alunas muito complicadas – uma está agora num colégio – mas tenho impressão que é diferente, que as raparigas se aguentam mais, têm uma postura mais calma que os rapazes. Mas, se calhar, é só impressão.

O que é que a escola pode mudar para solucionar estes problemas?

Acho que tem de mudar mesmo, e no sentido dos alunos. Abrir mais à comunidade, privilegiar mais os alunos e estar mais ao serviço. Acho que nós nos protegemos um bocadinho, se calhar temos de o fazer, não sei. As escolas são muito diferentes, não sei ao certo o que é que a escola em geral pode fazer, mas acho que está no bom caminho, porque o próprio mal-estar que se sente na escola tem dado resultados, tem que se transformar em alguma coisa.

A Apelação está a fazer um caminho muito bom de transformação, de mudança, de abertura à comunidade, de colocar os alunos no centro do processo educativo, que é uma coisa que nem sempre acontece. Há escolas, especialmente escolas mais instituídas – e nesta escola Passos Manuel, estou convencido que isso há-de acontecer um bocadinho – em que o aluno não está bem no centro do processo educativo; há os professores, há uma estrutura montada, há todo um conjunto de coisas e o aluno não está no centro.

Na Apelação, hoje em dia, tudo o que se faz, coloca o aluno no centro do processo e isto funciona. Só um exemplo, no caso da Apelação – se eu dou aulas há 20 anos e tenho um dossier com o qual dou as aulas há 20 anos, no caso da Apelação, eu TENHO que mudar esse dossier. Não há hipótese, não posso... não são os alunos que têm que se encaixar na minha maneira de dar aulas, é a minha maneira de dar aulas ou o meu dossier que têm que privilegiar aqueles sujeitos de aprendizagem.

Então acredita que há professores que dão aulas com materiais de há 20 anos?

Claro, não tenho dúvidas. De há 20 anos é um exagero, mas não tenho dúvidas. É uma tentação enorme, não é? Eu próprio tenho essa tentação, às vezes. Por exemplo, eu trabalho muito com fichas e às vezes tenho muito a tentação de pensar em reutilizar. E disciplino-me imenso, de forma a avaliar as aulas e deixar, para o ano seguinte, anotações sobre o que deve ser mudado nas aulas, nas sessões que eu dei. Por exemplo, tenho um programa, que está dividido em sessões, que são as aulas e tenho um plano de sessão. E esse plano tem que ser mudado, quando as coisas não funcionam, tenho que abrir perspectivas. Há planos que não dão para as turmas todas e tenho que ir mudando, mas isso exige uma certa disciplina. Não é fácil, é muito chato. É mais fácil ter e... é uma grande tentação.

Que tipos de apoios têm dos poderes locais ou outras entidades governamentais?**Escola Segura, Polícia...**

Isso não sei, têm que perguntar ao Conselho Executivo. No caso da Apelação, tem muito apoio, porque a escola também apoia muito, há uma grande relação. Aqui, não faço ideia, mas tem Escola Segura com certeza.

Roubos e *bullying*, existem nesta escola?

Cá, só dei seis aulas no 1º período, mas todas as semanas havia sempre, entre os 5º e 6º anos, alguém a quem tinha sido roubado qualquer coisa ou alguém que tinha roubado alguém. Mas dentro da própria turma, uma coisa estranhíssima. Mas reparem que isto é um bocado a minha amostra, porque é nesses anos que eu tenho mais alunos. Mas acho que acontece, acontece... Na Apelação, acontece muito, às vezes são empréstimos forçados...

E sem devolução...

Sem devolução (risos).

Para si, onde é que acaba a indisciplina e começa a violência? Há uma fronteira, não há...? É tudo a mesma coisa? É que há professores que se referem à indisciplina como uma agressão física e outros consideram violência...

Nunca pensei nisso. A violência pode estar enquadrada na indisciplina. A violência pode ser uma forma de indisciplina, mas a indisciplina não tem que ser, necessariamente, violência. Mas acho que quando falamos de indisciplina, podemos ir até à violência. Há várias formas de indisciplina...A violência é uma coisa horrível.

Tem conhecimento do número de processos nesta escola?

Não.

E da Apelação?

É muito grande. Não sei, não tenho noção, mas é muito grande.

Quais são as soluções para este tipo de problemas, na Apelação?

Agora, passam muito por estratégias diferenciadas – trabalhos comunitários, que é óptimo – dantes, estava entre a suspensão e a expulsão, se bem que depois acabavam por não expulsar muita gente... E hoje em dia, é exactamente ao contrário... a ideia é "*Não sai, tem trabalhos para fazer*" – trabalhos comunitários, vai para o bairro trabalhar - e hoje em dia, com o esquema que a escola montou, com os animadores nos recreios, conseguem fazer com que os miúdos cumpram esses trabalhos comunitários. O problema aqui é: aquele professor que faz a participação sobre o aluno e a punição são os trabalhos comunitários, ainda o vai vigiar? Não dá, não é? Assim, ele não vai fazê-los. Agora, com animadores que sejam bons animadores e tenha uma relação mais próxima com eles, e que neste caso, são do bairro, eles fazem esse trabalho. Isto é sentido de uma forma... eles limpam a sala. No fim, os outros vão-se todos embora e eles ficam sozinhos, para não serem gozados.

E como é que os alunos vêem essas sanções? De forma mais positiva ou menos positiva do que a suspensão e a expulsão?

Bem, hoje em dia já vêem com bons olhos. Sim, mais positiva. Até porque permite aos alunos falar um bocadinho sobre aquilo que aconteceu e não ser só uma coisa do género "*Ah, aqueles mandaram-me embora, eu não tive culpa nenhuma*", aquele discurso da vitimação. E enquanto estão ali, não podem fazer isso. Há uma razão para eles estarem ali e eles têm que reconhecer isso. E ao aceitar fazer o trabalho comunitário estão a aceitar que...

E eles têm outras opções, para além do trabalho?

A última opção é a suspensão.

E isso é tudo negociado?

É, com eles. E com os pais, é dito aos pais "*Você não quer que o seu filho vá para casa e fique sem fazer nada e fique metido nisto e nisto durante 5 dias, pois não?*". Então eles assinam um compromisso, assinam um contrato. Aqui não sei. Mas também, os casos aqui são bem mais simples. Na Apelação, há casos muito mais difíceis.

Só uma última pergunta: disse que dava aulas de EMRC, a sua formação é nessa área?

Não, eu sou de Comunicação Empresarial.

E depois fez mestrado em Sociologia da Educação...

Sim, fiz Sociologia da Educação em mestrado, mas já a dar aulas. E perguntam vocês: *"Porque é que eu sou professor de EMRC?"*.

Exactamente, porque é um exemplo de redireccionamento de carreira...

Mas eu nunca quis ser professor! O meu percurso é um bocado estranho, porque eu sempre trabalhei como voluntário numa série de projectos de acção social – trabalhei inclusive com os refugiados kosovares, quando estiveram cá – e isto, sempre acompanhando o curso. E sempre achei que o curso era uma área muito gira para trabalhar, a nível de acção social – os centros de saúde têm problemas de comunicação enormes, tenho a impressão que bastava mudar algumas coisas nos centros de saúde, para as pessoas se sentirem muito melhor e ficarem menos doentes. Há sempre aquele cheiro e aqueles cartazes muito alarmistas para ler. E pensei que se pudesse trabalhar a nível de autarquias, a nível de formação. Nós temos papéis nas portas dos realojamentos sociais que não percebemos o que querem dizer, utilizam palavras do estilo *"excelentíssimos senhores"* ou *"excelentíssimos moradores"*. Se eles não falam português, também não sabem ler português, por isso não escrevam assim, escrevam de outra maneira. Achei sempre que havia muitas coisas para fazer. E depois desiludi-me um bocadinho, porque percebi que os departamentos de comunicação das câmaras municipais, dos hospitais, trabalhavam muito mais do ponto de vista político ou do ponto de vista das relações públicas, do que propriamente do ponto de vista do utente. E comecei a trabalhar, continuei a fazer o trabalho que fazia como voluntário, mas de uma forma um bocadinho diferente. E nessa altura comecei a trabalhar mesmo em projectos de acção social, como animador e depois, mais tarde, como coordenador, depois passei a coordenar um projecto de ATL na Alta de Lisboa, que começou com 40 miúdos. E entretanto, algures nesta fase, soube que no patriarcado estavam a precisar de professores de EMRC e fui-me propor. E fui substituir uma professora, em Bucelas, que estava à espera de bebé, porque eram umas turmas muito complicadas e eram três horas por semana, eram muito poucas horas. No ano seguinte, cresceram os ATL, passaram de 40 miúdos para 150, portanto não pude dar aulas nesse ano, mas adorei a experiência de dar aulas. E o que aconteceu foi que, na Apelação, houve uma professora de EMRC, que estava à espera de bebé e levou um pontapé de um aluno na barriga e eu fui, de emergência, substituir essa professora. E pronto, foi quando fui para a Apelação. Nesse ano, acumulei a Apelação e Bucelas, porque o professor que esteve lá entre um ano e outro, também se foi embora, porque dizia que era muito complicado... e eu acumulei as duas. E agora, vim para aqui também.

E no entanto, era uma coisa que nunca queria ser e....

Eu gosto imenso, mas nunca tinha pensado. E não me sinto, propriamente, professor de carreira. E agora, que mudou a lei, acho que não vou poder dar aulas, para o ano. Mas não me sinto... Estou um bocadinho ao serviço, onde for preciso. Agora, gosto muito de dar aulas, se bem que, devo confessar, estou com uma dificuldade que é, pela primeira vez... tirando a

altura do PIEF, tenho as 28 horas, ou seja, tenho o horário completo e é muito complicado, sobretudo porque dou aulas de 45 minutos – se calhar, se desse aulas de 90 minutos era diferente – mas, por exemplo, à 3ª feira, passam cento e tal miúdos por mim – saem uns e entram outros, saem esses e entram outros, é muito cansativo porque também perde um bocadinho a graça, porque começamos a automatizar o discurso e chega a última turma e já só queremos que passem os 45 minutos. Mas é uma primeira experiência, porque quando era na altura do PIEF, era diferente, era só uma turma que tinha muito tempo, eu tinha várias aulas de EMRC, mas depois tinha uma turma a que dava muito tempo e era diferente. E este ano descobri esta faceta nova de ser professor, que não sei se gosto muito, é muito fragmentada. Por exemplo, um professor que dê uma disciplina de Ciências, imagine-se que tem duas horas por semana, acaba por ter menos turmas. Eu tenho aqui 11 e na Apelação 7, portanto 18 turmas, muitos miúdos e não sei se estou a achar isto uma coisa adorável, porque depois não dá tempo para nada.

Pois, no fundo, perde-se aquele proveito de estar com os miúdos...

E é muito segmentado, estou sempre a mudar o discurso – porque dou do 5º ao 9º e são discursos completamente diferentes.

Considera que, depois da mediatização do caso da Apelação, as coisas melhoraram?

Ficou muito melhor. Eu, na altura, não concordei nada. Eu não fui à reunião, mas quando me perguntaram – e precisavam da autorização de todos os professores – eu disse “*Se toda a gente concordou, eu vou por que concordo também, mesmo tendo muitas dúvidas e não concordando nada*”. Acho que o director teve muita coragem e fez muito bem, porque a verdade é que, a partir dali, a escola tem tido um conjunto de apoios completamente diferentes, do ministério.

Isso reflectiu-se, então, nos apoios. E os alunos, continuam a comportar-se da mesma maneira?

Isto reflectiu-se na escola. O acréscimo de apoios ajuda muito. A escola está completamente diferente e o marco da diferença da escola está, mais ou menos, na altura da televisão. Não porque tenha tido um grande impacto, porque a televisão tenha sido o mais importante – não é isso que quero dizer – mas as estratégias que tinham sido feitas... Aquela direcção entrou, muda a escola completamente. O primeiro ano foi o descalabro, porque na mudança da escola, auxiliares e alunos ficaram todos baralhados, sem saber o que se estava a passar, e acharam que aquilo era tipo *nabo* ou *nabiço* e que se podia fazer tudo. No segundo ano, começou-se a sentir alguma coisa, mas ainda muito duro. No terceiro ano, este ano, dá o salto e começa a sentir-se tudo o que foi preparado para trás e que começa agora a dar resultados.

Então acha que, apesar das pessoas que viram a reportagem não saberem qual era a escola – porque se disse que era uma escola da área de Lisboa – o facto dos alunos verem a sua escola na televisão, levou à mudança de comportamentos, por uma questão de vergonha?

Também, porque os miúdos disseram "*Que vergonha!*". Mas é mais por parte dos apoios. Até porque há muitos comportamentos que... Quando falamos de diferenças culturais, no caso da Apelação, falamos mesmo em diferenças: são mesmo realidades e questões diferentes e que nós não conseguimos perceber, e que os miúdos não conseguem perceber em nós – a linguagem, a maneira de estar, a maneira de falar, são coisas que são distintas. E por isso há muitas questões de indisciplina, que não são mais do que isto. E pronto, muitas vezes descambam em situações muito chatas, por questões muito parvas, como a maneira de falar – nós temos expressões que, para eles, têm significados completamente diferentes. Eles têm uma realidade completamente diferente. Nós temos uma ideia da comunidade africana muito ligada à ideia do subdesenvolvido – não têm a tecnologia, não têm a sofisticação que nós temos, mas têm coisas que nós devemos trazer rapidamente para cá, como a questão da alegria, a questão da comunidade, a questão da vida, a questão da relação com a morte e a vida, enquanto vida natural, são coisas que fazemos com artificialismo e que eles não têm – há uma relação muito próxima com a morte, não a afastam como nós, e por isso, viver e morrer é muito natural. A vida faz parte da comunidade, é estranho quando uma rapariga de 30 anos ainda não tem filhos, há uma certa pressão familiar e da comunidade, porque faz parte da cultura deles – no entanto, para nós, não faz qualquer sentido. A importância da música – investem mais nas colunas do carro do que na alimentação dos filhos – isto não nos faz sentido. Às tantas, eu próprio ponho em questão esta nossa forma de ver as coisas – somos sempre tão bons e tão organizados, tudo em dia, todo o dinheiro muito bem segmentado e eles têm que integrar esta organização, sem dúvida, mas sem perder esta riqueza que eles também têm e que a nós não faz sentido, mas que eu acho que devia fazer. Eles deviam conseguir adaptar-se sem perder aquilo que já têm. E eu acho que eles têm imensa coisa que nós devíamos aprender – aliás, eu adoro a cultura africana, em algumas coisas está um bocadinho à frente. Mas mesmo em termos de aulas, isso gera muitas questões, como a questão do tempo, fazem muito barulho, falam muito alto e aquilo faz-nos um bocado de confusão.

Mas as nossas crianças também falam alto...

Isso também é algo que eu digo muito para mim próprio: "*Se eu quisesse adultos, ia dar aulas a adultos.*". Mas eu quero trabalhar com crianças de 5º ano, não são propriamente imagens de cera que se colocam nas capelas, são miúdos. Agora, acho que ser professor é duro. Admiro imenso os professores, porque as coisas nem sempre correm bem – às vezes correm menos bem – acho que é uma missão muito gira e tem muito mérito ser professor. E pronto, é

ultrapassar as dificuldades e ir aprendendo, não se deixar ficar. Admiro muito os professores e, se calhar, para o ano deixo de ser professor.

Professor Rogério Frazão, Vice-Presidente da Comissão Provisória Instaladora do Liceu Passos Manuel

Qual a sua função aqui na escola?

Sou vice-presidente da Comissão Provisória e estou com a parte dos alunos.

Quanto tempo tem de serviço?

Aqui, nesta função, tenho meses. No ensino, tenho vinte e não sei quantos anos.

Já cá anda há uns tempos...

Já.

Já leccionou em escolas problemáticas, a nível de violência?

Não, nem mesmo considero que esta seja uma escola problemática, de todo.

Não tem problemas...?

Quer dizer, problemas... tem muitos jovens e portanto, tem os problemas que são normais para quem tem muitos jovens. Eu acho que não tem problemas, exactamente assim... do tipo "*Temos medo de ir para a escola*", em que eles se batem... Não, esta escola é uma experiência

nova, tem meninos, pela primeira vez, desde o 5º ano até aos cursos profissionais. Tem jovens e portanto acho que estamos todos a aprender, os mais velhos a aprender a lidar com os mais novos, tem-nos feito muito bem a todos, considero eu. E depois, vai tendo, pontualmente, um caso ou outro, mas penso que não se pode enquadrar naquele conceito de violência...

O professor é professor de quê?

Eu sou professor do 1º ciclo.

E aqui, exerce a sua função de professor?

Aqui não tenho alunos, estou só na Comissão Provisória. Mas lido exactamente, com muitas situações de comportamentos, comportamentos assim incorrectos... isso sim, às vezes existem, mas não que possamos considerar violência.

Então, é mais uma questão de indisciplina?

É uma questão de comportamentos. Aí, podemos falar de algumas coisas: temos meninos muito bem comportados e meninos que, às vezes, não são tão bem comportados.

Mas não chega a um extremo...

Não. Quer dizer, considero que é o normal, num universo de 1800 alunos; são uma franjinha muito pequenina, que se conta pelos dedos de uma mão. Não temos aquele tipo de problemas, de ser permanentemente. Conflitos violentos não temos, temos problemas de comportamento, como é normal – um professor que se queixa de um aluno que é incorrecto ou um aluno que se queixa de outro – mas nada que possamos considerar, enquanto órgão de gestão, que temos problemas de violência. Temos é uma escola com um contexto social que abrange um universo de alunos com condições sociais, económicas e culturais muitíssimo diversas, temos uma escola com todos os meninos, com essa heterogeneidade que consideramos uma riqueza. Temos aqui meninos de todos os estratos sociais e esta heterogeneidade que consideramos uma riqueza para todos, queremos viver com eles, temos esta perspectiva de inclusão, que passa para lá de tê-los cá – queremos contar com eles, com as coisas boas e menos boas e com o que cada um deles tem para dar e pode dar.

E que estratégias é que a escola adopta, para conseguir tudo isto, com os alunos?

Com a entrada do 5º e do 6º ano, a escola teve de se preparar...

Não. A entrada do 5º e do 6º ano foi de um mês para o outro. Foi uma ordem que veio e ditou as coisas assim. Temos tido uma coisa que fica mal eu dizer, mas é verdade, temos tido muito cuidado e muito bom senso e temos usado como estratégia a relação, privilegiar sempre a relação – recebemos sempre todos os alunos, conversamos com todos os alunos, ouvimos

todos os professores, sempre que possível, mesmo o aluno que se porta muito mal, é sempre ouvido. Temos o maior respeito por toda a gente e agimos... Procuramos agir em vez de reagir, sempre. Procuramos dizer "Fez bem" ou "Fez mal", "O que é que acha?". Procuramos sobretudo agir em vez de reagir.

O corpo docente da escola é, em geral, estável?

Não. A partir de agora, será mais – como sabem, agora vamos ser colocados por três anos. No entanto, quem entra em Outubro permanece até ao fim... Mas também, o corpo docente sabe onde está, sabe que está num contexto social complicado – aqui, nesta zona da cidade, há uma abrangência enorme, em termos de espaço físico; recebemos aqui, alunos de várias zonas, temos cursos profissionais, escolaridade normal, ensino secundário... é como vos digo, temos meninos que são chineses, ucranianos, angolanos, cabo-verdianos, portugueses, temos um pouco de tudo, mas queremos viver muito bem com todos – e não queremos só porque queremos, mas porque entendemos que é esta a nossa função, enquanto escola pública que presta um serviço de qualidade. Temos sempre conseguido resolver os nossos problemas ou os problemas que consideramos de comportamento, de uma forma que eu acho muito equilibrada, sem grandes transtornos para a vida da escola. Vivemos com esta diversidade, temos consciência desta realidade, queremos viver assim e melhorar as nossas acções, não só as nossas práticas mas também as nossas atitudes, para que cada um dos alunos que nos procure se sinta o melhor possível. Tive um dia destes um menino, um rapaz que chegou aqui vindo de outra escola, um jovem com alguns problemazitos e eu disse "Queremos que venha e que se sinta o melhor possível, porque queremos ajudá-lo a ser o melhor possível" – para que vejam que não queremos excluir ninguém, queremos tê-los a todos cá. Isto obriga a um esforço por parte dos professores. Reparem que hoje é uma profissão desgastante – estar hoje na escola não é o mesmo que estar na escola há 30 anos, ou há 20 – esta heterogeneidade provoca, também aqui, a necessidade de alguns abanões, a todos nós que cá estamos – que não fomos trabalhados para isto – e temos que nos ir adaptando.

A minha estratégia passa sempre pelo diálogo com os alunos, com os encarregados de educação, com os directores de turma; se for preciso temos uma estreita colaboração com a *Escola Segura*, para os casos que nos parecem mais de abandono, não tanto de comportamento ou daquela coisa muito má de violência, mas mais de abandono e de exclusão – e reunimos imenso com a *Escola Segura*, com quem temos uma excelente relação, fazem um óptimo trabalho de ajuda, relacionamo-nos muito com as juntas e a autarquia, onde vamos buscar ajuda de psicólogos, com a Santa Casa da Misericórdia também, com assistentes sociais – temos várias reuniões – estas foram as nossas estratégias, envolver o mais possível a comunidade ou os seus representantes e tentar unir esforços para prevenir, mais do que para resolver.

Falta-nos fazer a avaliação, ver o que fizemos bem e o que fizemos menos bem, o que fizemos e o que falta fazer, para no próximo ano – porque só estamos aqui desde Setembro, porque somos provisórios – podermos operacionalizar outras coisas e outras estratégias de apoio com esta linha, que vai ser, se nós ficarmos cá para o ano, a linha orientadora do nosso projecto educativo, que é no fim de contas, termos a noção de que temos que criar condições, enquanto escola pública, para promover aprendizagens, fomentar o conhecimento, promover aprendizagens que sirvam para que os meninos se sintam integrados na vida e na comunidade, de uma forma activa e responsável, independentemente de qualquer condição, que qualquer um deles possa ter.

Para nós é importante, apesar de todos os inconvenientes; é muito fácil dar aulas a meninos todos iguais. Não faz parte da nossa linha de acção olhar apenas o mau, queremos sentir isso como uma riqueza e portanto, partir daí para que o contributo que cada um possa dar, seja ele quem for, possa estar ao serviço de todos, para que todos possamos aprender com o que cada um tem, mesmo com as coisas menos boas. Isto não é fácil. Temos muitos contactos com os encarregados de educação, articulamos muitíssimo com os directores de turma – o director de turma tem um trabalho fundamental, neste aspecto, fazendo muito a ligação com os encarregados de educação – e depois nós, executivo, também. E quando não é possível resolver numa primeira linha, vamos alargando e envolvendo outros parceiros; o que queremos é resolver o problema. Temos tido excelentes resultados, considero eu – não muitos, porque os casos também não são muitos. Eu não considero – depende dos conceitos que cada um tem – que estejamos numa escola com comportamentos violentos; mesmo que me esforce um bocadinho, mas não, não é de todo. Tem os problemas normais de um sítio onde reside, por muitas horas, muita gente.

O facto da escola ser um espaço físico muito grande, e que lhes dá uma grande liberdade de sítios e espaços onde possam estar, alguma vez criou algum problema?

O nosso maior problema tem a ver com outra questão. O espaço é sempre óptimo, os miúdos de 5º e 6º ano adoram porque vêm de uma escola que não é uma escola tipo, vêm de um prédio onde não tinham recreio. O espaço em si é óptimo, até permite que alguns dos nossos alunos – sobretudo os mais velhinhos, ou os mais novos quando começam a perceber – lhes apeteça não ir às aulas e nos escapem pelos dedos, depois não os conseguimos localizar a todos. Mesmo assim, temos feito um exercício desde o início do ano – assim que demos conta que os alunos estavam na escola e não iam às aulas – começámos a ter um trabalho, muito concertado com os encarregados de educação e nós próprios, do executivo e qualquer professor, de fazer esse controlo – e quando estavam a faltar às aulas, eu próprio cheguei a levar alunos à sala. O que me deixa feliz nisto é que cada vez o faço menos, ou seja, isto tem diminuído – o que não quer dizer que não se escapem. O que nós queremos, qualquer que seja a função que tenhamos cá dentro – e digo isto todos os dias aos professores e funcionários – é que somos professores de todos os alunos e não só da turma A ou B. E

fazemos mesmo questão disso, somos professores de todos os alunos; por isso, quando vejo um aluno, mesmo que não seja meu aluno, nós temos uma acção, tentamos agir.

Sem ser nesta escola, nunca esteve numa escola em que houvessem problemas de violência?

Já estive numa escola, bem mais pequena que esta, que tinha problemas de indisciplina. Mas são sempre problemas de indisciplina localizados, pontuais.

Também era em Lisboa...? Terá a ver com a localização da escola?

A escola também era em Lisboa, e os problemas eram semelhantes aos desta escola, porque também havia heterogeneidade.

Associa o facto das escolas consideradas mais problemáticas serem, normalmente, mais homogêneas?

Eu não conheço essa realidade, e quando não conheço tenho receio de falar. O que acho é que a escola, hoje, tem cá os meninos todos e acho que a escola precisa de se "*arrumar*", precisa de se "*arrumar*", para esta nova realidade. E se quiser, enquanto profissional, olho à minha volta e vejo que a escola está "*arrumada*" como sempre estive e eu não sei se isto serve para hoje, a questão é essa! É óbvio que os comportamentos são dos outros, mas os nossos também contam, e a escola tem que fazer esta leitura e tem que se adaptar a isto. A escola não pode dizer que tem cá os meninos todos e continuar a funcionar da mesma maneira, como se só cá tivesse meninos de determinada condição. O que eu acho é que há aqui um problema de fundo, que é a massificação da escola e o ensino de massas, e a escola para isto.

Olhe para o espaço e veja à sua volta, está tudo igual, como quando eu andei aqui, e eu tenho 53 anos. O que estou a tentar dizer com isto é que eu não fui feito para isto: eu quando vim para a escola, não foi para estar sentado à volta de uma mesa, a falar com pessoas; eu vim para a escola para estar numa fila, de costas para o colega da frente, para não lhe ver a cara. Eu sou muito mais para reproduzir do que para pensar.

A escola hoje é inevitável! Por isso é que digo que me custa imenso falar dos comportamentos violentos, porque acho que esses mesmos comportamentos querem dizer coisas. Eu não sei é se nós lemos essas coisas. A escola tem que ler estes sinais, se é que os quer ler e organizar-se para isto. Quando os professores se queixam, eu digo-lhes para que me descrevam o que é que os alunos fazem, para que possamos perceber. E depois, o que fazemos na sala, para minimizar os problemas? Organizamos os espaços? Gerimos os tempos e as dinâmicas da sala de aula? Fazemos todos os dias igual? Igual a ontem, igual há três semanas, igual há seis meses? Nada muda?

A escola não pode fazer o que não deve, é um parceiro, é um elemento da comunidade educativa, faz parte integrante dela; é-o de facto, na minha perspectiva, e tem que prestar um serviço de qualidade para o público que cá tem. O que cá tenho hoje não é igual ao que cá tinha há 5 anos; o público que hoje pede para vir para a escola não é o mesmo de há 10 anos. Portanto, ou eu, escola olho para isto com olhos de ver, e com distanciamento e com algum discernimento, e faço uma leitura desta nova realidade e procuro adaptar a escola a esta realidade ou... A escola tem que ser, ela própria, um sujeito que aprende, a escola não sabe tudo e também tem que ir aprendendo. E aprende com os professores, alunos, funcionários, com todos os elementos da comunidade educativa, que tem que convidar a participar. Na escola, as pessoas representam muito e participam pouco; assumem muito o papel de representantes. E a escola precisa de participantes – e participantes somos todos.

E de facto, estes fenómenos de indisciplina reflectem-se aqui, porque é aqui que estão os meninos – e se qualquer coisa correu mal na vida deles, e eles vêm para aqui, têm que fazer alguma coisa a alguém – e eles têm uma maneira muito própria de dizer coisas; os jovens têm maneiras muito próprias de dizer que não gostam dos professores, que não gostam de mim, e dizem, com muita abertura e eu posso gostar ou não, e reajo em vez de agir, muitas vezes.

Se calhar, esta escola não é, de facto, um exemplo...

Nós também não clarificámos o que é para nós o conceito de violência.

Pois, porque é um conceito que diverge, de pessoa para pessoa...

Exactamente. Mas tanto quanto eu posso pensar, daquilo que vocês querem e vos interessa, nós temos, efectivamente, aqui algumas questões de comportamento, como existem noutra escola qualquer. Não temos assim um número elevadíssimo de suspensões, posso dizer que, ao longo do ano, não tivemos 10 nem tivemos 8. Temos situações muito graves? Não. Temos uma situação mais grave, possivelmente, que são casos isolados, que nós imediatamente vamos atacar, conversando com o aluno, com o encarregado de educação e com as outras entidades que nos podem ir ajudando à volta, e vamos sempre tendo o *feedback* da evolução das coisas – situações de maior exclusão social procuramos interagir muito com a Comissão de Protecção de Menores, esforçamo-nos por sermos coerentes, de acordo com nosso critério e noção de escola.

A escola tem outras alternativas de punições, para os casos mais graves, ou como a maioria das escolas, opta pela suspensão ou expulsão?

Não vamos para a suspensão. Não tivemos um aluno expulso, mas já recebemos. Suspensão, já demos, mas só um dia ou dois e sempre de acordo com o encarregado de educação, escolhemos as alturas.

Algumas escolas adoptam os trabalhos comunitários. E vocês?

Não temos nada disso. E tentamos fazer isto sempre... tentamos sempre que seja uma penalização. Para um miúdo, ir suspenso é estar de férias, mas sempre que se suspende, penaliza-se porque é um dia que não está a estudar, aprender, brincar.

Pois, para uma criança, a suspensão são dias de folga em casa...

Por isso, só o fazemos no limite. Não usamos isso... Queremos reduzir isso. O mais importante é a tomada de consciência, prefiro que um aluno me diga que fez mal, ainda que nós saibamos que amanhã vai fazer igual; nós também somos assim, quem não erra...

O que procuro fazer é pôr-me no papel do outros, perceber que idade tem o outro, quando é que aquilo é falta de educação, quando é que é irreverência – com 53 anos não dá muito jeito ser irreverente, mas com 20 aceita-se.

A sua tentativa de diálogo com os alunos, não é vista por eles como uma atitude passiva, por parte da escola?

É uma boa pergunta para eles. O que sei e sinto é que eles se sentem bem e isso dá-me um prazer imenso. Dá um prazer imenso ver alunos, que já cá vieram falar comigo por coisas menos boas... que me cumprimentam. Dá-me uma alegria muito grande quando, fora de contexto, onde não tinham obrigação nenhuma, eles me vêm falar. Esse é o indicador que tenho. Estas coisas não mudam de uma hora para a outra, os comportamentos não se mudam assim e vocês sabem disso – apita-se a campainha e agora é assim.

Isto tem a ver com uma coisa em que acredito imenso, que é a relação. Nós fomos feitos para a relação e precisamos de perceber o que levou aquele jovem a ter aquele tipo de comportamento – o que é que eu fiz, eu adulto, eu professor, eu membro da escola, quantas vezes me cruzei com ele, quantas vezes o olhei de frente, quantas vezes disse "*bom dia*" ou "*boa tarde*", quantas vezes o cumprimentei. Eu nunca falo com ninguém sem saber o nome da pessoa, porque acho que é tão básico isto... Pelo menos, quero que quem está aqui, esteja o melhor possível, nem que esteja a dizer a coisa mais desagradável possível. Isto pode ser um bocado utopia, um bocado encanto, mania, chamem-lhe o que quiserem – eu sinto-me bem assim e sinto que isto... dá-me prazer ver que os alunos que passam por aqui, nem entram, mas digam "*Olá professor!*".

Agora, este conceito de violência... a violência é já uma coisa num estado muito avançado do comportamento, assim desajustado. E nós temos alguns comportamentos desajustados, que são normalíssimos de quem está numa escola, com este universo de alunos e com esta diversidade, que é tão interessante. Agora, são muitas horas de escola, o espaço é muito bonito, mas tem um pé direito muito alto e umas cores assim também... o mobiliário... tudo isto conta.

E acha que isso condiciona os comportamentos dos alunos, em relação às agressividades?

Acho, acho.

Será que se sentem mais responsáveis, com uma postura mais aceitável, numa escola com este ambiente?

Isso não sei, porque não lhes perguntei. Mas é muito taxativo isto, é mesmo muito taxativo, o espaço pode condicionar muitas coisas. O espaço condiciona os comportamentos, acredito nisto dentro da sala de aula, portanto, acredito nisto nesta dimensão maior que é a escola. Se eu, quando estou a dar aulas, sinto que tenho que gerir o espaço, porque o espaço condiciona, portanto, também entendo que cá fora deve ser assim.

Relativamente ao *bullying*...

Não.

Não existe?

Não, não... temos assim, de vez em quando, uns meninos que brincam... Não vos digo isto para fugir à verdade, porque acredito que estas coisas servem para alguma coisa.

Pois, porque estamos de fora, temos ideias pré-concebidas das coisas, por exemplo, em relação à indisciplina, temos tendência a pensar que a culpa é dos meninos e pode não ser...

Passa pela própria gestão. Com tantas solicitações que os jovens têm hoje, a nossa escola tem demasiado papel. Uma criança ocupada nunca deu trabalho a ninguém, agora uma criança desocupada... com os jovens é a mesma coisa. Os jovens têm que fazer aprendizagens e experiências que sejam significativas. Isto é muito complexo, porque eles pensam que é só saber o que lhes apetece. A escola tem que ter a preocupação de preparar para o futuro e de preparar os jovens para participarem activamente e responsabilmente na sociedade. E isto faz-se com muito trabalho. Eu costumo dizer que os alunos têm que saber que têm que trabalhar, não faz mal nenhum. Nós temos que apostar na qualidade, e a qualidade não se tem, sem trabalho e exigência. A forma de lá chegar, a forma de trabalhar os conteúdos é que pode ser mais ou menos expositiva, mais ou menos seca. Às vezes, é preciso ser seca, não tem que ser uma festa todos os dias, que a vida também assim não é. Mas de facto, o que é importante é que os alunos percebam o que estão a aprender e para o que estão a aprender. E isto é que é tornar as aprendizagens significativas. Se os alunos aprendessem tudo o que os professores querem, sabiam tudo; mas o facto é que não aprendem o que nós queremos, só aprendem algumas coisas. Aprendem o que acham importante. E é isto que torna a vida do professor difícil, porque isto é ser um gestor, mais do que um transmissor.

E o que é, para si, ser professor?

É um gestor. É um gestor, obviamente, de muitas coisas; gestor de currículo, sobretudo. O professor tem que saber é gerir currículos, não é cá gerir escolas. Para estar na sala de aula, tem que saber gerir currículos e gerir conflitos, gerir tempos, saber gerir espaços, para saber ir ao encontro das necessidades dos alunos e dos interesses dos alunos, para que eles façam, não o que querem, mas o que é preciso, da melhor forma possível, tornando isso o mais aliciante possível. Há coisas que podem, devem e terão que ser sempre expositivas e eu concordo com isso, mas as outras coisas é bom que mudem um bocadinho. Nós temos que desenvolver competências e as competências desenvolvem-se com experiências. A competência é o "*mobilizar do conhecimento para uma eternidade*", é o "*saber fazer*". Para sabermos fazer, é preciso ter o saber, o saber nunca há de ter limites. Mas é bom que saibamos fazer, adequar o que sabemos e aprendemos, para numa situação, podermos "*remendar o furo*".

Gosta de ser professor?

Eu adoro ser professor. Mas o difícil de ser professor é isso mesmo, gerir...e agir. Porque nós, na educação – seja na escola ou não – reagimos muito, tenho eu esta percepção e este medo e este cuidado, para não reagir, para agir. Porque os miúdos precisam de acções, precisam de perceber "*Fiz isto porque me fizeram aquilo*". Às vezes reagimos. O difícil da escola é exactamente isto: se um professor souber gerir... o que precisamos muito é de fazer este equilíbrio, saber gerir... e não é fácil, porque nós não temos todos a mesma concepção de escola, mas todos precisamos de ter a noção que estamos numa escola.

De uma forma geral, quais os factores que considera responsáveis pelo fenómeno da violência na escola?

Voltamos à questão inicial, que é a da massificação: nós estamos cá todos; ou a escola se organiza para todos ou... Porque é que há violência? Por muitas coisas, podíamos começar aqui por muitos factores – podíamos pensar na família, podíamos pensar na escola – mas o que eu acho fundamental, de facto, é que há uma questão que acho essencial, que é a massificação. Nós temos aqui todos os alunos – e os alunos o que são? Vêm lá de fora, da sociedade, como cada um é. Temos cá aqueles que sempre foram muito certinhos, também temos cá aqueles que são filhos de pais "*não sei de quê*", temos outros de famílias destruídas, mas nada disso é impeditivo do bom comportamento das pessoas. Agora, o que nós precisamos é de nos organizar para esta realidade. A violência na escola, de facto... se calhar, os meios de comunicação têm alguma influência, se calhar, muitas coisas. A ausência de muitas das regras que os miúdos... Hoje em dia, é preciso os miúdos perceberem esta questão das regras... era muito importante, os limites que começam a perder-se, os miúdos facilmente... Sei lá, os pais saem de casa muito cedo; no meu tempo, eu saía de casa e ficava a porta aberta, eu entrava em casa, a qualquer altura, e chamava pela mãe – se não estava a mãe, tinha a avó, se não

fosse a avó, tinha a tia – e hoje os miúdos chegam a casa e batem à porta, ou entram, e não está lá ninguém, senão a televisão e a Internet... E eu acho que esta ausência de pai e de mãe é preocupante; eles dantes podiam não estar ali, mas nós chamávamos pelo nome e sabíamos que estavam algures.

Portanto, eu penso que esta violência toda existe por diversos condicionalismos, mas sobretudo, quando a escola se organiza para isto, tem que encontrar soluções. Agora, as causas podem ser diversas – podemos dizer que é a família, podemos dizer que somos nós – por isso é que é mais visível hoje. Dantes só cá estavam alguns. Se a menina se portava mal na escola, era expulsa, nunca mais cá punha os pés, ou chumbava por faltas e perdia o ano. Agora, os meninos são obrigados a estar aqui até aos 16 anos, e se são obrigados, estão cá, estão cá todos. A violência existe aqui, como existe lá fora, existe onde existem pessoas. Vamos à procura das causas e, se calhar, com um bocadinho de esforço, encontramos-las... ou mesmo sem esforço nenhum.

Considera que os pais participam na vida escolar dos alunos?

É assim, eu considero que os pais participam... Isto é abusivo, é abusivo porque, da leitura que eu faço, daqueles com quem precisamos de contactar, eles vêm saber – se nós os chamarmos, eles vêm cá – se nós quisermos saber, se os convocarmos, eles vêm. Agora, o que é participar? É só isto? Sabe que, quando um pai... os pais têm os filhos na escola e normalmente os pais são chamados à escola para quê? Quando os meninos se portam mal. Não se chamam os pais à escola para dizer "*Olhe, hoje o seu filho portou-se lindamente nas aulas!*". Depois isto cruza-se com outras coisas. O que é participar? É só vir cá nestes momentos? É estar nos órgãos de gestão das escolas? É estar na assembleia? Mas como? O que é que sabe da vida da escola? Como é que participam na construção do projecto educativo da escola? Como se explica aos pais, como é que nós fazemos? Fazemos reuniões – e fizemos, pela primeira vez este ano, reuniões com os encarregados de educação dos meninos do pré-escolar, até aqui, aos meninos mais velhos – têm que se apresentar os conteúdos programáticos que os meninos tinham que aprender. Isto já foi um passo muito grande. E o nosso investimento foi, sobretudo, no pré-escolar e no 1º ciclo, porque entendemos que era mais fácil. Mas estes pais, ao saberem, todos os anos, o que os filhos vão aprender na escola, no próximo ano já vão perguntar "*Então não vão fazer aquela reunião?*" e nós vamos fazer. O que nós entendemos por participar é dar a conhecer o que se passa na escola. O que nós gostaríamos muito era de ter os pais, de facto, a participar activamente na construção do projecto educativo; não é decidir quando é que se há de ensinar uma equação de segundo grau, porque essa é uma responsabilidade do professor – há coisas que são da responsabilidade do professor: o gerir o currículo, o exercer a função, o poder na sala de aula que lhe é conferido, o saber científico e a capacidade de reflexão para poder gerir bem, essas são as responsabilidades do professor. Por isso é que ele é professor, é-lhe atribuída uma função social e é reconhecido, tem um diploma. Para mim, faz todo o sentido que os pais e

outros membros da comunidade educativa possam dizer assim "*Não, é importante que estes alunos se debrucem sobre esta área ou aquela, que aqui se abordasse este ou outro assunto nesta escola; era importante que nós, pais, tivéssemos formação nesta área ou naquela.*" É isto que eu queria ver, mas que não fosse dito por mim.

Até costume dizer que se chamarem cá os pais e lhes perguntarem porque é que não vêm às reuniões, eles dizem "*É sempre para ouvir o mesmo!*". Isto é um trabalho que a escola tem que fazer, esta organização, esta participação – participar na escola não é vir saber as notas dos filhos, porque a isso eles têm acesso quando vão à pauta. Participar na escola é participar na construção do regulamento interno, que vai dizer como é que os pais participam na avaliação; participar na escola é dizer que linhas de orientação de política educativa é que a escola deve ter – e não prática pedagógica, que há pais que dizem que temos que ensinar isto ou aquilo, porque uns sabem e outros não – não é isso que os pais têm que fazer e isso tem que ser dito, claramente, aos pais "*Não é aí que você tem que interferir, é noutro lado*", para que depois não se baralhe tudo, pai e professor não é a mesma coisa.

E nós só conseguimos fazer uma acção eficaz junto dos meninos se os conhecermos, e conhecê-los é ouvir os pais deles, em termos de política educativa: "*Que coisas gostariam que o seu filho aprendesse nesta escola, para além daquilo que é o currículo nacional, que é obrigatório para toda a gente? Que outras coisas são importantes tratar aqui?*"

E a escola tenta ter esse diálogo com os pais?

Nós tentamos ter... e estamos numa fase muito inicial, porque somos uma comissão provisória, estamos agora a começar a falar do regulamento interno, ainda nem sequer temos projecto educativo; mas do que depender da nossa vontade, acredito piamente – eu e os meus colegas do Conselho Executivo – que vamos cá estar para o ano.

Como é que vêm esta abertura da escola à comunidade, à participação dos pais? Acham possível, acham que é demagogia, não querem cá outros participantes?

Não, acho que não. Temos alguns pais no Conselho Pedagógico e não temos noutros órgãos porque somos comissão provisória. Essa experiência, eu não tenho. O que sei é que os professores demonstram sempre muito interesse em falar com os pais. Portanto, essa abertura, eu penso que existe. E digo penso, porque ainda não vi, só quando tiver a necessidade de falar com o grupo e perceber a adesão de uns e outros, é que lhe posso dizer. No essencial, no básico, eles estão disponíveis. É necessário ir devagarinho e ir dizendo aos professores que não tenham medo, porque efectivamente, acho que o professor... eu já dei aulas numa faculdade e os meus alunos avaliavam-me sempre. Eu acho que os professores têm que ser avaliados, e não me custa nada que os pais me digam se os trato bem ou não, se os apoio bem ou não, se os envolvo ou não; naquilo que lhes diz respeito, podem avaliar-me, estão à vontade e é preciso que o façam. Precisamos todos de aprender.

Se esta escola tivesse uma cor, qual seria?

Seria assim um branco, umas cores mais clarinhas, nunca seria desta cor. Por exemplo, eu acho esta biblioteca bonita, mas isto sou eu, de 53 anos. Se tivesse 10 anos, não sei se acharia tão bonita. Não sei se estas mesas tão pesadas, estas cadeiras tão de madeira, não sei se uma criança de 11 anos se sentirá bem aqui, a fazer uma grande investigação. Costumo dizer que a escola não devia ter paredes, gostava de dar aulas numa escola assim – mas não sei como é que isto se fazia – em que os alunos é que vinham... os professores estavam lá naqueles espaços e os alunos iam passando, conforme a necessidade que tivessem, de saber isto ou aquilo, e iam passando por lá. Isto trazia outros problemas, os da relação: acho que nós não nos podemos relacionar com muita gente ao mesmo tempo, porque senão torna tudo muito impessoal. Não sei como se fazia isto, mas gostava de estar num espaço assim, em que os alunos viessem aos poucos... acho que isto mudava completamente.

Eu gostava de ver uma coisa em que estivéssemos, não no centro – porque o centro da escola nunca serão os professores, o centro da escola terão sempre que ser os alunos; os professores são instrumentos, hoje estão aqui mas amanhã estão noutro lado. A escola é do aluno e é o aluno que tem que ter excelentes condições para trabalhar. No palco da escola estão os alunos, os professores hão-de passar por esse palco, para ajudar os alunos – mas gostava de ver isso, os alunos por aí e a virem ter connosco quando lhes apetecesse.

Para si, onde é que acaba a indisciplina e começa a violência? Distingue-as, não distingue...?

A indisciplina é quando há uma falta daquilo que é considerado normal, quando há comportamentos que começam a ser desajustados. E o que é o desajustado? É quando se afasta daquilo que é a norma, quando se passa o limite. Mas não é o limite do que eu entendo, é o limite do que é a regra, do que é a norma. A violência é a agressividade, seja ela física ou verbal, seja dos alunos ou dos professores. E eu aqui não consigo encontrar esse tipo de comportamentos, consigo encontrar comportamentos desadequados, consigo encontrar pontualmente aquela coisa malcriada, mas não violência. Eu esforço por vos dizer isto, mas não, porque de facto, não é isso. Nós temos meninos mal comportados, temos meninos com muitos problemas que não podem ser diferentes, não podem ser outra coisa. Temos meninos que, se calhar, não têm pai nem mãe, mesmo tendo em casa. Temos meninos que chegam aqui com muitos problemas, não têm regras.

A família está na origem de muitos problemas...

É lá que eles nascem, eles é que os pariram, como eu costumo dizer... sabem muito bem o que têm; às vezes tenho pessoas que chegam aqui e dizem "*Não sei o que hei-de fazer com ele*" e nós temos que ajudar. Mas são meninos que não querem fazer porque não lhes apetece, que saem porta fora da sala, mas não andam por aí a matar-se uns aos outros. Tivemos aí um

problema de um menino, mas que estava doente, é uma criança que já está a ser devidamente acompanhada, ainda hoje de manhã o vi.

O facto da escola aceitar muita gente, todas as pessoas, de culturas diferentes, traz alguns problemas ou não? Por exemplo, de aprendizagem ou comunicação...

Não. Se calhar, há uma criança que tem dificuldade a perceber a língua portuguesa, mas tem aulas suplementares.

E entre eles, não há conflitos, por serem diferentes?

Nada. Por isso digo, daquilo que me é dado a conhecer, porque também há coisas que me escapam... os nossos alunos entendem-se lindamente e nós esforçamo-nos por os ouvir. Tive uma vez, um menino chinês, em que eu lhe perguntei se estava tudo bem com ele e ele me disse que precisava aprender a falar português, queria muito ter aulas de apoio; no fim, já estava feliz da vida. Temos um menino do Paquistão; mesmo esses, de línguas mais estranhas, gostam de estar aqui.

Vocês usam de alguma forma, aproveitam essa riqueza destas diferentes culturas?

Eu tenho sempre muito medo que isso não se aproveite, há uma diferença muito grande entre incluir e tolerar. Tê-los cá, porque ainda não têm 15 anos e não podem andar na rua, é falso! Mas uma coisa é tê-los cá, e aí nós toleramos... É a grande diferença para mim, entre incluir e tolerar: tolerar é tê-los cá, incluir é contar com eles. E contar com eles passa exactamente por isso, aproveitar e rentabilizar o que eles sabem e o que nós sabemos e partilharmos as coisas, para podermos ficar todos mais ricos, aproveitar essa mais valia. Eu acredito que este é um passo muito curto, mas como já vos disse, temos esta perspectiva de tê-los cá e subjacente a isto está esta ideia de tornar isso numa verdadeira inclusão. Passar da tolerância à inclusão também nos vai ajudar a resolver alguns problemas, dentro das próprias salas, alguns problemas de relação e vai ajudar-nos a todos a ver a escola diferente. Os pais também não acham muita graça ver os filhos misturados com não sei quem.

Não há problemas de exclusão das minorias, por parte dos alunos?

Nunca me apercebi disso. Os jovens têm uma maneira muito mais inteligente de resolver essas coisas, são muito mais abertos às diferenças do que os adultos, relacionam-se muito. Sinto que os jovens são muito mais impermeáveis a esse tipo de pressão, do que nós adultos. Eles, seja cigano, branco, preto, amarelo, azul ou encarnado, é tudo pessoa, o que é importante para nós. Isto, para mim, satisfaz-me imenso, porque vai ao encontro da concepção que eu tenho desta escola.

E apoios...? Já falou, de alguma forma, mas...

Nós procuramos sempre... exactamente porque o nosso conceito de comunidade não é só comunidade escolar, queremos-la mais abrangente. Não é fácil, porque os próprios parceiros não estão habituados a isto, não é prática – o que não quer dizer que, outras pessoas, noutras escolas, não o façam – não é normal fazermos isto. Queremos envolver, de facto, as pessoas e elas só se envolvem conhecendo. Chegámos aqui e fizemos reuniões com todas as Juntas de Freguesia, dissemos o que éramos e o que queríamos, durante este ano. Não temos muito mais feito, porque só chegámos aqui em Setembro. O que não conseguirmos fazer é porque vivemos numa sociedade muito burocrática, a escola e sobretudo o poder central, é tudo muito burocrático, e colidem aqui, ainda, muitas coisas – as autonomias que se deviam ter e não se têm, o que está decretado e o que, efectivamente está no papel...

E, efectivamente, têm essa autonomia, desejada (ou não)?

Temos autonomia para fazer imensas coisas, não temos é algumas partes que nos dariam a plenitude da autonomia. Não temos autonomia para contratar professores; de que me vale ter uma concepção de escola e um projecto educativo muito interessante, se depois vem para cá alguém que me manda às urtigas? As concretizações são na sala de aula. Quando os professores chegam às escolas, o conselho executivo devia dar o regulamento interno, o projecto educativo e o plano anual de actividades e dizer "*Leve para casa, leia e enriqueça*". Os professores chegam à escola e querem saber é do horário...

Os projectos educativos conhecem-se muito pouco, e nas escolas, o que temos que fazer é dar a conhecer projectos educativos, para que a pessoa o incorpore e se sinta; já que não pôde estar na sua concepção, ao menos que o leia e enriqueça. A escola só anda, se os actores todos se envolverem nele e o conceberem. De que adianta ao Conselho Executivo conceber um projecto educativo se não o consegue implementar?

A escola, sem auxiliares de acção educativa, não era nada; têm uma função que vai para lá do pano do pó e da vassoura. Têm, por ventura, conhecimento de coisas dos alunos que os professores precisavam de ter e não têm, porque os miúdos não lhes dizem. Os auxiliares de acção educativa são uma peça fundamental numa escola, têm uma função que é diferente da minha, mas tão importante. Ao limpar uma mesa, um auxiliar de acção educativa está a dar uma excelente aula de cidadania, e está caladinho. É preciso valorizar todas as funções numa escola, todas são importantes.

E processos disciplinares? Tem uma ideia, por alto, do número de processos?

Não lhe posso precisar neste momento, não fiz esse levantamento, mas devem ser entre 8 e 10, relativamente a suspensões, mas a nível de repreensões, somos capazes de ter mais, idas ao Conselho Executivo temos mais, mas num extremos, talvez 8 processos.

E é mais comum em rapazes ou em raparigas?

Não consigo responder... Mas cá para mim, são mais rapazes. Claramente, são mais rapazes.

E a nível de sucesso na escola?

Ainda estamos a fazer o levantamento das notas de 2º período. No 1º período, as coisas estavam mais ou menos equilibradas e o aproveitamento, de um modo geral, era satisfatório. Tínhamos insucesso pontual, em algumas turmas, e nesses casos temos que aplicar os planos de recuperação, que obviamente têm como principal objectivo a recuperação do aluno. E tivemos cerca de 80 a 90 planos de recuperação, no universo dos alunos da escola; à medida que há alterações no aproveitamento, os planos têm que ser reajustados. O objectivo destes planos não é reter mas prever a retenção. Se tínhamos 80 ou 90, têm estado a melhorar.

E casos de abandono escolar?

Tivemos três ou quatro casos, só. Mas tivemos uma coisa que é pior, que é o início do processo de abandono, que é começar a faltar... Abandonar mesmo, tivemos apenas três casos. Mas estamos numa fase de prevenção. Sempre que o aluno tem 10 faltas injustificadas, embora não se deixa chegar a essas 10... sempre que começa a existir faltas injustificadas, começamos os nossos contactos com o encarregado de educação, marca-se uma reunião, ele vem, define-se uma estratégia com o encarregado de educação – acompanhar o aluno à escola, ligar à directora de turma para saber se ele está nas aulas ou não... Quando atinge as 10 faltas injustificadas, faz-se a comunicação para a Junta de Freguesia, para a *Escola Segura*, para a *Protecção de Menores* e obviamente, para o encarregado de educação, que já soube. Fazemos logo reunião, juntamos esta gente toda, vamos logo saber o que se passa. Numa 1ª linha, tento falar com o aluno, para resolver a situação ou tentar perceber. Quando descamba, chama-se o encarregado de educação e, dependendo dos casos, o aluno está ou não presente na reunião. Apanhamos aqui algumas crianças que estão em instituições, não é fácil lidar com elas, mas temos muitos contactos com essas mesmas instituições, reuniões sistemáticas, para resolver os problemas, mas não é fácil.

Pessoal não docente

Sr. Diamantino, segurança interno do Liceu Passos Manuel

Quanto tempo tem de serviço?

Estou aqui há mais ou menos 9 anos.

E já trabalhou em escolas problemáticas a nível de violência? Ou acha que esta é uma escola problemática?

Não, não é problemática. Quer dizer, já esteve melhor. Agora, com a vinda para cá do 5º e 6º ano, piorou um bocado. Dão-me mais trabalho, o 5º e 6º ano do que os outros anos. Antes, quem dava trabalho era o 7º, mas depois de se ambientar corria tudo bem. Este ano, quem nos dá mais que fazer é o 5º e 6º ano, a mim e a todos os outros funcionários.

E antes desta escola, nunca trabalhou numa escola com problemas?

Não, não. Eu saí da vida militar há 9 anos e convidaram-me para vir trabalhar para aqui.

Para si, o que é ser o segurança da escola? O que sente como responsabilidade...?

Ser segurança é proteger os alunos, não os deixar agredir uns aos outros, não deixar que agredam os professores ou que os tratem mal, evitar que eles faltem às aulas. Quando vejo meninos que faltam às aulas, peço-lhes o cartão: se tiverem aulas, meto-os na sala. Senão, mando-os para o Centro de Recursos.

Está aqui para gerir um bocadinho...

Para evitar que façam isto ou aquilo...

Gosta da sua profissão?

Gosto. Gosto de estar a lidar com jovens, estou habituado, não me custa nada, embora aqui sejam bem mais novos.

Tem conhecimento de problemas entre professores e alunos, alunos e funcionários, alunos-alunos...?

Tenho. Aqui há dois ou três anos, houve um problema entre uma aluna e um professor aqui na escola, mas que foi um caso que foi resolvido. Eram alunos que não obedeciam ao professor. O professor mandou parar uma aluna, durante uma aula. Ela não obedeceu e ele pegou-a por um braço e pô-la cá fora. Ela depois ainda disse um palavrão ao professor. Mas foi um caso único.

Mas não é comum...?

Não, assim de agressividade, não é comum.

O mais comum é entre alunos?

Sim, entre alunos, principalmente estes mais novos, na brincadeira uns com os outros... Um diz uma coisa e o outro dá-lhe logo uma chapada. Eu lá consigo intervir e depois falo com os dois, ponho-os bem um com o outro e fica tudo bem.

Esse é o tipo de agressões de que tem conhecimento, no espaço escolar. Mais alunos-alunos?

Sim, é mais ou menos isso.

Sente-se seguro, aqui na escola?

Sim, completamente. Embora às vezes me mandem bocas. Esses daí de fora, que vêm para aí chatear, que não são da escola e me mandam bocas. Mas eu estou cá para ver. Estou preparado para tudo.

Mas consigo e com alunos nunca houve problemas? Nunca teve problemas de algum aluno o ameaçar?

Já aqui há uns anos, logo no ano em que vim para aqui, ameaçaram-me aí fora e até escreveram aí na parede "*Morte ao Sr. Diamantino*".

Mas eram alunos cá da escola?

Eram, na altura, eram. E eu depois identifiquei-os, aliás, um deles até foi apanhado a escrever pelo funcionário. Esse até morava aqui logo em frente, já não mora cá. E depois eu falei com a mãe... Até foi a mãe dele que veio falar comigo! E eu disse: "*Minha senhora, eu estou no meu trabalho, não me meto com ninguém, mas se for agredido aí fora, já não sei como é que será.*" E a partir daí, correu tudo bem.

Mas ultimamente, então, não houve nada...?

Não, não.

Que factores considera responsáveis pelo fenómeno da violência nas escolas? Porque é que essas coisas acontecem? Embora aqui não seja muito significativo, mas no geral...

Isto da violência... isto hoje, a juventude... há uns que vêm de casa com boa educação e com esses não há problema, o problema são os que não têm educação ou que têm problemas familiares que se reflectem neles. Eu até falo com alguns e tento aconselhá-los e ajudá-los. Naquilo que posso e sei, ajudo-os. Há aqueles que me ouvem e outros que não querem ouvir.

Considera que os pais participam na vida escolar dos alunos?

Não digo a maior parte, mas grande parte participa. Até há pais que vêm falar comigo para saber com quem andam os filhos e até deixam o seu número de telefone. Quando vejo meninos ou meninas que andam com quem não deviam andar, falo com eles e aviso-os, aconselho-os. Digo-lhes "*Olha que não é boa companhia para ti, não quer dizer que não fales com ele, mas tem cuidado. Arranja os teus amigos, que tenhas confiança, para não arranjares problemas*".

Os mais pequeninos têm tido alguns problemas com os mais velhos?

Não, não têm havido. Por acaso, até pensei que, por virem para cá os mais pequenos, houvesse mais problemas, mas não. Aquilo que há de problemas é entre eles, pequeninos.

O que é que acha que a escola poderia mudar, para solucionar alguns dos problemas que tem?

Mudar...? Isso agora vai do bom senso dos alunos... Se eles quiserem compreender aquilo que nós lhe dizemos... Porque o Conselho Executivo até tem feito muito: chamar lá a cima e têm outra mentalidade e outra política. Mas estes miúdos...

Acha que os funcionários são suficientes?

Acho que são poucos. Até mesmo ao meu nível, acho que ainda cá faltam outros, assim como eu...

Pois, a escola é enorme...

É enorme. Porque eu, só com os do 7º ao 12º, eu conseguia, praticamente. O que surgia, conseguia-se resolver. Mas agora, com estes pequenos, já são muitos. Já são mais cerca de 500 alunos, e ainda por cima são mais pequenos...

Para si, qual a principal diferença, se é que existe sequer, entre indisciplina e violência? Consegue distingui-las? Existe algum limite?

Quer dizer, pelo menos a (in) disciplina parte da boa educação. Porque eu vejo aqui muitos alunos que, na prática, não têm praticamente disciplina nenhuma... A violência, por vezes acontece a violência entre eles porque eles se exaltam uns com os outros, às vezes até com a bola, pá... às vezes acontece no jogo da bola, um passa uma rasteira, o outro não gosta e pronto, começa logo a batatada!

Se a escola tivesse uma cor, qual é que seria a cor desta escola?

Acho que esta cor até não é má... Eu gosto de todas as cores, menos assim este berrante... mas talvez um azul, um azul clarinho. Gosto muito do azul, e também do verde.

D. Ana, Auxiliar de Acção Educativa do Liceu Passos Manuel

Quantos anos tem de serviço?

Eu? Tenho quase 20 anos.

E há quanto tempo trabalha nesta escola?

Nesta escola, há 13.

Esteve noutras escolas, então?

Estive em mais duas escolas, na Escola Rainha D. Amélia e na Escola Eugénio dos Santos.

Essas escolas tinham problemas de violência?

A Eugénio dos Santos tinha, a Rainha D. Amélia não. Era muito seleccionada, era tudo Champalimaud.

E em relação a esta, nota alguma diferença? Da violência...

Ultimamente sim. Ultimamente, esta está um bocado mais agressiva, com os miúdos mais pequenos...

A escola está mais agressiva, com a chegada dos mais pequenos?

Sim, notamos a diferença. A situação ficou pior.

Para si, o que é ser auxiliar de educação?

É ajudar nos momentos e pronto... é estar com eles nos bons e nos maus momentos também, não é?

Gosta da sua profissão?

Adoro.

Tem conhecimento de problemas a nível de indisciplina e violência, entre alunos e professores?

Normalmente, aqui, quando um professor tem qualquer problema com um aluno, leva-o ao Conselho Executivo mas nós também interferimos muito, damos o apoio ao professor, ao ajudante, e chamamos à atenção o aluno; eles, muitas das vezes, até nos obedecem mais a nós do que a certos professores também, têm mais respeito. Olhe, eu sou uma das que, conforme gosto muito de estar com um aluno, também exijo um bocado... E faço-lhes ver, ponho-me em conversação com eles sobre os problemas deles.

E entre os alunos e auxiliares?

Nós aqui não temos assim... ainda não temos assim grandes problemas, o que não quer dizer que não haja um caso ou outro – isto é assim: a gente não agrada a toda a gente, não é? Nem mesmo a nível de colegas, não agradamos a todos nem somos agradados por todos – e há alunos que gostam muito de mim e há outros que não gostam daquela, porque é a maneira de ser das pessoas.

Pois, mas não chega ao extremo, não chega a haver violência?

Não, não. Só tivemos aí um caso de um menino, de 5º ano, mas agora ele já está mais calmo. Tem cara de anjinho, mas era um diabinho em pessoa mesmo. Mas se a gente olha para ele, é um anjo autêntico.

E entre aluno-aluno, há muito?

Isso há bastante, eles têm rivalidades, muitas vezes por namoradas, ou porque... Mas nós também estamos por cá e sempre ajudamos, já os chamámos à atenção, já os separámos. Mas depois, aquilo acalma.

Como é que se pode ultrapassar esse tipo de problemas?

Nós, muitas das vezes, quando eles estão *nesse coisa*, a primeira coisa que temos que fazer é tentar separá-los. E depois chamamos sempre uma das partes e dizemos "*Achas bem o que fizeste? Achas que esse é o meio para chamar a atenção? Gostas de ver toda a gente a olhar para ti?*". Normalmente, há sempre uma parte que a gente chama logo e depois, mais tarde, falamos com a outra parte também. Quando a cena é pior, vai tudo ao Conselho Executivo, que é o que tem de ser, mesmo.

Consegue dar-nos um exemplo de violência que se tenha passado?

Consigno... Normalmente, os namorados têm muito a ver com isso. Há rivalidades entre... Nós, ainda no Carnaval, aqui, o que é que eles faziam? Normalmente, eles nem se agredem assim muito, mas são capazes de chegar ao pé de uma pessoa e... Havia aí uma, que era uma pretita, porque tinha rivalidade, porque namorava e tirou-lhe, chegou aqui com uma garrafa de 1,5 l de água e despejou pela outra abaixo. E a rapariga estava de costas e levou com aquilo tudo. Tive que lhe chamar à atenção "*Achas que fizeste bem? E se ela to fizesse a ti?*" e ela depois disse "*Ah, mas eu não gosto dela!*", mas não é por não gostar porque "*Não é por eu não gostar dela que posso chegar e dar-lhe uma lambada*". Pronto, fazemos-lhes notar essas maneiras, e elas depois acabam por se acalmar.

Tem conhecimento de agressões, no espaço escolar, entre alunos?

Lá está, muitas das vezes... mas também não é daquelas agressões que envolvem facadas nem nada, como em certas escolas temos. Acho que é tudo um bocado passageiro – eles agora zangam-se, mas daqui a bocado, já estão outra vez bem.

Entre professores, alunos e auxiliares, quem são os principais intervenientes nestas situações de violência?

Nós, normalmente, se a situação ocorre dentro de uma sala e o professor não consegue resolver, chama logo uma empregada, para chamar alguém do Conselho Executivo. Se se passa no campo onde é visível, nós... Quantas vezes eu não tive de largar a caixa, para ir tentar separá-los... e depois, quando vejo que a situação é para aquecer, chamo sempre uma ajuda para os levar ao Conselho Executivo, e eles lá tomam conta da ocorrência e castigam-nos. Aliás, deviam castigá-los mais do que castigam.

Sente-se segura na escola?

Sim.

Quais são os factores responsáveis pela violência na escola?

Ah, meu Deus...! Eu acho que, muitas das vezes, eles não têm sossego. Acho que há certas coisas, dos problemas da vida deles, que eles trazem para a escola também e isso reflecte-se muito aqui. A gente aqui podemos dar um pouco de carinho, mas não damos os carinhos que eles, na realidade, necessitam.

Os pais... Acha que os pais participam na vida dos filhos?

Eu acho que não. Na minha opinião, acho que isso não é verdade. Porque, se os pais participassem, interessavam-se mais em vir à escola saber, muitas das vezes... Não quer dizer que sejam todos, mas numa média geral, vêm poucos pais à escola, para saberem dos filhos.

Se esta escola tivesse uma cor, qual seria? E porquê?

Não sei, se calhar, o branco. Porque traz paz.

Alguma vez foi violenta, ou teve problemas de violência com um aluno?

Não.

Para si, qual é a diferença, se é que existe, entra um aluno indisciplinado e um aluno violento?

Indisciplinado... eles muitas das vezes não sabem estar, por falta de educação, mas isso também já vem de casa.

E o violento... eles muitas das vezes chegam a estes fins para conseguirem aquilo que querem. Mas também traz um bocado da educação em casa.

E o que é que eles querem, já agora...?

Atenção, que é o que ninguém lhes dá.

O que é que a escola pode mudar, para solucionar estes problemas?

Aí, é um bocado difícil... é um bocado difícil... Porque a escola, por muito que tente fazer, eles também... a maior parte da educação vem de casa. Nós podemos chamar à atenção, podemos repreendê-los, mas a educação teria que vir de casa, os pais teriam que lhes dar mais apoio, não os deixar com tanta liberdade... é o que está a acontecer à nossa sociedade.

Como é que a senhora viu a chegada dos novos alunos?

A princípio, estávamos sempre com um pé à frente e um pé atrás, porque estávamos habituados a outro género de miúdos, mais crescidos, que já sabia que no 7º ano vinham mais rebeldes – são mais crianças também. Mas também o digo agora. Em relação há uns 5 ou 6 anos atrás, o 12º ano está quase igual aos 5º e 6º anos, são mais crianças.

Então, basicamente, pelo que percebemos do que nos disse, considera esta comunidade escolar, esta comunidade de alunos, problemática.

Pois, mas não são todos. E acho que há escolas piores que isto. Eu estive na Eugénio dos Santos e era muito pior que isto, muito mais problemática que esta.

Acha que a heterogeneidade desta escola, a nível de culturas diferentes, mas também de proveniências de diferentes locais da cidade, pode contribuir para que a escola se torne mais violenta, nos próximos anos, devido a essas diferenças?

A nível de racismos e isso?

E mesmo a nível de comportamentos violentos com os professores, como entre eles...

Eu acho que sim. Isto não é olhar às cores, mas há muita rivalidade entre eles. Os chineses têm sido os mais maltratados aqui – normalmente estão sempre a chamar nomes – que são os “chinocas” e não há grandes amizades a nível de... eu acho que eles ainda não estão bem adaptados a essa... E depois, eles são alunos muito aplicados, que é o que os nossos não são – eles mesmo com as muitas dificuldades que têm, a falar, alguns deles são os melhores alunos. E nós temos que ser realistas: o nosso futuro é muito termos um presidente, quase, chinês do que um, quase, português, porque eles são os miúdos mais aplicados. Assim como temos a nível de estrangeiros: temos aí russas e elas também tiram melhores notas que os nossos. Os professores dão-lhes todas as *chances* e ajudas e eles não aproveitam, mas os outros não deixam escapar.

Então, para si, estas rivalidades que já existem, podem um dia mais tarde, ser um problema?

Pela maneira como estamos a ver isto e com a situação a piorar de ano para ano...

D. Paula, Auxiliar de Acção Educativa do Liceu Passos Manuel

Quantos anos tem de serviço?

Eu entrei em 1992, portanto, se estamos em 2007... São 15 anos.

E há quantos anos trabalha nesta escola?

Eu comecei a trabalhar aqui em 92, entrei mesmo para aqui.

Para si, esta escola é problemática, a nível de violência e indisciplina?

Não, a esse nível, acho que não. Quer dizer, temos uns casos, mas não é uma coisa por aí além... a gente aqui tenta, mais ou menos, controlar. Mas não acho que seja uma escola dessas...

Para si, o que é ser auxiliar de educação?

Acho que é muita coisa, as pessoas pensam que não, mas engloba muitas coisas. As pessoas pensam que o nosso trabalho é só a limpeza, mas não. Acho que uma auxiliar de educação é mais para tomar conta da criança, para ver os problemas da criança, para ajudar a criança... para mim, o fundamental de um auxiliar é isso, ver os problemas da criança e tentar ajudá-la, porque há muitas crianças que, infelizmente, têm muitos problemas graves. E se nós, como auxiliares, não soubermos dar o apoio a essas crianças, então não vale de nada estarmos aqui.

Então as crianças vêm-na um bocado como uma confidente e uma amiga?

Eu acho que sim, porque acho que temos que ser primeiro amiga delas e só depois confidente. E só depois, então, uma empregada de limpeza... e também alguém que as chama à atenção.

Tem conhecimento de problemas de violência entre alunos e professores?

Não. Eles são capazes de dizer que não gostam dos professores, mas não chegam a esse ponto... violentos, não.

O que é que a escola faz, para não haver esses problemas?

É assim, a gente quando vê que uma criança tem problemas, tentamos conhecer a criança a fundo, para sabermos que temos de a tratar de uma certa maneira. Depois de percebermos que há um problema, tentamos estar mais perto dessa criança, para não a deixarmos chegar ao limite máximo, com os outros alunos. Mas quando chega, somos obrigadas a levá-los ao Conselho Executivo e aí eles falam com o professor ou com o psicólogo e a criança é encaminhada. Mas da nossa parte, a gente tenta que a criança não chegue lá. Por vezes, têm que chegar, às vezes, custa um bocado, da nossa parte, porque tentamos que não chegue...

O Érico, por exemplo, eu nunca tive problemas com ele até hoje, porque eu consegui controlá-lo: fiz amizade com ele, tentei percebê-lo, tem muitos problemas a nível familiar, é uma criança agressiva que não pode ser provocada ao extremo, porque senão reage...

E acha que isso se deve aos problemas familiares, em casa?

É, é, porque ele comigo, abre-se e conta certas coisas... eles vão acabando por contar algumas coisinhas... mas aquele é uma criança que eu acho, sou sincera e embora goste muito dele, que devia estar noutra sítio, devia ser acompanhado de outra maneira, não sei... acho que

devia haver ali mais qualquer coisa... ele é um incompreendido, ele é um doce. É uma criança inteligentíssima, a professora manda-o para ao pé de mim, porque ele não quer ir lá para cima, porque não gosta e porque prefere estar ao pé de mim. E a professora dá-lhe a ficha e ele faz a ficha, ao pé de mim, num abrir e fechar de olhos. É uma criança inteligente, mas tem problemas e precisava de haver pessoas que tratassem deste problemas, porque a escola não pode, uma professora ou uma funcionária não pode estar só a cuidar dele, nas sete horas que estamos aqui... e isso acontece com o professor porque ele tem 26, 27 ou 28 alunos numa sala, não pode dar atenção só a um, e aquela criança precisa da atenção mais centrada nele.

Tem conhecimento de agressões no espaço escolar?

É assim, é normal... para já, vou ser sincera: eu acho que a televisão tem um bocadinho de culpa, por causa do *Wrestling* e dessas coisas, que eles imitam isso tudo. E depois, já não sabem onde começa e acaba a brincadeira e chocam-se. E vamos lá nós, puxar um para aqui e o outro para ali e ralar... se vemos que é uma coisa em que vão ficar inimizades, tentamos falar com eles, para voltarem a ser amigos. Se as coisas são mesmo graves, então temos que levar ao Executivo... mas geralmente, a gente aqui consegue resolver.

Em que níveis é que há mais agressão: a nível de aluno-aluno, aluno-professor ou aluno-auxiliar?

Aluno-aluno.

E dá-se mais nos mais pequeninhos ou nos mais velhos?

Neste momento, é nos mais pequeninhos. É a história das brincadeiras que acabam mal e eles desentendem-se.

E o fenómeno de *bullying*, em que o aluno é perseguido e intimidado para dar o lanche e o dinheiro... isso acontece muito?

(uma aluna, que estava a ouvir a entrevista intervém, para dar o exemplo de dois colegas, mas a auxiliar remata) Não é bem assim, porque o Ricardo e o Hugo têm uma relação muito especial. O Ricardo era da turma dela, agora está num colégio interno – eu, por acaso, já o fui ver, tive muita pena dele; tinha um génio daqueles, deu-me muita luta e eu gosto dos miúdos que me dão luta – e a primeira coisa que ele me perguntou, no dia em que o visitei, foi se eu tinha levado o Hugo. É aquela relação de amizade... ele veio de férias e a primeira pessoa que foi ver foi o Hugo. Eles gostam muito um do outro, mas o outro andava sempre em cima do mais pequenito. Era outro miúdo com muitos problemas, também.

Eles só sabem manifestar-se através da agressividade, devido aos problemas que têm.

Que factores considera responsáveis pela violência na escola?

Como eu disse, a televisão é muito responsável por isto, por causa dos programas que tem. E eu gosto de televisão – embora veja pouco – mas acho que está muito má. Agora, com aquela coisa, que não me lembro o nome (*Wrestling*), que os miúdos praticam o dia inteiro, aquilo é todo o dia, de uma ponta à outra do corredor, só se vê disso. E como eles não sabem a diferença entre simular e apanhar mesmo... e mesmo os desenhos que agora temos, não tem nada a ver com o meu tempo, nem com o vosso; os bonecos de agora são mais guerras que outra coisa, é tudo *Power Rangers* e coisas dessas.

Os pais participam na vida escolar dos filhos, participam na escola?

Alguns... quando há reuniões, eles costumam vir, mas fora isso também eles nem devem vir cá muito, porque faz mal à influência das crianças, umas com as outras, porque gozam e chamam meninos da mamã, entre outras coisas, uns aos outros. Depois, há crianças com um lado afectivo muito bom e outras com um lado afectivo muito mau, e nessas vai desestabilizar, a presença dos pais aqui.

Alguma vez foi violenta para um aluno?

Eu? Não.

E já algum aluno foi violento para si?

Já, ainda há pouco tempo, tive um problema com um menino de 5º ano, que acabou, inclusive, por me dar um pontapé... mas depois pediu-me desculpa, e agora dou-me muito bem com ele. Ainda outro dia, ele estava aqui a falar comigo e disse-me que estava muito arrependido...

É o que eu costumo dizer, temos que ir acompanhando a criança, não basta falar com ela um dia...

O que é que a escola ainda podia mudar, para solucionar estes problemas que ainda existem?

Eu vou ser muito sincera: quem nos ouve falar, acha que 30 empregadas é muita gente, mas para estas crianças todas é pouco, porque as instalações são grandes. Por exemplo, aqui sou eu e a minha colega, daquele lado do corredor, para este espaço e estes miúdos.

Qual é a diferença entre um aluno indisciplinado e um aluno violento?

Um aluno violento... Por acaso, este ano, houve aí um caso, o Érico; mas ele tem que ser provocado, quando é provocado, vira fera. Se não for provocado, é uma criança espectacular, um anjo. Temos aí outro caso, de um aluno que provoca muito e precisamos ter muitas maneiras a falar com ele... se ele provocar e respondermos na mesma moeda, é fogo; se não ligarmos, ele cansa-se e acaba por desistir, até tenta falar de outra maneira connosco. Acaba

por ser violento, e no fundo, não ser. Tenho penas destes casos, este esteve internado num instituto, este ano está completamente diferente.

Uma criança indisciplinada é... há muitos! E porquê? Para agradar ao amigo, à menina, para se mostrar; acabam por ser indisciplinados por essas coisas. Tenho aí crianças tão doces que, se depois dissermos A, B ou C, tentam... e acabam por ser indisciplinados na própria aula.

Se a escola tivesse uma cor, que cor seria? E porquê?

Uma cor? Azul-bebé. Então, porque é uma cor alegre, porque me põe bem disposta para aguentar os meninos.

Como é que viu a entrada do 5º e 6º ano, aqui na escola?

Vou ser sincera, tive muito medo, quando chegaram. Não só pelos meninos, mas como pelos empregados e professores. Estava com medo de que não conseguíssemos. A nível de crianças, estava com medo, que os grandes não aceitassem bem... mas não houve problemas, aceitaram bem. Cruzam-se pouco e quando se cruzam, não ligam. Pensei que houvesse mais problemas. Mas ainda bem que correu bem. Foi difícil, porque eram muitos alunos; houve muita gente que se foi embora, com medo da mudança. Acabou por não haver o choque. Mas houve muita gente que pediu transferência desta escola, com medo dos estragos que estas crianças... agora fazemos parte do agrupamento, somos a sede de uma série de escolas. Até temos reuniões com pessoal de outras escolas.

Mas acabou tudo em bem, acabou por resultar, eles cruzam-se no bar e nos jogos de futebol e matraquilhos, até jogam todos juntos.

Entrevistas realizadas na Escola da Apelação

Alunos

Wilson

Que idade tens?

13 anos.

Andas em que ano?

7º

O que fazes nos teus tempos livres?

Jogo à bola e ando de bicicleta. [dentro ou fora da escola?] Fora da escola. Dentro da escola não faço nada. [Não fazes parte do clube de cidadania?] Faço. [E o que é que fazes?] Várias actividades, vamos a vários sítios passear, vemos varias coisas..

Porque vens à escola?

Porque gosto.

O que mais gostas de fazer na escola?

Andar com os amigos, conversar, fazer varias coisas.

O que mudavas aqui na escola?

Nada.. não tem nada para mudar.

Tens boas notas?

Não.

Gostas de andar nesta escola?

Gosto.

Sentes-te seguro?

Sim.

Tens conhecimento de roubos na escola?

Tenho.

E problemas na tua turma entre professores e aluno?

Não. Houve uma vez só. Um aluno agrediu o stor. [agrediu porquê?] Porque o professor o colocou na rua [e ele não cria ir para a rua e então o que é que ele fez?] bateu no stor [e o que é que vocês fazem nessa altura quando vêem um colega vosso a bater a um professor?] digo a ele para não fazer isso.

Gostas dos teus professores?

Gosto.

O bairro é uma zona segura?

Acho. Não.. não.. não é! É uma zona perigosa. [Porquê?] Há muitos assaltos. [Mas sentes-te seguro?] Sim, a mim nunca me roubaram. [Normalmente isso acontece as pessoas de fora, não?] Sim é verdade as pessoas de fora, às de dentro é muito difícil.

Tens ajuda de adultos para fazer os trabalhos de casa?

Não, faço sozinho.. [porquê] porque não tenho muitas dúvidas.. [mas tens negativa a matemática..] eu não estudo matemática.. [não gostas? Não vais ao apoio?] não. Não. Não há apoio.

Custumas ir as aulas?

Sim.

Já te sentiste ameaçado por algum colega?

Não.

Quando estas nas aulas tens dificuldade em aprender?

Não.

Sentes alguma espécie de dificuldade em estar concentrado?

Não.

Achas que há problemas na tua escola entre professores e aluno?

Acho. [Porquê?] Porque os alunos são agressivos. [Porquê?] não sei!

E o que é que queres ser quando fores grande?

Não sei.

Com quem é que tu vives?

Com os meus pais.

Aluna

Que idade tens?

14 Anos.

Andas em que ano?

8º.

O que fazes nos teus tempos livres?

Oiço música, estou com os meus amigos e jogo computador.

Porque vens à escola?

Porque quero ser alguém no futuro.

O que mais gostas de fazer na escola?

Gosto mais de brincar e de estudar às vezes.

O que mudavas aqui na escola?

Sim, o comportamento de alguns alunos.

Tens boas notas?

Tenho.

Gostas de andar nesta escola?

Gosto.

Sentes-te seguro?

Às vezes.

Tens conhecimento de roubos na escola?

Sim, tenho...

E problemas na tua turma entre professores e aluno?

Tenho. [Porque é que às vezes acontece isso?] porque os alunos às vezes são mal comportados e quando os professores os põem na rua e eles como não gostam fazem confusão.

Gostas dos teus professores?

Gosto.

O bairro é uma zona segura?

Não, nem tanto. [Mudavas-lhe alguma coisa?] Sim

Tens ajuda a fazer os trabalhos de casa?

Sim dos meus colegas quando não entendo [dos teus pais não tens?] não, porque não preciso.

Costumas ir as aulas todas?

Sim.

Sentes-te ou já te sentiste gozado por alguém?

Não.

Quando estas nas aulas sentes dificuldades em aprender?

Não.

E em estares concentrada?

Algumas vezes em estar concentrada.

Achas que há problemas na escola entre professores e alunos?

Às vezes sim.

O que é que queres ser quando fores grande?

Não sei.

Entrevista ao Vice-Presidente da Escola da Apelação

28) Quanto tempo tem de "serviço"?

Entre 12 a 13 anos mais ou menos.

29) Há quanto tempo nesta escola?

3 Anos.

30) Já leccionou em escolas problemáticas a nível de violência?

Já. O meu primeiro ano em que dei aulas, portanto, isto já há uns 12 anos, foi numa escola problemática no Porto.

31) Tem sucesso na sua disciplina (Educação Visual)?

Sim, tenho!

32) Que estratégias utiliza para motivar os seus alunos?

Dar-me bem com eles, fundamentalmente é conseguir alguma empatia com eles. E a partir do momento em que consigo uma empatia com eles é-me fácil a nível de trabalho pedir-lhes que

desenvolvam um trabalho. Portanto, eles relacionarem-se bem comigo é muito mais fácil pedir-lhes o que quer que seja porque eles depois prontificarem-se com muito mais facilidade a desenvolverem trabalhos.

33) O que é ser professor?

Conseguir de facto em diferentes contextos com os diferentes tipos de alunos perceber em que medida eu como professor tenho ou não capacidade de articular diferentes formas ou de gerir programas ou de criar trabalhos, da forma de relacionar com os miúdos e nesse sentido perceber que se calhar neste ano tenho de fazer as coisas de uma maneira e no ano seguinte faço de outra forma e que com uma turma faço de uma forma e com outro tipo de miúdo faço de outra forma. E eu próprio vivo descobrindo isso, não me parece que a teoria muitas das vezes, que as grandes teorias da educação me ajudem muito, pelo menos a mim, confesso que não é aí que eu tenho ido pedir ajuda. É muito parte da experiência que tenho tido em termos práticos daquilo que é a minha vida pessoal daquilo que sempre fui e do que procurei saber fora até do âmbito escolar.

34) Gosta da sua profissão?

Sim.

35) Tem conhecimento de problemas entre professores e alunos? Se sim, consigo? Como considera a melhor forma de ultrapassar esses problemas

Há! Sempre houve! Todas as escolas têm problemas de indisciplina.

Esta tem um contexto, se calhar, um bocadinho mais propício a que isto aconteça, porque não é forçoso mas ajuda muito quando o contexto de onde moram das famílias de onde vêm se encontra destruídas. Não havendo dinheiro, e no caso particular de estamos a falar da Apelação onde provavelmente 80% dos pais vivem de subsídios, há muito desemprego, alguns empregos que existam não estão legalizados portanto, as pessoas não descontam, tem dificuldade em obter o que quer que seja em termos de papéis para meter no IRS, as estruturas familiares que existem de facto nem sempre é o pai ou a mãe que não é forçoso que seja, que tenha de ser.

Saem muito cedo de casa, chegam muito tarde a casa e a maior parte deste miúdos encontram-se ao abandono e não tem ali um aluno que sirva de modelo a esse miúdo que crie um conjunto de regras e de formas de estar desde de manhã até ao fim do dia que lhes diga o que podem ou não podem fazer isto e de que forma é que o podem fazer... não há orientações nesse sentido os únicos que podem eventualmente orientar e os professores nesta escola tem de perceber essa particularidade, são eles, mais eles as vezes do que os próprios pais e familiares.

[Mas nunca teve problemas com alunos?]

Não! Tenho alguma capacidade de conseguir lidar e adaptar-me a diferentes contextos! É uma facilidade minha não espero que toda a gente a tenha, porque não é fácil, não acho que os cursos tenham este aspecto presente não acho que a maioria das pessoas tenha esse aspecto presente.

[como é que considera a melhor forma para ultrapassar esses problemas entre professores e aluno?]

Não sei como é que lhe vou dizer isto, porque isto é tão da minha experiência é tão pouco pedagógico daquilo que eu aprendi.

Posso lhe dizer que Eu não sei se é por ter estudado, não é valido não é forçoso que seja claro que também tem muito a ver com a minha maneira de ser mais do que isso do que outra coisa, mas eu fiz um curso que não é na chamada Faculdade Clássica era uma Escola Superior, no caso a Escola Superior de Belas Artes.

O estudo de belas artes envolve muito um conjunto dispar de disciplinas análises, filosofia, sociologia, os aspectos artísticos inerentes a pintura, arquitectura, escultura que engloba um conjunto de conhecimento do saber dos comportamentos estéticos, relações humanas.

Há aqui um conjunto de coisas que não estão focalizadas mas que estão lá, de base, e depois interesse pessoal meu, sempre me interessei por diferentes assuntos, sobretudo na base está uma facilidade de aceitar o outro pela diferença o que significa para quem vem para um contexto como este onde posso dizer que cerca de 90 e tal % dos miúdos são da comunidade negra e depois tem cerca de 2 a 3% da comunidade cigana que por questões de abandono nem estão cá.

Eu vim do norte. O norte não tem comunidade negra muito representativa, alias quase nada. No entanto, tenho muita facilidade em lidar com essa diferença qualquer que seja o comportamento independentemente das questões culturais tenho facilidade em receber, perceber, em ser um bocadinho curioso e depois há aqui uma outra questão que é a de simultaneamente não descer nunca ao nível dos alunos manter simultaneamente uma distancia com eles, distancia no sentido que eu hei-de ser sempre adulto e eles hão de ser sempre crianças nesse sentido se eles tiverem empatia comigo eles estão sempre sujeitos a serem orientados por ai orientados por alguém que sente empatia com eles e é mutua e simultânea lhes diz e é chato o suficiente para lhes dizer e poder dizer que eles podem ou não podem fazer isso ou fazer aquilo, isso eu acho que é muito importante.

[Mas se calhar o problema dos professores é quando chegam aqui à um choque cultural e se calhar à pessoas que se adaptam menos bem a isso ou não...]

Há várias coisas, uma delas é, não me parece pelo menos da experiência que tive enquanto estudante e do conhecimento que tive com outros professores que fazem parte da minha geração tiveram e eu estudei 5 ou 6 anos de faculdade tive como aluno a minha irreverência inerente normalmente aos estudantes de belas artes o que me permitiu passar por um leque de coisas, ser também se calhar revoltado a determinados níveis, portanto compreender parte da revolta destes alunos e simultaneamente por me no papel contrário nunca me foi muito difícil.

A maioria dos professores que estudam atinadamente se quiserem, ou seja, levam o percurso escolar como bons estudantes até ao 12º ano com muita facilidade entram em belas artes, no caso, alias para os outros cursos terá de ser noutras faculdades o que acontece é que quem leva este percurso muito atinado e se afasta, não quero dizer com isto que se tenha de ser desatinado, mas que se afasta demasiado de outras realidade porque o seu percurso escolar lhe pede do ponto de vista teórico muito... quem não tem a experiência de viver a vida, ou pelo menos viver outros aspectos da vida, tem falhas a este nível na minha opinião... que é as falhas de conhecer o outro de se dar com o outro, de entender outros contextos e outras formas de funcionar.

Porque existem! Há uma quantidade de gente que tira um curso de 4 anos, com estágio feito teorias e pedagogias que são muita teoria, pouca prática e se forem lançados a um contexto destes se não tiverem essa tal capacidade de comunicar com o outro e de aceitar o outro podem ter muita dificuldade em lidar com situações deste género porque não conhecem contextos de pobreza ou contextos culturais diferentes e isso pode ser um entrave à partida.

Porque um miúdo aqui se trata um adulto por tu, fá-lo porque faz parte do dia-a-dia deles. E até do ponto de vista cultural o africano faz muito isso. Para um professor que vem de fora isto pode ser um choque ou pode encarar e insistir nesse ponto que tu não me podes tratar por tu e olha a distância que tens de manter ter e pode criar um conflito por uma situação destas. E não é necessário criar-se um conflito por uma situação destas.

Tal como por exemplo os miúdos falarem muito alto é do contexto de alguma violência de casa, violência de bairro e portanto, o tom é sempre muito alto, muito agressivo, muito de pé atrás... é tudo isto! E a pessoa sabe que tudo isto existe porque faz parte do contexto e na verdade aquilo não quer dizer muito mais do que o resultado de todas estas reacções que os miúdos tem porque nem sempre existe intenção de ser se violento especificamente com uma determinada pessoa.

Há alunos que são assim com qualquer adulto que esteja por perto, um professor se for, que não é fácil de ser, desde já lhe digo: muito tranquilo, muito seguro, falar num tom muito baixo, se propor em termos afectivos a dar-se de facto muito bem com os miúdos, conseguir implementar em termos daquilo que é o sistema democrático que é ouvir os miúdos, ainda que isso ponha em causa os próprios miúdos ou até os próprios professores, mas dar essa

possibilidade de os ouvir é muito importante na maioria dos casos eu suponho até que isso existe muito pouco. E eu foi uma coisa que sempre fiz, foi ouvi-los mesmo que eles digam as maiores barbaridades, que ponham em causa o sistema da escola, que ponham em causa os próprios professores, é ouvir ambas as partes e prometer-lhes que de facto alguma coisa pode ser feita, ter uma capacidade e uma perspectiva de esperança muito acima da deles, de lhes dizer que é possível alterar as coisas de lhes dizer que se pode modificar as coisas e arrastá-los a eles para aquilo que nós queremos. E isso eu acho que é um aspecto muito importante.

36) Pode dar um exemplo de violência que se tenha passado consigo ou do seu conhecimento?

Já se passou comigo também! Aqui nesta escola, com um aluno em particular. O que eu acho nestas coisas é que os miúdos, é inerente deles esticarem a corda até onde podem e enfim criando eles próprios as regras e algumas das quais já vem do bairro, e depois perceberem que isso é ou não possível no contexto do corredor, sala de aula, refeitório, bar, o que quer que seja, à medida que vão esticando a corda e se vão apercebendo que os adultos de alguma maneira se intimidam por desconhecimento do contexto, porque sentem efectivamente medo dos miúdos, o primeiro passo que dão atrás e isso pode ser nas pequenas coisas como no olhar, num gesto com a mão, a postura do corpo perante eles, nessas mais pequenas coisas pode ser o mais pequeno sinal de recuo e esse recuo faz com que os miúdos percebam imediatamente que vencem uma determinada etapa, e tentam na segunda, e tentam na terceira, até que chegam a um ponto em que o professor vê-se confrontado com a situação, de que já não consegue sequer lidar com os miúdos porque se intimidou, não obstante, de muitos miúdos intimidarem efectivamente. O professor sentir medo com essa intimidação é que faz com que a coisa piore ainda mais.

Eu nunca me senti intimidado, ou seja, já me intimidaram, já tive um aluno que se propôs a maltratar-me de alguma maneira em termos verbais, nunca em termos físicos e eu não recuei. Tive um confronto, não pode ser o confronto da ordem de eu me por na mesma postura dele enquanto elemento jovem, novo, tem que ser o confronto meu enquanto adulto e essa distância tem de ser mantida. Faze-lo ver que não me sinto de todo intimidado por aquilo que ele provocou, a assinar os aspectos legais que são susceptíveis a serem assinados, dependendo da gravidade da situação, ou chamar a policia ou prontificar-me a falar, apesar do grau possível da violência que pode ser gerado em termos verbais, nunca criar uma espécie de situação pessoal, prontifico-me imediatamente a seguir de voltar a falar com o aluno, de perceber a situação, de remediar de alguma maneira a situação e nos momentos em que tiver ao lado dele e o querer ajudar e compreender tudo o mais, estar sempre de facto ao lado dele e quando ele ou o resto dos alunos reconhecem que isso é possível que há de facto um adulto que se preocupa com eles que abandona a escola que não vai embora porque estuda... tem esse grau ou poderia ter esse grau de violência e isso é o melhor.

Da experiência que eu cá tenho em há três anos, isto mudou muito. É verdade que mudou muito porque alguns dos elementos mais agressivos se foram embora mas também porque alguns dos que cá ficaram perderam a força porque o grupo deixou de existir e perderam a força porque eu prontifiquei-me como elemento do conselho executivo a andar sistematicamente nos corredores, no refeitório, no bar, nas salas e faço isso todos os dias, todos os dias, todos os dias.

E alias acho até muito importante no caso da comunidade negra a questão das hierarquias é uma coisa muito presente. É presente em todas as sociedades mas eles tem isso muito presente, a ideia de que o elemento do executivo é que manda e tudo o resto não faz com que na maioria dos casos se submetam e se prontifiquem à apertar, diga-mos, com funcionários, com os colegas e até com os professores e estabelecer essa relação de hierarquias e ver até ao limite onde podem ir, no caso, quando chegam ao elemento de hierarquia mais elevada que é o executivo, perceber se até com esse podem fazer ou não, se o executivo cede, então a situação é muito má.

Eu prontifiquei-me sempre quando vim para o executivo perceber que se calhar os tinha de conquistar, que o executivo não está assim tão afastado dos alunos não é alguém que se encontra num gabinete fechado a tratar de uma série de papelada, é alguém que pode participar das actividades deles que está ao lado deles o tempo todo que se prontifica a ouvi-los que está todos os dias em todos os locais da escola, o que não é fácil, porque tem de haver outros elementos do executivo que façam a parte burocrata da escola que essa também tem de ser feita, mais valia.

37) Tem conhecimento de agressões no espaço escolar?

Houve varias já, nesta escola conheço varias das histórias mesmo quando não estava cá como professor, algumas das quais de facto muito graves, não só ameaças verbais como efectivamente ter batido em professores, em funcionários, houve uma que foi parar ao hospital inclusive

E eu o primeiro dia, a primeira semana que vim para cá lembro-me de ter corrido atrás de um miúdo porque pontapeou a porta enquanto eu estava a dar a aula. Não devia ter feito! Fiz isso como reacção imediata e percebi imediatamente que quebrei essa distância hierárquica, pus-me no papel dele corri atrás dele não devia ter feito, nunca mais voltei a fazer. Portanto, aquele miúdo fez um acto que não devia ter feito, o que eu devia de fazer era falar com ele, se havia recusa da parte dele em falar comigo e se ele se prontificava a fugir, era arranjar uma outra altura para o poder fazer, ir atrás dele de facto é enfim um disparate não leva a lado nenhum. De resto um confronto directo físico nunca tive nenhum.

[São questões pontuais ou há alguma regularidade?]

Agora é muito pontual, agora alias não temos nenhum caso assim... tivemos agora recentemente com um aluno do 1º ciclo que é grave, que é um aluno com graves problemas em casa, tem uma mãe muito agressiva e portanto teve algum desentendimento, não agrediu fisicamente a professora mas ameaçou-a. Mas já não é como o número que tínhamos, nem pouco mais ou menos.

38) Quem são os habituais intervenientes?

São alunos.

[rapazes ou raparigas?]

Mais frequentemente rapazes, inerente àquilo que é a cultura dos rapazes e a diferença daquilo que é a cultura das raparigas. Mas isto é relativo, não é válida a questão de que os rapazes e as raparigas tenham assim tanta diferença. No caso da maioria das pessoas, ou pelo menos, o senso comum o que nos diz é isso.

Nestes bairros essa diferença não é assim tão grande, eu já tive casos de 2 ou 3 alunas, eu não era ainda elemento do executivo, isso foi para ai à 3 anos e eram raparigas muito agressivas, em alguns casos até particularmente mais agressivas que os rapazes.

39) Sente-se seguro na escola?

Sim, bastante seguro até!

40) Que factores considera responsáveis pelo fenómeno da violência na escola?

Muitos, muitos, muitos, e existem de facto e é do conhecimento de toda a gente. Este bairro em particular porque nasceu e cresceu da forma mais errada possível, há uma situação que até é um bocadinho caricata e eu posso-lhe dizer que não foi em simultâneo, mas quase.

Quando se criam as escolas e no caso particular esta da apelação, isto aqui era uma cooperativa de habitação a verdade é que na mesma altura a Expo98 surge e quando a Expo98 surge tiveram de se realojar as pessoas todas que lá estavam e portanto o que se fez foi realoja-los todos aqui.

Havia uma percentagem muito reduzida de pessoas que tinham comprado na cooperativa de habitação de classe média e depois meteram aqui diferentes etnias, da comunidade negra, os ciganos e portanto isto deu confusão.

Em termos geográficos isto é uma espécie de vale, o que fez com que eles se centrassem ainda mais ali e dali não saíssem, não é uma característica de bairro com barracas, são prédios, suponho até com boas condições, em termos de área e tudo o mais mas, a verdade é que o realojamento foi péssimo e quando foi criada esta escola para aqui em termos de

estrutura arquitectónica, a forma como foi feito, no sitio em que está localizada, as estruturas que se criaram adequadas ou não a este contexto, portanto não sei exactamente se isto foi pensado dessa forma ou não, a verdade é que quando se criou a Escola Vasco da Gama de onde saiu esta gente foi num período muito idêntico se não da mesma altura.

A Escola Vasco da Gama tem outras características, são características para classe média e evidentemente que tem gente também de uma classe baixa como esta, mas criou-se aquilo com outras condições teria obviamente se olhar o publico alvo desta escola seria um outro publico alvo, mas na verdade isto devia ter sido mais bem pensado, não foi e portanto agora temos esse problema e tem de ser resolvido. Não adianta muito agora estarmos à volta do mesmo problema, a verdade é que ele tem de ser resolvido.

A violência existe pela mais diferentes razões, o desemprego é uma delas, a perspectiva de futuro ausente é uma delas, há alcoolismo em muitos dos casos, isto falando não apenas dos alunos mas dos pais dos alunos, abandono escolar, há um conjunto de fenómenos que a escola não pode ter os ombros tão largos ao ponto de dar saída a isto tudo, não pode, as outras instituições tem efectivamente de funcionar.

O Concelho de Loures tem este problema, há outros concelhos que o tem, mas este tem em particular e aqui não é apenas esta escola há outras escolas com o mesmo tipo de problema e não é nada fácil depois de o resolver.

E isto passa-se a muitos níveis, quer dizer, se a PSP, se o tribunal de menores, se o sistema social de saúde, se.. , há muitos ses aqui no meio que se não funcionarem é muito difícil que a escola consiga dar depois saída a todos os problemas que estes miúdos tem porque são de facto muito, não são só problemas de aprendizagem é um conjunto de muitos outros problemas.

41) Considera que os pais participam na vida escolar dos alunos? Porquê? Quando lhes é solicitado, são actores participantes?

Muito pouco, pelas mais diversas razões, mas muito pouco, porque muitos trabalham demasiado cedo não estão com os miúdos, muitos porque não tem formação, tempo e formação, sobretudo formação, depois para achar que podem e achar que a escola pode ser uma forma também interventiva.

Para nós criarmos a Associação de Pais foi uma coisa muito complicada de se conseguir já a temos, muito embora o conhecimento que tenho é que a participação efectiva de alguns destes pais não é assim tanta, depois há uma outra coisa que é o facto de os pais pensarem que a escola não é tanto pela questão de sentirem que tem obrigação de tomar conta dos miúdos mas pelo menos a perspectiva de que a escola lhes de aos seus filhos um conjunto de coisas que eu acho que tem de estar presente em cada um dos pais, de facto os pais confiam na

escola, acham que a escola lhes vai dar um conjunto de coisas aos filhos para uma perspectiva melhor de futuro e acham nesse sentido que os filhos tem que efectivamente ao irem para a escola serem meninos bem comportados, atentos, esta é a ideia global que estes pais tem, em alguns casos não tem ideia do quão grave é o comportamento dos miúdos, do quão afastados os miúdos se encontram as vezes da capacidade e das aprendizagens que tem na escola. E depois em muitos dos casos, sobretudo nos casos maiores de violência, quando o próprio pai ou a mãe já não conseguem remediar ou dar solução na educação do miúdo com idades de 9, 10 ou 11 anos, é muito complicado também nós conseguirmos gerir essa parte portanto, o que se pede aqui é que os professores saibam que de facto este contexto não é um contexto fácil, mas que para resolver os problemas se os quiserem ver resolvidos tem de dar de si bastante.

[Quando é solicitada a participação dos pais, eles realmente participam ou nem por isso?]

De forma relativa, porque depois aqui há dois se não. Se por um lado nós nalguns aspectos, que não são aspectos negativos do surgimento de violência nós solicitamos os pais e no caso das reuniões que se realizam com encarregados da educação temos uma presença muito reduzida de encarregados de educação. Por outro lado quando solicitamos os pais ou para comunicar o número de faltas ou para comunicar actos de alguma indisciplina, os pais enfim... uma das formas que eles encontram de resolver o problema é bater nos filhos. Portanto nós ficamos aqui com uma espécie de pau de dois bicos, porque não queremos propagar esta forma de violência por muito mais tempo, deve-se comunicar aos encarregados de educação para que estejam cientes das ocorrências simultaneamente em alguns casos pelo menos dos mais extremos, percebemos que ao comunicarmos o que dai advém é o filho levar um enxerto de porrada. E o enxerto de porrada torna o filho mais violento e ele vem mais violento para a escola portanto, isto aqui é um jogo muito complicado de se fazer.

O ideal sempre, ainda que se possa falar com os encarregados de educação é tanto quanto possível conseguir sempre resolver os problemas antes que isso aconteça, arranjar uma forma enquadrar as formas mais adequadas de conversar com o miúdo, de dar a volta à questão e pedir obviamente ao encarregado de educação que nas formas que tenha de participar que não seja assim tão violenta.

42) Se a escola tivesse uma cor, qual seria?

Todas as cores!

43) Alguma vez foi violento para um aluno? Porquê?

Levantar o tom de voz, sim com certeza que já levantei.

44) O que é que a escola pode mudar, para solucionar todos estes problemas?

Não temos feito outra coisa. Há n parcerias que se fazem, temos alguns elementos do bairro a trabalhar connosco que portanto são uma grande mais valia porque estabelecem aqui uma espécie de uma ponte o que permite algum respeito. Os miúdos passam a ter algum respeito, aquele respeito das hierarquias que existem no ambiente dos próprios bairros e sobretudo professores empenhados, precisamos de facto de professores empenhados, não quero com isto dizer que os professores que cá temos não sejam empenhados, não é disso que se trata. Trata-se de um determinado tipo de empenho, ou seja, empenhados podem haver vários de diferentes formas, mas há empenhos específicos aqui que tem de se ter. Vou dar um exemplo: eu se ainda que tenha na minha carga horária como professor que saiu as 17:20 porque terminei o que tinha a terminar, se num dado problema da turma e eu quiser ver esse problema resolvido porque o considero muito grave, eu tenho de actuar no imediato e isto nem sempre é fácil em alguns casos tenho de marcar primeiro reuniões com os encarregados de educação provavelmente às 19.30 da tarde ou 20Horas essa disponibilidade não se pode pedir a toda a gente que a tenha a verdade é que eu como professor sempre o fiz porque achava que ainda que perdesse esse tempo num dado momento, mais tardiamente ou até prontificar-me a vir cá num sábado, esse problema pode eventualmente ser solucionado ao ponto de eu não voltar a precisar de voltar a fazer a mesma coisa em situações seguintes. Portanto é muito mais fácil actuar sempre, sempre, sempre, sempre, tanto quanto possível de imediato, logo, nem que seja fora de horas, ou seja, disponibilizar a coisa de forma a que para ter a presença do encarregado de educação, nem que tenha de fazer conselhos de turma mais vezes, fazer mover o resto dos professores, fazer interessar-se mais os encarregados de educação, o que tiver de fazer o melhor é mesmo faze-lo de facto.

45) Que tipos de apoios têm dos poderes locais, bem como outras entidades governamentais e não governamentais? Acha que são suficientes?

Não são! Temos tido, apesar de tudo acho que temos tido. E vamos tendo cada vez mais porque neste momento somos uma escola TEIP que é de Intervenção Prioritária. Portanto, tem mesmo de haver aqui parcerias que tem de funcionar, que tem de passar a funcionar melhor, contando que não fiquem apenas pelos papéis. Portanto vai haver um empenho efectivamente da nossa parte e que tem havido em que essas parcerias funcionem e contamos que as parcerias de qualquer maneira se sintam motivadas e pressionadas de alguma maneira a dar enfim para fazer com que algum problemas inerentes ao concelho de Loures sejam resolvidos.

46) Existem roubos na Escola?

Bastante, esse é um dos grandes problemas que nós temos. O roubo por muito insignificante e pequeno que seja no acto em si é uma coisa que existe com muita frequência desde de o lápis, que é muito frequente, o lápis, ou a borracha ou da caneta, ou do porta-lápis, ou o caderno, ou o que seja dentro da própria sala de aula e os professores em muitos dos casos

desesperam porque não encontram ali e não tem muita forma de encontrar ali quem roubou o quê.

A coação de alguns dos miúdos, que fazem fora da sala de aula, nos corredores, dá cá isto e dá cá aquilo e roubar isto e roubar aquilo é uma coisa com muita frequência que existe, porque faz parte das hierarquias de poder que eles estabelecem uns com os outros. Tentamos combater isso com a aplicação dos cartões electrónicos que passamos a ter na escola e isso pelo menos retirou a presença do dinheiro, portanto o roubo efectivo do dinheiro deixou de haver, existe a outros níveis, do leitor de mp3, dos materiais escolares, de várias coisas.

47) Onde acaba a indisciplina e começa a violência?

Uma coisa pode levar a outra. São coisas diferentes. Essas metas, mesmo que haja indisciplina a pessoa tem de ter noção se esse grau de indisciplina é uma espécie de uma pré etapa qualquer que pode conduzir depois à violência. Uma pessoa tem de deixar isso claro, miúdos indisciplinados sempre existiram vão continuar a existir. Tem de se arranjar formas de dar a volta à questão, no que diz respeito à indisciplina. A violência quando se trata sobretudo da física e não é só da física que eu falo porque a intimidação verbal existe também.

Há uma diferença clara, apesar de tudo, eu acho que há uma diferença clara. Tem é que se perceber quantas vezes um miúdo é indisciplinado em que contextos é que o faz se isso de facto ou se ele manifestamente pode vir a ser um potencial agressor, nesse sentido. Ou transformar aquilo que é uma indisciplina num acto de agressão, tem de se dar muita atenção a isso.

48) Bullying

Existe! Existe! O bullying foi aquilo que eu tive a falar a um bocado, existe agora um bocadinho menos pela presença dos cartões magnéticos mas é uma coisa já mais possível de controlar. Começa a ser mais possível. Eu lembro-me que quando vim para cá, a nível de funcionários, professores e entre os miúdos ninguém se queixava. Aquilo como dizem os próprios miúdos entre si, ninguém chiba ninguém. É uma regra do bairro! É uma regra de sobrevivência! Portanto, ninguém vai condenar nem dizer manifestamente que este fez aquilo ou aquilo, porque se o fizer é retaliado. Batem-lhe... e o bullying existe nesse sentido. Tem a tendência de ir acabado e por uma razão muito simples.. de facto por andar ai o tempo todo nos corredores e a relacionar-me directamente com os miúdos, fiz questão de pedir deles que se prontificassem a contar-me quem fez o quê, de que forma, quem bateu, quem roubou... e proteger sempre a pessoa que o fez e a pessoa que foi a vítima. Portanto, tenho conseguido de à 2 ou 3 anos para cá, ter um maior número de elementos que já vem ter comigo, tanto funcionários que também não o faziam, porque se sentiam intimidados e se o fizessem eram

retaliados lá fora. Neste momentos os funcionários já estão muito à vontade dizem o aluno tal roubou, o aluno tal partiu, ou o aluno tal bateu, ou aluno tal bateu em determinado elemento da turma, isso já acontece. E os próprios alunos também já tem mais capacidade de virem ter comigo e de me dizerem de facto, aquele aluno está-me a chatear ou aquele aluno roubou-me não sei o quê ou aquele aluno ameaçou-me... já é uma coisa mais possível de ser feita, tenho pedido para esse tipo de coisas não seja feito aqui dentro do espaço físico, escola, para evitar e dizer-lhe que as regras lá fora são umas e aqui dentro são outras.

Não sei se o professor quer acrescentar alguma coisa?

Não, ou seja, eu aqui o que eu sinto é o seguinte... talvez porque também já esteja cá à 3 anos... reconheço que não é fácil... os ambientes não são fáceis... mas cada vez mais reconheço que de facto depende muito dos professores muito, muito, muito, muito, não quero com isto dizer que os professores não sejam bons o suficiente, não é isso. Depende muito dos professores, ou seja, para este contexto ter professores ou que já conhecem o contexto ou que sabem lidar com este tipo de miúdos é a maior coisa que se pode investir. Perceber que há um professore que investe numa escola, que se dá bem com os miúdos, mais do que a questão de ter bons resultados escolares, que isso pode surgir depois com alguma facilidade pode-se pedir isso aos alunos. Se perceber que os professores se empenham o suficiente nesse sentido, claro que isto pode parecer muito pouco mas se calhar é muito, pela formação dos professores, pelo contexto das escolas, não é fácil adaptarem-se a uma coisa destas e de facto nem toda a gente tem a capacidade de se adaptar a um contexto assim. Mas de facto se conseguissem era assim a melhor coisa que se podia fazer.

[é um bocado instável o corpo docente?]

Muito! E esse é o grande não da história desta escola! É perceber que estes miúdos se sentem abandonados sistematicamente porque não há um director de turma que vá com eles desde um 7ºano a um 9ºano, não há um professor que vá desde o 1ºano até ao 4ºano, não há um projecto que se desenvolva por um período de 2 ou 3 anos, ou seja, qualquer que seja o projecto que se tenha de realizar de ano para ano tem de se dizer aos professores que ai vem... esta escola funciona de determinada forma, estes alunos funcionam de determinada forma, os projectos que existem são de determinada forma, portanto, começa sempre tudo de novo e essa é a pior coisa que se pode fazer com estes alunos! A pior de todas!

Claro que depois também é muito grave, termos professores que apesar de estarem aqui, porque como concurso agora é de 3 anos, pode ser um pau de dois bicos porque de repente ele está aqui num contexto que não se adapta e portanto vai ser obrigado a ficar aqui durante 3 anos é uma coisa um bocadinho complicada, porque depois nos temos de cingir a isso.

Mas se conseguíssemos ter aqui pessoas que gostam deste contexto e se dão bem com ele, isso então... uma parte de 70% ou 80% dos problemas, eu diria, estariam resolvidos.

[Para esta escola era uma mais valia se a contratação dos professores fosse feita directamente...]

É assim, daria muito trabalho à escola em termos de selecção, de candidatos e tudo o mais.

Porque o que eu acho é que esta escola tal como o caso das escolas que são TEIP têm depois paralelamente aspectos de burocracias que são iguais ou muito semelhantes a todas as outras escolas que não tem estes contextos.

Nós lá em baixo temos de responder a um conjunto de solicitações, quer aspectos de secretaria, quer contratação de pessoal, contratação de professores, há uma série de aspectos inerentes a escola, e esta não pode escapar a eles também, que tem que dar saída a isso. Estas coisas tem que ser feitas, para além de todas essas coisas que tem de ser feitas há ainda o nascimento e o crescimento de novos projectos de novas parcerias o que implica mais papeis e implica mais coisas e portanto o estar ao lado dos alunos... pode falhar por aí. Eu como elemento do executivo tenho evitado que isso aconteça, temos gerido bem essa questão de forma a que hajam elementos do executivo que tratem mais desses aspectos burocráticos e que outros lidem de forma mais directa com o contexto e com os miúdos. Para já temos conseguido.

Pessoal não docente

D. Lurdes

Há quanto tempo trabalha nesta escola?

7 ou 8 anos. Antes trabalhava na secundária de Camarate

Quanto tempo tem de serviço?

12 anos e..

A outra escola também era problemática?

Não.

Já trabalhou em escolas problemáticas a nível de violência?

No alto do moinho, mas não, já foi à muitos anos atrás.

O que é ser auxiliar de educação?

É para mim algo que gosto de fazer.

Tem conhecimento de problemas entre professores e alunos?

Acho que sim, os professores aqui são muito massacrados.

Como é que considera a melhor forma de ultrapassar esses problemas?

Aqui é difícil muito difícil aqui, com diálogo, com apoio mas é complicado. [Já teve problemas?] Não de maior. [Mas já assistiu?] Já! Já agressões físicas e verbais é todos os dias.

Pode dar um exemplo de violência que se tenha passado consigo ou do seu conhecimento?

Aqui mesmo a minha frente não.. comigo também já aconteceu.. mas foi gratuito.. porque eu impedi que um dos alunos tentasse roubar outro mais inocente e levei uma tarefa.. tentei mete-lo dentro duma sala e ele como não conseguiu roubar teve de se vingar e deu-me.. mesmo [e como é que reagiu nessa altura?] porque entretanto estavam mais alunos, uma colega minha, os colegas tentaram agarra-lo logo, uma colega tentou agarra-lo.. e fracturou um dedo..

Quem são os habituais intervenientes?

São os miúdos, entre eles.. há ali uma algazarra, nem que seja na brincadeira que depois acaba em violência.

Sente-se seguro na escola?

Sou uma felizarda neste aspecto.. eu não temo.. já são muitos anos.. talvez com o conhecimento, por mim mesmo, se calhar porque encaro as coisas de uma outra maneira.. quase ninguém se sente seguro, não é.. mas mesmo assim não temo muito, acho que já passei por muita situação.

Que factores considera responsáveis pelo fenómeno da violência na escola?

Desemprego, carência.. muita carência, vivem com muitas dificuldades, a família, o problema vêm de casa.. eles próprios em casa são violentados, alcoolismo.

Considera que os pais participam na vida escolar dos alunos? Porquê? Quando lhes é

solicitado, são actores participantes?

Não, nem pensar.. os pais mais presentes são aqueles que os filhos não dão grandes problemas, os mais problemáticos nem vê-los. [só quando solicitados?] e.. e.. mesmo assim...

Se a escola tivesse uma cor, qual seria?

Um castanho muito escuro

Alguma vez foi violento para um aluno? Porquê?

Não! acho que não.. agora chamadas de atenção..

O que é que a escola pode mudar, para solucionar todos estes problemas?

A escola tem dado tudo por tudo.. tem tentado tudo.. acho que a mudança que tinha de haver era em casa [mas a escola tem melhorado nos últimos ano] tem melhorado, muito mesmo, nem se compara com situações que passaram por aqui... [Qual foi o factor de mudança?] acho que a abertura, uma abertura que houve por parte da escola à comunidade..

Que tipos de apoios têm dos poderes locais, bem como outras entidades governamentais e não governamentais? Acha que são suficientes?

Aii.. ja me ultrapassa..

Gosta de trabalhar aqui?

Gosto.. quando vim da outra escola, era uma secundária não tinha nada a ver.. quando vim pensei em voltar.. mas não podia virar costas a isto, se achamos que somos necessários

A nível da violência tem melhorado.

Tem sem dúvida. Também os piores elementos saíram. sozinhos não fazem nada...